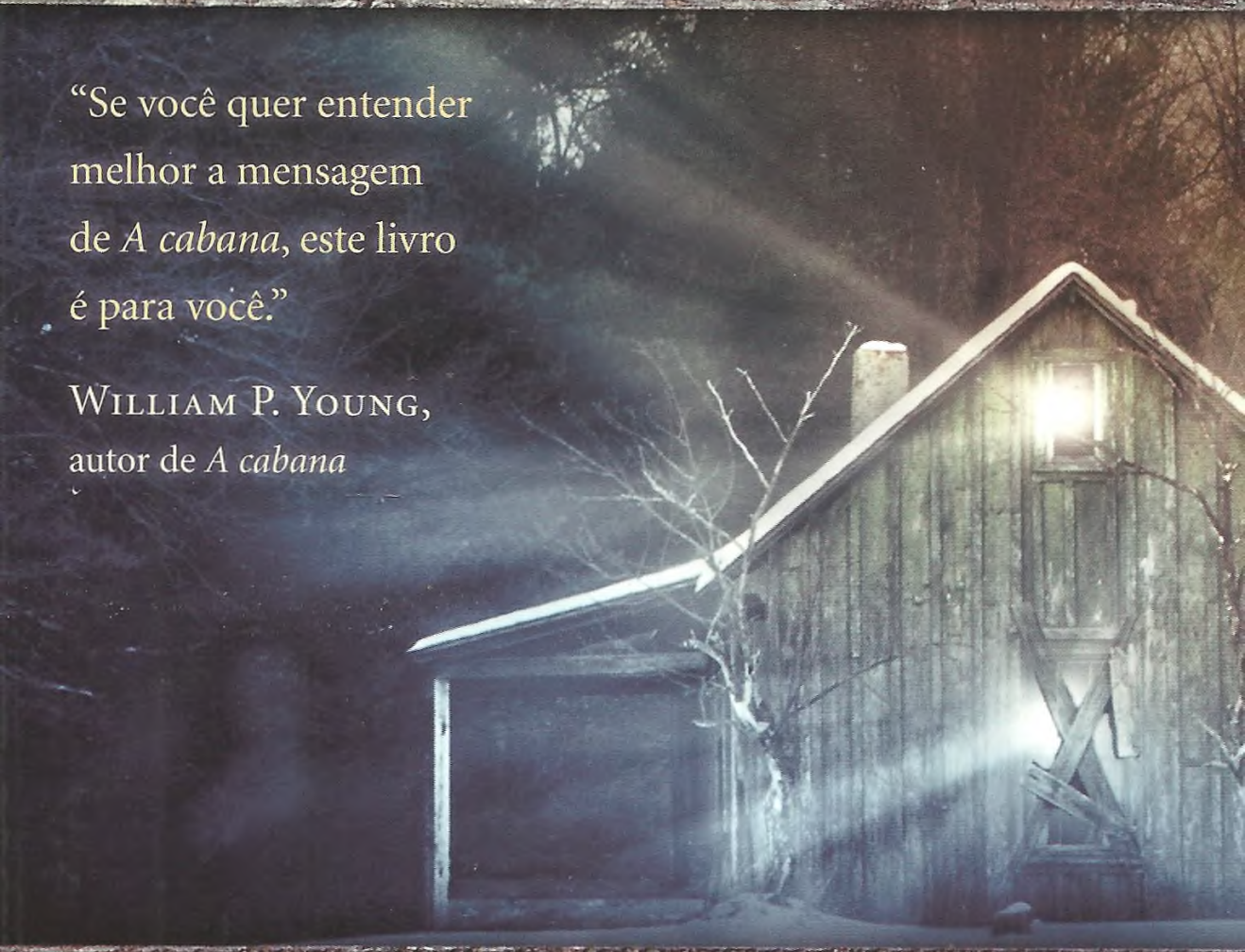
C. BAXTER KRUGER, PH.D.

DE VOLTA À CABANA



"Se você quer entender melhor a mensagem de *A cabana*, este livro é para você."

WILLIAM P. YOUNG,
autor de *A cabana*

SEXTANTE

Ainda criança, William P. Young, autor de *A cabana*, conheceu o abandono, a dor e o abuso. Buscou na religião um porto seguro, mas nunca se sentiu totalmente protegido.

Assim como Mack, personagem principal de seu romance, ele estava perdido, questionando seus valores, sua fé e o próprio sentido de sua vida.

Ao escrever *A cabana*, Young quis expressar sua dor e apresentar uma nova maneira de enxergar Deus e suas leis incompreensíveis. Por meio da trajetória de Mack, ele nos mostrou os caminhos do perdão, da cura e da reconciliação com o divino e consigo mesmo.

Em *De volta à cabana*, vamos descobrir o que está por trás desses caminhos – ou seja, os conceitos que Young encontrou na teologia e na filosofia para criar sua história.

Agora, o teólogo C. Baxter Kruger aprofunda o estudo sobre a Santíssima Trindade e fala sobre a natureza do amor de Deus, demonstrando de que forma ele se manifesta em nossa vida.

Citando passagens bíblicas e parábolas inspiradoras, este livro nos ajuda a entender o papel da religião no mundo de hoje, o comportamento humano frente à dor e a nossa capacidade de regeneração – seja diante das grandes tragédias ou das pequenas desilusões que se acumulam no dia a dia.

SEXTANTE

ISBN 978-85-7542-698-2

9 788575 426982

Se você leu *A cabana*, deve conhecer a história que deu origem ao best-seller que já vendeu mais de 3 milhões de exemplares no Brasil. Seu autor, William P. Young, resolveu escrever um pequeno livro para que seus filhos conhecessem o tamanho de seu amor e entendessem as questões que tocavam seu coração. Sua intenção era imprimir 15 exemplares e distribuir para familiares e amigos no Natal.

Mas a força e a originalidade da história são tão surpreendentes que a obra alcançou um patamar impensável: depois de circular de mão em mão, acabou se tornando um dos maiores fenômenos editoriais dos últimos tempos.

A cabana conta a história de Mack, um pai consumido pela dor e pela culpa. Durante um acampamento em família, sua filha mais nova é sequestrada e assassinada. Desesperado, ele se entrega à depressão e se vê perto de perder o pouco que lhe resta na vida.

Então, alguns anos depois da tragédia, ele recebe um bilhete de Deus convidando-o para encontrá-lo na cabana onde a menina foi morta. E a partir

desse "acerto de contas" Mack renasce, cura as feridas de sua alma e finalmente compreende o sentido dos desígnios divinos.

Inspirado na obra de William P. Young, o teólogo C. Baxter Kruger se debruça sobre as questões levantadas pela experiência de Mack para tentar entender os complexos mistérios da existência e as profundas implicações da fé.

Analisando em detalhes o conceito da Santíssima Trindade – apresentada por Young como Papai, Jesus e Sarayu – e explicando o significado do amor de Deus, *De volta à cabana* nos faz retornar ao universo transformador que encantou milhões de pessoas em todo o mundo e reacendeu o debate sobre o papel da religião na espiritualidade humana.

Sobre o autor:

C. Baxter Kruger, ph.D., é escritor e teólogo. Formado em ciência política e psicologia, obteve o título de ph.D. na Universidade de Aberdeen, na Escócia. É casado e tem quatro filhos.

DE VOLTA À CABANA

C. Baxter Kruger, ph.D.

DE VOLTA À CABANA

Mazinho Rodrigues!

Apresentação de
William P. Young



SEXTANTE

Título original: *The Shack Revisited*
Copyright © 2011 por C. Baxter Kruger
Copyright da tradução © 2011 por GMT Editores Ltda.
Publicado mediante acordo com Ambassador Literary Agency, Nashville, TN, USA
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Copyright das passagens bíblicas © 1993, 2000, 2011 por Biblica, Inc.™. Todas as passagens bíblicas foram retiradas da Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional® NVI®. "Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional" e "NVI" são marcas registradas da Biblica, Inc.™. Utilizadas com permissão.

tradução: André Costa e Sônia Schwarts
preparo de originais: Regina da Veiga Pereira
revisão: Clarissa Peixoto, Milena Vargas e Tereza da Rocha
projeto gráfico e diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial
capa: Miriam Lerner
impressão e acabamento: Bartira Gráfica e Editora S/A

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K95d Kruger, C. Baxter
De volta à cabana / C. Baxter Kruger [tradução de André Costa e Sônia Schwarts]; Rio de Janeiro: Sextante, 2011.
240p.; 14x21 cm

Tradução de: The shack revisited
Apêndice
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7542-698-2

1. Young, William P. A cabana. 2. Deus na literatura. 3. Cristianismo na literatura. I. Título.

11-4507 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por GMT Editores Ltda.
Rua Voluntários da Pátria, 45 – Gr. 1.404 – Botafogo
22270-000 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244
E-mail: atendimento@esextante.com.br
www.sextante.com.br

Para Laura, filha maravilhosa,
que me tem feito sorrir todos os dias de sua vida

Todos que são beneficiados pelo que faço, fiquem certos que sou contra a venda ou troca de todo material disponibilizado por mim. Infelizmente depois de postar o material na Internet não tenho o poder de evitar que "*alguns aproveitadores*" tirem vantagem do meu trabalho que é feito sem fins lucrativos e unicamente para edificação do povo de Deus. Criticas e agradecimentos para: *mazinhorodrigues@yahoo.com.br*

Att: Mazinho Rodrigues.

SUMÁRIO

Apresentação por William P. Young 9

INTRODUÇÃO 13
A história *por trás* da história 14
A história *dentro* da história 21
A Plataforma Cadillac 26
O telefonema 29

PARTE I – Considerações iniciais sobre Papai 33
A surpresa 34
O Deus que dança 40
A luz de Lewis 47
O que existe em um nome? 54
Os dois deuses 60

PARTE II – A Santíssima Trindade 67
A história maior 68
Resumo 70
Jesus e seu Pai 75
O Espírito Santo 83
A unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo 99
O amor do Deus Trino 104
O Jesus verdadeiro 115

PARTE III – O sonho da Santíssima Trindade 127
O grande quadro 128
O ventre da encarnação 133
Graça 139
Adão e Israel 143
A rejeição do Filho ungido 147
A maravilhosa troca 159
O segredo 165
Permaneça em mim 175
O Espírito da adoção 182

Agradecimentos 202
Apêndice: Algumas citações sobre nossa inclusão na morte de Jesus 204
Sugestões para outros estudos 210
Notas 219

Mazinho Rodrigues!!!
Um Instrumento Escolhido - At 9.15

APRESENTAÇÃO

por William P. Young, autor de *A cabana*

A todos que dedicaram seu tempo a ler e estudar *A cabana*, àqueles que compraram vários exemplares para dar de presente e me mandaram por e-mail suas histórias maravilhosas, quero agradecer e pedir, por favor, que leiam este livro. Se você deseja entender melhor a teologia em que se fundamenta *A cabana*, este livro foi escrito para você. Baxter levou adiante a incrível tarefa de investigar a fundo a natureza e o caráter do Deus que foi ao meu encontro em minha cabana. Teólogo do Mississippi que se iniciou intelectualmente em Aberdeen, na Escócia, Baxter é uma mescla ímpar de brilhantismo intelectual e gênio criativo. Ele modela iscas tão lindas que as pessoas preferem pendurá-las na parede a usá-las para pescar, o que para ele é uma "verdadeira lástima". No seu entender, toda criatura de Deus deveria realizar aquilo para que foi destinada, sem exceção. É um mestre na arte de tornar compreensíveis as coisas mais complexas. Àqueles que encontraram esperança e estímulo em *A cabana*, este livro ajudará a dar passos ainda maiores rumo ao conhecimento do amor de Papai, de Sarayu e de Jesus.

Há alguns anos, em meio aos meus três empregos, encontrei tempo para escrever uma história para meus seis filhos – hoje, quase todos adultos – com a intenção de terminá-la no Natal. Eu pensava estar construindo para eles um barquinho simples de dois remos, com espaço para passear pelo lago levando somente duas pessoas de cada vez. Para surpresa de todos, e minha em es-

pecial, acabei criando um navio que desde então vem singrando o oceano da humanidade.

Minha formação espiritual foi diversificada e quase sempre solitária. Embora tenha frequentado a escola e o seminário bíblicos, caminhei sozinho, acompanhado pelas vozes monocórdias de páginas empoeiradas, discursos e sermões gravados em fitas cassete. Não se pode considerar Sören Kierkegaard uma companhia exatamente "divertida", mas junto com Jacques Ellul, George MacDonald, Malcolm Smith, Jean Vanier, C. S. Lewis e uma série de autores e teólogos mortos e vivos, somados a muito rock'n' roll, fui abrindo caminho pelas terras áridas em direção a... a que mesmo? Eu não sabia muito bem. Tinha descoberto que a ilha em que aportara como náufrago era habitada também por uma quantidade de músicos, poetas, escritores, pensadores e teatrólogos, cada qual com algo a compartilhar, às vezes uma percepção especial, às vezes um estímulo. *A cabana* foi também uma balsa na qual viajei pela imensidão do mar para encontrar uma família de fé até então desconhecida. Eu já ouvira seus nomes, mas não os conhecia pessoalmente. Descobri minhas raízes e pude ver que minha árvore genealógica se estendia a nomes como Atanásio e Torrance, Barth, Policarpo, Irineu e muitos mais, atravessando fronteiras estabelecidas por divisões religiosas e culturas de fé.

A cabana tem tido uma resposta bastante positiva. Recebi mais de 100 mil e-mails contando histórias que mostram como o livro influenciou a vida de pessoas nas mais diversas circunstâncias. Não recebi uma única crítica ou observação negativa de comunidades que dão assistência psicológica e espiritual nem de programas de apoio familiar, psiquiátrico ou de serviço pastoral. Pelo contrário, esses "cuidadores" me afirmam como o livro foi útil e valioso para as pessoas com quem lidam e com as quais se preocupam.

As críticas partiram quase exclusivamente das pessoas "religiosas", e não estou empregando o termo com sentido pejorativo. É claro que existem aqueles que opinam mesmo sem ter lido o texto, e por isso não podem ser levados a sério. Mas há outros

que se sentem responsáveis por proteger "o rebanho dos fiéis" e defender Deus de toda e qualquer heresia ou do que chamam de "doutrinas sedutoras". Agradecemos a esses irmãos e irmãs que participam do debate e consideramos cuidadosamente seus pontos de vista.

A cabana jamais pretendeu ser uma teologia "sistemática" ou mais um desses livros pragmáticos que pinçam versículos bíblicos no intuito de converter os descrentes. O livro é ficção, é história. É um conto absolutamente humano que contém o mistério da jornada e do fracasso, da perda e da incerteza, dos desejos e questionamentos profundos e preciosos. É como um arranhão na superfície da religião convencional e da cultura que valoriza sobretudo o desempenho, para ver se por trás de sua aparência obscura pode-se sentir um sopro de vida capaz de atiçar suavemente as brasas da esperança e o desejo de autenticidade.

Não me entendam mal, por favor: *A cabana* é *de fato* teologia. Teologia em forma de história. Se você crê, como eu, que tudo encontra sua origem, seu sentido, seu valor, sua identidade, seu mérito, sua segurança e sua importância no relacionamento, sobretudo no relacionamento com Deus, então tudo na vida pode ser considerado "teologia".

O que você tem em mãos é o início daquilo que Baxter e eu esperamos que aconteça. Este livro é uma tentativa de pintar um "quadro maior", trazendo à tona a concepção do pré-iluminismo e da pré-reforma – na verdade, da Igreja primitiva – a respeito da vida maravilhosa do Pai, do Filho e do Espírito Santo e de seus sonhos para a humanidade. Essa concepção, visível pela janela que *A cabana* abriu, agora se amplia numa linguagem compreensível. Espero que a imagem que Baxter pintou nesta tela de palavras provoque em você um forte impacto em termos de fascínio, adoração e possibilidades.

Por fim, gostaríamos de usar a história contada em *A cabana*, entre outras coisas, para que nos ajude a entender os mais diversos aspectos da realidade humana. Se o que estamos tentando re-

velar e transmitir é verdade, poderemos verificar como isso afeta nossas ideias sobre céu, inferno, evangelização, homossexualidade, trabalho, o papel das mulheres, política, religião, ciência, separação entre o que é secular e sagrado, comércio, educação, a natureza da Igreja, o processo de transformação, cura etc.

Gostaríamos, portanto, de ver essa realidade operando na experiência cotidiana em toda a sua profundidade. Esperamos reunir pessoas capazes de expressar, junto a nós, como essa concepção se mostra em suas próprias esferas de interesse e paixão – nos cuidados maternos, nos meios de comunicação, na música, na hidráulica, na astrofísica, na lavoura, na paternidade, nos negócios, no ministério religioso, na preservação do planeta, na medicina, no trabalho diário, no magistério, na dança e em tudo o mais.

Muitos crescem a bordo de uma embarcação que, se não receber uma correção de curso, irá encalhar na praia da Irrelevância Crescente, enquanto o mundo segue singrando e parte da humanidade dormita na Grande Tristeza. Não creio que estejamos necessitados de uma nova teologia. Devemos, isso sim, revisitar a teologia primitiva e compreendê-la melhor, cultivando a concepção dos "evangelistas" originais, que viam toda a existência e toda a realidade apenas à luz da pessoa de Jesus e do seu relacionamento com o Pai e o Espírito.

Assim, de braços abertos, meu amigo Baxter e eu, junto com milhares de outras pessoas, convidamos você a revisitar o universo de *A cabana*, um universo em que o amor de Papai é infinito, a fé de Jesus em você é "forte como um touro", como Baxter costuma dizer, e a esperança do Espírito é maior do que o cosmos. Um universo onde você é importante e amado por Papai.

INTRODUÇÃO

A história *por trás* da história

A cabana é uma história que não foi criada para virar livro. Foi escrita por William P. Young (Paul, para os amigos), para seus filhos. Paul tinha dois objetivos: primeiro, presenteá-los com algo que expressasse seu amor por eles; segundo, ajudá-los a "entender o que se havia passado em seu mundo interior", tal como disse seu amigo Willie. O objetivo de Paul era imprimir 15 exemplares para dar no Natal aos filhos, à mulher e a uns poucos amigos. Achou tempo para fazer isso em meio a três empregos que mal lhe garantiam a sobrevivência. Os exemplares ficaram prontos e a história circulou na família e entre amigos. Ele foi incentivado a publicá-la, mas todos os editores com quem fez contato a recusaram, ora considerando-a "muito fora dos padrões", ora achando que a história "tinha Jesus em excesso". Para Paul, a publicação em forma de livro – hoje um dos mais vendidos de todos os tempos – não passa de um bônus, um brinde. Seu sonho já tinha sido realizado quando os primeiros exemplares foram produzidos e seus filhos puderam conhecer uma história capaz de explicar um pouco da jornada do pai deles pelo mundo "real".

Eu ouvi Paul dizer que sua vida alcançou o ápice quando ele clamou: "Papai, nunca mais vou lhe pedir que abençoe algo que eu faça, mas se houver alguma coisa que você esteja abençoando e que eu possa partilhar, eu adoraria. E tanto faz que seja limpar banheiros, abrir e fechar portas ou lustrar sapatos." E Papai respondeu: "Paul, que tal se eu abençoasse essa historinha que você

está escrevendo para seus filhos? Você a dá de presente aos seus e eu a dou aos meus." O resto, como se costuma dizer, é história.

Mas será? Muito mais coisas se passam na vida de uma pessoa comum do que alguém ousaria sonhar. E isso certamente vale para Paul Young. *A cabana* não é um romance escrito por um acadêmico que aprendeu, afinal, a se comunicar com gente comum. Há uma história por trás da história – várias histórias, na verdade – mas eu fico com o que disse Willie: ajudá-los a "entender o que se havia passado em seu mundo interior". O mundo interior, o mundo do invisível, o mundo de dor e turbulência, de vergonha, de corações partidos e sonhos frustrados é o que rege todos nós e conduz a fábula de *A cabana*. A história por trás da história é o inferno opressivo que Paul Young viveu em pessoa. Eu vi uma foto de Paul com 6 anos de idade. Parecia um velho – cansado, infeliz, acabado e terrivelmente triste. Seus olhos eram como um apelo desesperado. A imagem me fez chorar. Mas ela é o início dessa história que a maioria de nós apreciou tanto.

Aos 6 anos, Paul já tinha sofrido abandono emocional, agressão física e verbal e violência sexual – repetidas vezes. Para usar um eufemismo, ele foi mutilado internamente desde os primeiros dias de vida. Não há criança – ou pessoa – que consiga superar um trauma desses, que produz uma dose letal de vergonha, medo, insegurança, ansiedade e culpa. Todas essas forças invisíveis se fundem para convencer a vítima: "Eu não sou legal. Não sou bom, não valho nada, não tenho a menor importância, não sou amado, não sou humano"[1] – e assombram todos os momentos da vida. Como uma criança, ou qualquer pessoa, seria capaz de lidar com um mundo interior tão angustiado? Ninguém consegue.

Assim como o peixe não foi feito para viver na Lua, nós não fomos concebidos para viver envergonhados. Mas o que você faz? Aonde vai? A maioria enterra tudo isso numa lata de lixo no fundo da alma e segue em frente – ou tenta. Mas as coisas que enterramos nos governam. Aquilo que desconhecemos irá nos destruir. E, para escapar da destruição, sonhamos com uma

série de coisas que poderiam nos realizar. "Ah, se eu me casasse e tivesse filhos"; "Ah, se eu conseguisse esse emprego ou essa promoção, aquele dinheiro, aquele carro, aquela casa, aquele poder, aquela posição, aquele novo relacionamento"... E assim vamos indo. Mas essas "coisas" nunca resolvem o sofrimento espiritual. Então nos medicamos, ligamos o piloto automático, fazemos exames ou nos ocupamos, nos envolvemos em alguma grande causa, pregamos, orientamos pessoas, vivemos através dos filhos, ou simplesmente ficamos bêbados nos mais variados sentidos. Isso é demais.

Paul Young voltou-se para a religião, em parte porque era o ambiente em que ele crescera e, por isso mesmo, estava sempre à mão, em parte porque representava um caminho possível para ele mostrar seu valor. Paul nasceu em Alberta, Canadá, mas antes de completar 1 ano foi levado para uma comunidade missionária nas montanhas da Nova Guiné Holandesa (Papua Ocidental). Por volta dos 6 anos, por exigência da direção da missão, foi enviado para o colégio interno. Antes que ele completasse 10 anos, a família regressou de repente para o Canadá, de modo que, ao concluir o ensino médio, Paul havia frequentado 13 escolas diferentes. Seu pai passara de missionário a pastor.

> Esses fatos não expressam suficientemente o sofrimento de tentar se ajustar a diferentes culturas, não falam das perdas vitais e quase absurdamente insuportáveis, de caminhar pelos trilhos do trem à noite, em pleno inverno, chorando em meio à tempestade, de conviver com uma vergonha tão grande e profunda que constantemente ameaçava todos os graus da sanidade, de ver os sonhos não apenas destruídos mas apagados pelo fracasso pessoal, de ter uma esperança tão tênue que só apertar o gatilho parecia trazer uma solução.[2]

A religião era o único mundo que Paul conhecia, as cartas que lhe couberam. Então ele as jogou. Acreditou na versão "reli-

giosa" da cristandade. Tinha que acreditar. Com o "Eu não sou bom" sussurrando em seus ouvidos a todo momento, ele decidiu provar que era. Formou-se na faculdade como um dos primeiros da turma, virou uma estrela brilhante, um artista em ascensão na esfera religiosa. Mas em todos os instantes estava entregue à tarefa exaustiva de ficar alerta e vigilante, observando permanentemente cada grupo, cada conversa e cada encontro para saber qual a impressão das pessoas a seu respeito. E ele fazia isso numa tentativa desesperada de esconder dos outros sua morte interior.

Fechando com força a tampa de sua lata de lixo com uma das mãos, ele sorria, ensinava a Bíblia, tornava-se "o cara legal", o conselheiro, sempre mantendo todo mundo a uma distância segura. Mas não encontrava alívio para a perplexidade atroz que havia em seu mundo interior. Clamava a Deus que o curasse, dedicando centenas de vezes a própria vida, até que, finalmente, tanta dedicação se esgotou. Sua vida transformou-se num meio de se esconder enquanto continuava buscando desesperadamente alívio e auxílio em todos os lugares possíveis. Mas não há cura na religião. A cura ocorre quando você encontra Jesus na sua cabana – um lugar cuja existência Paul, como a maioria de nós, fez de tudo para negar.

Ele exerceu seu papel no ministério, nos negócios, no casamento, na paternidade, tentando desesperadamente tornar-se um ser humano autêntico, ao mesmo tempo escondendo a vergonha e as falhas pessoais. Um simples telefonema derrubou para sempre seu mundo. Na verdade, apenas duas palavras: "Eu sei." Kim, a mulher de Paul, descobriu que ele estava tendo um caso amoroso com uma de suas amigas. Um caso é uma das formas pelas quais a vergonha instila seu veneno em nossas vidas. Há milhões de outras, claro, mas essa nos transforma em outra pessoa, um "outro mágico"[3] que será nosso tudo, nossa vida, nossa salvação. Desconfio que Paul descobriu o que William Congreve quis dizer quando escreveu: "No inferno não há fúria maior do que a de uma mulher desprezada." Essa, porém, não é toda a ver-

dade. "No céu não há um aliado maior do que uma mulher que sabe amar." Na dedicatória do livro lê-se: "A Kim, minha amada – obrigado por salvar minha vida."

Embora o fim de semana de Mackenzie na cabana represente 11 anos da vida de Paul – 11 anos de sofrimento e tortura emocional, depressão e momentos fugazes de esperança –, foi o amor heroico de Kim, envolto em fúria, que preservou a união. Numa perspectiva humana, sem Kim e a generosidade de seu coração, Paul Young provavelmente teria morrido, ou estaria jogado em algum asilo frio, ou seria um homem vazio ainda representando. Não haveria história para contar, pelo menos essa do encontro com a Santíssima Trindade na lata de lixo.

Do outro lado do inferno, à medida que a liberdade e a vida reais começaram a surgir no horizonte, foi a insistência de Kim que levou Paul a escrever algo para os filhos, a fim de explicar sua jornada e a recém-obtida libertação. Ela não tinha pensado num livro, nem Paul, mas a maior parte dos amigos empenhou-se nesse sentido. Em mais de uma ocasião, eu o escutei falar de Kim e das crianças enquanto lágrimas rolavam pelo seu rosto. O livro nasceu na complexidade da vida, do trauma e do abuso, da religião vazia, da miséria e da traição, da piedade, do amor e da reconciliação. Lutero disse, não me lembro onde, que Deus faz os teólogos mandando-os para o inferno. No inferno, claro, ninguém está interessado em teologia. No vazio da dor, na tristeza, no trauma do sofrimento nós não estamos interessados em promessas falsas, em masturbação intelectual, ou no "Cristo-maravilha", como diz meu amigo Ken Blue. O que aprendemos no inferno é que queremos sair de lá. Aprendemos o desespero pela vida, pela verdadeira salvação, por um Salvador que nos salve aqui e agora, que nos reconcilie, que cure nossa fraqueza e nos livre da vergonha. Necessitamos de algo que funcione.

Essa é a história *por trás* da história. *A cabana* poderia perfeitamente se intitular "Do inferno ao céu", ou "Da vergonha insuportável a ser amado por toda a vida", ou ainda "De como Jesus

curou um homem arrasado", ou talvez "Com deuses como os nossos, não admira sermos tão tristes e destroçados". A história é sobre inferno e céu, trauma, vergonha e encontro do amor, o homem destroçado sendo aceito pelo verdadeiro Jesus, e sobre o Pai, o Filho e o Espírito nos encontrando no país distante de nossa terrível e impotente mitologia – para repartir conosco suas vidas. A verdade por trás do Universo é que Deus é Pai, Filho e Espírito, e que o único e definitivo propósito da Santíssima Trindade é que venhamos a saborear e sentir, conhecer e experimentar a genuína vida trina.

O que Paul e Kim viveram e o que descobriram no amor de Papai, Jesus e Sarayu foi a alegria indizível, gloriosa, à qual Pedro se referiu,[4] e a vida plena que Jesus prometeu.[5] Não puderam mais voltar para a mesma religião – velha, inflexível e superexigente – com seus versículos bíblicos corretamente cotejados. Como C. S. Lewis, no meio da maior miséria, eles foram "surpreendidos pela alegria".[6]

Há quem se ofenda com a teologia de *A cabana*. Paul reage, não com argumentos teológicos, nem buscando fundamentos em citações bíblicas, apesar de ser adepto ferrenho de ambos. Sua resposta consiste em sua própria vida e suas próprias relações. Ele diria: "Eu tenho uma camiseta do inferno, aliás, tenho várias. A religião não funciona em todos os lugares, especialmente lá, mas o Pai, o Filho e o Espírito vieram ao meu encontro no inferno. Eles me aceitaram, me amaram, me abraçaram e estão me curando com seu amor." Acho que Paul faria uma única pergunta a quem o atacasse: "Como a *sua teologia* está funcionando para você?" E prosseguiria: "Como a sua mulher, ou seu marido, e seus amigos acham que a sua teologia está funcionando para você?" Então, embora *A cabana* seja uma história que ele escreveu para os filhos, a coisa é um pouco mais complicada. Essa história é uma questão de vida ou morte. Paul Young é um cara sério. Ele quer que seus filhos percebam a desastrosa incompetência da religião para curar nossas almas destroçadas. E quer

que eles conheçam a espantosa libertação do abraço de Papai.

O Pai, o Filho e o Espírito, que ele chama de Papai, Jesus e Sarayu, não são mitos como o Papai Noel, o Jesus branco de olhos azuis e a fadinha do dente. Eles são absolutamente reais. Vão ao nosso encontro na dor, no ódio, na amargura e no ressentimento, na nossa vergonha, na nossa culpa e na nossa impotência, nas nossas relações trágicas, infelizes – e na nossa religião moribunda –, e aí eles nos amam em nome da vida e da liberdade. Vem daí a segunda dedicatória: "... todos nós, falhos, que acreditamos que o Amor governa. Levantemo-nos e deixemos que ele brilhe."[7]

A história *dentro* da história

Tal como Paul Young, embora por motivos diferentes, Mackenzie Allen Philips, o personagem de *A cabana*, é um homem despedaçado. Há alguns anos, ele começou a viver o pior pesadelo de um pai. Sua filha caçula, Missy, foi sequestrada, assassinada, e seu corpo nunca foi encontrado. "Tudo aconteceu no fim de semana do Dia do Trabalho, o último brado de alegria do verão antes de outro ano de escola e rotinas de outono." Mack levara três dos seus filhos para acampar. Foi quando Missy desapareceu. Desde então, Mack se viu engolfado na *Grande Tristeza*,[1] como ele denomina a fossa horrenda e diabólica de seu próprio desamparo, da ausência de Missy e do silêncio de Deus. Ele vive amparado por quatro filhos maravilhosos e pela mulher, Nan, que sabe amar, mas o mundo interior de Mack está totalmente revirado. Ele vem tentando viver seu luto, mas até o inferno seria um alívio para quem sofre a perda de um filho. Não é justo. É simplesmente inconcebível.

Você nunca mais vai ouvir as gargalhadas de sua filha, ver seu sorriso, chamá-la pelo nome – a não ser nos pesadelos. Não haverá mais as brincadeiras da hora de dormir, o primeiro namorado, os bailes de formatura, os acampamentos, as dores e alegrias compartilhadas, não haverá mais surpresas. Tudo acabou, tudo, como o derradeiro raio de sol antes do anoitecer. Só o que resta é o silêncio. O desgosto de tudo, o desespero, a raiva, a culpa e a impotência se unem para transformar você num ser in-

sensível, entorpecido. Sua mente está atordoada. Sua capacidade de perceber, de se conectar, de sentir – de se sentir vivo, sentir os outros, sentir qualquer coisa – se cristaliza como mel no inverno, enquanto a ferida dissolve a cor de uma rosa e o mundo se torna essencialmente triste. E um sentimento de pânico subitamente jorra da lembrança.

A *Grande Tristeza* drena a vida de sua alma já destroçada, roubando até a sensação de estar vivo. Aí vêm os horríveis pesadelos de impotência. Mack sonha que está com os pés presos na lama e tenta desesperadamente avisar Missy, mas nenhum som sai de sua garganta. Acorda coberto de suor, torturado emocionalmente, cheio de culpa, afogado em remorso, desamparado e desesperado. É então que surge a questão de Deus. Por que isso aconteceu? Onde estava Deus? Por que permitiu que Missy fosse levada? Ele pouco se importou? A mente de Mack procura encontrar com todas as forças uma explicação racional para uma injustiça tão gritante. Porém, a raiva, a acusação e o ressentimento infeccionam as cicatrizes de sua ferida.

– Você não acredita que o Pai ame bem seus filhos, não é? Você não acredita realmente que Deus seja bom, não é?
– Missy é filha dele? – perguntou Mack rispidamente.
– Claro!
– Então, não! – respondeu ele bruscamente, levantando-se. – Não acredito que Deus ame todos os seus filhos muito bem!

– Sua reclamação não é justa, Mackenzie? O fato de Deus ter fracassado com você, ter fracassado com Missy? O fato de, antes da Criação, Deus saber que um dia sua Missy seria brutalizada, e mesmo assim a ter criado? E depois *permitir* que aquela alma deturpada a arrancasse de seus braços amorosos quando Ele tinha poder para impedir? Deus não deve ser culpado, Mackenzie? (...)
– Sim! A culpa é de Deus!

Perdido na imensidão de sua dor, Mack assumiu toda a carga da incompetência de Deus. Nessas condições, "a realidade, devidamente considerada, é insuportável". Perplexo e zangado, ele foi se transformando num fantasma de homem, destroçado, exaurido. Dias, meses, anos se passaram e ele permanecia mergulhado em sua grande tristeza. Então, num dia gelado de inverno, Mack agasalhou-se bem e foi até a caixa do correio, onde encontrou uma singela mensagem – *de Deus.*

> Mackenzie,
> Já faz um tempo. Senti sua falta.
> Estarei na cabana no fim de semana que vem, se você quiser me encontrar.
>
> Papai

E assim começa a fábula da cura de Mackenzie Allen Philips. Sua libertação é feita pelo amor arrebatador do Pai, do Filho e do Espírito, em terno e paciente cuidado e admirável respeito por Mack. Eles o acudiram em seu pesadelo e promoveram uma *revolução* em suas ideias sobre Deus, sobre o propósito da existência humana, sobre ele mesmo e os demais, sobre o sentido da morte de Jesus e o que significa viver a vida.

Embora Paul Young nunca tenha pensado em publicar o que escreveu, isso não significa que o Espírito Santo não tivesse seus próprios planos sobre o assunto. A tremenda popularidade de *A cabana* demonstra que algo nessa história faz vibrar intensamente uma corda muito profunda e comum a todos os seres humanos. E, embora seja um personagem fictício, Mack nos é familiar. Essa é a história *dentro* da história. Nós todos somos Mackenzie. Ele representa todos nós. Podemos não ter perdido uma filha de modo tão brutal como Mack, mas nenhum de nós atravessou a infância sem se ferir, e eu me atrevo a afirmar que a maioria de nós passou por um bocado de sofrimento e de amargas decepções. A dor de Mack é intensa, e essa dor levanta questões

profundas que são também nossas. Ele se viu entre o proverbial rochedo de uma tragédia terrível e o duro lugar de um Deus silencioso, para não dizer malvado. E esse duro lugar nos assusta. Mack não tem para onde ir em sua dor. Sua religião é, no mínimo, incapaz. Ele está só, suportando o horror da morte de Missy como um homem sem respostas. Desse modo, a história dentro da história é que *A cabana* é também a nossa história, a história dos nossos sofrimentos e da nossa cegueira, do Deus que parece ausente, indiferente e impotente nos momentos mais terríveis, e das nossas vidas imersas na vergonha. Mas é também a história da nossa libertação – se assim o quisermos.

Naquele instante em que Papai abriu a porta da cabana e, como prova de seu profundo amor, abraçou um Mackenzie Allen Philips destroçado e entristecido – não foi isso também que se passou com você quando uma antiga esperança ganhou vida em sua alma? Você não chorou? Trata-se de uma história de amor na qual todos queremos desesperadamente acreditar, mas não conseguimos. Ainda assim, sabemos que é verdadeira. Mas como poderia ser? Uma cena levanta um universo de questões. Deus poderia ser tão bom? Poderia ter se equivocado de tal maneira? Tudo seria assim tão simples? Sim! Sim! Sim!

Mack não encontrou auxílio efetivo nessa "religião" na qual tantos de nós fomos criados. Para ser exato, ele acabou encontrando a cura, mas foi preciso desconstruir quase tudo daquilo que lhe haviam contado sobre Deus, sobre si mesmo e os demais, sobre a vida – mas não sobre o que ele ouvira sussurrado no Espírito. E para mim, como teólogo, é aqui que está a parte mais fascinante. O que Mackenzie encontrou foi a pura bondade e o amor do Pai, do Filho e do Espírito, a antiga verdade que um dia transformou o mundo. *A cabana* é a voz da Igreja original chamando-nos, da nossa loucura, de volta ao nosso verdadeiro lar no Pai, no Filho e no Espírito.

A história dentro da história é que Paul Young – por intermédio da vida trágica e da cura de Mackenzie Allen Philips – achou

um jeito de escapar dos dragões vigilantes[2] do legalismo e do racionalismo em que foi transformada nossa religião, e de nos apresentar à verdade que liberta. E a verdade é uma pessoa que partilha a vida e todas as coisas em um amor voltado para o outro com seu Papai, na maravilhosa liberdade do Espírito Santo. *E* uma pessoa que atravessou todos os mundos para nos encontrar em nossa dor. *E* uma pessoa que trouxe com ela seu Papai e o Espírito Santo. Em algum lugar dentro de nós sabemos que isso é verdade. Mas temos medo. Pois quando esse fio é puxado muitos tapetes começam a se desfazer. Contudo, no exato instante em que você tem medo de que seu mundo esteja desaparecendo, descobre que Alguém está tecendo um novo tapete de simplicidade, liberdade e vida inimagináveis.

No meio da história, quando Mack está sendo amado através de um processo de cura de aproximadamente 15 passos, Sophia o exorta com palavras que todos os que amam a vida devem observar atentamente: "Talvez sua ideia de Deus esteja errada." E depois Sarayu lhe diz: "Disponha-se a reexaminar aquilo em que acredita."

A Plataforma Cadillac

Em meados de outubro de 2007, Wendy Marchant, de Sault Ste. Marie, Canadá, me ligou e foi logo dizendo:

– Baxter, eu não vou largar este telefone enquanto você não me prometer que vai ler um livro chamado *A cabana*.

Meu primeiro pensamento foi: "Wendy, tenha paciência!" De vez em quando as pessoas me mandam originais do "melhor livro jamais escrito". E dois ou três dias depois, recebo um e-mail indagando o que achei do livro. Mas Wendy não é uma pessoa qualquer, na verdade é uma amiga querida, uma irmã que me adora, que ora por mim e pela minha família o tempo todo. Por isso, dividido entre "De novo, não..." e "Mas agora é a Wendy", eu fiquei curioso.

– Baxter, não vou adiantar nada. Mas confie em mim dessa vez.

– Está bem, Wendy, vou fazer o seguinte: a temporada de caça aos alces está chegando, então vou levar esse seu livro e colocá-lo no alto da pilha de leituras lá na minha plataforma de tiro.

E foi o que fiz.

Um mês depois, no dia da abertura da estação de caça, eu parti para a minha plataforma nas árvores, levando obedientemente *A cabana* na mochila. Veja bem, eu não sou exatamente o que se pode chamar de um grande caçador. Só matei três alces em toda a minha vida. Mas adoro ficar no meio da floresta. Por isso, faz alguns anos, meu amigo Jeff e eu construímos o que carinhosamente apelidamos de Plataforma Cadillac, um abrigo

completo, com telhado de zinco, tapete e duas cadeiras bastante confortáveis. Para mim, é muito mais um estúdio ao ar livre e um santuário particular com uma vista fantástica. Na Plataforma Cadillac eu leio, escrevo, oro e às vezes caço. Assim, eu subi os degraus, deixei tudo arrumado, me sentei e abri *A cabana.*

As primeiras palavras da introdução de Willie chamaram minha atenção. "Quem não duvidaria ao ouvir um homem afirmar que passou um fim de semana inteiro com Deus e, ainda mais, em uma cabana?" "Quer dizer", pensei, "que este livro é sobre um homem que encontra Deus na floresta, numa cabana. Interessante. Será que essa cabana não é um velho acampamento de caça? Mas de que Deus ele está falando? Essa é a questão, e, por favor, espero que não seja o mesmo velho Deus de sempre." Mas aí veio a história do pai de Mack amarrando-o a uma árvore e surrando-o durante dois dias, em seguida a expressão *Grande Tristeza*, a história da Princesa Multnomah – *e, depois, Missy* – e então eu me vi chorando até não poder mais no alto da minha Plataforma Cadillac.

Com a alma em farrapos, eu me comovi. Quando encontraram o vestido de Missy na cabana, me levantei, assoei o nariz, enxuguei as lágrimas e brandi *A cabana* com a mão direita. "William Paul Young, eu não sei quem você é, mas lhe prometo uma coisa: se me vier com esse mesmo velho deus distante, intocável, legalista, que observa o Universo com seu coração reprovador como resposta a esse trauma de revirar o estômago, eu vou pegar seu livro, andar uns 200 metros, encostá-lo numa árvore e eliminarei pessoalmente esse exemplar do Universo."

Mas o livro se salvou. Paul Young conhece o *Abba* de Jesus. *A cabana* não é sobre o deus reprovador da nossa imaginação desvirtuada. O livro trata da imensa ternura que o Deus Trino nutre pelos *pecadores*. É um livro sobre a liberdade do Pai, do Filho e do Espírito de nos amar e nos acolher em nossa terrível desolação. É sobre a paixão determinada da Santíssima Trindade em nos libertar de nós mesmos, de modo que possamos viver

sendo amados – pois nós o somos. Pertencemos ao Pai, ao Filho e ao Espírito. Assim foi e sempre será. Apenas não conseguimos ver. E como não vemos, vivemos com o peso venenoso do fardo de Mack, que partilhamos inconscientemente com todos ao nosso redor, inclusive a Criação.

Não há imagem mais bela da verdade do Deus Trino do que a cena de Papai erguendo Mackenzie Allen Philips do chão com o maior abraço de todo o Universo. Eu estava atônito, cada vez mais comovido. Em algum lugar dentro de nós sabemos que é assim que deve ser o *Abba* de Jesus, que essa é a verdade que nos liberta, que esse amor divino é real. Ele apenas não combina com nossas cabeças, com nossas ideias entrincheiradas, sobrecarregadas de passagens bíblicas e corações feridos – com aquilo que Atanásio denominou "mitologia".

Li a tarde inteira, decidido a terminar o livro antes do anoitecer. Mas não deu. Então me deixei ficar sentado ali na Plataforma Cadillac, pensativo, com uma lanterna na boca, até meu filho mandar uma mensagem de texto pelo celular dizendo que estava me esperando no acampamento base.

O telefonema

Cerca de uma semana depois, numa tarde de domingo, meu filho e eu estávamos assistindo ao jogo do New York Giants na TV quando meu celular tocou. Enquanto eu conferia o número, meu filho perguntou quem era.

– Não sei. De onde será esse código de área, 503?

– Não tenho a menor ideia – respondeu ele. – Não é por aqui.

– Também não sei – murmurei, e já ia levando o dedo para cancelar a chamada quando alguma coisa me disse para atender.

– Alô.

– Baxter, aqui é Paul Young.

"Não me lembro de ninguém com esse nome", pensei, repassando mentalmente todas as pessoas que havia encontrado nas minhas viagens.

– Talvez você me conheça como William.

"William Paul Young", murmurei comigo mesmo, ainda sem reconhecer. De repente, fez-se a luz:

– *William P. Young?*

– Isso. Sou eu – falou ele num tom que parecia divertido.

– William P. Young, o próprio?

– Bom, isso eu não sei, mas meu nome é William P. Young. Meus amigos me chamam de *Paul.*

– Você é o maioral que escreveu o melhor livro dos últimos quinhentos anos?

– Isso eu também não sei, só sei que escrevi *A cabana.*

– *Rapaz!* Por que você está ligando para *mim*? O mundo inteiro está querendo falar com você...

– É que recebi um e-mail do seu amigo Tim Brassell. Ele me disse que eu devia procurá-lo, porque você concebeu a teologia que tem a ver com *A cabana*. É por isso que estou ligando.

Levei uns cinco minutos para acreditar no que estava acontecendo. Só então pude contar sobre a Plataforma Cadillac. Ele riu, eu fiz um monte de perguntas e ele respondeu a quase todas.

Só fomos nos despedir uma hora e meia depois, e imediatamente telefonei para Tim e contei o que tinha acontecido. Eu me comprometera com Tim e Bill Winn a dar uma palestra na igreja de Bill na Virgínia, em abril. Sugeri aos dois que convidassem Paul, e eles fizeram isso.

A partir daquele telefonema e da palestra de abril,[1] Paul e eu nos tornamos grandes amigos e tive o privilégio de falar sobre *A cabana* junto com ele em três países. É sempre fantástico escutar sua história. E é igualmente fantástico que tantos milhões de pessoas se identifiquem tão prontamente com a luta de Mackenzie, assim como com a vida de Paul.

Quero lhes contar uma história que dá uma ideia de quem Paul é e da atração que *A cabana* exerce. Paul e eu viajávamos pela Austrália em novembro de 2008. Acompanhados da cantora e compositora Vanessa Kersting, aguardávamos a decolagem, já dentro do avião. De repente, pelo interfone, ouviu-se a voz do comandante.

– Senhoras e senhores, quem fala é o comandante. Hoje temos a bordo um convidado muito especial.

Sorrindo, eu me virei para Vanessa e disse:

– Alguém descobriu que Paul está no avião.

Ela também sorriu, e aí o comandante prosseguiu:

– Hoje é o aniversário de 50 anos de Baxter Kruger.

Foi o bastante para que os passageiros irrompessem em aplausos e gritos de parabéns. Fiquei paralisado, meio constrangido, e quando me levantei para agradecer às pessoas em volta,

bati os olhos em Paul Young, que sorria de orelha a orelha, como uma criança que acaba de surpreender os pais com um presente especial. Aquele gesto representou tudo para mim no dia do meu aniversário, sobretudo porque eu me encontrava a meio planeta de distância de casa e da família. Mas o que mais me impressionou foi que, apesar de todo o trauma que Paul viveu, ele ainda era capaz de brincar.

O que Willie disse a respeito de Mack vale para Paul:

> Mas devo lhe dizer que nunca conheci outro adulto que leve a vida com tanta simplicidade e alegria. De algum modo, ele virou criança de novo. Ou, para explicar melhor, ele virou a criança que nunca teve permissão de ser. Uma pessoa confiante e cheia de entusiasmo.

Eu considero essa liberdade a trilha sonora da história. A melodia recorrente que todos nós tanto ansiamos ouvir – e viver. Porque ela é também a nossa canção.

PARTE I

Considerações iniciais sobre Papai

A surpresa

"Bem, Mackenzie, não fique aí parado de boca aberta...
Venha conversar comigo enquanto preparo a janta."
Papai

Numa velha cabana abandonada no meio das montanhas do Oregon, Mackenzie Allen Philips fica paralisado diante de três personagens incomuns. Era para ser uma espécie de confronto com Deus no "local de seus pesadelos", a mesma cabana onde sua Missy fora assassinada. Mas as três pessoas que ele viu – uma negra enorme de olhos radiantes, um carpinteiro forte do Oriente Médio e uma mulher de traços asiáticos que surge e some quando bem entende – em nada se pareciam com o Deus que Mack *imaginava* encontrar. Na realidade, o Deus que ele imaginavá não deu as caras.

Ao todo, Mack fez quatro viagens à cabana. A primeira foi na terrível noite em que as autoridades encontraram fragmentos do vestido vermelho de Missy e sangue no chão de madeira. A segunda, vários anos depois, quando Mack atendeu a um convite de Papai – nome pelo qual sua mulher se referia a Deus. Para dizer a verdade, Mack estava confuso – meio intrigado, meio assustado e com muita raiva. Pegou emprestado o jipe do amigo Willie e partiu para lá, sabendo que "estava indo direto para o centro de sua dor".

Após dirigir por várias horas, Mack estacionou o jipe a apro-

ximadamente 1,5 quilômetro da cabana, mas mal deu cinco passos e um nó no estômago o fez entrar em pânico. "Por favor, me ajude!", ele gemeu, mas não obteve resposta. Com dificuldade, foi vencendo a trilha traiçoeira até divisar a cabana. "A cabana parecia morta e vazia, mas de repente transformou-se num monstro de rosto maligno, retorcido numa careta demoníaca, olhando-o diretamente e desafiando-o a se aproximar". Os passos que Mackenzie deu em direção à cabana são uma lição de coragem ou de raiva. Ele tinha muito que conversar com Deus.

Parado à porta, sua mente reviu num relance aquela noite terrível, as emoções em polvorosa. Clamou a Deus, mas novamente não houve resposta. Clamou mais uma vez. E de novo não houve resposta. Enfrentando corajosamente o medo do que poderia encontrar lá dentro, Mack abriu a porta. Mas simplesmente não havia nada. Deus nenhum, nenhuma vida, apenas o vazio, sombras, o nada deserto do deus dos nossos medos e as manchas de sangue de sua Missy. O deus de Mack, o nosso deus, o deus da nossa imaginação desvirtuada não é real. Nunca foi e nunca será. Mas, apesar disso, esse deus e seu trauma são reais para nós.

Paul Young dá um golpe de mestre. Sem uma única palavra teológica, ele escancara a tragédia da teologia ocidental – e nos faz senti-la. Nessa passagem do livro, e felizmente nesse ponto da história, a esterilidade desse deus fica exposta para que todos a vejam. Para ser franco, a grande tristeza de Mack tem raízes na horrível perda de Missy, mas também na terrível ausência de Deus. Esse é um lugar solitário.

A dor de Mack explode, interna, só e desamparada. "Por quê? Por que você deixou que isso acontecesse? Por que me trouxe aqui? Por que logo *aqui*? Não bastou matar minha filhinha? Tinha de zombar de mim também?" Num acesso de raiva, ele quase destrói a sala e fica exausto ao bater com uma cadeira no chão até quebrá-la. E aí sua dor, sua ira, sua cólera em relação a Deus se resumem em três palavras ditas num berro: "*Eu odeio você!*"

Mack se desfez em lágrimas, afundado em sua grande triste-

za. Mais uma vez, "apontou contra o Deus indiferente que imaginava" e gritou sarcasticamente:

> Deus, você nem deixou que a encontrássemos e a enterrássemos. Seria pedir demais? (...)
> Então, onde está você? Achei que queria se encontrar comigo. Bom, estou aqui, Deus. E você? Não está em lugar nenhum! Nunca esteve quando precisei, nem quando eu era pequeno, nem quando perdi Missy. Nem agora! Tremendo "Papai" você é! (...)
> Estou cheio, Deus (...) Não posso mais. Estou cansado de tentar encontrá-lo em tudo isso.

Eu odeio você! – a última palavra da raça humana, presa na grande escuridão. Mas esse grito medonho não é o fim da história. Pois aquele que ama nossas almas vem ao nosso encontro na dor. Esse também é um golpe de mestre e, a meu ver, um dos grandes temas que permeiam *A cabana*. Ao contrário do deus indiferente da nossa imaginação, o Pai, o Filho e o Espírito vêm realmente ao nosso encontro na dor, na tragédia e, sobretudo, na escuridão e no pecado. Isso não significa – como veremos – que a Santíssima Trindade esteja ausente no resto de nossas vidas, mas, de fato, no trauma criado pelo choque entre a vida e o falso deus, nós começamos a ver com novos olhos.

Tendo bradado suas últimas palavras de rejeição a Deus, Mackenzie sai da cabana e volta para o jipe. É então – depois de ter "ido à forra" com Deus – que o mundo se transforma, o seu mundo e, felizmente, o nosso. A uns 30 e poucos metros do jipe, a floresta se enche de luz. Uma estranha vida brilha na tranquilidade da repulsa de Mack. Um mês de degelo da primavera se desdobra em um instante. Uma nova esperança emerge enquanto a neve derrete ao seu redor e as flores exibem sua glória. Intrigado, mas cauteloso, Mack decide retornar à cabana. E a encontra mudada. Não é mais um casebre em ruínas, mas um

chalé de madeira de construção sólida, com uma cerca de ripas brancas e fumaça saindo da chaminé. Ele pensa estar ouvindo *risadas*. Mack não faz ideia do que o aguarda, mas parecem realmente risadas.

Como um homem poderia ser levado a acreditar em semelhante milagre? Quase convencido de estar enlouquecendo, Mackenzie não sabe o que pensar nem o que fazer. Mas é tarde demais. Parado à entrada, tentando decidir se deve ou não bater, Mack, como o filho pródigo, nem sequer tem chance de dizer uma palavra. A porta se abre. Uma negra enorme, com o rosto cheio de vida e amor, corre para abraçá-lo e o ergue do chão, gritando seu nome com tamanha alegria como se a vida toda ela o conhecesse e o amasse.

Mack está em silêncio, atônito, sem imaginar quem poderia ser aquela mulher, mas sentindo sua alma sorver cada gota daquele momento. Quem não deseja ser abraçado? Quem não deseja ser chamado pelo nome por alguém que sorri com deleite? Suas defesas, na verdade, permanecem em guarda, mas o coração está definitivamente comovido. Chocado, mas deliciado, aturdido, embora tomado pelas lágrimas, ele adora a maneira como ela grita seu nome. "Mack, olha só para você!", ela praticamente explodiu. "Aí está, e tão crescido! Eu estava ansiosa para vê-lo cara a cara... Minha nossa, como eu amo você!" E, ao dizer isso, abraçou-o de novo. Dava para ver a cabeça de Mack rodopiando. "Mas quem é essa mulher? E por que ela está aqui? Como ela me conhece, e por que se importa tanto comigo? O que afinal está acontecendo?", pensou.

Mas, antes que pudesse processar o que estava acontecendo, uma mulher de traços asiáticos, que ele mal podia ver, invadiu seu espaço, apertando-lhe a bochecha. Pelo que ele podia perceber, ela se vestia mais ou menos como um jardineiro, mas era quase invisível, tremeluzindo à luz. "Eu coleciono lágrimas", disse ela. Em seguida Mack notou um homem que parecia ter vindo do Oriente Médio encostado no batente da porta. Sua aparência era

comum, mas forte, e seu sorriso, muito expressivo. "Mack soube instantaneamente que gostava dele." Todo coberto de serragem, usando um cinto de ferramentas, ele parecia ser carpinteiro.

Meio atarantado, Mack tentou se recuperar, perguntando em tom de brincadeira: "Há mais de vocês?"

"Não, Mackenzie", riu a negra. "Somos tudo o que você tem e, acredite, é mais do que o bastante."

Menos de meia hora antes, Mack estava furioso com Deus, gritando: "*Estou cheio! Eu odeio você!*" Então ele se vê surpreendentemente abraçado por uma mulher negra que parece conhecê-lo e amá-lo. Mackenzie simplesmente não sabe o que dizer ou fazer. Mesmo magoado, mesmo fervendo de raiva de Deus, Mack está ali, cercado por duas mulheres maravilhosas e um carpinteiro, e os três de alguma forma o conhecem, o acolhem e gostam dele do jeito que ele é. Mack se sente estranhamente à vontade. Sente-se notado e conhecido, bem tratado, até mesmo querido, e certamente bem-vindo. Ainda em guarda – e quem não estaria? –, ele sente as lágrimas brotando em seus olhos.

E assim, Mackenzie Allen Philips inesperadamente se vê inserido numa conjunção de amor. Dentro de pouquíssimas horas, ele se sentirá maravilhado pelos relacionamentos, pelo foco de cada um no outro, pelo respeito e deleite mútuos e pela forma como eles o aceitam tal como é. Mal sabe ele que essa doce aceitação irá transformá-lo de dentro para fora.

Sob muitos aspectos, a história inteira de *A cabana* está contida nessa cena. Assim como certas questões teológicas bem mais amplas. É uma imagem que há muito nos mobiliza internamente e suscita mil questões, que vão do caráter de Deus ao fato de Mack ser aceito antes de ter se arrependido e acreditado; do propósito da encarnação ao sentido da morte de Jesus; do que significa ser humano ao conceito de céu e inferno. E nós vamos abordá-las no devido tempo. Mas, antes, uma simples pergunta: E se esse momento – essa cena do abraço de Papai – for o que acontece quando morremos? E se acordamos do outro lado ou-

vindo Papai gritar nosso nome, cercados por Sarayu, que colhe nossas lágrimas, e por Jesus, coberto da serragem do caixão que enterra nossa grande tristeza?

Deixe-me ir mais longe. E se isso for mesmo verdade? E se já somos conhecidos, amados e acolhidos agora?

A lição número 1 dessa história é que nós somos Mackenzie. Somos conhecidos, amados e objetos do deleite do Pai, do Filho e do Espírito. Simplesmente o somos, quer acreditemos ou não em Deus. A verdade é que já fomos abraçados pelo *Abba* de Jesus e pelo Espírito Santo. É disso que trata a vinda de Jesus. A Santíssima Trindade já foi ao nosso encontro em nossas cabanas e os três já armaram suas tendas dentro das nossas latas de lixo. Nós pertencemos ao Pai, ao Filho e ao Espírito. Sempre fomos deles e sempre seremos. Jesus cuidou disso pessoalmente. Mas, tal como Mackenzie, não enxergamos bem. É tanta a nossa mágoa que possivelmente não conseguimos conhecer a verdade, ou acreditar nela – ainda. Mas é assim.

O Deus que dança

Não sou quem você acha, Mackenzie.
Papai

O autor de uma resenha de *A cabana* disse que encontrou críticos que "ficaram profundamente incomodados" com a ousada descrição da Santíssima Trindade "como personalidades excêntricas com um jeito pouco ortodoxo de transmitir suas mensagens". Esses críticos acusaram Young de "blasfêmia" e o rotularam como "um pós-moderno para quem a 'verdade' não quer dizer nada". O autor da resenha então escreveu:

> Admito que fiquei um tanto chocado quando percebi durante a leitura que Young decidira descrever Deus nosso Pai como uma negra absolutamente encantadora e poderosamente maternal. Mas devo admitir também que, logo depois, desejei sentar à mesa da cozinha daquela mulher e me deliciar com sua comida, sua conversa e seu carinho de mãe. A beleza da cumplicidade que sua presença provoca é o que muitos de nós sempre ansiamos para nossas vidas e tão raramente experimentamos.[1]

Essa linda afirmação atinge o cerne da questão que o Papai de Young levanta para todos nós. Quem não deseja ser amado assim, conhecido assim, aceito assim? Quem não deseja se sentar

à mesa de Papai e se deliciar com sua comida? Mas como teríamos a ousadia de sonhar com semelhante coisa? Estamos falando de Deus, é bom lembrar, o primeiro e único. No entanto, como pergunta meu amigo Ken Courtney, "é isso o que queremos, não é?". Vamos voltar ao nosso desejo de sermos conhecidos e aceitos. Mas antes precisamos tratar de uma outra questão.

Será que essa "negra absolutamente encantadora e poderosamente maternal" nos diz algo a respeito do verdadeiro Deus? Podemos ousar crer que o Pai de Jesus é tão bom quanto esse Papai? Minha resposta é simples: *claro que sim!* A imagem do coração do Pai pintada por Young nos foi transmitida pelo próprio Jesus. Esse coração transbordante de amor e deleite não é uma fantasia de Paul Young. É o antigo amor que deflagrou o Universo – essa é a mais pura verdade. A beleza do extraordinário amor e da bondade absoluta do coração de Papai está perfeitamente retratada na imagem do Pai feita por Jesus em sua mais famosa parábola.[2]

O pano de fundo dessa parábola é a crítica que os líderes religiosos chamados de fariseus fazem a Jesus. Eles não gostam de Jesus porque a liberdade com que ele toma partido dos "pecadores"os perturba profundamente. Jesus não segue suas regras e os pecadores acorrem para ouvir o que ele tem a dizer.[3] E é bom que se saiba que os pecadores são os temidos coletores de impostos que, apesar de serem judeus, cobravam impostos para os romanos, muitas vezes forrando os próprios bolsos com as sobretaxas. São homens desprezados pelos judeus. É verdade que Jesus fez de um deles seu discípulo e até se desviou de seu caminho para encontrar-se com Zaqueu, que era um coletor de impostos *graduado*. Quando Jesus foi ao seu encontro, disse: "Zaqueu, desça depressa dessa árvore. Quero ficar em sua casa hoje."[4]

E entre os "pecadores" havia os bêbados infratores, as prostitutas, os caloteiros intrigantes, gente tão humilhada e maltratada que não se atreveria sequer a erguer os olhos para o céu. Aqui é preciso entender a ironia. Quem está perdido não são os pecado-

res que ouvem Jesus, mas as pessoas religiosas que se consideram sem problemas.

Assim, os fariseus e os mestres da lei se enfurecem com Jesus por deixar que essa gente o cerque. Dá para imaginar suas mentes funcionando: "Além de tudo, ele fica se gabando de ser um grande profeta, se não o próprio Filho de Deus. Se acaso o fosse, não deveria confraternizar com blasfemos e beberrões. Quem diria!" Dessa forma, planejam uma acusação vexatória contra Jesus. E a apresentam da forma mais insolente.

Esta é a grande crítica que lhe fazem os fariseus e os mestres da lei: "Este homem recebe pecadores e come com eles."[5] Há um enorme desprezo nessa acusação, pois eles nem sequer pronunciam o nome de Jesus, chamando-o "este homem" ou "este cara". O problema é que, naquela cultura, receber alguém e compartilhar uma refeição é um sinal de autêntica solidariedade e familiaridade. Então Jesus age como se pertencesse à família dos coletores de impostos e dos pecadores. Os fariseus ficam pasmos. "Como ele pode fazer isso? Deveria ser um representante de Deus. Jesus enlouqueceu", pensam.

Jesus deveria ter ficado atônito e irritado com a incrível cegueira daqueles religiosos. A acusação deles vem com uma pergunta: "Como é que você, Jesus, um rabino respeitável, que tem discípulos, explica suas estranhas relações? Essa gente só merecé ser excomungada, para sempre excluída por Deus e seu povo. E aqui está você comendo com eles, declarando ao mundo que eles são a sua família."

Mas Jesus não se intimidava com a insolência dos ataques. Defendia-se com serenidade e firmeza e seus argumentos derrubavam os adversários.

Portanto, a questão é a seguinte: "Jesus, por que, afinal, você trata essas pessoas como se fossem seus velhos amigos e sua própria família?" Jesus responde com três histórias. E quem se sente chocado com o Papai de Young deve prestar bem atenção ao que ele diz aos fariseus a respeito de *seu* Pai. Os pecadores, senta-

dos ao pé de Jesus, mal podiam esperar por sua resposta. Mas a autoconfiança dos fariseus, cuidadosamente calculada, não lhes permite imaginar que Jesus escapará da armadilha que armaram para ele.

Então Jesus os enfrenta usando a pergunta deles. Vamos ver o que se encontra no capítulo 15 de Lucas:

> Qual de vocês que, possuindo cem ovelhas, e perdendo uma, não deixa as noventa e nove no campo e vai atrás da ovelha perdida, até encontrá-la? E quando a encontra, qual de vocês não reúne os amigos e vizinhos para comemorar? Eu lhes digo que, da mesma forma, haverá mais alegria no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não precisam arrepender-se.
>
> Ou, qual é a mulher que, possuindo dez dracmas e, perdendo uma delas, não acende uma candeia, varre a casa e procura atentamente, até encontrá-la? [Note-se o "procura atentamente."] E quando a encontra reúne suas amigas e vizinhas para comemorarem e diz: "Alegrem-se comigo, pois encontrei minha moeda perdida." Eu lhes digo que, da mesma forma, há alegria na presença dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende.

Eis aqui outra história: Um homem tinha dois filhos. Ele amava ambos. Um deles pôs na cabeça que queria ver o mundo. O outro permaneceu ao lado do pai, ajudando-o no trabalho. O pai repartiu seus bens entre os dois. O mais novo reuniu tudo o que tinha e foi para um lugar bem distante, onde esbanjou seu dinheiro com bebida, mulheres e uma vida irresponsável. Humilhou o pai e constrangeu a família com seus modos brutais. Toda a cidade ficou sabendo; os rumores corriam por toda parte.

Quando o dinheiro acabou, o rapaz começou a passar fome. Obrigado a comer as sobras dos alimentos dos porcos (um verdadeiro horror para um judeu), ele lembrou que os criados de

seu pai comiam muito bem. Então resolveu voltar para casa e, certo de ter se mostrado indigno do amor de seu pai, decidiu implorar por um emprego e comida, como um simples criado.

Assim, ele retornou. Mas seu pai o viu quando ele ainda estava no horizonte e, cheio de compaixão, correu para abraçar e beijar o filho. Em seguida, disse aos criados: "Depressa! Tragam a melhor roupa e vistam nele. Coloquem um anel em seu dedo e calçados em seus pés. Tragam um novilho gordo e matem-no. Vamos fazer uma festa e alegrar-nos. Pois este meu filho estava perdido e foi achado."

Imagino que aí deve ter havido uma longa pausa, enquanto Jesus deixava essa história extraordinária, quase inacreditável, assentar na cabeça dos ouvintes. Depois, ele olhou para os pecadores com um sorriso alentador e uma leve reverência, e em seguida encarou fixamente os fariseus e disse: "É assim que é o *meu Abba*, o meu Pai. É por ele que eu estou aqui, e por ele é que recebo os pecadores e reparto minha comida. Eles pertencem ao meu pai. Ele os ama eternamente. São sua família. Tal como a ovelha pertencia ao pastor, e a moeda à mulher, e os dois rapazes pertenciam ao seu pai, vocês pertencem ao meu pai."

Mas a história não terminou. O filho mais velho, que estava no campo realizando suas tarefas, escutou a música e a dança e chamou um criado para saber o que estava acontecendo. "Seu irmão voltou. Seu pai preparou uma festa!" Ao saber disso, o irmão mais velho encheu-se de fúria. O pai foi atrás dele, fazendo o possível para convencê-lo a participar da festa. Então o filho gritou: "Olha! Todos esses anos tenho trabalhado como um escravo e nunca desobedeci às suas ordens. Mas você nunca me deu nem um cabrito para eu festejar com os meus amigos. Mas quando volta para casa esse seu filho que esbanjou seus bens com prostitutas, você manda matar o novilho gordo, o beija e o recebe de volta. *Isso não é justo!*"

Atônito e aflito, o pai olhou-o bem nos olhos: "Meu filho, você sempre esteve comigo, e já lhe dei tudo que tenho. Mas nós

tínhamos que celebrar a volta deste seu irmão e alegrar-nos, porque ele estava morto e voltou à vida, estava perdido, mas agora foi achado."

Não sabemos o que aconteceu depois que Jesus acabou de contar essa história. Mas certamente os pecadores vibraram e depois choraram, tocados pela esperança. Jamais tinham conhecido um pai como esse. Eles se identificaram com a ovelha perdida, a moeda perdida e com o filho mais novo. E Jesus estava lhes dizendo que eles eram aceitos e amados por seu Pai da mesma forma que aquele patriarca judeu amava seu filho pecador. Tal como o pastor, o Pai de Jesus veio em busca de sua ovelha perdida. Tal como a mulher, o *Abba* de Jesus vasculhou toda a casa até encontrar sua moeda perdida. E como esse pai judeu, o Pai de Jesus nos abraçou e beijou em nossa vergonha, e preparou uma festa para celebrar sua alegria. Qual é, então, a diferença entre uma negra que abraça um homem branco, revoltado e pecador, e um pai judeu que acolhe seu filho desencaminhado? Ambas são imagens deslumbrantes da verdade.

Paul Young não diz que Deus *é* uma mulher negra, muito menos Jesus afirma que Deus *é* um patriarca judeu. Mas os dois se valem de uma história empolgante para nos ajudar a conhecer a verdade autêntica sobre o Pai de Jesus e a verdade sobre quem nós somos.

E quanto aos irmãos mais velhos – os fariseus que criaram uma via religiosa própria até Deus e observavam rigorosamente as leis que criaram? Imagino que Jesus tenha contado primeiro essas histórias para os fariseus. É por isso que a história do irmão mais velho do filho pródigo vem por último. Jesus sabe que seu Papai também "gosta especialmente deles". Eles lhe pertencem, assim como os coletores de impostos e os pecadores. Na verdade, o pai dessa história acolheu esse filho orgulhoso e insolente, implorando-lhe no poder do Espírito que participasse da festa.

Eu me pergunto se os fariseus entenderam. E me pergunto se

eles se reconheceram no irmão mais velho. Jesus é a imagem dos braços do Pai envolvendo todos nós, inclusive eles. É o coração do Pai implorando aos religiosos entre nós que abandonem o rigor da lei e aprendam com ele sobre o coração de seu Pai. Ele é "a riqueza repartida entre eles". Como Mackenzie – que tem mais em comum com os fariseus do que com o filho pródigo –, os fariseus também são amados e incluídos.

A luz de Lewis

Sarayu começou a cantarolar a mesma canção que
ele ouvira mais cedo... a melodia ecoou fundo em
Mack, que bateu de novo à porta.
– William Paul Young

É possível que você tenha percebido que as impressões digitais do grande intelectual e escritor C. S. Lewis estão por toda parte em *A cabana*. Em nenhum outro ponto, porém, como na cena instigante em que Papai corre até a porta e ergue Mackenzie do chão com um abraço do tamanho do Universo. Essa cena nasceu de uma jornada longa e brutal e veio serpenteando pela grande mágoa até a descoberta do amor do Pai, do Filho, do Espírito e da liberdade *que virá*.[1] Young e Lewis escrevem como adultos que reaprenderam a brincar; escrevem, como disse alguém sobre Lewis, "como se estivessem curtindo".[2]

Eu ouvi Paul contar essa história durante horas e horas em três países diferentes. Ele é sempre o mesmo. Sua voz soa como uma mistura das vozes de Kevin Costner e Tom Hanks. Seu sorriso parece o de Donald Sutherland, como se ele soubesse algo que você não sabe, mas está prestes a saber, e curtirá cada minuto da sua descoberta. Trata-se da bondade de Papai que nos aceita tal como somos – que o aceita tal como você é. E Paul sabe que você duvida disso. Para mim, a voz dele, o sorriso, os olhos prevendo sua surpresa aparecem quando Papai grita *Mackenzie Allen Philips* na porta da frente da cabana.

Dentro de todos nós mora um sonho desfeito, "nosso segredo inconsolável",[3] como diz Lewis, que nos é tão precioso que o cercamos de mil defesas. "Do segredo que dói mais", diz Lewis, "você se vinga chamando-o de Saudade, Romantismo e Adolescência."[4] Sabemos que somos feitos para a glória, mas conhecemos apenas pequenos indícios da alegria que ela produz. Na metade da existência ansiamos por mais. Alguma coisa está faltando. A Criação está inflamada com uma glória que não podemos alcançar. Mas sabemos que ela é nossa. Somos movidos por uma música antiga, mas não conseguimos achar a grande dança. Então "nós sublimamos", como afirma Lewis.[5] Mas como isso é quase insuportável, sepultamos nosso anseio e protegemos nosso sono de sonhos.

Certa vez, nos meus tempos de faculdade, topei com a Miss Mississippi. Como já a havia encontrado diversas vezes, ficamos conversando. A festa de congraçamento de alunos e ex-alunos estava próxima, e eu perguntei quem a acompanharia. Ela se calou por um instante e depois disse: "Baxter, não tenho com quem ir. Para falar a verdade, ninguém nunca me convidou para sair."

Fiquei chocado. "Como pode *você* não ter com quem sair? Para mim, seu telefone nunca para de tocar."

"Não sei por que", disse ela, "ninguém me liga."

De vez em quando, eu ficava pensando em como era esquisito a "poderosa" Miss Mississippi nunca ter tido um encontro amoroso. Mas de repente tudo ficou claro. É muito arriscado pegar o telefone e convidar alguém como ela para sair. Um "não", por mais delicado que seja, sempre provoca um sentimento de rejeição, sobretudo quando vem de uma pessoa famosa. Talvez seja melhor não correr o risco e simplesmente contentar-se com outra menos importante.

E se as grandes promessas do Novo Testamento, de uma vida plena, do rio de águas sagradas, de amor, de um reino de virtude, alegria e paz no Espírito Santo se revelassem uma farsa, um tremendo engodo dos deuses? Se encontrássemos uma porta

fechada no final do nosso anseio? E se ouvíssemos esse temido e devastador "não"? Se, finalmente, perdêssemos completamente o grande baile? Melhor não ouvir a música. Melhor desligar o telefone. Melhor sepultar o sonho.

Neste mundo, o melhor é evitar esse ataque de romantismo. "Cresça", dizemos a nós mesmos, "deixe de tolice e trate de se dar bem." Talvez seja melhor ceder aos nossos corações e viver uma vida pela metade do que arriscar a possibilidade de uma decepção mais amarga. Mas aí ouvimos um rumor no vento, o verso de uma canção, vemos um sorriso, ou um pôr do sol, lemos a cena de Papai gritando o nome de Mackenzie, ou escutamos a "música repetitiva" de Sarayu, e nosso interior vibra de esperança. Nosso sonho está desperto.

Esse é o preço de estar vivo. Como nos atreveríamos a correr o risco? Não existe dor mais amarga do que a morte de um sonho profundo e nada mais aterrorizante do que um despertar sem esperança. Mas e se o Papai for real? Se Jesus desejar de fato que saibamos que seu Pai está com ele? E se o Espírito Santo estiver mesmo determinado a nos fazer viver na liberdade do abraço de Papai?

Lewis foi um desses raros estudiosos que puseram a mente privilegiada a serviço de sua dor profunda, até finalmente ser "surpreendido pela alegria".[6] A partir daí, seus escritos cantam a música do coração que anseia.[7] Ele sabe do sonho. E sabe da verdade. Estava consciente de haver "quase cometido um ultraje"[8] quando trouxe à tona nosso inconsolável segredo. Mas como poderia um homem que encontrou o *Abba* de Jesus ficar em silêncio?

Quando garoto na Irlanda, Lewis ficou empolgado com um encontro lindo demais para ser descrito em palavras. Foi só um momento fugidio, mas real, e "num certo sentido", diz ele, "tudo o mais que havia ocorrido comigo antes ficou insignificante comparado a ele".[9] Felizmente, Lewis jamais o esqueceu, e a vida

inteira se transformou para ele numa longa busca para descobrir o significado daquele e de outros encontros iguais em sua juventude, que ele chamou de "punhaladas de alegria". "Punhalada" porque fere e "alegria" porque mesmo a dor da punhalada era melhor do que qualquer outra coisa na vida. Mas o que foi que Lewis encontrou? O que eram as "punhaladas de alegria"? O que é o nosso segredo inconsolável? Do que exatamente trata o nosso sonho? Tem relação com o sorriso de Papai e Lewis escreveu maravilhosamente a respeito.

Em seu famoso sermão, agora um ensaio, "The Weight of Glory" (O peso da glória), que provavelmente é um dos sermões mais bem elaborados já escritos, encontram-se três importantes percepções a respeito do nosso sonho inconsolável. A primeira pode ser chamada de desejo de ser batizado. Não me refiro ao batismo que é um sacramento da Igreja. Falo do batismo no sentido da imersão em algo até a pessoa ser totalmente preenchida. Lewis está escrevendo sobre a beleza e o simples prazer de contemplar algo belo, e sobre como, ao vê-lo, queremos mais. E esse *querer mais* certamente faz parte daquilo que foi despertado em nossos corações quando lemos sobre o abraço de Papai.

> Nós não queremos meramente *ver* a beleza, embora ela seja por si só uma recompensa suficiente. Queremos algo mais que dificilmente pode ser descrito com palavras – unir-nos à beleza que vemos, incorporar-nos a ela, recebê-la em nós, para nos banharmos nela, para nos tornarmos parte dela. É por isso que povoamos o ar, a terra e a água com deuses e deusas, ninfas e elfos – projeções que podem, já que não podemos, desfrutar da beleza, da graça e do poder de que a Natureza é a imagem. É por isso que os poetas nos contam suas adoráveis mentiras. Eles falam como se o vento oeste pudesse de fato varrer por dentro as almas humanas; mas ele não pode. Os poetas nos dizem que "a beleza nascida do som que murmura" irá se juntar a um rosto humano; mas ela não irá.[10]

Acho que já li esse parágrafo de Lewis uma centena de vezes, e ele nunca deixa de me maravilhar. Há muita coisa nele. Note a passagem "unir-nos à beleza que vemos, incorporar-nos a ela, recebê-la em nós, para nos banharmos nela, para nos tornarmos parte dela". Eu me pergunto se Lewis está correto quando sugere que nossos contos de fadas tratam realmente do nosso sonho profundo, são projeções do que nossos corações anseiam. O anseio não diz respeito tanto à beleza, mas a ser preenchido, batizado. Mas preenchido com o quê?

Em *Mere Christianity*, Lewis observa a distinção bíblica entre *Bio* e *Zoo*.[11] Embora ambas as palavras se traduzam por "vida", na maior parte das Bíblias elas significam coisas diferentes. O ser humano, diz Lewis, em sua condição natural, desde o ventre da mãe, tem *Bio*, a vida biológica, mas não a vida espiritual, *Zoo*. A diferença entre as duas, segundo Lewis, é a mesma que há entre uma fotografia e um lugar real, uma estátua e uma pessoa de carne e osso.[12] Podemos dizer que é a diferença que existe entre um Mackenzie perdido, triste e revoltado e o Mackenzie acolhido e mergulhado no deleite de Papai, de Jesus e de Sarayu.

"Este mundo é o estúdio de um grande escultor. Nós somos as estátuas, e corre um boato no estúdio de que algumas de nós um dia ganharemos vida."[13] O preenchimento que ansiamos é o da verdadeira vida espiritual, não *Bio*, mas *Zoo*. Mas o que é essa vida espiritual? O que é *Zoo*?

O segundo aspecto do anseio em *The Weight of Glory* tem a ver com reunião. É o anseio "de se reunir com alguma coisa no Universo da qual agora nos sentimos desligados,[14] "para sermos reconhecidos, para encontrarmos alguma reposta".[15] Aqui Lewis passa do campo abstrato para o campo pessoal e do campo das relações – da necessidade de ser notado, ouvido e conhecido – para a criação do companheirismo.

Mas há ainda uma terceira dimensão. Pois não é apenas por um mero companheirismo que ansiamos, mas por um companheirismo especial. No ensaio, Lewis fala de glória em termos de

fama. Não a fama hollywoodiana, "não a fama", diz ele, "conferida por nossas irmãs criaturas", mas uma fama de natureza bem mais profunda: "a fama perante Deus, a aprovação ou (diria eu) o 'apreço' por parte de Deus".[16]

> (...) nada é tão óbvio numa criança – não uma criança vaidosa, mas uma boa criança – como seu grande e indisfarçável prazer de ser elogiada.[17]
>
> Agradar a Deus (...) ser um real ingrediente na divina felicidade (...) ser amado por Deus, não somente ter sua compaixão, mas sentir seu deleite, assim como um artista se deleita com sua obra ou um pai com seu filho – parece impossível, um peso ou um fardo de glória que nossos pensamentos mal conseguem suportar. Mas assim é.[18]

Lewis passa do anseio, como o desejo de ser preenchido (batizado), ao desejo de estar reunido, reconectado e ser conhecido (companheirismo) e, agora, ao desejo de emocionar o coração de Deus. Quando combinamos esses três tipos de anseio, nos aproximamos da alma do Universo e da possibilidade maior de identificar nosso próprio segredo inconsolável. Quando vemos Papai abraçando Mackenzie, nosso mundo interior tem a esperança de que isso poderia acontecer conosco. O que queremos é ver Papai sorrir para nós. Queremos ser um deleite para o coração do Pai, e ser tão preenchidos pelo seu prazer que todo o nosso ser dança na alegria do companheirismo. E com isso nos tornamos um fiozinho de cabelo da Santíssima Trindade, a grande dança do Deus Trino, e o sonho deslumbrante da Santíssima Trindade para a raça humana.

Lewis ficou chocado com isso. Disse que jamais lhe passara pela cabeça que aquilo pelo que ansiamos fosse Deus. "Nunca percebi qualquer indício de que tivesse havido ou pudesse haver alguma conexão entre Deus e a Alegria."[19] Aos poucos, ele foi se dando conta de que por trás do Universo havia algo vasto, profundo, antigo, maravilhoso e absolutamente vivo.

> E, a propósito, talvez a mais importante diferença entre o cristianismo e todas as demais religiões é que nele Deus não é algo estático – não é sequer uma pessoa –, mas sim uma atividade dinâmica, pulsante, uma vida, quase uma espécie de arte dramática. Se você não me considerar muito irreverente, quase uma espécie de dança.[20]

Por trás do anseio de Lewis e do nosso está "a primeira dança", a dança original, o companheirismo do Pai, do Filho e do Espírito. Esse companheirismo não é aborrecido, sem graça, triste ou vazio, e certamente não é religioso. É uma conjunção viva de paixão, deleite e amor, de criatividade, música e alegria, de glória, unidade e vida – *Zoo*.

O anseio secreto de cada um de nós, no fundo de nossas almas, é ser introduzido *nesse* círculo e ocupar um lugar nele, incorporá-lo, banhar-se nele e ser preenchido com *essa* vida. É ser notado, conhecido e acolhido, partilhar o deleite e o prazer autênticos que o Pai tem por seu amado Filho, partilhar sua alegria, juntos no Espírito, e viver em sua liberdade. Como diz Lewis: "Toda dança, teatro ou padrão nessa vida tripessoal é para ser representado em cada um de nós..."[21]

Eu entendo que tudo isso está gravado dentro de nós, envolto numa caixa com uma etiqueta onde se lê "alto risco". É demais para suportar. O que poderia ser mais penoso do que desenvolver a esperança em um sonho desses e depois perdê-lo? E quem de nós acredita realmente que possamos ser talvez "um real ingrediente da divina felicidade"? Por que Deus haveria de sorrir para nós? Por isso sepultamos o sonho e seguimos vivendo. Depois, ao deparar em *A cabana* com o grito caloroso de Papai, pleno de paixão, amor e deleite, o sonho é despertado.

É doloroso esperar que possa ser assim. E se já for verdade?

O que existe em um nome?

Ninguém imagina os horrores de que eu salvei o mundo.
É, as pessoas não veem o que nunca aconteceu.
– Papai

Só Deus sabe como um garoto do sul do Mississippi podia ser tão fanático pelos Minnesota Vikings, mas eu era.[1] Mamãe e papai me deram de presente uma viagem a Nova Orleans para assistir in loco à partida dos meus adorados Vikings contra os Saints.

As três horas de viagem me pareceram uma eternidade. Mas finalmente chegamos, papai estacionou o carro e nós pegamos um bonde para o velho estádio Tulane. Era uma tarde magnífica e o jogo foi tudo o que eu havia sonhado, inclusive a indiscutível vitória dos Vikings.

Após a partida, estávamos descendo a rampa de saída quando eu olhei pelo parapeito e vi três ônibus enfileirados. Reconheci nos caras fortões que embarcavam os jogadores dos Vikings. Sem pensar, saí correndo rampa abaixo e dei um jeito de chegar perto deles. Consegui apertar a mão de Carl Eller e fiquei a poucos centímetros de Alan Page e Wally Hilgenberg. E o treinador Bud Grant em pessoa estava a 1,50 metro de mim. Quando ele se inclinou para me dar um autógrafo, seu boné caiu, eu o peguei e o devolvi a ele. Não preciso dizer que me senti nas nuvens.

Em seguida, um após outro, os ônibus partiram. Eu me lembro de tê-los acompanhado com os olhos, vendo-os deixar o está-

dio, dobrar à esquerda e sumir de vista. Quando o último ônibus sumiu, o maior de todos os temores invadiu meu coraçãozinho. De repente, me dei conta de que não fazia ideia de onde estavam meus pais e, pior, de que eles não faziam ideia de onde eu estava. Olhei ao redor e não havia mais ninguém por perto, nem uma só pessoa. Até hoje é um mistério como uma multidão daquelas cercando os ônibus pôde sumir tão rapidamente. Não havia um único ser humano por ali. Eu não tinha noção do que fazer. Meu coração estava tão acelerado que não me deixava nem pensar.

Doze anos de idade, Nova Orleans, Estádio Tulane, e já escurecendo. Eu estava longe de ser um garoto esperto, mas bem no fundo da minha alma sabia que me metera numa encrenca. Em determinado momento me ocorreu procurar um guarda, mas não havia nenhum por ali. Como não conseguia encontrar ninguém, dei a volta no estádio inteiro no mínimo umas três vezes.

Àquela altura eu chorava desesperadamente. Havia muitas casas nas imediações, mas eu não pensei em buscar ajuda nelas. Só queria achar o caminho de volta até o carro. Pensei no bonde que tínhamos pegado para o estádio, mas qual seria? Norte e sul não faziam sentido para mim nas ruas de Nova Orleans e eu não tinha a menor ideia de qual direção tomar. Nem sequer me lembrava dos nomes das ruas. Mas, como tinha algum dinheiro no bolso, entrei num bonde e contei ao condutor que estava perdido. Ele me disse para ficar lá atrás do vagão, manter os olhos bem abertos e, se visse alguma coisa, dar sinal para ele parar.

Enquanto o bonde seguia caminho, eu ia pulando de um lado para o outro com o rosto colado à janela fria, na mera esperança de ver algo reconhecível – uma árvore, um prédio, uma rua, um carro parado, quem sabe até meus pais. Mas nada disso aconteceu. Rodei naquele bonde até ele retornar ao estádio. "Filho", disse o condutor, "já completamos o circuito. O que você quer fazer?" Sem ter a menor ideia, saltei e dei outra volta no estádio até o local onde estavam os ônibus. Sozinho e morto de medo, sentei em cima de um monte de folhas sob um carvalho. Lembro-me de

ter me distraído brincando com uma varinha e de chorar, mas já não tinha mais lágrimas. Meu estado era deplorável.

Mas as coisas pioraram. Enquanto estava ali sentado, com meus 12 anos de vida passando rapidamente diante dos meus olhos, as luzes do estádio subitamente se apagaram. Nunca experimentei uma escuridão como aquela. Passados cerca de 40 anos, eu ainda sou capaz de ver as sombras assustadoras daquele lugar, de sentir o cheiro do concreto e de ouvir as folhas balançando ao vento gelado. Não sei quanto tempo fiquei ali sentado, mas me pareceram horas, certamente mais longas do que a inesquecível viagem até o estádio. Estava muito escuro. E eu estava muito só e sentindo muito frio.

Então, de repente, as luzes tornaram a se acender e, antes que eu pudesse entender o que estava acontecendo, me vi correndo em volta do estádio. Alguém havia acendido as luzes e eu estava determinado a encontrar esse alguém. E foi o que aconteceu. Por sobre o ruído dos meus passos e as batidas do meu medo, escutei o som mais abençoado de toda Nova Orleans. Era o som mais abençoado que eu já ouvira em toda a minha vida. Uma só palavra, "*Baxter*", gritada por meu pai.

Ninguém precisou me dizer o que fazer. Ninguém precisou me dizer o que aquela palavra significava. Ninguém precisou me dizer como aplicá-la à minha vida. Meu nome, gritado por meu pai, dizia tudo. O medo insuportável, a busca incessante, a ansiedade, tudo dobrou à esquerda, como os ônibus, e sumiu de vista. E em seu lugar brotou a mais simples e a mais maravilhosa de todas as coisas: segurança, proteção e paz.

Eu não tinha como saber disso naquela época, mas estava recebendo uma lição extraordinária sobre como viver a vida. Ainda se passariam muitos anos até eu poder começar a compreender o significado do que me acontecera. A história é uma parábola viva com dois simples aspectos a considerar.

Primeiro: não se trata apenas de um garoto perdido em Nova Orleans, procurando desesperadamente a família. A história é so-

bre *nós*, sobre a raça humana. *Nós* é que estamos naquele bonde, um bonde chamado "morto de medo". Mas quem é capaz de admitir isso? Não sabemos quem somos ou por que estamos aqui, nem o que vai acontecer em seguida. É um mundo que mete medo. E estamos presos no bonde, andando em círculos. Ouvimos a toda hora: "Filho, já completamos o circuito. O que você quer fazer?" Alguns desistem e procuram se entreter, outros dormem, outros se ocupam com outras coisas, ou fingem que está tudo bem, ou que têm tudo sob controle. Mas, ao ouvirmos um som estranho, todos nos traímos e olhamos pela janela na esperança de ver algo capaz de nos dar uma pista de casa, de esperança, de paz.

Segundo: meu trauma em Nova Orleans é uma representação da verdade de que a *vida* consiste apenas em ouvir Papai gritar nosso nome. Simplesmente isso. Quando ouvimos o *Abba* de Jesus gritar nosso nome, nosso mundo interior é batizado com uma proteção sobrenatural. No Novo Testamento essa proteção sobrenatural é chamada de *parresia*, ou seja, segurança, liberdade, firmeza, proteção. Somos feitos para viver nossas vidas com ou sem essa proteção. É assim que somos "conectados". Fomos concebidos, por assim dizer, para ouvir o Papai de Jesus. E quando o fazemos, a paz acontece, a proteção se estabelece em nossa alma, uma alegria inusitada preenche todos os espaços de nossas vidas desoladas. Vemos com novos olhos e percebemos a glória em toda parte.

Tenho ouvido uma infinidade de sermões sobre "a vontade de Deus". Para mim, a vontade do Pai, do Filho e do Espírito é que saibamos o que Jesus sabe, que vejamos o que Jesus vê e experimentemos o que Jesus experimenta quando olha para o rosto de seu Pai. Que pensemos no que Jesus sente quando olha nos olhos de seu Pai e ouve: "Vós sois meu filho amado, no qual minha alma se deleita." Ouso dizer que não se trata de tristeza ou medo, nem de ansiedade, horror ou desespero. Para mim a alma de Jesus é batizada com uma proteção sobrenatural, com uma liberdade, uma segurança e uma esperança que nascem no coração

do Pai. Jesus pode viver na alegria desse batismo, na liberdade do Espírito. O sonho da Santíssima Trindade é que nós também possamos conseguir ser mães e pais, amigos e vizinhos, atletas, poetas, jardineiros, coveiros, professores e tudo o mais na proteção da voz do Papai. *Céu. Zoo.*

Eu adoro a cena de *A cabana* em que Papai diz a Mackenzie: "Basta seguir minha voz." Só isso. Mas, Ó Senhor, *são tantas as vozes.* O Papai de Jesus nos ama eternamente e grita nosso nome com o rosto sorridente. Mas nossos ouvidos estão tapados. Há feridas de infância, o desapontamento na voz de nossos pais, os sermões sobre um deus zangado e justiceiro, o sussurro constante repetindo para nós "Eu não valho nada, não sou importante, não sou merecedor de amor, não sou suficientemente bom, não sou uma pessoa legal". Existem divórcios e crises financeiras, violências e traições de amigos, perdas insuportáveis, tudo conspirando para abafar e diminuir a voz do Pai de Jesus.

Eu gostaria que você lesse isso diante de um espelho. Gostaria que você olhasse bem para o seu rosto, se olhasse bem nos olhos e, ao fazê-lo, pronunciasse as seguintes palavras em voz alta: "Eu sou bom." E novamente: "Eu sou bom." E uma terceira vez: "Eu sou bom." Por que é tão difícil dizer "Eu sou bom"? Será porque a conclusão a que chegamos a nosso respeito é baseada em experiências reais de vida? Será por causa do que nos foi ensinado na Igreja? Talvez a nossa definição de "bondade" claramente nos exclua. Ou quem sabe somos um juiz severo que exclui a bondade de sua sentença.

A verdade é que Jesus atravessou todos os mundos para vir ao nosso encontro. Ele se transformou no que somos, entrou em nosso mundo de confusão, embarcou em nosso bonde. Abriu caminho em meio à nossa escuridão, em meio aos pontos mais tenebrosos do interior de nossa alma. E ali se instalou para sempre – trazendo com ele o Papai e o Espírito Santo. Não conseguimos dizer "Eu sou bom" porque desconhecemos quem somos e a glória que habita em nós. Pois dentro de todos nós, por causa

de Jesus, habita nada menos do que a vida trina do próprio Deus, com toda a sua bondade e beleza, sua retidão e sua santidade, sua alegria indescritível, todo o seu amor e seu riso. "Eu sou bom" porque Jesus, seu Pai e o Espírito Santo me encontraram e vivem em mim.

O que acontecerá quando a grande dança trina da vida, do amor e da liberdade, quando essa beleza, essa bondade, essa retidão do Pai, do Filho e do Espírito – que já estão dentro de nós – ficarem livres para, por assim dizer, frutificar à vontade em nossa vida e em nossos relacionamentos, em nosso trabalho e nosso lazer?

O que está impedindo que isso aconteça? O que está no caminho? O que dificulta que a equação da vida trina seja repartida conosco em todos os momentos? O que nos impede de acreditar no grito de Papai? É simples, mas não é fácil. Tal como Mackenzie, não somos neutros. Trazemos muito lixo para a conversa na cozinha.

Os dois deuses

Muitas almas boas um dia se horrorizarão com as coisas
nas quais hoje acreditam a respeito de Deus.
– George MacDonald

E se, em vez de Papai, fosse o pai verdadeiro de Mackenzie que escancarasse a porta e corresse em sua direção, bêbado de novo, com um porrete na mão e os olhos injetados de raiva, pronto para uma nova sessão de pancadas? O pai de Huckleberry Finn também era um bêbado, perigoso feito uma cobra. Quando Huck escutava o pai chamando por ele, saía em desabalada carreira. De uma coisa Mack e Huck sabiam: seus pais não estavam do seu lado. Não havia batismo de proteção sobrenatural. O deles era um batismo de medo total.

Certa vez eu perguntei a Paul qual era sua passagem preferida do livro. Ele respondeu imediatamente: "Essa é fácil: 'A liberdade é um processo de crescimento.'" Queremos soluções rápidas, mas não é assim que as coisas funcionam. A liberdade de viver sendo amado não acontece da noite para o dia. Escutar Papai leva tempo. Estamos todos tão machucados e cegos que nossa escuta fica muito comprometida. A vida, a história, as guerras e batalhas, os pais violentos, os sistemas diabólicos e o nosso mundo invisível de convicções e preconceitos, tudo trabalha contra nós, dizendo que Deus é igual aos pais biológicos de Mack e de Huck. É possível que ele não esteja do nosso lado,

e se Deus não é *por* nós, com certeza não vamos querer ouvi-lo gritar nosso nome.

Seria necessário um fim de semana inteiro de amor, aceitação e muita conversa para que Mack pudesse começar a escutar a verdade. E, para o próprio Paul, o fim de semana de Mack na cabana representa mais de uma década de sua vida. A jornada de Lewis foi muito parecida. Ele diz que sua imaginação foi batizada quando estava lendo um livro de George MacDonald, mas que levou anos até que o batismo alcançasse o restante dele.[1] Em nós, há algo muito profundo que diz que não pode ser assim, que Deus não é *por* nós. Até Missy, que assim como sua mãe chamava Deus de Papai, achava que Deus era "mau" e se perguntava se teria que morrer. Talvez essa conversa toda sobre o amor de Papai não passe de romantismo.

Quanto mais sabemos que Deus é bom, menos importância damos aos problemas da vida. Não seriam *problemas* de fato, mas a vida, simplesmente: do jeito que é. Mas sabemos que não precisa ser assim. É por isso que a tragédia é tão *trágica* para nós e dói tão brutalmente. Nós sabemos que a vida deveria ser boa.[2] Ouvimos a música. Desfrutamos de algo belo e, de alguma forma, sabemos que pertencemos a ele. É o nosso próprio desespero, a nossas próprias frustração e dor que nos dizem que fomos feitos para a paz. Pois como alguém pode sentir saudade de casa se não tem casa? Como alguém pode se desesperar se não sabe que está destinado a uma vida plena?

É tudo muito misturado. Estamos em duas mentes. Até Papai deixou Mackenzie "nervoso" e sua oferta de ser o Papai que ele nunca teve "era ao mesmo tempo convidativa e repulsiva". Tudo isso se traduz numa pergunta de suma importância: Deus realmente é *por* nós? Vejamos essa descrição do Pai de Jesus:

> O arco da ira de Deus está esticado, e a flecha já se acha preparada sobre a corda, e a justiça aponta a flecha para o seu coração, retesa o arco, e é tão somente o mero prazer de Deus, de

um Deus zangado, sem qualquer promessa e nenhum compromisso, que, por um instante, impede que a flecha se embriague com seu sangue.[3]

Essa imagem do Pai de Jesus está no famoso sermão de Jonathan Edwards, "Sinners in the Hands of an Angry God". Felizmente, ela não é totalmente representativa da visão de Edwards, mas infelizmente é o sermão mais famoso de toda a história dos Estados Unidos.[4] Ele faz sentido para nossas mentes feridas e devastadas. Não é preciso dizer que contrasta dramaticamente com o Papai de Young e seu amor incondicional. O Deus de Edwards é cheio de ira, tomado por um espírito de justiça. Nós pecamos. Merecemos sofrer. Deus é zangado. Não se pode esperar que esse Deus diga "Eu estava ansiosa para vê-lo cara a cara. É tão maravilhoso tê-lo aqui conosco! Minha nossa, como eu amo você!".

Por mais terrível que possa ser, a raiva do Deus de Edwards talvez não seja tão ruim quanto sua arbitrariedade. Ele é distante. Não tem compromisso com a própria Criação. O amor não faz parte essencial de seu ser, é apenas uma opção. Ele não é *por* nós. E é sua divina *ambiguidade* em relação a nós que nos impede de escutar. Por que ele não permite que as flechas voem? Quem de nós ia querer ouvir esse Deus chamar nosso nome? Quem realmente gostaria de ir para o céu desse Deus?

Mas não existe qualquer ambiguidade no Papai de Young. Não há sombra de indiferença ou de neutralidade. Não existe "talvez", nem "quem sabe?", nem "pode ser". O Papai de Young é *por* nós, sempre foi e sempre será. Não há qualquer vacilo. O amor é a verdade essencial de todo o seu ser. "Eu *sou* o amor. (...) O Deus que é, o 'eu sou quem eu sou', não pode agir fora do amor!"

A maioria de nós, como Mackenzie, embora querendo acreditar, tem muitas sombras e uma infinidade de questões. E a ira? E a santidade, o julgamento, a fé e o arrependimento, o céu e o inferno? Não é possível que Deus nos ame sem qualquer condição. Não é preciso fazer alguma coisa para merecer esse amor?

> Mack soube que, por mais difícil de entender que fosse, o que estava escutando era algo espantoso e incrível. Como se as palavras dela estivessem se enrolando nele, envolvendo-o e falando com ele de maneiras que iam além do que ele poderia ouvir. Não que acreditasse de fato em nada daquilo. Se ao menos fosse verdade! Sua experiência lhe dizia o contrário.

Quando eu leio *A cabana*, especialmente os diálogos sobre bondade e amor, não paro de pensar em Santo Atanásio, um dos primeiros heróis da Igreja. Vejam o que ele diz sobre o Pai de Jesus:

> (...) o Deus de todos é bom e sumamente nobre por natureza. Por isso ele é aquele que ama a humanidade.[5]
> E quando, então, as criaturas que Ele criou (...) estavam de fato perecendo, e as nobres ações estavam à beira da ruína, Deus estava sendo bom? Deveria Ele permitir que a corrupção e a morte os alcançassem? Nesse caso, para que os teria criado? (...) É impossível, portanto, que Deus pudesse deixar o homem ser dominado pela corrupção, porque isso seria indigno e desmereceria Ele próprio.[6]

Eu li Atanásio pela primeira vez no último ano da faculdade, atraído por uma nota de pé de página em *God in the Dock*, de C. S. Lewis. É verdade, nós líamos em Mississippi, tínhamos até bibliotecas e alguns escritores. Mas tenho que admitir que notei que ninguém jamais pegara emprestado o livro de Atanásio. Como membro do Cinturão Bíblico protestante, fiquei chocado quando li as duas passagens citadas acima e muitas outras parecidas com elas. "Esse tal de Atanásio", pensei, "escreve como se o Pai nos amasse apaixonadamente, como se ele fosse *por* nós, não contra nós." O Deus de Atanásio é todo coração e tem como único propósito nos abençoar, independentemente de nossos sonhos mais alucinados. É como se nós fôssemos a razão de toda a criação – a menina dos olhos dele. Ele tem sonhos formidáveis

para nós e não quer que eles se percam. *Esse* Pai não precisa ser convencido por Jesus a nos amar, ou a nos perdoar. Não é distante, frio, indiferente. Ele se deixa comover por sua criação e ama todos nós. Para Atanásio, Jesus é a prova disso.

Tratava-se de um mundo diferente e de um Deus diferente daqueles do calvinismo da minha juventude. O amor irrestrito do Deus de Atanásio conquistou minha imaginação. Longe de ser um juiz severo que tudo vê com seu coração desaprovador, ou o ser onipotente sem rosto e sem nome, o Pai de Jesus é bom, e "por isso é aquele que ama a humanidade". O que então esse Pai deve fazer quando Mackenzie Allen Philips, quando você e eu, quando sua Criação depara com uma perplexidade tão infame e se vê à beira da ruína? Erguer as mãos e gritar para Jesus "Eu sabia que era isso que ia acontecer! Eu nunca deveria ter permitido que você me envolvesse nessa idiotice de criar seres humanos! Você pode ir lá e dar um jeito nisso, se quiser, mas saiba que eu não dou a mínima, quero mais que eles chafurdem e morram na sujeira miserável que eles mesmos fizeram. Eles me ofenderam, me decepcionaram. Vou já pegar minhas flechas"?

Para Atanásio, jamais ocorreu ao Pai recuar de seus sonhos pródigos para a raça humana. Ele não é volúvel. Ele não reluta em nos propiciar a vida para logo em seguida arranjar um pretexto e nos abandonar alegremente. Ele é bom, portanto nos ama para sempre. Por mais inconcebível que nos possa parecer, antes da criação do mundo, o Pai, o Filho e o Espírito firmaram seu amor por nós e sonharam com o dia em que poderíamos ser incluídos nada mais nada menos que na verdadeira vida e na bondade, no companheirismo e na alegria, no deleite incondicional que eles compartilham por toda a eternidade. Como Papai disse a Mackenzie: "Nós criamos vocês para compartilhar isso."

> Seria indigno da bondade de Deus que as criaturas feitas por Ele resultassem em nada devido ao pecado que o diabo forjou para o ser humano. E seria sumamente desmerecedor que a

> obra de Deus na humanidade pudesse desaparecer, ainda que por sua própria negligência ou por meio do engano dos espíritos maus. E quando, então, as criaturas que Ele criou (...) estavam de fato perecendo, e as tais nobres ações estavam à beira da ruína, aí então Deus estava sendo bom?[7]

Quando Adão pecou, quando introduziu a independência e, com ela, o caos, o perecimento, a miséria e a morte na equação dos sonhos de Deus para nós, a reação do Pai, do Filho e do Espírito foi tão simples quanto apaixonada. "Não! Não! Não! Não perante nós! Não criamos vocês para perecer, para morrer, para viver em tamanho sofrimento, cegueira e desolação. Nós os criamos para partilhar nossa vida, para saborear, sentir, experimentar o que temos conhecido durante toda a eternidade."

> (...) Adão optou por ficar sozinho, como sabíamos que iria acontecer, e tudo se estragou. Mas, em vez de varrer toda a Criação, arregaçamos as mangas e entramos no meio da bagunça. Foi o que fizemos em Jesus.

O coração destemido do Papai de *A cabana* reflete o amor apaixonado do Deus de Atanásio, e os dois, em vívido contraste com o Deus de Edwards, nos ajudam a perceber a imensa confusão – ou pelo menos a dualidade – que há dentro de nossos corações. Como uma caixa de ferramentas revirada, os dois deuses deixaram nossas crenças fora do lugar. Como podemos ouvir o Papai de Jesus chamar nosso nome, e acreditar nele, se há dois deuses muito diferentes perturbando nossas cabeças? Receio que a questão seja ainda mais complicada, pois a noção que temos de Deus é que nos leva a compreender por que Ele nos criou, quem somos nós, como vemos o que ocorreu com Adão e depois com Jesus, e a real natureza da vida, apenas para citar alguns aspectos.

E aqui entra outra questão. Como desenvolvemos nossas ideias a respeito de Deus? Quem as transmitiu a nós? Terão sido

nossos pais, nossa Igreja, algum líder religioso, a Bíblia, nossas feridas, ou será que nossas ideias a respeito de Deus são o resultado da mistura disso tudo? Ou será nosso Deus a nossa própria imagem ampliada e projetada no céu? Foi o que Papai disse a Mack:

> O problema é que muitas pessoas tentam entender um pouco o que eu sou pensando no melhor que elas podem ser, projetando isso ao enésimo grau, multiplicando por toda a bondade que são capazes de perceber – e que frequentemente não é muita –, e depois chamam o *resultado* de Deus. E, embora possa parecer um esforço nobre, a verdade é que fica lamentavelmente distante do que eu realmente sou. Sou muito mais do que isso, sou acima e além de tudo o que você possa perguntar ou pensar.

Para Mackenzie, ouvir Papai era muito mais do que a eliminação de suas ideias estranhas. Pois, como disse Papai numa afirmação simples, mas tensa: "Não sou quem você pensa, Mackenzie."

PARTE II

A Santíssima Trindade

A história maior

A essência do Novo Testamento é a relação entre o Pai
e o Filho no Espírito Santo.
– James B. Torrance

O encontro de Mackenzie com Papai, Sarayu e Jesus é um fim de semana cuja história é muito, muito maior. Como já vimos, o fim de semana representa 11 anos na vida de Paul. Mas tanto a vida de Paul quanto o fim de semana de Mackenzie cabem dentro da narrativa maior dos propósitos do Deus Trino para a raça humana. O belo retrato da relação entre Jesus, Sarayu e Papai, a ausência total de hierarquia, a incrível liberdade para abraçar Mackenzie em sua raiva, dor e descrença, as cicatrizes chocantes dos cravos nos pulsos de Papai e a declaração impactante de Jesus de que não veio ao mundo para ser um exemplo a ser seguido por nós, mas para partilhar conosco nada menos que sua própria vida – para citar apenas alguns aspectos – tudo aponta para essa história maior. Precisamos de tempo para pensar a respeito disso. Senão, corremos o risco de não aproveitar a oportunidade de cura que a história contada em *A cabana* nos oferece. Isso é importante e muito relevante para nossas próprias vidas, mágoas e liberdade.

A visão mais ampla de Paul, na minha opinião, tem raízes na "fé evangélica da antiga Igreja Católica"[1] para citar uma frase de T. F. Torrance. Essa é a verdadeira questão, que envolve você e eu

e todos os seres humanos do planeta numa relação impressionante com o Pai de Jesus – o Papai que sempre desejamos. Essa visão é trina, tem a ver com a encarnação e com o relacionamento, é absolutamente bíblica, centrada em Cristo, e cósmica. É a verdade sendo revelada em cada entrelinha do livro. Quero explorar a concepção trina como uma forma de abrir nossos olhos para o contexto maior do livro. Em seguida, à luz do que iremos descobrir, contruiremos um esquema para entender melhor os vários tópicos e questões suscitados em *A cabana*. Mas primeiro tentarei explicar de alguma forma o que é a visão trina.

Resumo

Durante toda a eternidade, Deus não está só, Ele vive como Pai, Filho e Espírito num companheirismo rico, glorioso e abundante de perfeita unidade. Não há vazio nesse círculo, não há depressão, medo ou insegurança. A vida trina é uma grande dança de comunicação interligada e de intimidade, alimentada por um amor apaixonado, generoso, centrado no outro, de mútuo deleite, uma vida boa, correta, única, plena de música, alegria, bênçãos e paz. Esse amor que dá origem à intimidade, ao companheirismo e à unidade é o ventre – o cerne, o âmago fundamental – do Universo e da humanidade dentro dele.

A magnífica verdade é que esse Deus Trino, num gesto de amor extraordinário e pródigo, decidiu abrir o círculo e repartir a vida trina com outros. Como disse Papai a Mack, "queremos compartilhar com você o amor, a alegria, a liberdade e a luz que já conhecemos em nós". Essa é a única, eterna e duradoura razão para a criação do mundo e da vida humana. Só essa. Antes da criação do mundo, Pai, Filho e Espírito derramaram seu amor sobre nós e planejaram nos levar a repartir, conhecer e experimentar a vida trina. Nesse ponto, o cosmo ganhou vida, a raça humana foi modelada e Adão e Eva tiveram um lugar na vinda de Jesus Cristo, o próprio Filho do Pai, em quem e através do qual o sonho da nossa adoção seria realizado.

Antes da Criação, ficou decidido que o Filho atravessaria todos os abismos entre o Deus Trino e a humanidade para estabe-

lecer uma relação verdadeira e duradoura conosco – plena união. Jesus estava predestinado a ser o mediador, aquele em quem e por meio do qual a verdadeira vida do Deus Trino entraria na existência humana para levá-la a partilhar a vida trina.

Quando Adão e Eva se rebelaram, mergulhando no caos e na miséria a Criação divina, Pai, Filho e Espírito jamais abandonaram seu sonho, mas maravilhosamente incorporaram as trevas e o pecado na trama da encarnação do Filho. Quando ele se tornou humano, quando aceitou suportar nossa raiva e nossa estranha cegueira e quando se permitiu sofrer uma morte criminosa em nossas mãos, o Filho do Pai promoveu uma relação autêntica e duradoura com a humanidade decaída em seu pior aspecto – e trouxe com ele o Pai e o Espírito Santo. Foi no próprio Jesus, e em sua morte executada por nossas mãos cruéis, que a vida trina de Deus se instalou em nosso inferno na terra, unindo assim tudo o que o Pai, o Filho e o Espírito dividiram com tudo o que somos em nossa desolação, vergonha e pecado – assim fomos adotados.

Na vida e na morte de Jesus, o Espírito Santo abriu caminho para o sofrimento e a cegueira humanos. No nosso mundo interior destroçado o Espírito trabalha para revelar Jesus *em* nós, de forma que sejamos capazes de encontrar o próprio Jesus em nosso pecado e em nossa vergonha, e assim possamos ver o que Jesus vê e, com ele, conhecer seu Pai. O Espírito Santo nos revela Jesus para podermos conhecer e experimentar a relação de Jesus com seu Pai e nos tornar livres para viver no abraço do Pai em Jesus. Quando o Espírito trabalha em nós, somos chamados a tomar o partido de Jesus no combate à nossa escuridão e ao nosso preconceito, e a dar os passos "de crescimento" rumo à confiança e à mudança. Quando fazemos isso, a unção de Jesus com o Espírito – sua união com o Pai, sua proteção sobrenatural, sua liberdade, sua alegria e seu poder no Espírito – começa a se formar em nós, não diminuindo, mas aumentando e liberando nossa singularidade de indivíduos. A paixão do Espírito é levar

sua unção com Jesus a assumir uma expressão plena, individual e duradoura em nós como pessoas únicas, em nossa relação com o Pai, nas relações com nossos semelhantes e até mesmo com toda a Criação, até que o cosmo inteiro seja um sacramento vivo da grande dança do Deus Trino.

Creio que essa concepção trina constitua a essência das crenças de Young e esteja presente em cada página de *A cabana*. Embora fossem necessários talvez uns 20 volumes para apresentar os detalhes e as nuanças dessas ideias, é importante empregarmos algum tempo para explorar aqui, mais atentamente, seus principais conceitos.

Na maioria das grandes histórias, há uma espécie de desvio na narrativa que vai se formando sem que ninguém perceba. Acontece algo que pega de surpresa tanto os personagens quanto os leitores. E quando isso ocorre, a compreensão geral da história muda. Em *A cabana*, o principal desvio é Papai. Na narrativa bíblica, o ponto da virada é a encarnação do Filho de Deus. Nenhum dos personagens de toda a história de Israel foi capaz de prever que Deus viria em pessoa. Embora essa presença não fosse nem de longe contraditória com o amor do Senhor de Israel, sua ocorrência não era sequer suposta. Afinal, tinham decorrido 400 anos de silêncio profético. Quem teria ao menos sonhado que o Senhor em pessoa apareceria de surpresa? Porém, segundo João Batista, Mateus, Marcos, Lucas e João, e até o incrédulo Tomé e o apóstolo Paulo, foi exatamente o que aconteceu.

Jesus Cristo entrou na história de Israel não meramente como um grande profeta, ou um pastor revolucionário, nem mesmo como o melhor dos reis de Israel. Ele entrou na história de Israel como aquele que o povo chamava de "O Senhor". O que surpreende no Novo Testamento é o Senhor de Israel ter se tornado humano. O Criador, Aquele através do qual, pelo qual e para quem todas as

coisas foram criadas, entrou em sua própria criação e se transformou em um de nós – Emanuel, Deus [está] conosco.

Em si mesma, a identificação de Jesus com o Criador dos céus e da terra não conflita com o compromisso de Israel com o monoteísmo. Foi certamente um choque, talvez algo inacreditável, porém significava apenas que o Senhor tinha vindo em pessoa. *Mas Jesus não estava só.* Essa é a grande questão – ou talvez eu devesse dizer *a revelação* –, pois Jesus se identificou como "o Filho de Deus" e viveu relacionando-se com aquele a quem chamava de "meu Pai". E no meio dessa relação extraordinária movia-se o chamado "Espírito Santo".

O Novo Testamento reescreve toda a história de Israel. Está repleto de ideias revolucionárias que exigem uma revisão profunda de tudo o que se pensava saber a respeito de Deus, da Criação, da vida e da história humanas. Ele não pode ser lido como uma coleção de textos escritos por homens idosos. Há muita paixão e adrenalina. Jesus sacudiu o mundo. Sua presença foi grande demais, espantosa demais, maravilhosa demais para ser compreendida, mas precisava ser contada. Sua vida envolveu o cosmo inteiro e cada ser humano nele. E o mais importante de tudo: sua presença envolveu Deus.

Para os discípulos, Jesus não é um mero profeta apregoando a última mensagem divina – *Jesus é uma revolução.* Vejamos o primeiro versículo do evangelho segundo João: "No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus, e era Deus." Essas afirmações contêm ideias sobre Deus até então desconhecidas e inconcebíveis, destinadas a mudar o mundo. Como bom judeu, João certamente conhece o primeiro versículo da Bíblia judaica: "No princípio Deus criou os céus e a terra."[1] Mas João conheceu Jesus e conheceu "a sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade".[2] Embora com certeza concorde que Deus criou todas as coisas, João não pode se limitar a isso, já que presenciara algo que mudou tudo. Observe o paralelo e a diferença entre Gênesis 1:1 e João 1:1.

No princípio Deus criou os céus e a terra.
No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus,
e era Deus.

Tendo encontrado Jesus e conhecido sua glória, João dá um passo surpreendente no sentido de instalar Jesus junto a Deus no princípio de tudo. Com isso ele está complementando a noção de Deus com a ideia de uma relação ímpar. O Deus que criou não é solitário, mas um Deus de relação.

Muito embora o mundo antigo se ache repleto de deuses e deusas, João não está simplesmente acrescentando mais um à lista. A Palavra ou o Filho que estava no princípio "*estava com Deus*". A preposição "com" aqui traduz a ideia hebraica de face a face. É uma ideia de relação pessoal, de convivência. Ao final de sua introdução, João acrescenta outra imagem para solidificar sua posição. "Ninguém jamais viu a Deus, mas o Deus Unigênito, que está *junto do Pai*, o tornou conhecido."[3] Essa imagem sugere uma familiaridade intensa, uma relação profunda e pessoal de mútua afeição, deleite e amor. João está dizendo que esse belo companheirismo existe no próprio ser divino, e desse modo marca a história da criação. Primeiro, Deus veio em pessoa. Segundo, esse Deus é o Filho de seu Pai. Em Jesus, o caleidoscópio do pensamento humano se move e tudo parece novo – *inclusive* Deus. A encarnação do eterno Filho do Pai e Aquele ungido pelo Espírito Santo é um lampejo de luz eterna a iluminar todo o conhecimento humano sobre Deus.[4]

Jesus e seu Pai

Eu lhes digo verdadeiramente que o Filho não pode fazer nada de si mesmo; só pode fazer o que vê o Pai fazer (...) Pois o Pai ama o Filho e lhe mostra tudo o que faz.
– Jesus

Desde o princípio, a Bíblia proclama Deus como o Criador dos céus e da terra. E em nenhum momento dá a impressão de que o Senhor está apenas superficialmente interessado em sua criação. Deus não é uma divindade abstrata, um criador que faz o Universo, o coloca em movimento e depois recua para deixá-lo por conta própria ou para que siga o próprio caminho. Deus também não é um legislador que aparece apenas por tempo suficiente para entregar uma série de leis sagradas, acenando com a promessa de uma prestação de contas futura, final. O Deus da Bíblia é comprometido. É o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, o Deus da aliança, o Senhor que se curva para chamar Abraão para si e se liga estreitamente na relação com Abraão e Israel.

Mas, mesmo considerando o compromisso pessoal do Senhor e o cuidado e a relação maravilhosos que tem com seu povo, existe sempre uma profunda distância entre o Senhor e Israel. Até mesmo Moisés, o perfeito servo do Senhor, só teve permissão para ver Deus "por trás".[1] E o Sumo Sacerdote que o Senhor escolheu para ministro só teve permissão para ingressar no Santo dos Santos, a casa do Senhor, uma vez por ano, e

ainda assim depois de se submeter a um complexo sistema de purificação.[2]

É nesse contexto de compromisso e relação pessoal – apesar de serem grandes a reserva e a distância entre Deus e Israel – que Jesus Cristo surge na história de Israel. E, ao surgir, manifesta uma surpreendente familiaridade com Deus. Para começar, Jesus se refere a Deus com imensa segurança. "Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna. Pois Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para condenar o mundo, mas para que este fosse salvo por meio dele."[3] Jesus fala como quem conhece Deus profundamente, e "como quem tem autoridade".[4] "Ninguém jamais falou da maneira como esse homem fala".[5]

Embora tradicionalmente *amém* "seja empregado para endossar ou apoiar as palavras de outra pessoa", em Jesus *amém* foi "empregado *sem exceção* para introduzir e endossar suas próprias palavras".[6] "Digo-lhe a verdade: Ninguém pode ver o Reino de Deus, se não nascer de novo."[7] Jesus se apresenta com uma autoridade inquestionável, não só assumindo a posição impensável de igualdade para com as próprias Escrituras, mas também "a coragem revolucionária e sem paralelo de se colocar em oposição à Torá".[8] Mas sua autoridade não vem da certeza abstrata do que é a vontade de Deus. Ele tem a autoridade e a confiança que vêm do conhecimento íntimo, da familiaridade pessoal e profunda com o próprio coração de Deus. Esse é o sinal que o diferencia fundamentalmente dos profetas.

Em todo o Velho Testamento, só em 15 ocasiões[9] Deus é chamado de "Pai", e assim mesmo em termos gerais – Deus é o Pai de Israel.[10] A paternidade de Deus certamente se faz presente no Velho Testamento, mas não como o eixo central do pensamento de Israel sobre Ele. Já no Novo Testamento encontramos uma situação em que Israel se refere a Deus como Pai mais de uma centena de vezes, apenas no evangelho de João (179 vezes ao todo nos quatro evangelhos). É como se toda afirmação começasse

com "o Pai isso" ou "o Pai aquilo"... Por exemplo, em João 5:21-22 Jesus diz: "Pois, da mesma forma que o Pai ressuscita os mortos e lhes dá vida, o Filho também dá vida a quem ele quer. Além disso, o Pai a ninguém julga, mas confiou todo julgamento ao Filho."

A expressão "o Pai" é praticamente um refrão no famoso sermão da Montanha. E, como vimos, o próprio Pai é o tema da mais famosa parábola de Jesus.[11] E mais: enquanto em todo o Velho Testamento, incluindo-se os Salmos, não há uma única referência a uma pessoa que orando se dirija a Deus como Pai, Jesus dirige-se a Deus como Pai em todas as suas orações, com exceção do grito na cruz,[12] que é uma citação do Salmo 22:1. Em Jesus, a concepção de Deus como Pai revela a presença daquele que tem uma profunda intimidade com Deus – uma relação única com Ele.

A intimidade e a singularidade da relação de Jesus com Deus ficam ainda mais aparentes pelo fato de que o termo aramaico *Abba* está por trás do uso que Jesus faz da palavra grega *Pater* (Pai).[13] *Abba* é a palavra usada pelas crianças para se referirem ao pai. É uma palavra que de forma alguma indica distância, reverência, adulação servil ou formalidade. *Abba* é a linguagem de total naturalidade e absoluta aproximação. É certamente respeitosa, mas seu principal traço é de intimidade e afeto.

Abba sugere uma imagem de proximidade e calor, despida de qualquer cerimônia. Seu emprego revela uma familiaridade e uma sensação de estar à vontade *com Deus*.

Jesus não se refere a Deus somente como Pai, mas também como *Abba*, Papai. Segundo Jeremias, esse atrevimento na linguagem "era algo novo e desconhecido",[14] talvez até revolucionário. Jesus utiliza a expressão "meu Pai" mais de 60 vezes nos evangelhos (cerca de 40 só em João), o que não tem paralelo na Bíblia hebraica. E, segundo Jeremias, não tem paralelo em toda a literatura do Judaísmo.[15] Nenhum judeu bíblico teria nem sequer ousado imaginar semelhante relação com Deus. Seria uma promiscuidade excessivamente blasfema, e esta era, afinal, a acusação feita a Jesus.[16]

O fato evidente e espantoso é que essa linguagem era natural para Jesus. Aos 12 anos, por exemplo, ele indaga dos pais, que estavam à sua procura havia pelo menos dois dias: "Por que vocês estavam me procurando? Não sabiam que eu devia estar na casa de meu Pai?"[17] E no seu ministério público, Jesus, no evangelho segundo João, expulsa os vendilhões do templo com estas palavras: "Tirem estas coisas daqui! Parem de fazer da casa de meu Pai um mercado!"[18] Mais de uma vez Jesus se refere a Deus não só como Pai, mas como "meu Pai". E se refere a si mesmo não só como *um* Filho, mas como *o* Filho. Na Bíblia, a relação de Jesus com Deus, que ele chama de Pai, meu Pai e de *Abba*, é uma categoria à parte.

A singularidade dessa relação é confirmada por Deus em sua declaração sobre Jesus: "Este é o meu Filho amado, em quem me agrado."[19] Ele a proclama no céu, em estilo solene, pelo menos em duas ocasiões – no batismo de Jesus e após sua transfiguração.[20] Assim se afirma a presença do único e exclusivo Filho de Deus. Na transfiguração, essa declaração é feita aos três discípulos num tom de censura. Pois, em sua empolgação, Pedro queria construir três tabernáculos – um para Jesus, um para Moisés e um para Elias. Evidentemente, ele imaginava os três em igualdade de condições. E o autor do evangelho quer que entendamos o significado da reação de Deus ante a sugestão de Pedro. Como se Ele dissesse: "*Pedro*, o que é isso? Este não é outro Moisés. Não é outro Elias. Não é meramente o tão aguardado Messias. Este é o *Meu* Filho, *Meu* amado e único *Filho*."

Em todos esses episódios, percebemos uma relação divino-humana que não tem paralelo no Israel do Velho Testamento. Observamos, sem dúvida, um envolvimento *pessoal* entre Deus e a humanidade na história de Israel. Mas há uma distância. Deus é sempre transcendente, é sempre outro. Vemos Moisés na Montanha durante dias com Deus, lemos a respeito de Abraão como amigo de Deus e ouvimos que Davi foi escolhido pelo próprio coração de Deus. Mas nunca lemos a declaração divina "Este é o

meu Filho amado, em quem me agrado". E nunca lemos "*Abba*, Pai" em resposta a Deus.

A relação entre Jesus, o Filho, e o Deus que ele chamava de "meu Pai" indica uma relação exclusiva e íntima com Deus. Os judeus atiraram pedras em Jesus para matá-lo por blasfêmia. Pois, "dizendo que Deus era seu próprio Pai", ele estava "igualando-se a Deus."[21] Eles só podiam compreender tamanha familiaridade como pura arrogância. Porque essa relação rompia a distância entre Deus e o homem. Instalava Jesus num lugar onde nenhum ser humano na Bíblia jamais fora instalado – na maior proximidade com Deus, junto ao Pai[22] como *o* amado, vivendo uma chocante intimidade com Deus.

A linguagem de Pai e Filho, o tratamento de "meu Pai" e a declaração "meu Filho", o pleno acesso, a confiança e a intimidade entre Jesus e Deus, tudo isso os situa numa relação que permanece única. Mas não é uma relação estática, nem são palavras vazias. É uma relação viva que se traduz em ação. A declaração "Este é o meu Filho amado, em quem me agrado" revela tanto a identidade de Jesus como o sentimento do Pai em relação a ele. Da mesma maneira, "*Abba*, Pai" não é somente a resposta verbal de Jesus. Ela é a descrição de sua vida.

Para Jesus, Deus não era um poder infinito, impassível, onipotente, ou uma força nebulosa que, depois de criar o Universo, foi tratar de coisas mais importantes. Nem era um legislador, ou um justiceiro severo. Para Jesus, Deus era o Pai apaixonado, presente e acolhedor, incondicionalmente *a seu favor*. Jesus sabia que era amado e acolhido prodigamente. Como podemos ver na expulsão dos vendilhões do templo,[23] zelar por seu Pai e pela honra do seu Pai é a resposta de Jesus. "A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou e concluir a sua obra."[24]

Jesus vive quando se relaciona com Deus como seu Pai, quando o procura e o conhece como Pai, e o ama com todo o seu coração, a sua alma, sua mente e sua energia. A vida não é totalmente dele, é a *filiação* que a define. Jesus é desprovido de egoísmo: "... não

seja o que eu quero, mas sim o que tu queres".[25] Essa não é apenas a oração no Jardim das Oliveiras, é a oração de toda a sua vida. Toda ação e decisão que empreendeu, cada momento que viveu, toda palavra que proferiu, ele não o fez apenas como Jesus, mas como o Filho do Pai em relação direta com Ele. "... nada faço de mim mesmo, mas falo exatamente o que o Pai me ensinou".[26] "Por mim mesmo, nada posso fazer; eu julgo apenas conforme ouço".[27] "As palavras que eu lhes digo não são apenas minhas. Ao contrário, o Pai, que vive em mim, está realizando a sua obra."[28]

A declaração "Este é o meu Filho amado, em quem me agrado" e a resposta de Jesus, "*Abba*, Pai", revelam uma relação íntima e apaixonada. É de coração para coração, fluindo com mútuo deleite, devoção e comunicação. Convém recordar aqui o trecho de *A cabana* em que Jesus manifesta seu orgulho e adoração por Papai, pelo modo como ela (lembrando que Deus assumiu a forma de uma cozinheira negra) tratou Mackenzie. "Papai, adorei ver como hoje você se tornou completamente disponível para assumir a dor de Mack e deixar que ele escolhesse seu próprio ritmo." E também o orgulho e a alegria que Papai expressa por Jesus.

> – É, eu adoro aquele garoto. – Papai afastou o olhar e balançou a cabeça. – Tudo tem a ver com ele, você sabe. Um dia vocês vão entender do que ele abriu mão. Simplesmente não existem palavras.

Paul Young capta aqui o calor e a afeição mútuos na relação entre Jesus e seu Pai. Essa afeição e esse orgulho mútuos traduzem "Este é o meu Filho amado" por "o Pai ama o Filho e lhe mostra tudo o que faz."[29] E traduz "*Abba*, Pai" por "o Filho não pode fazer nada de si mesmo; só pode fazer o que vê o Pai fazer, porque o que o Pai faz o Filho também faz."[30] O Pai é absolutamente fascinado por cada movimento de seu Filho, o Filho *amado*. E o Filho está em sintonia com o coração do Pai. "Eu sempre faço o que lhe agrada."[31]

Essa é uma relação movida pelas mais profundas afeições da alma. Não se trata de um ritual oco, nem de palavras convencionais e vazias. O Jesus do Novo Testamento é absolutamente consciente da presença de Deus como seu Pai, e seguro em sua relação com Ele. E seu Pai tem uma alegria tão sincera no Filho e tamanha afeição por ele que os dois repartem tudo e vivem em absoluto e perfeito companheirismo. "Este é o meu Filho amado" e "*Abba*, Pai" sinalizam uma relação viva, pessoal e ativa de profundo amor e forte união, um companheirismo rico e abençoado, no qual todas as coisas são compartilhadas.

A singularidade e a intimidade dessa relação se expressam verbalmente na notável declaração de Jesus em Mateus 11:27.

> Todas as coisas me foram entregues por meu Pai. Ninguém conhece o Filho a não ser o Pai, e ninguém conhece o Pai a não ser o Filho e aqueles a quem o Filho o quiser revelar.

Aqui Jesus apregoa corajosamente ser o receptor de "todas as coisas" do Pai – não algumas, nem as principais, mas *todas as coisas.*[32] Como ele afirma em outro momento, "toda a autoridade nos céus e na terra",[33] todo o julgamento e o verdadeiro poder da vida[34] me foram dados. Ele diz, ainda, que "Tudo o que pertence ao Pai é meu".[35] Em Mateus 11:27, a expressão "todas as coisas" é enriquecida e se torna muito mais significativa graças à parte que se segue: "Ninguém conhece o Filho a não ser o Pai, e ninguém conhece o Pai a não ser o Filho." Essa declaração altera o sentido de "todas as coisas". Elas deixam de ser abstrações para se tornarem encontro de pessoas e comunhão concretos.

Em Mateus 11:27 Jesus afirma que o que apenas ele – e mais ninguém – tem e sabe é *o Pai*, e que o que apenas o Pai tem e sabe – e mais ninguém – é *o Filho*. A tônica recai nesse conhecimento mútuo profundo e rico. Dessa forma, *conhecimento* aqui não é processamento de dados, mas comunhão. É o intercâmbio de almas, que envolve a mútua partilha do que há de mais profundo no ser.

Aqui vamos nos aproximando do cerne da relação Pai-Filho. É um companheirismo que envolve um grau incomparável de encontro pessoal no amor. Como já dissemos, João introduz seu evangelho enfatizando a proximidade total, a convivência face a face de Jesus com o Pai. Essa é a mesma verdade profunda que ouvimos na declaração "Este é o meu Filho amado, em quem me agrado" e na resposta de Jesus, "*Abba*, Pai". A declaração e a resposta nos assinalam uma relação de entusiasmo e amor que dá origem a um companheirismo abundante. Pois a dádiva do Pai a Jesus não é uma palavra, uma informação, nem é a autoridade abstrata ou o poder, mas *Ele próprio* em amor apaixonado. E, da mesma forma, a resposta de Jesus ao seu Pai não é só de aparente obediência. Ele responde amando o Pai com todo o seu coração, toda a sua alma, sua mente e sua energia.

A relação Pai-Filho é uma comunhão de amor de *autoentrega* tão real, verdadeira e pessoal que Jesus não apenas diz que somente Ele *conhece* o Pai, mas que ele está *no* Pai e o Pai está *nele*.[36] O que isso poderia significar? Aqui há uma relação tão maravilhosa, profunda e pessoal que Jesus e seu Pai vivem um no outro. E eles o fazem num tal nível que Jesus diz: "Quem crê em mim, não crê apenas em mim, mas naquele que me enviou."[37] "Quem me vê, vê o Pai",[38] "Eu e o Pai somos um".[39]

O Espírito Santo

A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus
e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco.
– São Paulo

Você pode passar a vida estudando um assunto sem nunca esgotá-lo. Quando se trata do Espírito Santo, confesso que eu o amo, amo sua paixão e sua alegria, seu respeito por nós e seu amor pelos excluídos, sua beleza e até mesmo suas maneiras pouco convencionais. Porém, tentar explicar o Espírito Santo é outra história. Nenhum teólogo que se preze ousaria fazê-lo. Uma coisa todos sabemos: o Espírito Santo é o Deus de Deus. Também sabemos que o fundamento da fé em Jesus é intermediado pelo Espírito.

Quando perseguia os cristãos, Saulo foi cegado por uma luz vinda do céu enquanto seguia pela estrada de Damasco. Escutou uma voz que se dirigia a ele: "Saulo, Saulo, por que me persegues?", e respondeu com uma pergunta: "Quem és tu, Senhor?" A resposta veio: "Eu sou Jesus, a quem persegues."[1] Saulo ficou em absoluto estado de choque, mas não discutiu, e é isso que me fascina. Alguma coisa irrefutável aconteceu. Saulo era um homem brilhante e finamente educado, e tinha muito a perder, mas essa revelação de Jesus rapidamente superou seu intenso preconceito. A aparição de Jesus transformou o mundo de Saulo e o levou a mudar radicalmente sua forma de pensar. Saulo de Tarso virou o grande apóstolo Paulo, o servo leal de Jesus Cristo.

> Eu mesmo, irmãos, quando estive entre vocês, não fui com discurso eloquente, nem com muita sabedoria para lhes proclamar o mistério de Deus. Pois decidi nada saber entre vocês, a não ser Jesus Cristo, e este, crucificado. E foi com fraqueza, temor e com muito tremor que estive entre vocês. Minha mensagem e minha pregação não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria, mas consistiram em demonstração do poder do Espírito, para que a fé que vocês têm não se baseasse na sabedoria humana, mas no poder de Deus.[2]

Em um dos seus ensaios, o autor de *A cabana* fala da beleza da ambiguidade. Ela é necessária porque *regras rígidas contradizem a necessidade de uma relação real.* Não temos os textos originais de João, Paulo ou Mateus, nem os de Moisés, Davi ou Isaías, e há provavelmente uma razão para isso. Se os tivéssemos, possivelmente ficaríamos obcecados com esses documentos, em vez de procurar conhecer o Senhor de quem eles falam. E isso é o que eu sei sobre o Espírito Santo. Sua paixão é companheirismo com o próprio Jesus vivo. Tanto a informação quanto os fatos são importantes, mas mesmo quando se conhecem todos os fatos pode-se perder o sentido deles.[3] O Espírito sabe que o sentido das palavras é Jesus. Como diz Sarayu: "A Bíblia não lhe diz para seguir regras. Ela é uma imagem de Jesus. (...) A vida está *Nele* e em mais ninguém."

Desde o início, a Bíblia trata do desejo do Senhor – não como necessidade, mas como expressão de amor – de ter uma relação real conosco, suas meras criaturas. Como Papai disse a Mackenzie: "Nós respeitamos cuidadosamente as suas escolhas." O que pensamos, o que entendemos mal, aquilo de que não fazemos a mínima ideia, tudo interessa ao Senhor. O Espírito Santo caminha conosco como de fato somos, não como deveríamos ser ou como nos apresentamos nos cultos de domingo. Caminha conosco tal como somos em nossa cegueira, nossa autossuficiência e nosso juízo inflexível. Ele opera no mundo invisível do coração para que possamos encontrar

Jesus e experimentar – desafiando nossos próprios preconceitos – a vida que ele reparte conosco em sua relação com o Pai.

Ao longo da história de Israel existe algo irrefreável em relação ao Espírito. Ele está triste pelo desinteresse e pela obstinada oposição de Israel. Seu coração fica partido quando a liderança de Israel se bandeia para os ídolos e para a sabedoria das nações que o cercam. Mas ele não desiste. Encontra um lavrador aqui, um pastor de ovelhas ali, um vendedor de figos acolá, ou mesmo um jumento que ouvirá sua voz. E a voz do Espírito nos parece sempre estranha, porque difere da maneira como "todo mundo" pensa. O apóstolo Paulo diz que as coisas do Espírito são loucura para a mente.[4] Mas isso já não era novidade na época de Paulo. Desde a queda de Adão, o Espírito – segundo nossa forma de ver as coisas – é estranho, utópico, complicado, muito louco. Para todos os fins práticos, ele é inconcebível.

É assustador perceber que, embora o Senhor nos tenha feito à sua imagem e semelhança, nós estamos sempre criando-O por conta própria.[5] O que acho importante afirmar aqui é que o Espírito Santo se empenha permanentemente para que cheguemos a conhecer Jesus e seu Pai tal como são. Ele sabe que iremos experimentar uma vida além das nossas expectativas mais alucinadas quando virmos a face do Pai, quando conhecermos Seu coração e Seu amor. E o Espírito está presente na paciência, na delicadeza, na ternura com que caminha conosco em nossa loucura. Ele jamais desiste. E em Jesus, o Espírito Santo afinal alcança sua humanidade atenta e fiel. Em Jesus, o Espírito enlouquece com a vida, com a alegria, com a cura, com os milagres e a libertação. Nada no cosmo jamais será igual.

Não é muito difícil identificar a visão de Jesus e de seu Pai no Novo Testamento. É o Espírito Santo que está totalmente determinado a nos revelar Jesus, para que possamos conhecer seu Pai com ele e, conhecendo o Pai de Jesus, experimentar a vida impressionante e libertadora do Seu amor. Bem mais complicado é identificar a visão do Espírito no Novo Testamento. "Ele é um Espírito

livre", e "ele está *lá* fora", como disse Mackenzie. Desde o dia de Pentecostes, o Espírito está em toda parte, em todas as coisas, mas nunca é visível e é sempre completamente imprevisível. Ele é vivo e poderoso e está em constante movimento. "Mack se perguntou se em algum momento ela [Sarayu] parava completamente de se mexer." O Espírito opera nas mais profundas trincheiras do coração humano e em suas feridas.

Embora o Espírito possa ser alvo de mentiras, resistências, provações, lutos, insultos e blasfêmias,[6] ele se sente extraordinariamente à vontade na confusão pecaminosa que fizemos de nós e de nossas vidas. Para mim, como logo veremos, a cena do jardim de *A cabana* é um dos momentos mais fortes do livro, pois retrata maravilhosamente a liberdade que o Espírito tem de cavar em torno do jardim de nossas almas destroçadas. "Sarayu adorava a confusão."

Descrever o Espírito é como tentar contar as ondas de um oceano, ou fotografar o ar, ou "seguir um raio de sol". Mas vou tentar. E tenho profundo respeito pelo fantástico tratamento que Paul Young deu ao Espírito como Sarayu. Acho que aí está sua mais refinada contribuição ao pensamento cristão. Para mim, o Espírito Santo *tem a ver com a vida*. Como diz Sarayu: "Eu tenho a ver com o processo que leva você à *resposta viva*." Sarayu é boa e não deixará você partir enquanto não encontrar sua vida real em Jesus, ou seja, enquanto você não vier a saber que o Pai de Jesus o ama eternamente, não importa o que aconteça. Foi isso que Adão perdeu. É isso que Jesus – no Espírito – sabe. E é isso que Jesus – por meio do Espírito – está ensinando hoje à raça humana. Como Papai disse a Mackenzie: "É por isso que estamos aqui." "Este fim de semana tem a ver com relacionamento e amor."

Surpreendendo Israel e o mundo, o Senhor de Israel em pessoa ingressou na própria Criação, tornou-se um ser humano e viveu

entre nós.[7] Quem o viu chegar? Que profeta, vidente ou sábio sonhou alguma vez com tamanha graça? Foi a grande surpresa da história cósmica. Porém, mais surpreendente do que a "encarnação", foi o Senhor Jesus ter vivido em constante relacionamento com quem ele chamou de "meu Pai". Jesus não apenas conhece o Pai, mas O conhece de um modo que nenhum outro ser humano jamais conheceu, e seu conhecimento, sua comunhão, sua estreita ligação com o Pai é de uma natureza tão autêntica e íntima, tão intensamente pessoal e límpida, que ele chega a afirmar que está *no* Pai e o Pai está *nele*. E em nenhum momento o Novo Testamento nos permite pensar no Espírito como um mero espectador da comunhão entre Jesus e seu Pai. O Espírito Santo vive no meio desse espantoso relacionamento.

Segundo as Escrituras, Jesus foi concebido pelo Espírito Santo,[8] batizado no Espírito,[9] levado e fortalecido pelo Espírito,[10] recebeu grande alegria do Espírito,[11] foi salvo dos demônios pelo Espírito,[12] ouviu o Pai no Espírito[13] e se ofereceu ao Pai pelo poder do Espírito.[14] Da concepção até a morte, ressurreição e ascensão, a vida de Jesus foi totalmente preenchida pelo Espírito Santo. Para Epifânio, um dos primeiros teólogos da Igreja, o Espírito Santo estava "no meio do Pai e do Filho", e era "o elo da Trindade".[15] Pois o Espírito Santo está sempre presente na profunda relação de companheirismo entre Jesus e o Pai.

A imagem do Espírito descendo como uma pomba sobre Jesus em seu batismo – evocando o Espírito que paira sobre a Criação[16] e assinalando a descida do Espírito em Pentecostes[17] – é um retrato do que podemos chamar de "intermediação" do Espírito. O Espírito Santo é o "Deus mensageiro",[18] para recorrer a um belo achado de John Taylor. Conhecido na fase inicial da Igreja como "a modéstia de Deus", o Espírito não gosta de ser o centro das atenções. Ele se esconde, preferindo trabalhar nos bastidores. Para ele, paixão é companheirismo. Ele ama unir as pessoas. É "Aquele que Supera a Lacuna", diz Richard Rohr.[19] Como a iluminação de uma grande catedral, o Espírito Santo adora se esconder e ver a luz brilhar

sobre os outros para que o encontro e o companheirismo possam tomar forma – pois a vida se dá no relacionamento.

Em um comentário quase casual, o apóstolo Paulo diz: "Pois o Reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, paz e alegria no Espírito Santo."[20] Esse comentário nos toca o coração ao falar da paixão do Espírito Santo. Justiça quer dizer relacionamento correto, relacionamento que funciona no amor e na bondade centrados no outro, no mútuo respeito e na honra. Paz significa a eliminação de todo conflito e de toda rixa. É a calma de nosso mundo interior e do mundo maior, é a presença de bênção e bem-estar. Justiça e paz abrem espaço para a alegria. Alegria tem a ver com satisfação e deleite, liberdade para ser, liberdade para se fazer presente aos outros, para se abrir ao companheirismo, liberdade para repartir e apreciar a vida na gratidão.

Enquanto a vida se forma no relacionamento, no encontro pessoal, no conhecer e no ser conhecido, o Espírito Santo se especializa no mundo interior invisível que torna possível essa comunhão. Por ser Aquele que dá vida, o Espírito está inerentemente ligado ao relacionamento. Ele é ao mesmo tempo o guardião dos jardins de nossas almas e o cirurgião de nossos olhos internos para que vejam com clareza. Ele é o Espírito do encontro, do companheirismo, da intimidade e da partilha.

Embora fossem necessários vários volumes para descortinar tudo o que a Bíblia diz sobre o Espírito Santo, existem inúmeros aspectos que precisam ser destacados. Em primeiro lugar, apesar de haver muitos espíritos, há somente um único e especial Espírito de Deus. Relacionado muito estreitamente à presença do Senhor, e do Verbo do Senhor, o Espírito do Senhor vem de fora da Criação e sempre traz consigo um sentido de reverência e respeito. Ele é extraordinariamente livre para se fazer presente e ativo no interior da Criação, mas nunca é domesticado, manipulado ou controlado. É chamado na história de Israel de Espírito do Senhor,[21] Espírito de Deus,[22] Espírito Santo,[23] Espírito de Sabedoria,[24] Espírito de Bondade[25] e Espírito da Graça.[26] Em

Isaías 11:2 o Espírito é chamado de "Espírito da sabedoria e do entendimento, o Espírito que traz conselho e poder, o Espírito que dá conhecimento e temor do Senhor".

Em segundo lugar, o Espírito aparece pela primeira vez na Criação, e está envolvido com Deus e o Verbo de Deus na formação de toda vida.

> No princípio Deus criou os céus e a terra. Era a terra sem forma e vazia; trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas.[27]

Enquanto o Espírito está preocupado com a Criação, o Verbo de Deus se expressa – "Faça-se a luz" – e a ordem rende frutos. Essa ordem é repetida até a criação do homem. Nesse ponto, a ordem "Haja" é substituída por "Façamos o homem à nossa imagem".[28] Mais tarde nos é dito: "Então o Senhor Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego da vida, e o homem se tornou um ser vivente."[29] Apesar de o Espírito não ser mencionado aqui no sopro de vida, em outros pontos a associação é clara. "O Espírito de Deus me fez; o sopro do Todo-Poderoso me dá vida."[30] "Mediante a palavra do Senhor foram feitos os céus, e os corpos celestes, pelo sopro de sua boca."[31] Como afirma o Credo Niceno, o Espírito é "o Senhor que dá vida".[32]

Em terceiro, embora dando vida a toda a Criação, o Espírito do Senhor raramente aparece em pessoa na história de Israel. Há menos de 100 referências ao Espírito na Bíblia hebraica e, durante séculos, seguramente milênios, apenas cerca de 200 pessoas em Israel tiveram contato direto com o Espírito do Senhor. Quando o Espírito está presente e ativo, ele dá poder,[33] sabedoria e discernimento,[34] dons criativos e artísticos.[35] Ele ama particularmente inspirar os profetas com a Palavra do Senhor[36] e consagrar reis, pastores e líderes.[37] Aparentemente o Espírito age de forma aleatória, na medida em que vai e vem à vontade, ou "evapora", e nunca fica em algum lugar por muito tempo (como Paul Young

capta em sua representação de Sarayu). Mas o Espírito está preocupado com Israel *caminhando com* o Senhor e O *conhecendo*. Não surpreende que grande parte de sua atividade se restrinja ao círculo bastante estreito de líderes – Moisés, Aarão e Josué, por exemplo, juízes, sábios, pastores, reis e profetas de Israel. Embora o tabernáculo – e depois o templo – fosse o local de moradia do Senhor na Terra, esses poucos eleitos foram chamados a participar da comunicação do Senhor com Israel e a levar a resposta de Israel ao Senhor. É basicamente junto a esse grupo de mediadores, não a todo Israel, que o Espírito trabalha.

O livro do Gênesis foi escrito para auxiliar o povo de Israel a entender quem eram e por que foram eleitos pelo Senhor. O autor começa com Deus criando os céus e a terra, e com o relato da criação de Adão e Eva. Prossegue descrevendo o que chama de "queda" e coloca Abraão – e dessa maneira, Israel – no contexto do plano redentor de Deus. A tese do Gênesis, e da Bíblia como um todo, é que o Criador deseja estar em relação estreita com a humanidade, e nesse relacionamento está decidido a abençoar Sua Criação com a plenitude e a vida.

Após a queda de Adão, o Senhor chamou Abraão e, por seu intermédio, restabeleceu seu relacionamento com a humanidade decaída. Os descendentes de Abraão se tornaram uma nação em aliança com o Senhor, escolhidos para serem aqueles através dos quais a redenção seria estendida ao mundo. No centro dessa aliança estava a declaração do Senhor: "Eu os farei meu povo, e serei o Deus de vocês."[38] Essa declaração contém três verdades críticas. Duas são óbvias, e a terceira um pouco mais implícita, mas igualmente importante. A primeira é o fato mais do que extraordinário de o Criador dos céus e da terra estar decidido a ter um relacionamento com meras criaturas. A segunda é que o Senhor assume a responsabilidade pelo lado humano desse rela-

cionamento. A primeira afirmativa, "Eu os farei meu povo", não é em princípio um convite, mas uma *declaração* de Deus a Israel, que poderíamos interpretar da seguinte maneira: "Serei seu Deus e providenciarei para que vocês venham a me conhecer e a viver em profunda relação comigo." A terceira verdade é que enquanto Israel conhecer o Senhor e viverem juntos nessa relação, bênçãos e vida inimagináveis florescerão em Israel e se espalharão pelos confins da Terra e mais além.

A declaração não dá ênfase à propriedade, mas ao relacionamento e ao companheirismo. A bênção do Senhor não é oferecida mecânica, religiosa ou legalmente. A bênção da vida vem como o fruto do companheirismo com o Senhor. Como disse Jesus: "Esta é a vida eterna: que te conheçam, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste".[39] É quando Israel conhece o Senhor e caminha com Ele que a grande bênção se torna realidade.

Como é o Espírito que dá vida, e como a vida vem através do *conhecimento* do Senhor, o Espírito não está alheio ao relacionamento de Israel com o Senhor. Ele se acha inerentemente apaixonado por essa relação. Ele é o espírito de reunião, encontro, revelação e resposta. O Espírito prepara o terreno, por assim dizer, para que o Senhor e Israel possam se encontrar. Ele está trabalhando a serviço de Deus, estendendo o braço a Israel, e está a serviço das criaturas, ajudando Israel a conhecer, responder e caminhar com o Senhor para que a vida e a bênção possam florescer.

Mas então o desastre se abate sobre Israel. Rei após rei, profeta após profeta, pastor após pastor abandonam o Senhor e seu amor. A segunda sentença da aliança, "Eu serei o Deus de vocês", não falhou, na medida em que o Senhor sempre se mostrou fiel a Israel. Mas a primeira, "Eu os farei meu povo", mal pôde se sustentar, já que os líderes eleitos de Israel e Judá entristeceram o Espírito. Acompanhando as nações ao seu redor, eles adoraram deuses estranhos e levaram o povo à idolatria.

A aliança foi rompida e a bênção do Senhor murchou antes

de florescer. No Espírito, os grandes profetas resistiram à angústia e ao coração partido do Senhor quando repetidamente alertaram Israel e conclamaram a liderança e o povo a retornar a Ele. Mas a liderança ignorou os profetas e, com poucas exceções, fez o que achava certo, o que finalmente resultou no êxodo de Israel da Terra Prometida.

Na amargura do cativeiro e da sua vergonha, o Espírito do Senhor, sempre apaixonado pelo relacionamento e pela vida, começou a dar uma nova visão para Israel. A primeira sentença (Eu os farei meu povo) infelizmente fracassara, mas virá o dia em que as coisas mudarão por completo. O próprio Senhor promoverá um servo fiel – um rei verdadeiro, um pastor verdadeiro e um profeta fiel. Essa visão vinha sendo construída desde Moisés,[40] mas agora é projetada no futuro.

Não fica claro se esse servo fiel é o próprio Israel, um grupo de indivíduos ou talvez uma pessoa,[41] embora Pedro nos diga que o Espírito que inspirou os profetas foi o Espírito de Cristo.[42] Mas fica claro que vem chegando um novo dia. Será um dia de libertação de todo o cativeiro, da treva e da morte em vida do próprio coração humano. Será um dia de perdão, de cura autêntica e de bênção arrebatadora sobre Israel e, através de Israel, sobre toda a terra. Por inspiração do Espírito, uma nova era de bênção surge no horizonte. Essa libertação e essa bênção, essa *nova* relação de aliança virá quando o Senhor promover seu servo fiel e o ungir como Espírito, e esse Messias (o Ungido) *conhecerá* o Senhor, e na *união deles* a grande bênção do Senhor será distribuída em Israel, e de Israel florescerá até os confins da terra e além.[43] É na expectativa da vinda do Ungido que se encerram com esperança as Escrituras hebraicas – o Velho Testamento.

Após séculos de silêncio, a figura impetuosa de João Batista deixa o deserto. Ele viveu pleno do Espírito Santo, com a missão de

preparar o caminho do Senhor. Vestido com pele de camelo, João começa a batizar e a pregar. Ao criar comoção nas pessoas, as atividades de João também chamam a atenção da liderança judaica, que envia uma delegação com uma pergunta: "Quem é você?"[44] Após uma discussão breve mas calorosa, "João responde com as palavras do profeta Isaías: 'Eu sou a voz do que clama no deserto: Façam um caminho reto para o Senhor.'[45] Depois de mim vem alguém mais poderoso do que eu, tanto que não sou digno nem de curvar-me e desamarrar as correias das suas sandálias. Eu os batizo com água, mas ele os batizará com o Espírito Santo."[46]

O Velho Testamento conclui acenando com a esperança de que o Senhor haveria de promover um servo fiel que seria ungido com o Espírito Santo. Esse servo conheceria o Senhor e, por seu intermédio, a grande bênção da salvação, da vida e do reino daria seu fruto. Foi privilégio de João Batista ser um dos chamados a identificar Jesus como o tão aguardado Ungido. Mas, inicialmente, nem mesmo João foi capaz de reconhecer a verdadeira identidade de Jesus.

> Eu vi o Espírito descer dos céus como uma pomba e permanecer sobre ele. Eu não o teria reconhecido se aquele que me enviou para batizar com água não me tivesse dito: 'Aquele sobre quem você vir o Espírito descer e permanecer, esse é o que batiza com o Espírito Santo.' Eu vi e testifico que este é o Filho de Deus.[47]

Como se vê, o Espírito do Senhor estava em ação na história de Israel, mas só raramente, e apenas junto a um grupo seleto de pessoas. Mas em Jesus as coisas mudam drasticamente, e em duas direções. Primeiro, o já bastante restrito círculo da atividade *pessoal* do Espírito estreita-se ainda mais para concentrar-se apenas em Jesus. Depois de tocar Maria, Zacarias, Isabel, João Batista e Simão, o Espírito se calou, manifestando sua presença profunda apenas na vida de Jesus. Segundo, em Jesus, através de sua vida, morte, ressurreição e ascensão, a atividade do Espírito é então

estendida a Pentecostes, quando o Espírito foi derramado sobre *toda a carne*.[48]

Na Criação a ação do Espírito é universal. Depois da queda de Adão, o Espírito age junto a um seleto grupo de Israel e em seguida se concentra apenas em Jesus. Em Jesus, e através dele, o Espírito Santo age no *mundo como um todo*, convencendo-o do pecado, da justiça e do juízo.[49] Mas, antes de Pentecostes, o Espírito Santo está focado exclusivamente em Jesus, o único entre os personagens bíblicos que foi milagrosamente concebido pelo próprio Espírito[50] e sobre quem o Espírito desceu e permaneceu como presença incomensurável e duradoura.

O Espírito dá vida, confiança, poder, liberdade, alegria e sabedoria a Jesus. Mas, acima de tudo, ele age para capacitar Jesus a *conhecer* seu Pai. Esse, me parece, é o ponto-chave. Quando o apóstolo Paulo escreve "Deus derramou seu amor em nossos corações por meio do Espírito Santo que ele nos concedeu",[51] está igualmente descrevendo o que o Espírito Santo fez primeiramente no âmago do coração de Jesus. A notável união entre Jesus e seu Pai não está separada do Espírito Santo, sendo uma estrada única.

Como na história da Criação, o Espírito se transfere para o lado humano do relacionamento e prepara um ventre para o Filho na Virgem Maria. O Espírito dá e conserva a vida humana de Jesus na concepção. Depois do nascimento de Jesus, o Espírito age entre o Pai e Jesus, facilitando, assim, a relação entre ambos. Ele revela o Pai a Jesus, lhe dá olhos para ver e ouvidos para ouvir, de modo que em todos os níveis de sua vida ele fique livre para ser o Filho amado e fiel, o verdadeiro amém ao Pai. É com base em sua própria experiência que Jesus diz aos seus discípulos que o Espírito tomará o que lhe pertence e o revelará a eles.[52] Pois foi isso que o Espírito fez no relacionamento de Jesus com seu Pai.

Não é por acaso que no batismo de Jesus, quando o Pai declarou "Este é o meu Filho amado, em quem me agrado", o Espírito se faz presente na forma de uma pomba entre o Pai nos céus e o Filho na terra. O Espírito se faz presente ao longo de toda a vida

do Filho como aquele "em quem e através de quem" o Pai se dá, se revela e se comunica com seu amado.[53] E o Espírito se faz presente como aquele que capacita o Filho a *ouvir* a formidável afirmação do Pai, que se relaciona e conhece o Pai como *seu* Pai, para amá-lo com todo o seu coração, toda a sua alma, sua mente e sua energia. O Espírito Santo é, como observa Jurgen Moltmann, "a luz eterna na qual o Pai conhece o Filho e o Filho [conhece] o Pai".[54]

Uma das partes aparentemente mais estranhas do evangelho é a forma como o Espírito, imediatamente após o batismo de Jesus, forçou-o a ir para o deserto e ser tentado pelo demônio.[55] Pelo menos é dessa maneira que os textos modernos nos levam a ler a passagem. Mas eu acho que poderia ser de outra forma. O Espírito não estava levando Jesus à tentação, mas sim usando a tentação do demônio para dar a Jesus olhos interiores mais aguçados, para levá-lo a um entendimento mais profundo de sua identidade e de sua relação com o Pai. Pois todas as tentações têm como eixo a identidade de Jesus. "Se és o Filho de Deus, manda esta pedra transformar-se em pão"...[56] "Se és o Filho de Deus, joga-te daqui para baixo"... A terceira tentação não obedece à fórmula "Se és", porém é ainda mais odiosa, na medida em que promete o reino deste mundo em troca da negação do Pai e da adoração ao demônio.

Em todas três, o que estava em jogo era a identidade de Jesus e se ele deveria viver a vida de companheirismo com seu Pai ou ser independente como Adão e viver segundo suas próprias ideias. A história de Adão, assim como a de Israel e a nossa, estava se repetindo no deserto, mas dessa vez o testemunho do Espírito encontrou um coração preparado quando Jesus simples e maravilhosamente rejeitou as sugestões do demônio e entregou-se ao Pai. Ele saiu dali fortalecido e confiante e seu sagrado ministério de libertação teve início então.

Quando consideramos a vida de Cristo do ponto de vista humano, vemos um relacionamento entre Deus e Jesus, um judeu, que não encontra paralelo na história bíblica.[57] É um relacionamento de amor e fé intensos, de deleite e adoração mútuos

que resultam num companheirismo autêntico, forte e criativo. O Espírito Santo está bem no centro disso tudo. O fruto mais importante da presença e da atividade do Espírito é a profunda união de Jesus com seu Pai, e nessa comunhão se estabelece um novo relacionamento entre Deus e Israel. No Espírito, a clássica declaração "Eu serei seu Deus, vocês serão o meu povo, e viverei entre vocês com toda minha bênção e por toda minha vida" se revela uma espantosa realidade na vida de Jesus.

A bela intimidade entre o Pai e Jesus, a convivência face a face, o companheirismo, a união sem perda de identidade são o fruto tanto da pessoa do Espírito quanto da fé do Pai e do amor do Filho. Mas como podemos descrever o lugar do Espírito Santo nesse relacionamento mais profundo e nessa vida abundante?

Absolutamente consciente da dificuldade de descrever o papel do Espírito nesse relacionamento, Agostinho se refere ao Espírito como "o elo de amor" entre o Pai e o Filho e, mais ainda, como "o próprio amor".[58] É no Espírito e através dele que o Pai ama o Filho, e é nesses mesmos termos que o Filho ama o Pai. Para mim, Agostinho está seguindo o testemunho das Escrituras. Do Gênesis à Revelação, o Espírito opera nos bastidores, não arbitrariamente, como se tivesse seus próprios planos, mas em sintonia com o propósito maior do Senhor – a profunda união com a raça humana. Ele é o Espírito de amor, de vida, de encontro, de companheirismo e união, sobretudo na relação de Jesus com seu Pai. Da perspectiva bíblica, se o Espírito não estivesse presente, não haveria relacionamento entre Pai e Filho. E, sem a união entre eles, nenhuma vida inefável toma forma sobre a terra. O lugar do Espírito nessa comunhão é profundo e essencial – é o elo do amor deles.

Mas, se falarmos do Espírito como o "elo do amor" do Pai e do Filho, ou como "o próprio amor" deles, corremos o risco de diminuir a pessoa do Espírito. O amor de duas pessoas não é em

si uma terceira pessoa. Esse tem sido um problema em toda a história do cristianismo: o Espírito Santo tem sido despersonalizado, frequentemente reduzido a um mero poder ou uma força. No entanto, uma mera força, por mais poderosa que seja, não fala. Um poder não se refere a si mesmo como "Eu",[59] não dá acesso ao Pai,[60] não busca os mais profundos pensamentos de Deus,[61] nem conduz as orações e os cultos.[62] Um poder não ama[63] nem dá testemunho de que somos filhos de Deus.[64]

No Novo Testamento o Espírito tem ideias próprias, vontade e ministério.[65] Ele fala, informa, lidera, guia e instrui.[66] Ele avalia, indica líderes, toma decisões, oferece dádivas – palavras de sabedoria, conhecimento e fé, dádivas de cura.[67] Ele inspira testemunho a Jesus,[68] condena o mundo de pecado, justiça e juízo, dá a conhecer o mistério de Cristo, grita "*Abba!*, Pai!" em nossos corações e produz frutos admiráveis na vida humana.[69] Ele fortalece, ajuda nossa fraqueza, conforta, traz liberdade e libertação, oferece companheirismo, preenche de alegria e concede a vida e a paz,[70] entre tantas outras bênçãos.

Em suas atividades, o Espírito não é somente o alter ego do Pai ou do Filho, ou meramente aquele através do qual os dois se relacionam um com o outro e com a Criação. Ele ama e reparte amor, tem pensamento e vontade próprios, tem alegria e proporciona alegria. Ele é um Espírito livre, como Paul Young tão belamente descreve, mas não um Espírito independente ou isolado. O Espírito não age sozinho; ele está profundamente envolvido na vida mais profunda do Pai e do Filho, em seu relacionamento e em tudo o que fazem juntos.

Enquanto Espírito *do* Pai e Espírito *de* Jesus, o Espírito Santo tem um relacionamento íntimo e profundo com ambos. Enquanto Espírito do Pai *e* do Filho, ele está no meio do relacionamento e do companheirismo dos dois, é o elo do amor deles. Está tão perto de ambos e da união deles que é difícil distinguir a linha divisória. No entanto, *o* Espírito Santo possui identidade própria e não pode ser reduzido ao Pai, ou a Jesus, ou à comunhão dos dois. Como o Con-

fortador, o Espírito de verdade, de adoção, de vida em Cristo, de graça, santidade e glória, ele tem seus próprios interesses. Ele ama, reparte amor e cria companheirismo. Na presença dele, as pessoas tomam consciência de que são amadas pelo Pai de Jesus, são deixadas em liberdade e criam companheirismo e comunidade.

Acho que parte da dificuldade para entender o Espírito está na ideia que nós no Ocidente temos de uma pessoa. De acordo com a famosa, ou talvez infame, definição de Boethius, uma pessoa é "uma substância individual de natureza racional". Mas se, em vez de tentar enquadrar o Espírito Santo nessa definição de pessoa, nós deixássemos o Espírito expandir nossas ideias? O Espírito é profundamente centrado no outro, humilde, paciente e bom. Ele ama a comunicação, a congregação e o companheirismo. É um facilitador de união e comunhão. Talvez uma pessoa real não seja meramente "uma substância individual de natureza racional", mas alguém que gosta de fazer com que os outros partilhem a vida, um indivíduo centrado no outro e repleto de paixão pela comunhão.

No caso do Espírito Santo, ele ama tanto facilitar o amor, a comunhão e a vida que é difícil distingui-lo de seu fruto (e talvez seja essa a razão pela qual Santo Agostinho não só o chamou de "elo do amor", mas "o próprio amor"). Mas isso não quer dizer que ele seja uma pessoa menor. Só porque o Espírito Santo é extremamente capaz de facilitar o amor a ponto de parecer sumir no meio dele, isso não significa que ele não seja real.

No mundo do Espírito Santo, Jesus vê seu Pai, o Pai vê seu Filho, e a vida e o amor acontecem. No mundo dele, as pessoas encontram o próprio Jesus no mais íntimo de seu ser e assim são curadas. No Espírito, florescem o fortalecimento, a liberdade, a confiança, a proteção, assim como o amor, a alegria, a paz, a paciência, a delicadeza, a bondade, a gentileza, a fé e o autocontrole.[71] Nele desabrocham a comunidade, o relacionamento e a vida.

O Espírito Santo descobriu seu parceiro em Jesus, e em Jesus ele nos descobriu. Sua grande alegria é poder estar no centro de tudo e desfrutar do amor, da cura e da vida abundante que gera nos outros.

Mozinho Rodrigues

A unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo

Graças ao seu eterno amor, eles vivem um no outro de tal forma, e cuidam um do outro de tal forma, que são um só.
– Jurgen Moltmann

No contexto do politeísmo selvagem e desenfreado do mundo antigo, Deus primeiramente determinou que em Israel havia apenas um verdadeiro Deus. "Ouça, ó Israel, o Senhor, o nosso Deus, é o único Senhor."[1] Apesar da estranha confissão de fundo político "Não temos rei, senão César", feita pelas lideranças judias perante Pôncio Pilatos,[2] a verdade da fé de Israel era de que havia somente um Deus verdadeiro, cujo nome era Javé, ou Jeová (SENHOR). Porém, a partir do momento em que Jesus surgiu na história de Israel, uma novidade começou a se formar no judaísmo. Para pescadores como João e Tiago, ou fariseus como Saulo de Tarso, que encontraram Jesus no Espírito, não havia dúvida de que Jesus era o Senhor Deus em pessoa, ou, como confessou o incrédulo Tomé: "Meu Senhor e meu Deus!"[3]

Os judeus e os gregos acusavam os cristãos de politeísmo, já que eles adoravam o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Os cristãos mantinham a sua crença. Além de tudo o que sabiam, eles *estavam convictos* de que Jesus era o Senhor. Da mesma forma como seu Pai e o Espírito Santo. Essa confissão era uma blasfêmia para os judeus e um tremendo absurdo para os gregos. Os cristãos se achavam numa situação de perplexidade. Por um lado, comparti-

lhavam a crença dos judeus em um só Deus. Por outro, preferiam morrer a trair sua adoração a Jesus como o Senhor – e muitos de fato morreram. Mas como podiam os cristãos adorar e glorificar o Pai, o Filho e o Espírito, batizar-se em nome deles, sem adorar três deuses? Como era possível três serem um, e um ser três? Como falar desse relacionamento sem cair no politeísmo, por um lado, ou negar Jesus, por outro? Essas questões incendiavam as controvérsias que acabariam levando os cristãos a compreender e a desenvolver a concepção revolucionária do Deus Trino.

Será que Jesus não passa de um homem altamente privilegiado que alcançou uma relação impensável com Deus? Será essa sua relação com seu Pai uma graça excepcional da parte de Deus para com o homem Jesus e uma demonstração de extraordinária obediência da parte de Jesus para com Deus, dando origem a um relacionamento divino-humano através do Espírito que não encontra paralelo na história bíblica? Será Jesus Cristo simplesmente um homem que conhece Deus num nível muito superior ao do restante da raça humana?

Por volta de 200 d.C., um teólogo de Roma chamado Sabélio lançou a ideia de um Deus uno e indivisível que se revela de diferentes modos em sua relação com a humanidade. Para Sabélio, só existe uma Pessoa divina, que se manifestou primeiramente como o Pai, bem mais tarde como o Filho e, finalmente, como o Espírito Santo. Essa concepção foi se popularizando na Igreja à medida que oferecia uma via de afirmação da divindade de Cristo, embora preservando o fato de que Deus é um só. O Deus uno aparece de diferentes modos em diferentes épocas. O problema, evidentemente, é que não existe relação ou interação de Pai, Filho e Espírito, já que se trata apenas de uma Pessoa que aparece de três formas distintas, mas nunca ao mesmo tempo. Por definição, não há "eles", não há três pessoas distintas, e por isso nenhuma espécie de relacionamento entre elas. Sabélio e sua concepção acabaram condenados como heréticos por volta de 220 d.C.

Outras propostas surgiram, na tentativa de explicar a relação entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, mas todas fracassaram. No entanto, essas diversas explicações obrigaram a Igreja a uma reflexão séria a respeito de sua fé em Cristo. Nos Concílios de Niceia, em 325 d.C., e de Constantinopla, em 381 d.C., a Igreja respondeu com uma clara afirmação da divindade de Jesus e de sua absoluta *unidade* com o Pai.

> Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso,
> Criador do céu e da terra,
> de todas as coisas visíveis e invisíveis.
> Creio em um só Senhor, Jesus Cristo,
> Filho Unigênito de Deus,
> gerado do Pai antes de todos os séculos.
> Deus de Deus, Luz da luz,
> verdadeiro Deus de verdadeiro Deus,
> gerado, não feito,
> da mesma substância do Pai.
> Por Ele todas as coisas foram feitas...

Em Niceia a unidade de Jesus com o Pai foi reafirmada em termos que não deixam dúvidas. Mas o que significa falar da absoluta unidade Pai-Filho? Como é possível adorar o Pai, o Filho e o Espírito Santo e não ser politeísta? Como três podem ser um, e um ser três? Após o Concílio de Niceia, graças à liderança de Atanásio e de outros, a Igreja adotou a orientação do apóstolo João. Ao pensar profundamente sobre o relacionamento entre os três, um movimento brilhante e revolucionário ganhou forma. A noção judia e grega de "um" foi rebatizada no mundo como *relacionamento*, e complementada com "unidade".[4]

Para os judeus, "Deus uno" significava a Pessoa divina singular, individual ou solitária. Para os gregos, "Deus uno" queria dizer essência indivisível, simples, não sujeita a partição ou passível de mudar. Para a mentalidade cristã, "Deus uno" passou

a significar três pessoas *totalmente juntas*. Este é o ponto fundamental. "Um" deixa de ser algo individual e se torna intimidade de relação.

Pode parecer uma questão banal, mas basta pensarmos em nossos relacionamentos, nossos casamentos, ou mesmo em nossos mais profundos desejos na vida. Seu coração não clama mais por unidade do que por individualidade e isolamento? Quem quer ser só? Por que temos tanta ânsia de sermos conhecidos, e de partilhar nossa vida com outra pessoa? Por que nossas alegrias mais intensas e nossos sofrimentos mais profundos estão ligados aos relacionamentos? Por que um Deus singular iria nos criar com uma tendência tão forte a nos relacionarmos com o próximo?

O relacionamento do Filho e do Pai no Espírito é uma união de amor viva e sem obstáculos. Eles se *conhecem*. Eles vivem uma troca pessoal de comunhão no Espírito que é perfeita, pura, rica e verdadeira. Eles se incorporam um ao outro, contêm um ao outro, sem se "perderem". A bela palavra *pericorese*, que é a minha palavra teológica predileta, traduz os dois sentidos.[5] Pericorese quer dizer coabitação, interpenetração mútua, sem a perda da individualidade. "A doutrina da pericorese reúne de forma brilhante a trindade e a unidade, sem reduzir a trindade à unidade, nem dissolver a unidade na trindade."[6]

Quando Jesus diz que ele e o Pai são um só, ou que quem o viu terá visto o Pai, não está dizendo que ele *é* o Pai. Jesus permanece ele mesmo, assim como o Pai e o Espírito Santo, embora sua união seja tão límpida que eles habitam um *no* outro, e o fazem em um nível tal que vivem em total unidade.

Embora em nossas vidas essa unidade nas relações seja algo que ansiamos experimentar, na vida da Santíssima Trindade é a verdade eterna, uma realidade duradoura que continuamente se expressa em amor, criatividade e liberdade admiráveis. Para mim, essa é uma das partes mais brilhantes de *A cabana*. Em momento algum confundimos Papai, Jesus e Sarayu, e em momento

algum achamos que eles estão separados de algum modo. Como disse Sarayu: "Você não pode compartilhar com um de nós sem que compartilhe com todos."

Essa convivência do Pai, Filho e Espírito é livre para se expressar numa criança deitada numa manjedoura e num homem pregado em uma cruz, sofrendo rejeição e morte cruel nas mãos da raça humana. A unidade divina é a forma do ser trino, sempre se expressando em amor e companheirismo.[7]

No contexto da tradição judaica, os discípulos de Jesus se veem caminhando ao lado daquele que acreditam ser o Senhor em pessoa – que no entanto tinha um Pai e fora ungido no Espírito Santo. Por intermédio do seu testemunho e da revelação permanente de Jesus no Espírito, a comunidade cristã acabou se dando conta de que o admirável relacionamento entre Jesus, aquele que ele chamou de seu Pai e o Espírito Santo não era uma forma que Deus assumiu num determinado momento, mas sim uma revelação para a raça humana de como é o Deus Uno desde a eternidade e por todo o sempre. O que vemos na vida de Jesus é uma revelação da forma como Deus é, sempre foi e sempre será para nós.

Quando o cristianismo diz "Deus" ele diz Pai, Filho e Espírito coexistindo num relacionamento lindo e íntimo de amor voltado para o outro e que se expressa em companheirismo irrestrito e total unidade. Deus, para a Igreja cristã, é um ser de relação, três pessoas, Pai, Filho e Espírito, partilhando a vida e todas as coisas numa incomparável convivência. Mas nós ousamos não ficar só nisso. Quando falamos do relacionamento entre Pai, Filho e Espírito estamos falando do cosmo inteiro e do destino da raça humana. Pois o relacionamento trino, essa comunhão abundante e prazerosa, essa unidade indescritível de amor é o próprio cerne do Universo e da humanidade dentro dele.

O amor do Deus Trino

Deus, que de nada necessita, ama por toda a
existência criaturas inteiramente supérfluas
para poder amá-las e aperfeiçoá-las.
– C. S. Lewis

A maneira como Sarayu, Jesus e Papai se relacionam, seu amor, sua transparência, seu singelo deleite tanto podem ser uma deformação grosseira e infame quanto uma boa pista para se chegar à incrível verdade. Eles certamente deixaram Mackenzie intrigado (95 e ss., 195 e ss.), para dizer o mínimo. Ele nunca tinha visto nada igual. Foi atraído pelo relacionamento e pela maneira de ser deles. Mas aquela história de Trindade não fazia o menor sentido para ele. Afinal, que diferença faz a Trindade?

Segundo o Papai de *A cabana*, pensar na Trindade e na possibilidade do amor "faz toda a diferença do mundo".

> – Entenda o seguinte – continuou Papai. – Para que eu tenha um objeto para amar ou, mais exatamente, um alguém para amar, é preciso que exista esse relacionamento dentro de mim. Caso contrário, eu não seria capaz de amar. Você teria um deus incapaz de amar. Ou, talvez pior, você teria um deus que, quando escolhesse amar, só poderia fazê-lo como uma limitação de sua natureza. Esse tipo de deus possivelmente agiria sem amor e seria um desastre. E isso certamente não sou *eu*.

Numa variação do argumento do teólogo medieval Ricardo de São Vítor, não pode haver amor ou caridade sem relacionamento.[1]

Para o Papai de Paul Young, se Deus fosse solitário por toda a eternidade, não poderia ser centrado no outro, já que não existiria o *outro* em quem se centrar. O relacionamento e o companheirismo seriam totalmente estranhos à verdadeira *natureza* de um Deus solitário. Como diz C. S. Lewis: "O amor é aquilo que uma pessoa tem por outra. Se Deus era uma simples pessoa, antes de ser criado o mundo Ele não era amor".[2] Segundo São Vítor, "a ninguém foi dito corretamente que tivesse a caridade como base do amor por si mesmo. É necessário que o amor se direcione a outro para que seja caridade. Logo, onde falta uma pluralidade de pessoas, a caridade não pode existir".[3]

Young, Lewis e Richard levantam uma importante questão. Se o relacionamento não fosse parte essencial do ser de Deus, Sua *natureza* não O levaria a cuidar de outra coisa a não ser Ele mesmo. O amor de um Deus singular seria autocentrado, narcísico, voltado para si mesmo, não para os outros. Isso quer dizer que Papai estaria apenas fingindo quando abraçou Mackenzie na varanda. Ao ocultar sua verdadeira natureza – seu egocentrismo –, Ele colocaria a máscara da aceitação, ao passo que só desejaria ver *seus* desejos realizados. Seu abraço não teria sido pelo bem *de Mack*, mas pelo seu próprio bem, exigindo uma resposta correta e dependendo dela.

Parece-me que esse é um ponto importantíssimo. Somos amados por aquilo que podemos potencialmente oferecer a Deus ou por aquilo que somos? Será que o amor do Pai, do Filho e do Espírito vem acompanhado de exigências e manipulações? Nossa existência está ligada a relacionamento ou desempenho? O Universo será resultado do egoísmo, da necessidade ou apenas do tédio divino? Estamos aqui para fazer algo por Deus, em benefício de Deus?

– O importante é o seguinte: se eu fosse simplesmente Um Deus e Uma Pessoa, você iria se encontrar nesta Criação sem

algo maravilhoso, sem algo que é essencial. E eu seria absolutamente diferente do que sou.

– E nós estaríamos sem...? – Mack nem sabia como terminar a pergunta.

– Amor e relacionamento.

Considerando que Deus é Pai, Filho e Espírito, e que o relacionamento e o amor formam o núcleo do ser trino, então "nós fomos criados para ser amados" e para viver amados, e para amar os outros incondicionalmente. Como diz Lewis: "Deus, que de nada necessita, ama por toda a existência criaturas inteiramente supérfluas para poder amá-las e aperfeiçoá-las."[4]

Há alguns anos, eu estava jogando golfe com um amigo quando um senhor alto, de cabelos grisalhos, veio em nossa direção. Eu logo imaginei que se tratava de um desses tipos de beatos melosos. Ele chegou a baixar levemente a cabeça quando estendeu a mão para me cumprimentar. Respirei fundo, perguntando a mim mesmo: "Quanto tempo vai levar para esse cara vir com o papo de religião?" Não demorou muito para aquele sujeito melífluo soltar a primeira pergunta: "E vocês, rapazes, vão à igreja?" Eu fingi que não ouvi, mas meu amigo (vamos chamá-lo de Sam) respondeu: "Bom... sabe como é, de vez em quando... quero dizer, eu não acho que a Igreja sirva para alguma coisa, e você?" O tipo melífluo ignorou a pergunta de Sam e indagou: "Vocês estão salvos?" Sam foi rápido: "Claro. Eu creio em Jesus, mas minha questão não é essa." Pedimos licença e seguimos em frente.

Será que alguém acredita que esse sujeito meloso se importava com Sam e por isso quis se certificar de que meu amigo estava salvo? Eu acho que não. Na realidade, Sam e eu estávamos jogando golfe naquele dia porque ele vinha lutando bravamente contra a dor imensa da perda da esposa. Estávamos tendo uma ótima conversa a respeito de como Jesus vem ao nosso encontro quando sofremos e Sam se sentia mais consolado. Foi quando

aquele homem se aproximou e naquele momento um espírito religioso interferiu, estragando nossa igreja.

O Pai, o Filho e o Espírito nos amam *em nosso benefício*, não para aumentar o número de adeptos, ou porque queiram obter algo de nós. A Santíssima Trindade não necessita de coisa alguma. Ela é uma fonte permanente de amor voltado para o outro. O objetivo da vida compartilhada do Pai, do Filho e do Espírito é apenas dar-se em nosso benefício, para que também possamos experimentar a vida real. Eles não precisam de nada em troca.

Era isso que eu tentava mostrar a Sam. Que Jesus o aceita, vai ao seu encontro e o abraça – como fez com Mackenzie – onde quer que ele esteja, e o está conduzindo gentilmente a experimentar sua paz e sua esperança. Jesus não deseja nada em troca. Pai, Filho e Espírito não dão para receber. Eles nos encontram em nossos mundos, em nossas lutas, nossas misérias e nossas alegrias, e jamais ignoram nossos problemas reais – embora em nossa escuridão haja momentos em que temos essa impressão.

Relacionamento, companheirismo, intimidade, partilha e doação constituem as realidades mais profundas do ser divino. Para o Pai, o Filho e o Espírito, trata-se unicamente disso, e não do que podem tirar de nós. Fomos criados para viver e repartir a vida e a alegria do Deus Trino. O Pai de Jesus não está atento fiscalizando se estamos agindo dentro dos conformes para só então decidir nosso destino. Não existe contabilidade. Não estamos aqui para "glorificar Deus" através de nosso desempenho religioso. Estamos aqui para viver "na glória" da Santíssima Trindade.

Vamos parar um pouco para examinar duas questões críticas que surgem dos comentários de Papai para Mackenzie. A primeira é: o que nos faz crer no amor de Deus? E a segunda é: o que nós realmente achamos da *natureza* de Deus? O que habita no coração de Deus? Para Paul Young, citando o apóstolo João, Deus é

amor,[5] ou, como diz Papai, "Eu *sou* o amor". Quero mencionar aqui mais uma vez Jonathan Edwards. "O apóstolo nos diz que 'Deus é amor'; ora, como se sabe que Ele é um ser infinito, conclui-se que é uma fonte de amor infinito, pleno, transbordante. E como Deus é um ser imutável e eterno, é uma fonte de amor imutável e eterno".[6] É um amor voltado para o outro, altruísta e incondicional. A mais profunda verdade do ser divino é o relacionamento de amor do Pai, do Filho e do Espírito.

O Papai de *A cabana* abraça Mackenzie, não porque está de bem com a vida, mas porque é assim que essa negra afetuosa é. Ela não está fingindo. Está sendo ela mesma. Ela vive, se movimenta e está com todo o seu ser em relacionamento com Jesus e Sarayu. Quando está com eles, está com Mack e com todos nós. Papai abraça Mackenzie como uma expressão espontânea e autêntica de sua *natureza* e de sua forma de ser.

> – Mas por que eu? Quer dizer, por que Mackenzie Allen Philips? Por que você ama alguém tão ferrado? Depois de todas as coisas que eu senti em relação a você e de todas as acusações que fiz, por que você se incomodaria em vir ao meu encontro?'
> – Porque é isso o que o amor faz – respondeu Papai.

Em um milhão de varandas, Papai irá abraçar um milhão de Mackenzies. A menos, é claro, que exista algo mais profundo sobre ela do que seu relacionamento de amor com Jesus e Sarayu.

Imagino que muitos de nós vivemos divididos entre a vontade de acreditar que somos amados pelo que somos, e para o nosso bem, e o medo de que esse amor seja pura ilusão. Eis aqui uma questão crítica. Certa vez, discuti com um homem que protestou duramente contra uma afirmação que eu fiz de que o Pai, o Filho e o Espírito nos amam, e que em Jesus todos nós fomos abraçados para sempre.

– Não! Não! – bradava ele. – Você não pode sair por aí afirmando que todos fomos adotados em Jesus. Não sabe se eles só

nos amam porque nos arrependemos e cremos em Jesus.

– Então – perguntei – qual a relação de Deus com as pessoas antes de elas acreditarem em Jesus?

– Deus é juiz – replicou o homem. – Ele só se torna Pai quando as pessoas se arrependem e creem.

– Então você está dizendo que a fé das pessoas tem o poder de alterar o *ser* de Deus?

– Não, claro que não é isso que estou dizendo.

– Mas é o que parece. Você está dizendo que só no momento em que alguém crê Deus *se torna* seu Pai. Caso contrário, permanece seu juiz. Além do fato alarmante de achar que o Deus juiz é mais importante que o Deus Pai,[7] o que acontece com Deus quando alguém clama "Eu creio; ajude-me a vencer a minha incredulidade"?[8] O Pai de Jesus é como um limpador de para-brisa, movendo-se de lá para cá entre ser pai e ser juiz?

Não preciso dizer que a discussão não acabou bem, cada um convencido de que o outro tinha perdido o juízo. Para mim, a questão é que não devemos definir o *caráter de Deus* a partir do ponto em que nos encontramos em nossa jornada de fé, ou na ausência dela. O amor voltado para o outro do Pai, Filho e Espírito é a verdade eterna da natureza divina, e, abençoadamente, ela não depende da nossa fé, ou de qualquer coisa que possamos ou não fazer. Como disse Atanásio, "a Santíssima Trindade não é um ser criado".[9] Jamais houve um tempo em que o Pai esteve só, sem o Filho e o Espírito. Muito antes da criação do mundo, a natureza de Deus já se fazia presente. Quer acreditemos, quer não, quer sejamos bons, quer não, quer façamos as coisas corretamente, quer não, o caráter do Deus Trino permanece o que é, sempre foi e sempre será – amor. Não temos o poder de mudar o Pai, o Filho e o Espírito.

Essa é uma das inúmeras razões pelas quais a Trindade é algo tão crucial. Tememos que o amor de Deus seja provocado por algo externo a Ele, o que nos deixa extremamente vulneráveis. Se o amor de Deus está condicionado a alguma outra coisa que não

sua natureza, é indispensável que jamais erremos, que façamos tudo da melhor maneira possível e evitemos qualquer armadilha, para que Deus nos ame e mantenha seu amor por nós aceso. Não admira que estejamos sempre tão exaustos e infelizes...

> – Por que vocês nos amam, os humanos? Eu acho... – Percebeu que não havia formulado bem a pergunta. – Acho que o que eu quero perguntar é: por que vocês me amam, quando não tenho nada para lhes oferecer?
> – Pense um pouco nisso, Mack – respondeu Jesus. – Você não experimenta uma forte sensação de liberdade ao saber que não pode nos oferecer nada, pelo menos nada capaz de acrescentar ou diminuir o que somos? Isso deve trazer um grande alívio, porque elimina qualquer exigência de comportamento.

O Deus cristão ama por toda a eternidade porque esse Deus existe como Pai, Filho e Espírito, num relacionamento de amor voltado para o outro, numa convivência maravilhosa. A Trindade significa que, antes da Criação, Deus é amor. "O amor é a verdade mais profunda, a essência de Sua natureza, está na raiz de todo o Seu ser".[10] "Em Deus não existe fome que necessite ser satisfeita, apenas abundância que deseja se dar".[11] A causa do amor do Deus Trino não é externa ao relacionamento do Pai, Filho e Espírito. Não há restrições, não há razões e não há o que possamos fazer para levar a Santíssima Trindade a nos amar – ou a deixar de nos amar.

O que Papai quer mostrar a Mackenzie é que, como o relacionamento e o amor existem no ser de Deus por toda a eternidade, temos que acreditar que não é nossa fé ou nossa descrença que o faz ou não existir. Fomos aceitos do jeito que somos, conhecidos e amados para o nosso bem e eternamente acolhidos porque o amor é a *natureza* da Santíssima Trindade. Assim, podemos dizer com Paulo apóstolo: "Pois estou convencido de que nem morte nem vida, nem anjos nem demônios, nem o presente nem o futuro,

nem quaisquer poderes, nem altura nem profundidade, nem qualquer outra coisa na criação será capaz de nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor."[12]

Eis aqui uma realidade a que podemos nos agarrar em meio à violência e ao medo, à morte ou à proximidade dela, à vergonha, à culpa, à dúvida e à *nossa grande tristeza*. Certamente podemos nos sentir separados, excluídos e abandonados, e qual de nós não esteve convencido disso, deixando, em sua dor, um rastro de escombros atrás de si? Mas uma coisa é certa: *nós nunca seremos abandonados ou desamparados*. Pois por toda a eternidade o Deus Trino é amor, e o Pai, o Filho e o Espírito se relacionam conosco do mesmo modo que se relacionam entre si. Eles nos amam com seu amor. Não existe outra maneira de ser para o Deus Trino. Essa é a sua natureza.

O Pai de Jesus ama até o assassino de Missy, e o ama para sua libertação, como faz com todos nós que causamos tanto mal à nossa vida e à vida dos outros, e com todos nós que ainda acreditamos que somos bons, inclusive o religioso melífluo, tão perdido em sua vaidade. "O Deus que é, o 'eu sou quem eu sou', não pode agir fora do amor." O amor ama na liberdade para viver amado e para partilhar amor, e esse amor, como diz o meu amigo Bruce Wauchope, "paga o alto preço" dos nossos incessantes desastres, sempre buscando transformá-los em algo bom para nós, para os outros, para toda a Criação. "Porque é isso que o amor faz." Essa é a verdade impressionante da Santíssima Trindade. Não é por acaso que "Não tema" é o mandamento mais repetido nas Escrituras.

Permitam-me fazer aqui duas observações adicionais. Primeiro, todas as características de Deus são expressões *dessa* natureza de relacionamento e amor.[13] Sua santidade, sua beleza, sua bondade, sua alegria são únicas e incomparáveis.

Da mesma forma, a ira de Deus não é o oposto do amor. Como disse Papai, "Os filhos se metem em várias confusões que deixam a gente furiosa. Não gosto de muitas das escolhas que eles fazem, mas essa minha raiva é uma expressão de amor." A ira é o amor do Deus Trino em ação apaixonada, dizendo "*Não!*". É a feroz resistência do amor à nossa destruição. O julgamento de Deus não é uma ação severa e ameaçadora. Julgar é discernir, é olhar para dentro de um problema e compreender o que está errado, para corrigi-lo e aperfeiçoá-lo. Como disse Sophia: "Mackenzie, julgar não é destruir, mas consertar as coisas." A fidelidade de Deus, a bem-aventurança e a plenitude, o poder e a sabedoria, a alegria e a paciência de Deus são expressões do impressionante amor voltado para o outro do Pai, do Filho e do Espírito. Não há nada que a Santíssima Trindade faça que não seja motivado pelo amor.

Segundo, tudo muda se não considerarmos o relacionamento do Pai, do Filho e do Espírito como a verdade fundamental. Vejamos novamente a santidade. Se o relacionamento não é a verdade mais profunda do ser de Deus, então a santidade de Deus não está intrinsecamente ligada à ideia de relação[14] e passa a ser preenchida com toda espécie de interpretações. E foi isso que ocorreu na nossa família ocidental. A santidade de Deus foi afastada do relacionamento do Pai, do Filho e do Espírito para ser concebida no mundo do Direito Romano, tornando-se assim uma ideia legal. Em vez de ser uma descrição do amor incomparável do Pai, do Filho e do Espírito, a santidade se transformou num tema relacionado a leis, moralidade e perfeição ética.

Se você começa com o Pai, o Filho e o Espírito, a história maior da Criação é, então, um relato sobre amor, relacionamento e vida compartilhada. "Meu propósito, desde o início, era viver em você e você viver em mim." Caso contrário, a Criação estaria relacionada a leis, a obediência externa a alguma divindade distante, ao medo, a castigos e recompensas.

Na turbulência da história do Ocidente, a santidade deixou de estar ligada à extrema comunhão entre o Pai, o Filho e o Es-

pírito e perdeu o sentido de expressão de amor. A história bíblica foi então reestruturada em termos de lei, culpa e castigo. Deus é sagrado e nós fracassamos. Tem de haver reparação. A história da vinda de Jesus e de sua morte passou a ser entendida como o castigo de Deus por nossos pecados. Deus, nesse sentido, é demasiadamente sagrado (legalmente falando) para se ocupar com o pecado, e virou as costas ao próprio Filho quando nosso pecado foi posto sobre ele na cruz. Em nosso lugar, Jesus sofreu o castigo de Deus por nossos pecados. Imagino que quase todos nós conhecemos essa versão da história.

Mas, em *A cabana*, Paul Young também coloca cicatrizes de cravos nos pulsos de *Papai*, e muito corretamente. Pois como é possível que aquele que vive no seio do Pai possa sofrer sem que seu Pai experimente sua dor? A agonia de Jesus foi igualmente sentida por seu *Abba* e pelo Espírito Santo. Como poderia haver uma lacuna terrível entre o Pai e seu Filho? E como poderia existir uma diferença fundamental de caráter entre eles, a ponto de Jesus poder abraçar os pecadores e até se "tornar pecado",[15] como diz o apóstolo Paulo, e o Pai se mostrar incapaz até de olhar por nós? Vamos lembrar as palavras de Jesus: "Quem me vê, vê o Pai", "Eu e o Pai somos um". Em *A cabana*, Papai fala isso de modo bem mais simples: "Nós estávamos lá *juntos*", "todos estávamos nele".

Nós pertencemos ao Pai, ao Filho e ao Espírito. Sempre pertencemos e sempre pertenceremos. Jesus morreu porque somos amados para todo o sempre. Mas nós nos metemos numa confusão tamanha, tão profunda e assombrosa, que se tornou praticamente impossível conhecer esse amor e experimentar sua liberdade, alegria e vida.

Para Paul Young, não existe nada mais profundo a respeito de Deus que o relacionamento de amor entre o Pai, o Filho e o Espírito. Esse amor é bom, é correto, é incomparável. É poderoso. É voltado para o outro, belo, fiel e constante, muito sofrido, cheio de alegria e paz, de uma convivência que flui livremente, e ainda

pleno de uma resistência férrea à nossa destruição. E é esse amor do Pai, do Filho e do Espírito que estrutura a história da Criação e a história da humanidade, abrindo caminho para que vejamos o sonho admirável que a Santíssima Trindade reserva para a raça humana e o extraordinário ônus que o Pai, o Filho e o Espírito estão dispostos a sustentar juntos para vê-lo realizado.

O Jesus verdadeiro

Nesse dia, você saberá que estou em meu Pai,
e você em mim, e eu em você.
– Jesus

O evangelho de João passa do relacionamento direto entre o Pai e o Filho para o incrível fenômeno da encarnação. Aquele que está no coração do Pai,[1] aquele que foi amado antes da criação do mundo[2] e é o próprio Deus,[3] se tornou carne e viveu entre nós.[4] A evolução da visão da Trindade nos primeiros séculos da Igreja Antiga esclareceu o conceito de João e focalizou a atenção em sua assombrosa compreensão. Jesus não era apenas um homem excepcional que alcançou um inimaginável relacionamento com Deus. Ele *é* o Filho eterno do Pai que compartilha a vida e todas as coisas com Ele na comunhão do Espírito Santo. Jesus se tornou um de nós, um ser humano. Ele é o Filho *encarnado*.

A ênfase recai no Filho eterno do Pai se curvando para tornar-se o que somos. A vida de Jesus na Terra foi a vivência de seu relacionamento eterno com seu Pai e com o Espírito Santo como *um ser humano*, em nosso mundo físico e temporal. Mas ele não deixou para trás seu relacionamento com o Pai ou com o Espírito Santo quando se tornou carne. A encarnação é o resultado da vida trina. Em Jesus, Papai disse: "... nos tornamos totalmente humanos. (...) Mesmo que tenhamos estado sempre presentes nesse universo criado, então nos tornamos carne e sangue".) A

vida trina de Deus deixou de ser apenas divina. Ela se tornou divina *e* humana.

Quem não fica estupefato com tal ato de amor e humildade? O criador se tornou uma criatura, uma pequena criança deitada em uma manjedoura, trazendo a própria vida trina para a nossa humanidade. Mas isso não é tudo. Existe outro aspecto nessa história fantástica.

A encarnação, como Trevor Hart explica, não foi "um episódio temporário na vida de Deus".[5] O Filho se tornar humano não significava uma rápida visita à casa de um amigo. *A encarnação não acabará nunca.* Ela é uma realidade permanente, agora e para sempre. Estevão, o primeiro mártir da Igreja, foi o primeiro a compreendê-la. Momentos antes de ser apedrejado até morrer, ele olhou para o céu e viu a mais incrível realidade no Universo.

> Mas Estevão, cheio do Espírito Santo, levantou os olhos para o céu e viu a glória de Deus, e Jesus em pé, à direita de Deus, e disse: "Vejo os céus abertos e o Filho do homem em pé, à direita de Deus."[6]

Não foi um anjo ou um arcanjo que Estevão viu. Foi o "Filho do homem". Ele viu o próprio "Jesus", o Filho *encarnado* ao lado do Pai.

Após sua ressurreição, e antes de partir, Jesus se encontrou com seus discípulos e lhes falou sobre o Espírito Santo.

> Tendo dito isso, foi elevado às alturas enquanto eles olhavam, e uma nuvem o encobriu da vista deles. E eles ficaram com os olhos fixos no céu enquanto ele subia. De repente, diante deles, surgiram dois homens vestidos de branco que lhes disseram: "Galileus, por que vocês estão olhando para o céu? Este mesmo Jesus, que dentre vocês foi elevado aos céus, voltará da mesma forma como o viram subir."[7]

Talvez em nossos sonhos mais ousados pudéssemos quase compreender que Deus se tornasse humano por algum tempo para realizar a nossa salvação. Mas quem consegue entender a ascensão do Filho *encarnado*?[8] Porque isso significa que o fato de o Filho ter se tornado humano não é um acontecimento passado, mas uma realidade contínua. A humanidade de Cristo não foi uma roupa que ele vestiu para uma curta temporada e depois tirou e guardou num armário celestial. "Eu vim do Pai e entrei no mundo; agora deixo o mundo e volto para o Pai."[9] Jesus se senta agora, *como um ser humano*, à direita do Pai, unido ao Pai na comunhão do Espírito.

Como a maioria dos pais, comecei a amar meus filhos antes mesmo de terem nascido. Porém, meu amor por eles, e o amor deles por mim, é um relacionamento que cresce e evolui através das nossas histórias. Somos humanos. Leva tempo para que nosso amor e nosso relacionamento amadureçam, embora esse amor tenha estado presente desde o início. Isso me ajuda a reconhecer que a encarnação não deve ser confundida com o nascimento de Jesus. A encarnação se estende por toda a vida dele até a morte, a ressurreição e a ascensão.

Em todos os momentos, Jesus é o Filho do Pai que é amado e ama. No entanto, o relacionamento deles é sempre novo e se manifesta em cada estágio da evolução humana de Jesus.[10] Paul Young fala sobre nossa liberdade como "um processo em desenvolvimento". A encarnação também é um processo. Ela é verdadeira no momento da concepção de Jesus. Ele é o Filho do Pai, mas, na nossa carne, está sempre se tornando quem é. Na vida trina, o relacionamento do Pai e do Filho no Espírito é sempre uma vida de amor e unidade. Mas na encarnação Jesus cresceu e se desenvolveu como nós.

Se analisarmos uma parte de qualquer período da vida de Jesus, veremos que ele é o Filho amado do Pai, e é sagrado no Espírito Santo. Mas, no nosso mundo físico e temporal, esse relacionamento não se manifestou de uma hora para outra. Jesus precisou

de algum tempo para realizar sua tarefa como Filho de Deus na nossa existência humana. Essa tarefa tinha que ser executada no nosso mundo e, como Irineu disse, em todos os estágios da nossa existência.[11] *E foi.* Na ascensão de Jesus para o Pai, Jesus encarnado está *em* seu Pai como um ser humano, como o foi por toda a sua vida, só que agora é para sempre.[12] Essa humildade, misericórdia e amor são inconcebíveis para nós. Mas representam a verdade.

E ainda há mais. O Novo Testamento proclama que Jesus é também o criador de todas as coisas. Quando juntamos as três grandes verdades da identidade de Jesus (ele é o Filho do Pai, é sagrado no Espírito, é o Criador), começamos a ver a bela e espantosa verdade da raça humana. Os discípulos de Jesus sabiam que Ele estava envolvido no ato original da criação. João, Paulo e o autor da epístola aos Hebreus são enfáticos nesse ponto.

> No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus e era Deus. Ele estava com Deus no princípio. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele; sem ele, nada do que existe teria sido feito. Nele estava a vida, e esta era a luz dos homens.[13]

> Pois nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, poderes ou autoridades; todas as coisas foram criadas por ele e para ele. Ele é antes de todas as coisas, e nele tudo subsiste.[14]

> Deus falou muitas vezes e de várias maneiras aos nossos antepassados por meio dos profetas, mas nestes últimos dias falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e por meio de quem fez o universo. O Filho é o resplendor da glória de Deus, e a expressão exata do seu ser, sustentando todas as coisas por sua palavra poderosa. Depois de

ter realizado a purificação dos pecados, ele se assentou à direita da Majestade nas alturas.[15]

Para esses três escritores simplesmente tudo na criação passou a existir através do Filho do Pai. Nem um único átomo, animal ou estrela, planta, partícula subatômica ou pessoa existe por si mesma. Todas as coisas são sustentadas, em todos os momentos, por Jesus. Como Thomas Merton coloca: "Todas as criaturas, espirituais e físicas, são criadas em Cristo, através de Cristo e por Cristo... é Ele que as mantém vivas. Nele, elas 'se mantêm inteiras'. Sem Ele, elas se desintegrariam."[16]

Seguindo os apóstolos, Merton concorda que toda a criação passou a existir através do Filho, *e* que ele continua a dar existência e vida a todas as coisas. Sem ele, a criação iria instantaneamente desaparecer ou, para citarmos uma grande frase de Atanásio, "voltar a não existir".[17]

Na criação do Universo, Jesus não é como uma criança que sopra bolinhas de sabão por um canudinho. Após serem formadas, as bolhas se separam do canudinho e flutuam sozinhas. A criança é, de alguma forma, a fonte de criação delas, mas, depois de terem se formado, ocorre uma separação e a criança não se envolve na *continuação* da existência das bolhas. O Novo Testamento e pensadores como Merton insistem em que, ao contrário da criança e suas bolinhas de sabão, o Filho do Pai está envolvido na *continuação da* existência da criação. Jesus não é um canudinho através do qual fomos soprados, passamos a existir, para depois sermos desconectados e flutuarmos em nossas próprias vidas. Não ocorre uma separação. Jesus é a fonte tanto da nossa *criação* quanto da *continuação* da nossa existência. Este é um ponto crítico porque indica que o Filho do Pai já tinha um relacionamento com todas as coisas antes de se tornar humano.

Como ele é a Palavra eterna de Deus por quem e através de quem todas as coisas são criadas, e em quem todo o universo de

> realidades visíveis e invisíveis se mantém unido, e como nele as naturezas divina e humana estão inseparavelmente unidas, então o segredo de cada ser humano, creia ele ou não, está vinculado a Jesus, porque é nele que a existência humana foi alicerçada e assegurada.[18]

Essa é a extraordinária glória de Jesus Cristo como o centro de todas as coisas.

O testemunho do Novo Testamento sobre Jesus leva a uma revolução na compreensão humana de Deus como Santíssima Trindade. Causa também uma revolução na nossa compreensão da criação e da existência humana *não separadas* do Deus Trino, mas *unidas* no relacionamento para sempre.[19] "Como poderia ser de outra maneira se aquele que se encarnou é exatamente aquele através de quem todos os mundos, todas as eras foram criados?"[20] Ao se tornar humano, Jesus não se divorciou de seu Pai, não deixou o Espírito Santo no céu, nem rompeu seu relacionamento com toda a criação. Na própria existência de Jesus, a chocante verdade sobre Deus, sobre a criação e a humanidade está sendo proclamada para todo o cosmos. Seriam necessários 33 anos, uma horrível crucificação, uma ressurreição corporal e uma ascensão para que isso ocorresse. Mas no Filho encarnado há uma surpreendente união entre a Santíssima Trindade e toda a criação – toda a criação *corrompida*. As implicações da identidade de Jesus como homem são espantosas. A existência dele como Filho encarnado significa que você está incluído na vida da Trindade – eu estou, todos nós estamos. "É, porém, por iniciativa dele que vocês estão em Cristo Jesus."[21]

Falar o nome de Jesus Cristo, biblicamente e na tradição da Igreja Antiga, significa dizer "Filho eterno do Pai", "Espírito Santo abençoado" e "Criador e Provedor de todas as coisas". Portanto, o próprio nome de Jesus significa que "o Deus Trino, a raça humana e toda a criação não estão separados, mas unidos no relacionamento". Jesus é o relacionamento. Em sua própria existência, o Pai, o Espírito Santo e toda a criação estão unidos.

A convivência mútua da Santíssima Trindade agora nos inclui. Em Jesus, a raça humana foi reunida no mundo do Espírito Santo. Adão e sua raça corrompida foram abraçados pelo Pai de Jesus e adotados como Seus filhos para sempre. O amor e a alegria, o companheirismo e a vida compartilhada, a surpreendente unidade que a Santíssima Trindade tem em Jesus nos encontraram em nossas cabanas, *nós,* você, eu, todos nós – para sempre. Como está dito em *A cabana,* em Jesus "Papai adentrou o seu mundo para estar com você".

> – Mack – disse Papai com uma intensidade que o fez escutar com muita atenção –, queremos compartilhar com você o amor, a alegria, a liberdade e a luz que já conhecemos em nós. Criamos vocês, os humanos, para estarem num relacionamento de igual para igual conosco e para se juntarem ao nosso círculo de amor.

Receio que, no mundo ocidental, tenhamos ficado tão preocupados com a culpa e o pecado que deixamos de perceber o inacreditável fato de que o próprio Filho do Pai, o Filho abençoado, o Criador cruzou todos os mundos para estar conosco e nos incluir em sua vida. Outro dia, ouvi no rádio um pastor falando sobre a necessidade de aceitarmos Jesus em nossa vida. Fiquei chocado com aquelas declarações estranhas. Quando foi que algum de nós orou para aceitar nossos pais em nossa vida, ou para pedir a nossos filhos que nos aceitassem em suas vidas? Na melhor das hipóteses, o convite do pastor era um argumento válido para que seus ouvintes caminhassem com Jesus, fossem seus discípulos, participassem da vida de Jesus. Na pior das hipóteses, era uma traição à verdade. Em nenhum ponto o evangelho diz que podemos aceitar Jesus em nossa vida. O evangelho afirma que Jesus nos aceitou na vida dele.[22]

Quando eu era aluno do professor James B. Torrance, na década de 1980, um colega, Dan Price, relatou que quando viu um me-

nininho sendo abraçado pelo pai no aeroporto, achou que aquele gesto refletia o relacionamento entre o Pai e o Filho. Mais ou menos uma semana depois, presenciei outra cena que me impressionou. Eu estava lendo o jornal no aeroporto de Aberdeen enquanto esperava meu irmão que vinha dos Estados Unidos. Entre as muitas pessoas que passavam, notei, por acaso, um homem jovem de cabelos escuros, na faixa dos 30 anos.[23] Ele estava nervoso, andava de um lado para outro e ia da porta do terminal para a de chegada a cada cinco minutos. Finalmente, ele sorriu, deu um suspiro de alívio, relaxou e se posicionou no meio de um grupo de pessoas a cerca de 10 metros de distância das portas de saída.

Abaixei o jornal para observar e vi as portas se abrirem e alguns passageiros saírem apressados. A seguir, houve um fluxo constante de pessoas, algumas quase correndo para pegar uma conexão, outras incertas sobre que direção tomar. A multidão começou a se dispersar e percebi a ansiedade do pai. *Então aconteceu.* Um menininho de cabelos castanhos, que parecia ter uns 11 anos, apareceu sozinho na porta.

Parado, totalmente imóvel, ele examinou a multidão com uma expressão assustada. Ouvi o pai gritar o que imaginei que fosse o nome do filho, mas não pude ter certeza. Porém, o menino ouviu a voz de seu pai e começou a correr em sua direção, com os olhinhos brilhando de alegria. O pai simplesmente permaneceu onde estava, com um enorme sorriso no rosto. Senti um nó na garganta.

O menino largou a maleta no chão e pulou nos braços do pai. Eles se beijaram, choraram e riram enquanto continuavam abraçados. Era um abraço simples e bonito. Observando-os através de lágrimas, ouvi essas palavras sussurradas para mim: "Baxter, Baxter, o evangelho existe. Existe a ressurreição e a ascensão de Meu Filho chegando em casa de um país distante. Existe o nosso abraço. E a boa notícia é que ele não está sozinho, ele trouxe *você e o mundo inteiro com ele.*"

Conto essa história em todos os lugares por onde ando, até

quando retorno ao mesmo grupo. Creio que estou sempre processando o significado daquele momento e da mensagem que ele transmitiu. Naquele exato instante, eu soube que tinha gravemente subestimado Jesus. Como bom americano, eu era individualista. Sempre acreditei que Jesus era Filho de Deus e que tinha se tornado um ser humano. Mas eu o imaginava como um sujeito que fez algo por nós. Eu não tinha compreendido que, em Jesus, alguma coisa aconteceu não apenas *por* nós, mas *para nós*, e *conosco*.

Porque, embora Jesus Cristo seja um ser humano, ele é humano como Aquele em quem, por quem e para quem todas as coisas foram criadas e são constantemente sustentadas. Ele é "o Homem", aquele em quem vivemos, nos movemos e existimos.[24] O que acontece com ele tem um significado fundamental para o que ele criou. Se Jesus fosse um caubói, ele poderia caminhar em direção ao pôr do sol e levantaria um pouquinho de poeira. Mas ele é o Criador. Se *ele* se encaminhar para o pôr do sol, *ele* levará a poeira e o chão, a Terra e o céu, o Sol e a Lua com ele. O que nos aconteceu na vida e na morte do Criador encarnado e Filho do Pai?[25] Se o criador morre, a criação não tem como continuar existindo. Se ele cai, nós caímos. E esta é a impressionante verdade que os discípulos de Jesus estão tentando nos transmitir.

O apóstolo diz que chegou a esta conclusão: "um morreu por todos; logo, todos morreram".[26] Para Paulo, Jesus não é apenas um entre muitos homens. Ele é *o* Criador e sustentador de todas as coisas. O que acontece com ele não é algo irrelevante, mas tem significado cósmico. Em Jesus, o Criador, alguma coisa aconteceu não apenas *por* nós, mas também *para nós* e *conosco*. Quando o Filho do Pai morreu, nós morremos. Em Jesus, Adão, você, eu e o alienado cosmos fomos eliminados, extintos,[27] "Deus em Cristo estava reconciliando consigo o mundo".[28] E então aconteceu a ressurreição de Jesus. "Abençoado seja Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo", diz Pedro, "Bendito seja Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo! Por causa de sua grande misericórdia, ele

nos regenerou para uma esperança viva, por meio da ressurreição de Jesus Cristo, dentre os mortos".[29] Quando Jesus subiu, nós subimos. Quando ele ascendeu para os braços do Pai, nós também ascendemos e fomos abraçados pelo Pai nele, e recebemos um lugar verdadeiro na sua consagração no Espírito.[30]

Leia com atenção a bela declaração do apóstolo Paulo.

> Todavia, Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou, deu-nos vida com Cristo quando ainda estávamos mortos em transgressões – pela graça vocês são salvos. Deus nos ressuscitou com Cristo e com ele nos fez assentar nas regiões celestiais em Cristo Jesus, para mostrar, nas eras que hão de vir, a incomparável riqueza de sua graça, demonstrada em sua bondade para conosco em Cristo Jesus.[31]

Essa é uma notícia surpreendente. Pense sobre isso. Paulo está nos dizendo que nos tornamos vivos em Jesus, que fomos elevados ao céu e estamos sentados com ele à direita do Pai. Eu gosto da maneira como F. J. Huegel resume isso quando coloca as seguintes palavras na boca de Jesus: "O homem velho está crucificado; eu o levo comigo para o túmulo, e enquanto subo, é você que sobe em mim. Enquanto ascendo ao Trono, é você que ascende comigo. Você é uma nova criação. Doravante, a sua vida fluirá de mim e do meu Trono."[32]

Uma vez, em uma palestra na Austrália, eu contei (ou repeti) a história do menininho no aeroporto. Ao me sentar, ouvi uma menina chorando e chamando "Sr. Kruger, Sr. Kruger!" enquanto corria ao meu encontro. Ela se chamava Stephanie. Ao ouvi-la me chamar pelo nome, meu coração se contraiu porque achei que tinha dito alguma coisa que a perturbara. Ela se sentou ao meu lado em lágrimas. Ao abraçá-la, perguntei:

– Stephanie, qual é o problema?

– Não há nada *errado*, Sr. Kruger.

– Por que você está chorando? – perguntei.

– Quando o senhor contou a história do menininho no aeroporto, o Senhor me fez ter uma visão.

– O que foi que você viu, Stephanie?

– Eu vi Deus num trono e, por todos os lados, degraus que levavam até ele. Nos degraus havia um monte de pessoas. Todas tentavam chegar a Deus, mas nenhuma conseguia. Estávamos todos machucados e feridos, com os joelhos ensanguentados, exaustos e tristes porque não conseguíamos chegar a Deus.

– Isso é mesmo muito triste – falei. – Você viu mais alguma coisa?

– Então eu vi Jesus.

– E o que foi que Jesus fez?

– Jesus caminhou na nossa direção, pegou todos nós em seus braços, subiu os degraus e se sentou no colo de seu Pai.

A sala toda ficou em silêncio por um instante, apreciando a beleza da visão. Eu a beijei no rosto e sussurrei:

– Stephanie, isso é o evangelho.

O menininho e seu pai no aeroporto bem como a visão que Stephanie teve de Jesus nos levando para o colo de seu Pai nos dão uma bela imagem do espantoso evangelho do Deus Trino. Como Lewis coloca:

> (...) Ele desce para subir de novo e levar todo o mundo corrompido com Ele. Temos a visão de um homem forte se abaixando cada vez mais para conseguir entrar embaixo de um grande e complicado fardo. Ele precisa se curvar para poder erguê-lo, ele precisa quase desaparecer sob o fardo antes de se reerguer e partir com toda a carga em seus ombros.[33]

Em Jesus, e através de sua vida, morte, ressurreição e ascensão, a raça humana e toda a criação foram erguidas na união com seu Pai e o Espírito Santo e incluídas na própria vida trina. Jesus preparou um lugar para todos nós na morada do Pai.[34]

PARTE III

O sonho da Santíssima Trindade

O grande quadro

Seu plano imutável foi sempre de nos adotar em
Sua própria família e nos levar até Ele através de Jesus Cristo.
E isso lhe deu muito prazer.
– São Paulo

O apóstolo Paulo começa sua carta aos efésios com um grito de louvor que se duplica como um resumo da verdade: "Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nas regiões celestiais em Cristo."[1] Paulo vê que algo sensacional aconteceu em Jesus. Nele, fomos abençoados com todas as bênçãos espirituais. Se você é como eu, "todas as bênçãos espirituais nas regiões celestiais" lhe parece algo bastante vago. No entanto, repare que Paulo usa o verbo no passado. Ele não diz que seremos abençoados, mas que *fomos.* O Pai *nos abençoou.* A bênção veio em Jesus e já ocorreu. Mas qual é a bênção?

Paulo volta a falar das "regiões celestiais" quando narra a ascensão de Jesus para a direita do Pai[2], e ele repete o mesmo quando nos conta que estávamos sentados com Jesus.[3] Embora Paulo não tivesse uma visão completa da Trindade, ele começa todas as suas cartas mencionando Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Entre todos os discípulos, foi ele quem acreditou na ascensão de Jesus. Ela foi gravada em sua mente na estrada de Damasco.

Naquele momento, o perseguidor dos cristãos, Saulo de Tarso, tornou-se o grande apóstolo Paulo. E entre as coisas que Jesus lhe disse houve uma que ficou gravada em sua mente. "Saulo, Saulo, por que tu estás *Me* perseguindo?" Quando Saulo perguntou "Quem és tu, Senhor?" ouviu a resposta: "Eu sou Jesus, aquele a quem estás perseguindo." Para Saulo, foi bastante chocante ouvir que Jesus era o Senhor, mas identificar Jesus com aqueles que Saulo perseguia foi ainda mais perturbador. Jesus está tão próximo dos perseguidos que se vê como um deles. Isso explica por que a ideia de "em Cristo", ou "nós nele" tornou-se a essência da compreensão da verdade para Paulo. É o que significa "todas as bênçãos espirituais nas regiões celestiais em Cristo". A bênção com a qual o Pai nos abençoou é o próprio Jesus e tudo o que ele é e tem à direita do Pai.

Paulo completa o que quer dizer usando duas bonitas imagens.[4] A primeira é a frase "antes dele". Paulo diz que fomos escolhidos para "sermos santos e irrepreensíveis em sua presença". "Antes dele" traz à mente companheirismo direto e significa intimidade. Veja o que diz Markus Barth:

> "ANTES DELE" denota a presença imediata de Deus junto ao ser humano, e uma maior proximidade dele junto a Deus...[5]

Voltamos a tratar de relacionamento. Barth fala sobre a "*presença imediata* de Deus junto ao ser humano" e "uma *maior proximidade* dele junto a Deus". Paulo não sugere que sejamos meros objetos diante de Deus, como o meu computador diante de mim. Ele se refere a sermos convidados reverenciados na casa do Pai, no companheirismo ao redor da mesa dele, em uma atmosfera de afeto e intimidade. Nós somos altamente valorizados na presença do Pai, somos amigos adorados e estimados, recebidos de braços abertos. Gosto da maneira como Eugene Peterson traduz este versículo: "Muito antes de ter assentado as fundações da Terra, Deus nos tinha em mente, nos tinha escolhido

como foco de seu amor, para que fôssemos tornados inteiros e santos por seu amor."[6]

Não surpreende, portanto, que a linha de pensamento de Paulo se volte para a adoção. Ele está desesperadamente tentando nos falar sobre o sensacional presente que nos foi dado em Jesus. Ele compreende que isso representa sermos singularmente estimados e amados pelo próprio Pai, e tornados adequados para Ele, de tal forma que a presença Dele seja o lugar onde nos sentimos confortáveis – o nosso lar. Depois, ele acrescenta a ideia de sermos incluídos na *vida da família.* Filhos não se sentam mudos lado a lado com seus pais. Eles compartilham a vida. "Está tudo ligado a relacionamentos e ao compartilhamento da vida."

Há alguns anos, conheci um homem chamado Francis Lyall que tinha feito extensas pesquisas sobre a noção de adoção na Antiguidade. Ele mostrou que, no mundo romano, filhos naturais poderiam ser deserdados, mas o mesmo não acontecia com uma criança adotada. Após a adoção, a criança nunca mais poderia ser rejeitada. É essa a nossa relação em Jesus com o Pai. Fomos incluídos para sempre. Mas o foco principal de Paulo é o presente que nos foi dado na adoção. O objetivo da adoção não é puramente legal, mas de inclusão na vida da família. Na adoção, nos tornamos herdeiros, co-herdeiros com Jesus, e o que herdamos não são direitos, privilégios ou status, mas *o próprio Pai.*[7]

Paulo fala sobre sermos incluídos no companheirismo de uma família, sobre recebermos um lugar não apenas à sua mesa, mas numa vida compartilhada. Ser adotado significa ser incluído na família, de tal forma que o amor e a alegria, os interesses e encargos dela se tornem nossos também. Não somos apenas queridos e bem-vindos, mas conhecidos e aceitos, para experimentarmos, sentirmos e vivenciarmos a vida da família por nós mesmos. Trata-se de relacionamento, comunhão, compartilhamento de almas e, portanto, de conhecer e ser conhecido, de ser amado e amar – de *estar unido ao Pai.*

O sonho do Pai é nos trazer para sua casa e nos colocar à sua

direita na mesa, estabelecendo conosco uma relação de profundo companheirismo. Um companheirismo tão próximo e pessoal, tão real e íntimo, que tudo aquilo que Ele é e possui é compartilhado conosco pessoalmente através de Jesus no Espírito. Ser adotado significa ser incluído em Jesus e em sua vida compartilhada com seu Pai e o Espírito Santo. E isso não é tudo.

Na verdade, a nossa adoção já aconteceu em Jesus. Paulo vê a ascensão de Jesus como o momento em que fomos incluídos. "Todas as bênçãos espirituais nas regiões celestiais" é a bela vida da Santíssima Trindade. E o Pai *nos abençoou* com essa vida em Jesus, assim como ele a planejou tempos atrás. Em Jesus, fomos adotados na vida da Trindade. Recebemos um lugar no amor e na felicidade, uma vida rica e alegre, música e criatividade, paz e liberdade, e a indescritível união com o Pai, o Filho e o Espírito. Este é o sonho da Santíssima Trindade que se tornou realidade em Jesus. Mas ainda não é tudo.

Paulo nos diz que esse plano era anterior à fundação do mundo. Vou citar os três versículos juntos para que possamos entender o que ele afirma:

> Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nas regiões celestiais em Cristo. Porque Deus nos escolheu nele antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis em sua presença. Em amor nos predestinou para sermos adotados como filhos, por meio de Jesus Cristo, conforme o bom propósito da sua vontade... [8]

Paulo afirma que fomos escolhidos antes da criação do mundo e predestinados à adoção. O que ele quer dizer é que você já era conhecido, valorizado e amado no coração do Pai desde a eternidade, e que não está aqui por acaso, mas de acordo com o plano e o desígnio Dele.[9]

Note as expressões "nele" e "através de Jesus Cristo". É emo-

cionante pensar que somos tão conhecidos, amados e destinados a sermos incluídos na vida trina de Deus. É ainda mais empolgante ouvirmos que isso aconteceu em Jesus, pois significa que esse era o plano *antes da* criação do mundo, e que *naquele lugar e instante* a nossa adoção foi colocada nas mãos de Jesus Cristo.

Em Jesus, finalmente, encontramos nossos verdadeiros propósitos, a luz do mundo, a verdadeira estrutura dentro da qual a história da criação e a existência humana são compreendidas. Desde o começo, tudo está relacionado à vinda do Filho do Pai e, *através dele*, à exaltação da raça humana na vida compartilhada pela Santíssima Trindade. Porque Jesus não é o plano alternativo que o Pai, o Filho e o Espírito rapidamente conceberam e implementaram após o fracasso do plano original em Adão. Jesus é o primeiro, o original, o único plano. Como Papai disse em *A cabana*: "A criação e a história estão integralmente relacionadas a Jesus." Ele é o alfa e o ômega,[10] o início e o fim. A ascensão de Jesus (e a nossa nele) não foi uma ideia posterior, mas o objetivo da criação. Jesus "em seu Pai" e "nós nele" não é um ajuste parcial, mas o sonho da Santíssima Trindade desde antes da criação do mundo.

O ventre da encarnação[1]

Você já notou que, na sua dor, você assume o pior de mim?
– Jesus

O fato de que Jesus Cristo – e a nossa adoção nele – é o plano original coloca Adão e Eva e o evento da própria criação subordinados à vinda de Jesus Cristo. O Éden nunca foi a meta, mas o começo. Porque o extraordinário presente da nossa adoção requer uma surpreendente humildade por parte de Deus, uma humildade que se curva para cruzar todos os mundos de diferença entre criador e criatura.[2] A criação não foi um acidente nem foi um produto do acaso, mas um ato de devoção divina, o primeiro fruto do abundante e determinado amor do Pai, do Filho e do Espírito que estabeleceu o cenário para a vinda de Jesus. A criação e o Éden estabelecem o contexto pessoal e vivo para a realização da união entre a Santíssima Trindade e a humanidade no próprio Jesus.

Todas as coisas foram criadas também *por* Jesus. "Eu sou a luz do cosmos", a fonte e o significado, a razão da existência de todas as coisas. É em Jesus – e naquilo que aconteceu à humanidade e à criação nele – que vemos o objetivo da graça e da alegria do Deus Trino na criação do Universo e da existência humana. Se não virmos Jesus como o centro de todas as coisas, estaremos condenados a viver sem esperança dentro de um cosmos essencialmente triste e sem propósito.[3] Mas se virmos Jesus, e nós nele, e toda a criação reunida nele e incluída em seu relacionamento com seu Pai e em

sua consagração no Espírito Santo, veremos "a luz da vida".[4]

A existência humana e a de Adão e Eva são compreendidas na luz da vinda de Cristo. A criação é o primeiro ato do Deus Trino na *preparação* da vinda do Filho do Pai. Ela prepara o cenário para a história dele, bem como o da nossa história nele.

A criação estabelece o lugar onde a Trindade se tornará una com a humanidade. Essa vida compartilhada se manifestará em nós com indescritível beleza e graça, e a própria criação encontrará em nós a amizade de Jesus. O cosmos e a Terra formam o palco para a grande dança da Santíssima Trindade *com* a raça humana. No entanto, a criação é muito mais do que um mero palco. O mundo criado é um sacramento cósmico, uma vasta floresta reluzente[5] batizada com a glória da própria Santíssima Trindade. Cada uma e todas as coisas, da mais simples à mais importante, da aparentemente insignificante à obviamente fundamental, possui seu lugar e valor no mundo de Jesus. "Se alguma coisa é importante, todas as coisas são importantes."

"Nunca vou me cansar de olhar para isso", disse Jesus para Mackenzie. "A maravilha de tudo, o esbanjamento da Criação, como disse um de nossos irmãos. Tão elegante, tão cheia de desejo e beleza, até mesmo agora."

Eu adoro o que Jesus diz após ter alimentado a multidão com peixes e alguns pedaços de pão. "Ajuntem os pedaços que sobraram. Que nada seja desperdiçado."[6] Esse é o amor do Pai, do Filho e do Espírito por toda a criação, e uma bela manifestação da determinação trina de abençoar e incluir.

No centro da *preparação* para a vinda de Jesus, da nossa adoção nele e da bênção de toda a criação está a formação da humanidade à imagem de Deus. Adão e Eva não eram meras extensões de Deus. Embora totalmente dependentes do Senhor para suas existências, eram pessoas distintas, cada qual com sua própria mente, seu coração e suas vontades. Como a Bíblia deixa claro em cada página, e como Paul Young evidencia em toda *A cabana,* o Deus Trino *nos* leva muito a sério. Nós temos importância para

Ele. Nós somos reais para Deus. É necessário nos vermos como seres distintos e reais para a Santíssima Trindade. Como Papai disse: "Não gosto de prisioneiros."

O padrão ou o plano da existência de Adão e Eva era o próprio Jesus em seu relacionamento com seu Pai, em seu relacionamento com o Espírito Santo e em seu relacionamento com a futura raça humana e o mundo criado. "Todo o caráter da criação foi determinado pelo fato de que Deus deveria se tornar homem e viver no meio da Sua própria criação."[7] Todas as coisas foram projetadas *para* a vida trina, de forma que a vida e a alegria, a beleza e a graça, o amor desprendido e altruísta e o companheirismo pudessem se estabelecer na Terra em Jesus, quando chegasse o momento certo.

Adão e Eva receberam papéis centrais no plano. Eles foram chamados a viver no relacionamento com o próprio Senhor e ser os agentes da sua bênção na criação. Foram criados para ouvi-lo, vê-lo, conhecê-lo e usufruir seu amor.[8] E ao conhecê-lo, ao conhecer seu coração e seu amor, eles vivenciariam uma segurança e uma confiança que não são deste mundo – são celestiais. Com essa segurança, cresceria a liberdade para amar e ser amado, conhecer e ser conhecido, cuidar e ser cuidado – companheirismo, dedicação, vida compartilhada. Esse desprendimento fluiria então para o relacionamento deles com toda a criação e se tornaria o veículo da bênção e da paz.

Como a criação tem sua existência, seu significado e sua bênção em Jesus, Adão e Eva receberam um lugar real em seu Senhor. A criação deveria "se encontrar", ou seja, "caminhar" através do amor e da liderança deles. Adão e Eva, os primeiros no relacionamento de confiança, amor e companheirismo com o Senhor, e depois no relacionamento um com o outro, e em seguida em seus papéis como mediadores da bênção dele, formavam o contexto vivo, "o ventre da encarnação". Essa foi a primeira forma de adoção destinada a alcançar toda a sua plenitude e glória no próprio Jesus.

No início, porém, o plano quase desmoronou por inteiro, ou pareceu ter desmoronado. A serpente mentiu sobre o caráter de

Deus. Adão e Eva acreditaram na mentira e passaram a duvidar da bondade do Senhor. [9] Essa *dúvida* quanto aos sentimentos do Senhor em relação a eles foi um grande desastre, porque eliminou a segurança celestial dos dois. No vácuo, surgiram culpa e vergonha, medo, ansiedade e uma assustadora insegurança que, juntos, se tornaram, dentro de suas almas, uma mistura letal que logo começou a envenenar todo o conteúdo de suas existências e da criação. Como Sarayu disse a Mackenzie: "Vocês, humanos, são verdadeiramente cegos em relação ao seu próprio lugar na Criação. Escolheram o caminho devastado da independência e não compreendem que estão arrastando toda a Criação com vocês."

"Ele é a antiga serpente conhecida como Demônio ou Satanás", que "engana todo o mundo"[10] e é chamado de "mentiroso e pai da mentira" por Jesus.[11] É uma *criatura* totalmente diferente do Deus Trino. Não pode criar, dar existência ou vida. Toda a vida e toda a substância vêm do Pai, do Filho e do Espírito. Se o ser maligno tiver seu próprio mundo, ele estará limitado a "explorar" ou "fazer mau uso" da vida trina compartilhada conosco. E ele não pode fazer nenhuma dessas coisas sem antes obter a nossa permissão ou ir contra a nossa vontade. Por isso ele mente. Ele engana. Ele nos confunde de tal maneira que nós, ingênua e inconscientemente, nos prontificamos a agir em sua diabólica matriz de descrença, confusão e escuridão, dando assim lugar a seus covardes e perversos meios na magnífica criação do Deus Trino.

A principal mentira do demônio é a dúvida quanto à bondade do Senhor, algo que gera medo, insegurança e ansiedade em todos nós, e por isso nos faz agir com arrogante autossuficiência. Tudo isso decorre da mentira ardilosa de que estamos separados do Deus Trino. Adão e Eva acreditaram na dúvida sussurrada pela serpente sobre a bondade do Senhor.[12] No lugar da confiança, do amor e da segurança, surgiu a dúvida seguida do medo, o que os fez se voltarem para si mesmos. Eles se tornaram egocêntricos e "preferiram a independência ao relacionamento". Em vez de se relacionarem com o Senhor, eles adotaram seus próprios

julgamentos. A confiança, o amor e o companheirismo que formavam o centro de todas as coisas se transformaram em falta de confiança, ansiedade e independência – separação. O companheirismo divino-humano formado para ser "o ventre da encarnação" tornou-se uma confusão absurda e irreparável.

O grande desastre de Adão e Eva não foi simplesmente o fato de terem pecado ou desobedecido a uma lei divina.[13] O desastre foi terem ficado cegos ao acreditarem na mentira que o demônio contou. Podiam ver fisicamente, mas sua visão da realidade ficou tão distorcida que eles não foram mais capazes de perceber a verdade sobre Deus ou sobre si mesmos. *Eles se esconderam do Senhor.*

Por quê? Do que tinham medo? É óbvio que eles se escondem logo após a total e explícita desobediência, o que nos faria crer que temessem o castigo de Deus. Mas como poderiam Adão e Eva estar *no jardim*, *ser* os beneficiários de tanta bênção e tanto amor, e temer o Senhor? Deus teria mudado? Teria deixado de amá-los?

Certamente, a desobediência de Adão não alterou Deus. *Ou talvez tenha alterado.* É possível que Deus tenha mudado radicalmente, não na realidade, é claro, mas na mente de Adão. Como Papai disse a Mackenzie: "... quando tudo que consegue ver é sua dor, talvez você perca a visão de mim." A crença na mentira sobre o caráter de Deus misturou-se à dor de Adão – à dor da sua infidelidade – e isso alterou sua mente, sua compreensão, sua visão interna, sua percepção de si mesmo, de seu mundo. Alterou sobretudo a maneira como ele via Deus. Adão projetou a sua própria degradação no rosto de Deus. Ele pegou um pincel, mergulhou-o na fossa da sua angústia, da sua culpa e da sua vergonha, e pintou um retrato totalmente novo de Deus com ele. E era esse deus criado por sua turva imaginação – não o Senhor – que ele temia, e de quem se escondia.

O Deus Trino não mudou. Como poderia qualquer tipo de ação humana mudar Deus? Quem mudou no relacionamento foi Adão, que, ao projetar sua dor em Deus, criou uma divindade totalmente mitológica, uma invenção da sua própria ca-

beça. Só que essa invenção tornou-se ameaçadoramente real *para Adão.*

Adão estava morto de medo. Como poderia não estar? Sentir-se culpado diante de um ser divino tão instável quanto ele imaginou que Deus fosse encheu de terror a sua alma. Deus tornou-se um carrasco cruel e implacável. Em seu desvario, Adão estava a um passo do abandono e do abismo do não ser.[14]

Esse é o problema do pecado. O impossível aconteceu: a verdade sobre o amor do Senhor ficou tão completamente oculta que se tornou *inconcebível.* Uma profunda cegueira tomou de assalto a mente de Adão. Ele não mais consegue ver o rosto do Pai. Para Adão e, na realidade, para todos nós, o deus de nossa imaginação é o único que existe. Qualquer outro Deus é inconcebível.

A nossa vergonha desfigura o coração amoroso do Pai. Ele continua a nos abençoar além de qualquer expectativa, mas não nos damos conta disso. A verdadeira presença do Senhor no amor e na graça passa a ser percebida através do filtro de uma mente corrompida, e Ele é visto como um "capataz exigente", um grande crítico, um juiz que condena rapidamente e cujo espírito observador vasculha todos os cantos do Universo para censurar-nos.

A raça humana está perdida na mais terrível escuridão, a escuridão da sua própria mente corrompida, a escuridão da crença errada, da infidelidade, da ansiedade, da projeção e da percepção distorcida. Como Papai disse: "*É* a matriz, uma trama diabólica em que vocês estão presos sem esperança, mesmo que completamente inconscientes da sua existência." Infelizmente, a mente corrompida é consistente. Ela nunca falha. Sua sombria e ansiosa imaginação cria uma divindade falsa que nos vigia, julga e pune implacavelmente. E esse deus é muito, muito real para nós, tão real que se tornou quase "natural",[15] "*normal*", a coisa mais óbvia do mundo, a indiscutível verdade sobre a divindade. Uma verdade criada por nós e através da qual vemos erroneamente o coração do Pai sem ao menos conhecê-Lo.

Graça

O que Deus poderá fazer diante desta desumanização da humanidade, deste encobrimento universal do conhecimento Dele pelos ardis dos espíritos malignos?
– Atanásio

A resposta do Senhor à queda de Adão é tão notável quanto bela.[1] Não há como fingir que está tudo bem, nem imaginar que a infidelidade de Adão foi apenas um acidente em um relacionamento que estava funcionando. O Senhor viu o desastre tal como foi, mas, citando Atanásio mais uma vez: "O que devia fazer Deus sendo bom?"[2] Fingir que estava tudo bem? Revidar com raiva? Sendo quem é, Ele aceitou a queda sem aprová-la, e aceitou Adão como uma criatura corrompida. Como Papai disse em *A cabana*: "... em vez de varrer toda a Criação, arregaçamos as mangas e entramos no meio da bagunça." Não há indiferença ou neutralidade divina, como se o Senhor pudesse não se importar com o que está acontecendo com sua criação. E não há explosão de raiva divina, nem desejo de vingança. Há certamente um julgamento que constata que houve um grande erro, e outro que insiste em endireitar as coisas, em estabelecer a paz, a confiança e o amor no relacionamento. Porque o objetivo eterno da nossa adoção em Jesus permanece.

Por conseguinte, como um ato de total graça, como um ato de aguda percepção do medo de Adão, de identificação com ele em sua dor, como um ato determinado que visava a um encontro e um relacionamento com ele em seu estado decaído, o Senhor

aceitou Adão em sua vergonha e se relacionou com ele exatamente como ele se encontrava. *Ele o vestiu.*[3] Foi um ato de amor, de aceitação, de desejo de um relacionamento real que fluía de Seu desejo obstinado de concretizar o objetivo da adoção.

O grande Anselmo disse a seu amigo Boso: "Você ainda não levou em conta a excessiva gravidade do pecado".[4] No entanto, no Jardim do Éden é difícil encontrar um Deus ofendido, ou ver o pecado sendo avaliado e julgado com severidade extrema. O Senhor, que, no *nosso* modo de pensar, deveria ter ficado indignado e teria todo o direito de amaldiçoar Adão e destruí-lo por completo, não fez nada disso. Vemos o Senhor mais preocupado com suas criaturas perdidas e aterrorizadas do que com a própria honra.

Não há luzes ofuscantes, nenhum bando de anjos, nenhuma entrada triunfante de um Rei que exige uma reparação adequada ou vingança pela ofensa de Adão. O Senhor chega buscando estabelecer companheirismo com sua criatura amada. Ele encontra seu amigo escondido, envergonhado e aterrorizado. Ele reconhece o que aconteceu e, sem hesitar, move-se em direção a Adão com afeto e amor misericordioso.

O problema da queda, da desgraça e do pecado não é apenas ter havido desobediência a uma ordem divina. O problema é que Adão está agora tão perdido no cosmos da sua própria mente corrompida que não tem mais a menor condição de se *relacionar* com o Senhor. Como poderia ele confiar no Deus da sua imaginação perturbada? Preso no trágico pesadelo da confusão que criou, ele próprio se tornou "o juiz" e, em seu modo de pensar, acredita que *o Senhor* é o *inimigo* a ser temido e evitado. Ele está com vergonha de si mesmo e morto de medo de Deus. Ele se esconde.

O fato de se esconder da presença do amoroso Senhor nos mostra a que ponto a queda deformou em Adão a percepção de Deus. Na realidade, Adão *se escondeu* de seu melhor amigo no Universo – *e acreditou estar com a razão.*

O comentário mais incisivo sobre o desastre da queda de

Adão está nas palavras de Jesus: "Ninguém conhece o Pai a não ser o Filho."[5] Jesus afirma que precisamos de novos enfoques sobre seu Pai, e ainda que nossa visão sobre Deus seja bastante boa, ela precisa ser refinada. Jesus diz: *Ninguém conhece o Pai.* Pode haver declaração mais solene? Aqui está a "excessiva gravidade do pecado". Ninguém – nem os judeus, nem os romanos, nem os gregos – conhece o Pai. "Pois todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus", como argumentou o apóstolo Paulo.[6] Para Jesus, o problema da cegueira humana é absoluto. Todos estamos muito presos às armadilhas da confusão de Adão, e não existe aquele que conheça realmente o Pai, que o veja como Ele é, que esteja ao menos próximo Dele – exceto o Filho.[7] "Eu vim ao mundo como luz, para que todo aquele que crê em mim não *permaneça nas trevas.*"[8]

Uma mente confusa vê apenas através do filtro de sua própria confusão.[9] Se não pusermos de lado as distorções das nossas mentes corrompidas, nunca conheceremos o coração do Pai. Com Adão tão confuso e a confiança tão abalada, a ideia da adoção deixa de existir, porque a possibilidade de qualquer companheirismo divino-humano foi excluída. Acabamos criando um Deus à imagem de nossa perturbação.[10] Jesus está totalmente certo: *Ninguém conhece o Pai.*

A história bíblica não fala sobre a necessidade de mudar Deus, como se, de alguma maneira, nosso fracasso tivesse alterado o coração do Pai ou seus sonhos para nós. A história nos fala sobre como o amor do Pai, do Filho e do Espírito encontra um jeito de fazer o impossível para *nos alcançar* em nossas mentes corrompidas. Como Papai disse para Mack: "Entendo como é difícil para você começar a perceber, quanto mais imaginar, *o que* são o verdadeiro amor e a bondade." Para Deus, a questão é: "Como posso trazer de volta ao meu companheirismo aqueles que estão de tal forma perdidos em suas mentes corrompidas que me odeiam e correm para se esconder de mim?"

Como relacionar-se com alguém que não quer se relacionar

com você? Como penetrar na cegueira dessa pessoa? Como conquistar alguém que projeta a própria vergonha em você, e por isso o deforma e distorce, desonrando o seu amor e se escondendo para não ser visto? Em nossa dor, nós, assim como Adão, nos condenamos, criamos um deus semelhante à nossa vergonha, um deus descrito por religiões demagógicas, nos agarramos à ideia de um deus que é tudo menos um Pai amoroso.

Como irá o Senhor penetrar na nossa escuridão e se tornar conhecido por nós? Será que o Deus revelado por Jesus Cristo resolve essa questão? A revelação é capaz de transformar nossas mentes confusas, que só conseguem interpretar erroneamente aquilo que é revelado? Como é possível a comunicação autêntica e a confiança quando nossas imaginações conturbadas pintam o coração do Senhor à imagem das nossas próprias culpa e vergonha?

Adão e Israel

Você simplesmente não consegue obter boa ajuda por aqui.
– Papai

Depois da retorcida escuridão da queda de Adão, o Senhor, no seu propósito permanente de adoção da raça humana, chamou um homem pagão cujo nome era Abraão. Deus não escolheu Abraão por causa de seu potencial religioso, mas porque ele era tão cego e corrompido quanto qualquer outra pessoa no planeta. Por intermédio de Abraão, com Israel e seus descendentes, o Senhor estabelecerá um relacionamento real com os corrompidos filhos de Adão. Mas isso não será fácil.[1] Israel, preso nos delírios da mente de Adão, está apavorado. O relacionamento entre o Senhor e Israel é um relacionamento de amor, graça e promessa, mas também de angústia.

Pense em Pedro no barco com Jesus. Pedro tinha passado a noite inteira no mar, sem conseguir pescar nada. Jesus entrou em seu barco para pregar às multidões. Depois, mandou Pedro levar o barco para águas mais profundas e jogar suas redes. Já exausto, Pedro hesitou um pouco, mas fez o que Jesus sugeriu. E pescaram tantos peixes que dois barcos se encheram até quase afundar. Embora animado com a presença daquele magnífico guia de pesca, a resposta de Pedro foi surpreendente. Ele estava com medo. "Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador!"[2]

Pode parecer estranho, mas a reação de Pedro é uma janela para o mundo de Israel. Nesse episódio, Pedro representa a história de Israel. O pacto entre o Senhor e Israel significa que o próprio Senhor está no barco, ou seja, com Israel. Esse é certamente um relacionamento de graça, mas também de agonia e conflito, porque o amor absoluto do Senhor, embora confortante e cheio de esperança, evidencia o pecado e a corrupção de Israel.

Logo que minha esposa Beth e eu nos casamos, tivemos uma "discussão" sobre a cor das paredes do nosso apartamento. Eu afirmei que elas eram obviamente brancas, mas Beth sorriu e disse que a cor era "gelo". Para provar meu ponto de vista, peguei uma folha de papel branco e a coloquei contra a parede. Para minha imediata decepção, constatei que as paredes eram claramente "gelo". Isso é o que acontece na história de Israel. A presença do Senhor coloca uma folha de papel branco contra a parede da vida de Israel e expõe de imediato todos os pontos escuros. Sua presença em Israel significa presença de *vida*, e essa vida inevitavelmente revela que aquilo que Israel está vivendo não é vida, mas uma forma distorcida de tristeza e morte. Israel está encurralado entre o amor e a graça do Senhor, e a exposição da sua corrupta e pecaminosa existência. O grito de Pedro expressa a contorcida dor do desamparo de Israel.

Aquele de quem Adão se escondeu entrou no espaço da consciência de Israel e, a seguir, fechou e trancou a porta. A dor da queda de Adão não tinha onde se esconder em Israel, porque a presença do Senhor era uma bênção assustadora. Como poderia ser diferente? Nem o Senhor nem seu evidente amor iriam embora. E as coisas pioraram, pioraram muito. Porque o amor do Senhor "não apenas revelou o pecado de Israel, como o intensificou".[3]

Tudo isso tem a ver com relacionamento, e relacionamento significa conhecer e ser conhecido. O Senhor não está apenas caminhando no Jardim do Éden, mas encontrou Israel se escondendo entre os arbustos. O aviso "Vá embora, não perturbe" está

tocando alto, e Israel não quer permitir que a luz do amor de Deus brilhe nos corredores da sua vergonha e da sua maldade. E assim, com graça e misericórdia, o Senhor estabeleceu o sistema dos sacrifícios para o bem de Israel. Mas, mesmo com os rios de sangue dos milhares de sacrifícios, a presença do Senhor ainda era insuportável para Israel.

Ao entrar na consciência de Israel, a presença do Senhor mexeu com todos os pontos nevrálgicos da sua mente corrompida, da sua culpa, da sua vergonha, do seu medo, do seu orgulho e do seu julgamento. Se relacionamento significasse apenas compartilhar informações, tudo seria mais tranquilo e seguro. Embora o Senhor desse passos lentos e cautelosos, ter um relacionamento com Deus significava que o próprio Deus estava no mesmo espaço que o corrompido Israel, e assim a heresia, o paganismo e a alienação de Israel foram expostos e despertaram todo tipo de hostilidade e animosidade contra Deus. A reação inesperada de Israel e sua rebelião contra o amor de Deus não foram aprovadas nem ignoradas, mas aceitas como normais na humanidade corrompida. No entanto, a aceitação da rebelião de Israel pelo Senhor significa que Ele está um pouco mais perto, e isso faz com que o conflito de Israel com Deus chegue a um grau extremo.[4]

O Senhor caminhou com Israel e na genialidade do Espírito usou as reações que Sua presença provocava em Israel – tanto as boas quanto as más – para criar um novo meio para a compreensão humana.[5] A maneira de ser e pensar de Israel foram jogadas na fervilhante caldeira do amor de Deus, e na presença do Senhor suas crenças básicas sobre Deus foram derretidas e refeitas. Ideias novas e conceitos incomparáveis começaram a surgir no mundo corrompido de Adão: os nomes de Deus, a palavra e o Espírito de Deus, o amor de Deus, pacto, pecado, redenção, graça, profeta, pastor e rei, clemência e perdão.[6]

Para Israel, caminhar com o Senhor significava descobrir um novo mundo de compreensão e, com ele, uma grande esperança. Porém, significava também sentir a dor de estar nu, com todas

as suas ilusões expostas. Parece quase inconcebível que houvesse um propósito deliberado do Senhor de intensificar o conflito de Israel com Ele, e usar esse conflito para estabelecer um relacionamento real.[7]

Não se trata de forma alguma de aplacar a fúria de uma divindade ofendida e zangada, de submeter-se às leis divinas, ou de fingir que não existem problemas. O Deus Trino quer deliberadamente nos abraçar no retorcido drama da nossa corrupção. Ele deseja tamanha aproximação conosco que podemos *sentir* a infernal angústia da nossa separação, e por isso o atacamos. O objetivo é mexer com todos os pontos nevrálgicos da queda de Israel. Porque um relacionamento real exige que o Senhor chegue ao fundo do problema, às profundezas da hostilidade humana por ele e por seu amor. Todo o veneno da corrupção precisa vir à tona. Qualquer tentativa menos séria nos deixa perdidos em nossas divagações e nos leva a desconhecer o Pai.

A única expectativa do Senhor em relação às suas criaturas corrompidas é a de que não poderíamos lidar com sua presença e seu amor e faríamos o possível para escapar de ambos, inclusive desvirtuar sua Palavra em religiões criadas por nossas mentes degradadas para manter o Senhor a certa distância. Na medida em que o Senhor, em seu grande amor, se aproximou de Israel, a vontade de correr cresceu em Israel. Foi demais. A amarga animosidade que levou Israel a tentar retirar o Senhor do seu espaço e trancar a porta é aterrorizante e perturbadora. Entretanto, é uma situação muito real, e é nela que o Filho do Pai irá nascer. Esse conflito cada vez maior entre Israel e o amor de Deus é o ventre do real relacionamento divino-humano, o "ventre da encarnação". O conflito está destinado a alcançar seu ponto de ebulição quando o Senhor, numa esplêndida manifestação de graça, vai *pessoalmente* ao encontro de Israel no pior momento de sua queda obstinada e cega, e a odiosa contradição entre a humanidade corrompida e o amor de Deus se equiparam na pessoa de Jesus Cristo.

A rejeição do Filho ungido

Veja, estamos indo para Jerusalém; e o Filho do Homem será entregue aos principais sacerdotes e mestres da lei, e eles o condenarão à morte; e o entregarão aos gentios para que zombem dele, o flagelem e crucifiquem...
– Jesus

Concebido pelo Espírito Santo, o Filho do Pai se tornou um bebê no ventre da Virgem Maria. Ele nasceu como um menino judeu no centro de Israel, e do relacionamento de Israel com Deus. Tendo crescido em sabedoria e valor, ele passou a se envolver mais e mais na vida de Israel. Ao iniciar seu ministério público com cerca de 30 anos, Jesus imediatamente começou a curar e a ensinar. Alguns disseram "Vimos a sua glória",[1] o que significa que viram Jesus como ele de fato é,[2] como *o* próprio Filho *do* Pai, *o* criador, *o* que era ungido no Espírito Santo. Nele, a luz da vida brilhava na escuridão – e as pessoas eram atraídas para ele. Cheio de compaixão pelos humilhados e oprimidos, ele se pôs a ajudar os outros, a curar e a recuperar, a esclarecer e a libertar. Como sua fama se espalhou rapidamente, grandes multidões se reuniam para ouvi-lo falar, tocá-lo, buscar a cura, fazer parte de seu mundo. Por algum tempo isso foi muito bonito, algo parecido com o que deveria ser quando o Filho do Pai entrasse em nosso mundo.

Porém, as coisas mudaram rapidamente. O conflito parecia inevitável à medida que os líderes religiosos observavam Jesus

com uma desconfiança crescente.[3] Eles tinham muito a perder – Jesus fazia promessas espantosas e denúncias igualmente extraordinárias. Falava com "ousadia revolucionária"[4] e se colocava acima não apenas dos líderes judeus, mas da própria sagrada Torá.[5] Como vimos, para Jesus, Deus era seu próprio Pai, e ele, o *único* Filho. E Jesus cumpriu todas as suas promessas. Ele produziu. Ele curou. Ele recuperou. Ele deu olhos novos para aqueles que tinham nascido cegos e até ressuscitou os mortos.

A presença de Jesus – seu coração, sua vida, suas curas – expôs a falência da religião dos líderes. Em reuniões secretas, eles conspiraram para silenciá-lo. "Se o deixarmos continuar, todos crerão nele, e os romanos virão tirar tanto o nosso lugar como a nossa nação."[6] Por essa razão, eles enviaram espiões para encontrar uma "prova", qualquer coisa que pudessem usar para desacreditá-lo.[7] Mesmo após Jesus trazer Lázaro de volta à vida. "Daquele dia em diante, resolveram tirar-lhe a vida."[8]

Para nós, é fácil criticar a total cegueira dos líderes judeus. Mas o fato é que, no final, Jesus tinha poucos amigos verdadeiros e morreu praticamente sozinho. As grandes multidões foram diminuindo e depois se viraram contra ele. Um dos discípulos de seu próprio círculo íntimo o traiu e o entregou às autoridades; outro o negou publicamente três vezes. Todos os demais, exceto alguns poucos, desertaram quando ele mais precisava. Algumas mulheres e os amados discípulos reuniram-se em volta dele em suas horas finais.[9]

Depois de três anos do seu incomparável ministério, o Filho do Pai encarnado morreu de forma aparentemente vergonhosa, ante a zombaria dos líderes judeus e os gritos de escárnio dos gentios no local da sua brutal execução.

Não se trata aqui de analisar a maneira como a sorte de Jesus mudou, nem de examinar o que levou a isso. O importante é constatar a rejeição quase geral a ele. A notícia de que o Filho do Pai tinha vindo para estar conosco e nos abençoar com a participação em sua própria vida é de fato surpreendente – quem

poderia ter imaginado tais graça e bênção divinas? –, mas há algo ainda mais incrível. Nós zombamos dele.[10] Nós o maltratamos. Nós o rejeitamos. Nós conspiramos contra ele e assassinamos o Filho Sagrado.

Logo após anunciar que fora através da Palavra de Deus que "todas as coisas" passaram a existir, e que "sem ele, nada do que existe teria sido feito",[11] João acrescenta estas terríveis palavras: "Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam."[12] Nesses dois versículos vemos a mais assustadora ironia. O próprio criador curvou-se para se tornar um de nós e suas próprias criaturas o rejeitaram.

João prepara seus leitores, desde o início de seu evangelho, para se darem conta de que havia algo muito errado. *Os seus não o receberam.* A vinda do Filho era muito humana, demasiadamente não divina. Nós não o reconhecemos. A presença do Filho do Pai não fazia sentido para nós. Ela não atingia as *nossas* expectativas a respeito de Deus, da vinda de Deus, da presença e bênção de Deus ou do Messias de Deus. "Este não é Jesus, o filho de José? Não conhecemos seu pai e sua mãe? Como ele pode dizer: 'Desci do céu'?"[13]

Longe de ser recebido com as honras devidas ao Filho eterno do Pai, Jesus foi de fato insultado ao ser chamado de bastardo.[14] Pense sobre isso. A única pessoa na história bíblica ungida com o Espírito Santo como um presente eterno[15] é acusada de estar possuída pelo demônio.[16] O bom pastor,[17] nomeado antes da fundação do mundo,[18] foi visto como aquele que desencaminhava a multidão.[19] A mente corrompida nos levou a um sério *conflito* com a presença do Senhor. A cegueira de "Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam" cresceu com horrível intensidade e se transformou nas imprecações "*Acaba com ele!*", "*Crucifica-o! Crucifica-o!*".[20]

Essa rejeição era carregada de uma dose pesada de hostilidade e crueldade. O Filho do Pai veio para compartilhar sua vida conosco e foi tratado com desprezo. O Filho ungido foi ridicu-

larizado, achincalhado, alvo de zombarias, espancado e, depois, na frente de todos, brutalmente assassinado com a aprovação de suas próprias criaturas.

A crucificação não é simplesmente uma eliminação. É uma rejeição pessoal raivosa. Citando Karl Barth, que espetáculo terrível deve ter sido para o cosmos observar as próprias criaturas de Jesus o condenarem – o verdadeiro Juiz sendo *julgado* pela humanidade corrompida.[21] Não é, portanto, nenhuma surpresa o fato de a própria terra ter tremido e a escuridão ter se estendido por toda ela enquanto o Sol escondia seu rosto?[22] Mas, a rigor, o leitor das Escrituras não deveria ficar tão chocado. Os profetas não receberam o mesmo tratamento? Jesus não contou uma parábola profética sobre sua própria rejeição e seu assassinato pelas mãos dos chefes dos sacerdotes e dos mestres da lei?[23]

Há aqui muita coisa que nunca será compreendida. Mas dois pontos estão claríssimos. Primeiro, a crucificação de Jesus e a animosidade que a causou nos mostram que algo está terrivelmente errado, que a humanidade sofre de diabólica confusão. O Filho do Pai veio pessoalmente para estar conosco e nós não apenas o rejeitamos, como também nos empenhamos em tirá-lo de nosso mundo e humilhá-lo durante todo o processo. Não poderíamos estar mais errados ou desatinados. O fato de a presença do Filho ungido ter produzido uma reação hostil em nós a ponto de permitirmos que o Filho do Pai fosse publicamente amaldiçoado prova que a queda de Adão nos envolve na mais desprezível e pecaminosa cegueira.

Segundo, há uma grande perversidade no ataque a Jesus. Já é bastante ruim crucificar um homem bom e inocente, mas é ainda pior quando nos deleitamos com isso. As narrativas do evangelho não retratam uma grande multidão observando impotente e horrorizada enquanto um punhado de homens cruéis pratica seus jogos de poder e elimina a sua maior ameaça. A liderança queria Jesus morto, aniquilado, eliminado – e as multidões também. Todavia, os gritos de "*Crucifica-o! Crucifica-o!*" revelam

muito mais do que o sentido de "nós queremos afastar esse homem". Há uma profunda amargura aqui. *Deem-lhe vinagre. Condenem-no.* A extraordinária blasfêmia dos líderes judeus *"Não temos rei senão César"*[24] retrata, em relação a Jesus, uma hostilidade exaltada que faria qualquer coisa para vê-lo eliminado.

A visão legalista da Igreja ocidental[25] treina nossos olhos para ver o sofrimento de Jesus como o julgamento de Deus sobre nosso pecado, e assim nos cega para o ponto mais óbvio: Jesus sofreu por causa da perversidade humana.[26] Foi a raça humana, e não o Pai, que rejeitou seu amado Filho e o matou.[27] A fúria que tomou conta da colina do Calvário não teve origem no coração do Pai, mas nos nossos corações.[28] A humilhação que Jesus sofreu, o tormento que ele padeceu, não foi divino, mas humano. Nós zombamos dele. Nós o detestamos. Nós o julgamos. Nós o torturamos e lhe demos as costas. Não foi o Pai ou o Espírito Santo que abandonou Jesus e o baniu para o inferno da vergonha. Foi a raça humana. *Nós o amaldiçoamos.*

Não consigo imaginar que o Pai, o Filho e o Espírito foram pegos de surpresa por nossa rejeição a Jesus. Será que a rejeição dos judeus e dos romanos a Jesus não foi prevista pelo Deus Trino? Será que o Pai, Jesus e o Espírito Santo ficaram perplexos e chocados quando as coisas não deram certo, e as multidões se voltaram contra Jesus? É claro que não. A animosidade da raça humana para com o Filho do Pai foi prevista; na realidade, foi antevista e literalmente incorporada[29] como a parte crítica da nossa entrada no verdadeiro relacionamento. Aqui está a fantástica graça: com um amor extraordinário, a forma de relacionamento do Senhor envolve a chocante aceitação da nossa crueldade. A encarnação envolve a inconcebível *submissão* da Trindade à nossa estranha escuridão e ao nosso cruel julgamento.

Que pecado poderia ser mais abominável que a rejeição – e depois o assassinato – do Filho do Pai? E que graça poderia ser mais chocante, mais pessoal e mais real que a disposição do Senhor de se sujeitar a sofrer a nossa fúria e, assim, nos encontrar

na nossa terrível escuridão? De fato, é surpreendente que o Filho do Pai tenha se tornado o que somos, e mais espantoso ainda que nós o tenhamos rejeitado, maltratado e crucificado. Todavia, é absolutamente extraordinário que Jesus tenha se disposto a aceitar e suportar tudo isso quando uma única palavra teria trazido legiões de anjos para defendê-lo.[30]

Até que ponto a Santíssima Trindade está preparada para ir ao nosso encontro? Será ilimitada a disposição do Pai, do Filho e do Espírito de nos amar e nos fazer conhecer o amor deles? Não haverá um ponto que até mesmo o amor do Deus Trino se recusará a ultrapassar?

Parece impossível que a Santíssima Trindade possa entrar em contato com o triste pesadelo do nosso *eu verdadeiro.* Mas que relacionamento é esse que permite que nosso *eu verdadeiro* fique preso na nossa confusão, incapaz de ouvir, de ver e de receber o amor do Pai? Como poderia haver uma reconciliação se a humanidade fosse declarada legalmente pura, mas deixada perdida no cosmos de sua mente corrompida e sua pavorosa dor?

Seguindo a linha de raciocínio de Torrance, a deliberada intensificação da animosidade de Israel para com Deus leva direto à cruel rejeição de Jesus pelos judeus e por toda a humanidade. É desta maneira que o Senhor alcança nosso *eu verdadeiro*: ele vem a nós pessoalmente e se submete ao nosso julgamento perverso e hostil. Ele não tenta nos conquistar teologicamente. Ele não ataca a nossa insolente estupidez. Ele não nos humilha por causa do nosso orgulho e detestável preconceito. Ele simplesmente vem em pessoa, e o conflito entre a humanidade corrompida e a presença do Senhor atinge seu ponto de ebulição. Não há onde se esconder. A fúria de nosso inferno explode.

Ao contrário de Adão, de Israel e de todos nós, o Filho do Pai não corre para fugir da dor do relacionamento verdadeiro.

Recusando-se a fingir que tudo está bem, ele abraça o conflito e se torna o alvo pessoal, o *bode expiatório* de toda a nossa dor. Com boa vontade e surpreendentes determinação e humildade, ele se curva para sofrer a nossa repugnante animosidade. Seu coração é transpassado por uma lança – sem que ele jamais aprove a nossa infame confusão. O criador e sustentador do Universo, o Filho do Pai, permite que despejemos nossa fúria sobre ele.

Em um nível humano, quando alguém está zangado conosco, reagimos de várias maneiras. Podemos fingir que não existem problemas, que tudo está bem, e seguir adiante. Podemos dizer "Eu não me importo" e seguir em frente com indiferença. Podemos também retaliar, retribuir raiva com raiva. Nenhuma dessas reações, porém, serve ao objetivo do *relacionamento,* nem soluciona o problema. Qual é então o caminho? O perdão? Sim, o perdão traz alívio para a maioria de nós, mas não chega necessariamente a alcançar o coração da outra pessoa. E se procurarmos aceitar a maneira de pensar da outra pessoa? E se tentarmos entender a maneira como ela *nos* vê e, sem precisar aprovar a sua agressão, nos submetermos ao seu julgamento? E se suportarmos sua fúria e engolirmos sua obstinada raiva sem condená-la?[31] Ao suportarmos o desrespeito do ressentimento do outro, o que teremos feito? Será que não teremos nos identificado com ele, o acolhido, e nos relacionado com a pessoa tal como ela é? Não *a* teremos incorporado a nós e estabelecido um relacionamento real com ela em sua dor e hostilidade? Na verdade, será que não *a alcançamos*?

É isso que o amor trino de Deus faz por nós na nossa terrível escuridão. Jesus adotou nosso inferno como o ventre de sua encarnação. Em pessoa, o Filho de Deus entrou no local do nosso belicoso conflito com Deus e suportou nossa animosidade. Quem poderia ter imaginado que o Filho do próprio Pai viria para estar entre nós e se permitiria ser rejeitado, amaldiçoado e condenado por sua própria criação? Esse extraordinário amor, esse afeto, essa determinação de *estar conosco* e compartilhar a vida, é algo incompreensível para nós. Não pode ser verdade. *Mas é.*

Porque o Filho do Pai realmente veio. Ele penetrou no trauma da queda de Adão. Não fingiu que estava tudo bem. Não nos abandonou e depois foi se ocupar de coisas mais importantes. E não retaliou. Sua presença atiçou o inferno da queda de Adão, e nós despejamos nossas ofensas nele. Nós o amaldiçoamos. Jesus Cristo, o Filho do Pai, o Filho ungido, pisou na arena da nossa hostilidade e deliberadamente se sujeitou a sofrer nossa reprovação – *e nós o condenamos.*

O maior pecado de todos foi previsto pelo grande profeta Isaías: "Foi desprezado e rejeitado pelos homens, um homem de dores e experimentado no sofrimento. Como alguém de quem os homens escondem o rosto, foi desprezado, e nós não o tínhamos em estima."[32] Isaías usa duas vezes a palavra "desprezado", para enfatizar o menosprezo das pessoas por Jesus. Ele ouviu os sussurros, as insinuações jocosas, os gritos de escárnio. Embora totalmente divino, Jesus era certamente o Filho de Deus *como homem* e, assim, totalmente humano. Ele não tinha forças para proteger seu coração, nenhuma defesa secreta para neutralizar a terrível dor da rejeição à sua pessoa.

É bastante doloroso viver sabendo que desapontamos um amigo. Mas como suportar a ideia de que somos uma decepção para o mundo? Que grande tristeza se abate sobre o coração de uma pessoa que é escarnecida pelos mais próximos como um ser infame – e publicamente desprezada e abandonada? Pense na dor de Jesus ao se encaminhar para seu julgamento ilegal e permitir ser injustamente condenado, suportando as expressões de desdém dos falsos virtuosos, o orgulho arrogante daqueles que o odiavam e estavam saboreando as próprias vitórias.

Há alguns anos, conheci um homem que me contou algumas histórias sobre suas feridas. Pude ver o tremor de suas mãos enquanto ele se lembrava dos detalhes de um determinado acontecimento. "Baxter, um dia, quando eu tinha cerca de 5 anos, meu pai estava arando o campo que ficava atrás da nossa casa. Fazia muito calor. Papai assobiou e gritou para minha mãe levar um

rolo de gaze para cobrir as bolhas em suas mãos. Ansioso por ajudar, agarrei o rolo de gaze e fui correndo até ele. Rasguei um pedaço de cerca de 20 centímetros achando que serviria, mas, quando cheguei lá, a gaze estava toda retorcida. Ainda posso ver a expressão de desdém no rosto do meu pai. Ele estava furioso. Com desprezo nos olhos, arrancou a gaze das minhas mãos, me agarrou pela cabeça, me girou e chutou minhas costas com sua bota. Aquilo me derrubou no chão. Eu não sinto orgulho de dizer, mas fiz xixi na calça e chorei durante todo o percurso de volta para casa. Isso aconteceu há cerca de 50 anos, meu amigo. A vergonha ainda me deixa trêmulo."

Jesus sabia que o chute estava vindo e deliberadamente caminhou em direção à bota. Mas o chute não veio de seu Pai. "Estamos subindo para Jerusalém, e o Filho do homem será entregue aos chefes dos sacerdotes e aos mestres da lei. Eles o condenarão à morte e o entregarão aos gentios para que zombem dele, o açoitem e o crucifiquem..."[33] A morte no Calvário perseguiu Jesus desde seu nascimento. Esteve sempre com ele. Não havia outro jeito. Esse era o plano anterior à criação. Ele era o cordeiro previsto e o cordeiro assassinado antes da criação do mundo.[34] A "zumbidora nuvem de moscas sobre a cruz", como disse Lewis, estava prevista desde o começo.[35]

O Getsêmani é a janela para o mundo interior de Jesus. Poucas horas antes da longa agonia da sua execução, ele se retirou com seus amigos mais íntimos para orar. "A minha alma está profundamente triste, numa tristeza mortal." Marcos diz que Jesus estava "aflito e angustiado" e Lucas conta que seu suor "era como gotas de sangue".[36] Oprimido pela iminente decisão de se colocar na teia da nossa crueldade, o rosto de Jesus começou a mostrar sua tristeza. Ele chorou três vezes ao rezar com fervor: "Meu Pai, se for possível, afasta de mim este cálice; contudo, não seja como eu quero, mas sim como tu queres." "*Abba*, *Pai*, tudo te é possível. Afasta de mim este cálice; contudo, não seja o que eu quero, mas sim o que tu queres."[37] Jesus é sempre o Filho fiel, mas, nesse

momento, a fidelidade o leva direto ao ventre da insensível besta. "Chegou a hora! Eis que o Filho do homem está sendo entregue nas mãos de pecadores."[38]

O conforto que Jesus encontrou em Getsêmani durou pouco, porque logo ele foi abandonado por seus próprios discípulos e impiedosamente espancado, açoitado e escarnecido. A seguir, veio a indignidade de ter de arrastar sua própria cruz por ruas tomadas por murmúrios de desprezo, e depois os pregos, a crucificação e a zombaria belicosa. "Salvou os outros, mas não é capaz de salvar a si mesmo! E é o rei de Israel! Desça agora da cruz, e creremos nele. Ele confiou em Deus. Que Deus o salve agora se dele tem compaixão, pois disse: 'Sou o Filho de Deus!'"[39]

Jesus sabia que seu Pai não o abandonaria nunca, e que nem em um milhão de milênios o Espírito Santo deixaria seu posto. Mas, ao ser erguido na cruz, enquanto os espasmos da sufocação deslocavam seus ombros e atormentavam o seu corpo alquebrado, enquanto seus ouvidos reverberavam com a infindável e desprezível zombaria das multidões, enquanto suportava a traição da raça humana, ele ficou atônito. E precisava ficar. Dentro da jaula da nossa hostilidade, Jesus morreu de forma humilhante, cercado por mil rostos enraivecidos.

Aqui devemos nos calar em respeito. "Um dia vocês vão entender do que ele abriu mão. Simplesmente não existem palavras."

Ao despejarmos nosso desprezo em Jesus, o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós.[40] Jesus foi se tornando o bode expiatório, "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo".[41] Ao morrer nos braços do nosso menosprezo, o Filho do Pai nos encontrou onde *nós estamos. Ele nos alcançou.* Aceitando-nos no nosso momento mais perverso, Jesus nos abraçou no terrível abismo da nossa deformada patologia e assim penetrou na essência da queda de Adão e do pecado original – *e ele trouxe seu Pai e o Espírito Santo com ele.*

– Nós estávamos lá, *juntos*.

Mack ficou surpreso.

– Na cruz? Espere aí, eu pensei que você o tinha abandonado. Você sabe: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?"

– Você não entendeu o mistério daquilo. Independentemente do que ele *sentiu* no momento, eu nunca o deixei.

– Como pode dizer isso? Você o abandonou, exatamente como me abandonou!

– Mackenzie, eu nunca o abandonei, e nunca deixei você.

– Isso não faz nenhum sentido para mim – reagiu ele rispidamente.

Na cruz, Jesus suportou a grande tristeza do mundo. Ele se entregou ao trauma da nossa escuridão. Imerso na podridão do nosso desprezo, Jesus perdeu contato com o amor de seu Pai e com o conforto do Espírito Santo. "Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?"[42]

Mas até mesmo esse grito de desespero era também de total esperança. Na verdade, era uma proclamação de vitória.[43] Porque o Salmo que Jesus cita diz: "Pois não menosprezou nem repudiou o sofrimento dos aflitos; não escondeu dele o rosto, mas ouviu o seu grito de socorro".[44] Ao citar o Salmo, que termina em surpreendente triunfo, Jesus interpreta sua morte. "Talvez lhe pareça, como Isaías previu,[45] que meu Pai esteja me abandonando, mas nada poderia estar mais longe da verdade. Logo, você verá." Dando o seu último suspiro na grotesca escuridão, Jesus, impotente, entregou-se por completo nas mãos de seu Pai. "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito."[46] Como Papai disse em *A cabana*: "Não se esqueça, a história não terminou no sentimento de abandono de Jesus. Ele encontrou a saída para se colocar inteiramente em minhas mãos. Ah, que momento foi aquele!" Ao morrer nos braços da nossa crueldade e nos braços do amor de seu Pai, a vida trina supriu a nossa morte.

Foi assim que o Pai, o Filho e o Espírito se dirigiram para a

cabana de Adão – *e para a de Mackenzie, e para a nossa.* É por isso que Papai tem cicatrizes de pregos em seus punhos, e se Sarayu tivesse se manifestado fisicamente eles as teriam visto em seus punhos também. Porque na unidade da Santíssima Trindade, o Pai e o Espírito Santo sofreram o inferno de Jesus com ele, compartilharam integralmente o seu drama, sentiram as injúrias de que ele foi vítima, provaram o sal das suas lágrimas quando já estava subjugado e, devo acrescentar, compartilharam sua humilde atitude diante de tão repugnante injustiça. Eles escolheram o caminho da submissão, do amor altruísta, da dor e da tristeza compartilhada, e, ao fazê-lo, levaram nosso inferno para o coração do Pai e para a morada do Espírito Santo.

Suportando nossa hostilidade, Jesus entrou no covil da nossa iniquidade e assim estabeleceu um relacionamento verdadeiro entre a Santíssima Trindade e nós, em nosso distorcido preconceito. Jesus nos alcançou em nossas mentes corrompidas e pessoalmente cobriu o enorme abismo entre o sonho de seu Pai para a nossa adoção e a nossa insana cegueira. A morte de Jesus foi o ato de inclusão por meio do qual ele trouxe o nós verdadeiro, os degradados, os impotentes, os corrompidos e os rebeldes para dentro de sua relação de companheirismo com o Pai. Ao morrer, Jesus se tornou o trono da misericórdia, o lugar onde a Santíssima Trindade sofreu e aturou pecadores e seus pecados em espantosa compaixão.

Isto merece ser repetido: o evangelho não diz que podemos aceitar um Jesus ausente em nossas vidas. O evangelho afirma que o Filho do Pai nos recebeu na vida dele. Em Jesus, o mundo hostil da nossa escuridão, da nossa dor, do nosso obstinado orgulho, da nossa raiva e da nossa fúria foi levado para dentro da vida da Santíssima Trindade. Foi assim que a vida trina de Deus se estabeleceu dentro do nosso inferno para sempre. A nossa adoção não é uma teoria ou uma mera doutrina teológica. A adoção é a verdade, é o modo como as coisas realmente são neste momento e para sempre.

A maravilhosa troca

Pois vocês conhecem a graça de nosso Senhor
Jesus Cristo que, sendo rico, se fez pobre por amor
de vocês, para que por meio de sua pobreza
vocês se tornassem ricos.
– São Paulo

No coração do Universo está o incrível amor da Santíssima Trindade, um amor que suporta todas as injustiças e uma imensa tristeza para nos alcançar e nos permitir provar, sentir e conhecer a vida trina. Veja estas belas palavras de três teólogos, um da Igreja Antiga, um da Reforma e um da atualidade:

> ... nosso Senhor Jesus Cristo que através de Seu amor transcendental se tornou aquilo que somos para que pudesse fazer com que fôssemos aquilo que Ele mesmo é.[1]

> Esta é a maravilhosa troca que, por meio de sua incomensurável benevolência, ele fez conosco: ao se tornar Filho do Homem conosco, ele nos fez filhos de Deus com ele; e por sua descida à Terra, preparou nossa subida ao céu; e ao assumir nossa mortalidade, nos concedeu sua imortalidade; e ao aceitar nossa fraqueza, nos fortaleceu através de Seu poder; e ao receber nossa pobreza em si mesmo, transferiu sua riqueza para nós; e ao pegar o peso da nossa iniquidade para si (que nos oprimia), nos vestiu com sua retidão.[2]

> No amor de Deus, o objetivo primordial da encarnação é nos levar para uma vida de comunhão e participação na própria vida trina de Deus.[3]

Cada um desses teólogos explicou o significado do famoso comentário do apóstolo Paulo. "Pois vocês conhecem a graça de nosso Senhor Jesus Cristo que, sendo rico, se fez pobre por amor de vocês, para que por meio de sua pobreza vocês se tornassem ricos."[4]

Há, em cada um dos comentários, uma "maravilhosa troca"[5] entre Jesus e a raça humana. Para o apóstolo, aquele que era rico antes de todos os mundos se tornou pobre para poder trocar sua riqueza eterna pela nossa pobreza. Para Irineu, o Filho de Deus se tornou aquilo que somos para fazer de nós aquilo que ele próprio é. Para Calvino, Jesus se tornou um conosco para que nos tornássemos filhos e filhas com ele, e assim compartilhássemos da sua própria imortalidade, força, riqueza e retidão. Para Torrance, o Filho do Pai se fez carne para nos fazer compartilhar da própria vida trina de Deus. Relembremos aqui Jesus jovem: "Eu vim para lhes dar uma vida plena. A minha vida."

Nas citações do apóstolo, de Irineu, Calvino e Torrance, vemos que a vida e a morte de Jesus Cristo estão relacionadas a uma maravilhosa troca na qual tudo aquilo que somos no nosso pecado, na nossa dor e na nossa vergonha é absorvido em Jesus, e tudo aquilo que ele é em sua vida com seu Pai e o Espírito nos é dado. "Porque Ele assume a pobreza da minha carne, para que eu possa assumir a riqueza da sua Divindade."[6] Jesus é o lugar onde os dois mundos se encontram. No centro dessa troca está a submissão de Jesus, do Pai e do Espírito Santo a nós na nossa escuridão. "Os verdadeiros relacionamentos são marcados pela aceitação, mesmo quando suas escolhas não são úteis nem saudáveis." Mackenzie, como todos aqueles que ouvem essas notícias, ficou surpreso.

– Por que o Deus do universo quereria se submeter a mim?
– Porque queremos que você se junte a nós em nosso círculo de relacionamento. Não quero escravos, quero irmãos e irmãs que compartilhem a vida comigo.

Aqui nosso pensamento deve se mover em múltiplas direções. Primeiro: ao beber os resíduos de nosso cálice de maus-tratos, Jesus verdadeiramente entrou no mundo de Adão e na terrível dor da nossa mitologia. Ele viu através de nossos olhos. Ele *se identificou* conosco, no nosso sofrimento e na nossa decadência, da maneira mais profunda e pessoal. Entrou na essência do nosso drama, não permaneceu como mero observador externo. Através da experiência pessoal da nossa rejeição, Jesus se tornou nosso sumo sacerdote misericordioso e fiel,[7] capaz de nos encontrar em todas as formas de sofrimento humano. Qual parte do nosso inferno pessoal Jesus não vivenciou? Que humilhação, maus-tratos, traição, rejeição ou condenação ele não sofreu? Qual comentário zombeteiro ele não ouviu? Será que existe uma única página das nossas acidentadas e traumáticas existências que Jesus Cristo não tenha vivenciado?[8]

Isso é importante. Pense bem. Nós não precisamos de um sacerdote para chamar o Pai, porque o Pai estará conosco para sempre. Como Jesus disse, seu Pai ama o mundo e não julga ninguém.[9] Nós, no entanto, precisamos desesperadamente de um Deus que conheça nossa miséria, de um Deus que tenha sofrido, sangrado e morrido na trincheira da dor humana, um Deus que possa se identificar conosco no drama da vida, que possa falar para nós a partir de sua experiência pessoal e saiba como nos encontrar onde estivermos na nossa assustadora mitologia. "Somente mãos perfuradas são suficientemente gentis para cuidar de algumas feridas."[10] "A Bíblia direciona o homem para a impotência e o sofrimento de Deus; apenas o sofrimento de Deus pode ajudar."[11]

Jesus aprendeu através de tudo o que sofreu, através de gritos

e lágrimas.[12] É esse Jesus, o Filho do Pai encarnado, crucificado e ressuscitado, que é nosso salvador, nosso irmão, nosso sumo sacerdote e nossa salvação. "Assim, aproximemo-nos do trono da graça com toda a confiança para recebermos misericórdia e encontrarmos a graça que nos ajude no momento da necessidade."[13] "Pensem bem naquele que suporotou uma tal oposição dos pecadores para que vocês não se cansem nem desanimem."[14]

Segundo: ao sofrer nossa rejeição, Jesus se tornou *nosso* representante e substituto nas profundezas da nossa infidelidade. Como aquele através de quem, por quem e para quem todas as coisas foram criadas e são sustentadas, Jesus já tinha um relacionamento com a humanidade. Ao se submeter à nossa condenação, ele voltou a estabelecer seu relacionamento conosco e, dessa maneira, se colocou no lugar dos pecadores. Agora, no centro da nossa rebelião, se encontram a fé e a fidelidade do próprio Jesus.

A pergunta "Onde está você?",[15] feita pelo Senhor no Éden, ecoa sem resposta a partir de Adão através da história de Israel. Em Jesus, a pergunta "Onde está você?" é respondida de maneira integral: "Sempre faço tudo o que Lhe agrada."[16]"Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito."[17]

Nossa contribuição para o novo pacto se evidencia na traição de Caifás, o sumo sacerdote. Jesus estava causando tumulto e os sacerdotes temiam que "os Romanos viessem e tomassem seus lugares e sua nação". Caifás dirigiu-se ao conselho: "Nada sabeis! Não percebeis que é melhor que morra um homem pelo povo, e que não pereça toda a nação."[18] Com uma astuta manobra política, Caifás e os sacerdotes sacrificaram Jesus para salvar seus postos. Mas essa manobra involuntária transformou-se numa ocasião de infinita graça. Ao sacrificar Jesus, Caifás se tornou o único sumo sacerdote na longa história de Israel a realmente oferecer o verdadeiro sacrifício. Ele nunca soube disso – e o fez pelo motivo errado.

Como humildemente se entregou à aniquiladora cilada que armaram para ele, Jesus formou o novo pacto no fosso mais pro-

fundo e escuro da nossa traição. Dessa forma, trouxe sua fidelidade para a nossa desobediência, seu companheirismo com seu Pai para nosso esconderijo, nosso medo e nossa religião deturpada. Assim, ocupou a nossa rebelião com seu amor por seu Pai. Nossa hipocrisia se tornou o lugar e os meios pelos quais o novo pacto de relacionamento entre o Senhor, Israel e a raça humana foi cortado e, a seguir, preenchido com o próprio Jesus – e tudo aquilo que ele é com seu Pai e o Espírito Santo.

Terceiro: ao morrer no terror da nossa hostilidade, Jesus fez seu percurso dentro do centro cósmico do domínio do mal. "Para isso o Filho de Deus se manifestou: para destruir as obras do Demônio."[19] "Portanto, como os filhos são pessoas de carne e sangue, ele também participou dessa condição humana, para que, com sua morte, derrotasse aquele que tem o poder da morte, isto é, o demônio, e libertasse aqueles que passaram toda a vida escravizados pelo medo da morte."[20] O mal tem seu ponto forte na dúvida quanto à bondade de Deus e, portanto, no medo da nossa separação de Deus. Ao acreditar na mentira, ficamos irremediavelmente presos à sua confusão, sua dor e sua mitologia. Como Jesus se curvou para ser condenado por nós, sofreu integralmente por causa da *nossa crença* na assustadora mentira da separação.

Desprezado, maltratado e muito espancado, Jesus vivenciou a vergonha e a humilhação da nossa rejeição. Por esse motivo, ele seguiu a trilha da mentira através da nossa escuridão até o pecado original e "as ciladas do Demônio".[21] "Deus não 'derrota' o mal para punir de maneira implacável os culpados, mas para desfazer todos os passos da resposta falsa com uma verdadeira submissão ao desejo do Pai."[22] Em cada passo da vida de Jesus em nossa escuridão "o pai das mentiras" se viu frente a frente com ele, com total confiança no amor e na bondade de seu Pai e no poder do Espírito. A vitória de Jesus sobre o demônio não foi por meio de uma guerra de anjos, mas por sua submissão a nós e ao nosso mal e, como Filho verdadeiro, por submissão ao desejo de seu Pai.

Ao se permitir ser enviado por nós para o abismo da ver-

gonha do mal, Jesus armou sua tenda na fortaleza do demônio, encarou o homem forte, o amarrou e saqueou sua casa.[23] Jesus "condenou o pecado na carne, desarmou os legisladores e as autoridades" e "levou cativos muitos prisioneiros".[24]

Na genialidade da Santíssima Trindade, a nossa cruel rejeição a Jesus se tornou o meio da nossa adoção. Nosso amargo ultraje se tornou o modo de abraçar do Pai e a morada do Espírito Santo. Porque, como poderiam a nossa infidelidade, o nosso menosprezo, a nossa traição, a mentira escravizante do demônio ou a própria morte quebrar o amor, a unidade e a vida da Santíssima Trindade? Ao morrer em nossas mãos, Jesus trouxe sua vida para a nossa morte, seu relacionamento com seu Pai para a nossa miserável pobreza, sua consagração no Espírito Santo para o nosso desespero. Por causa de seu infinito amor, "ele foi degradado para que pudesse nos glorificar",[25] "ele suportou nossa insolência para que pudéssemos herdar a imortalidade",[26] sofrendo nossos maus-tratos para nos dar a graça, respondendo à crueldade de nossa rejeição com sua bondade e misericórdia, à nossa religião morta com sua alegria, trocando nosso mundo com o dele e, assim, transformando a cabana da queda de Adão na casa de seu Pai e no templo do Espírito Santo.

Conforme esta variação da grande declaração de São Paulo: "Porque você conhece a extraordinária graça do Filho do Pai que, apesar de rico na vida compartilhada da Santíssima Trindade, se tornou pobre em nosso benefício, sofreu nossa fúria para estar conosco, e agora, através de seu sofrimento, nós que éramos tão pobres fomos incluídos na riqueza do relacionamento de Jesus com seu Pai no Espírito."

O segredo

O segredo de todo homem, acredite ele ou não,
está seguro em Jesus...
– Thomas F. Torrance

Amá-lo pode produzir efeito naqueles
que nada sabem sobre Ele.
– C. S. Lewis

Compreensivelmente, os discípulos levaram algum tempo para entender todo o significado da verdadeira identidade de Jesus e o que estava acontecendo ao cosmos e à raça humana. As implicações são extraordinárias demais, revolucionárias demais para que qualquer um de nós possa compreender. Em João 14 encontramos o relato de parte da conversa de Jesus com seus discípulos nas vésperas da sua morte e ressurreição. É nesse momento que Jesus resume o significado da sua vida e do seu trabalho em um versículo. Ele promete aos discípulos que ele e seu Pai lhes enviarão outra alma gêmea, o Espírito da verdade, e que ele mesmo não os deixará órfãos.[1] E então ele diz:

> Nesse dia, vocês compreenderão que estou em meu Pai,
> vocês em mim, e eu em vocês.[2]

Pare um momento para reler essas palavras de Jesus. Existem

nelas três verdades cruciais: Jesus está *em* seu Pai, nós estamos *em Jesus* e Jesus está *em nós*. Com surpreendente graça e amor, ele fez isso por nós, para nós e conosco. Ao morrer na nossa rejeição, Jesus nos incluiu em seu mundo com seu Pai e o Espírito. Da maneira mais simples possível, Jesus nos fala sobre seu mundo – e o nosso nele –, que aguarda a nossa descoberta no Espírito Santo. É um mundo inconcebível para nós, mas o Espírito da verdade fará com que entendamos que Jesus está *em* seu Pai e que não somos estranhos olhando de fora para dentro, mas amigos íntimos já incluídos em Jesus e em seu relacionamento com o Pai. O murmúrio que fala de nossa separação de Deus, de nossa rejeição e abandono iminentes, é absolutamente enganoso. Porque Jesus nos incluiu para sempre.

Esta é a verdade que nos liberta.[3] Não somos simples espectadores entusiasmados observando de longe a bela vida do Pai, do Filho e do Espírito. A vida trina armou sua tenda dentro da nossa humanidade, dentro de nossa rejeição e de nossa dor. Estamos tão incluídos nessa vida que a música da grande dança já está tocando nas nossas vidas. O problema é que isso está perto demais para ser percebido. Como disse Thomas Merton: "Ele está mais perto de nós do que estamos de nós mesmos, e por esse motivo não O percebemos."[4] "Eu *em* você", "Eu estou em meu Pai" e "Você em Mim" não se referem a algo que ainda vamos tornar real. Já é verdade, já faz parte daquilo que iremos conhecer como realidade no Espírito. Como disse Mackenzie: "Isso é quase inacreditável!"

Estamos livres, é claro, para vivermos nossas vidas onde quisermos, para ficarmos repetidamente extenuados tentando galgar degraus para chegar a Deus, para nos tornarmos cínicos e amargos por acharmos que não conseguiremos, ou totalmente orgulhosos por acharmos que conseguimos. Os degraus, porém, são apenas uma ilusão. O mundo real é Jesus *em seu Pai, nós nele* e *ele em nós.*

Há alguns anos, quando meu filho estava com 6 ou 7 anos, ele e um de seus amiguinhos ficaram me observando da porta.

Era uma tarde de sábado. Eu estava separando a correspondência no sofá da sala enquanto aguardava o início de um jogo de futebol. Eles usavam roupas de camuflagem, tinham os rostos pintados, revólveres de plástico, facas, capacetes e tudo a que tinham direito. Antes que eu percebesse o que estava acontecendo, esses dois personagens camuflados vieram correndo em minha direção e me atacaram. Durante cinco minutos, passamos por várias falsas explosões e brigas até acabarmos amontoados e rindo no chão. Foi então que uma ideia começou a se desenrolar em minha mente: "Baxter, isto é importante, preste atenção."

Eu não tinha a mínima ideia do que aquela mensagem significava. Não há nada de extraordinário numa brincadeira de guerra entre pai, filho e um amiguinho. A primeira pista veio quando me dei conta de que, na realidade, eu não conhecia aquele outro menino. Eu nunca o vira antes, nem sabia o seu nome. Imagine se ele tivesse aparecido na sala sozinho. Imagine se meu filho estivesse em outro cômodo com nosso cachorro, Nessie. É provável que o menininho soubesse que aquele ali era o Sr. Kruger, mas, se estivesse sozinho, ele jamais teria vindo correndo, confiante, na minha direção.

O menininho não me conhecia. Ele não sabia como eu era, mas o meu filho sabia. E aquela foi a minha segunda pista. Meu filho me conhece. Ele sabe que eu o amo, que o adoro. Ele sabe que é sempre bem-vindo e querido. Por isso, ele fez a coisa mais natural do mundo. Por conhecer meu coração, ele se sentiu livre para correr na minha direção e brincar comigo. O surpreendente foi seu amiguinho se colocar no meio daquilo. Então me dei conta de que o relacionamento do meu filho comigo, sua intimidade e liberdade entraram naquele outro menininho. E ele passou a vivenciar nosso companheirismo. Ele pôde provar, sentir e brincar, partilhando a liberdade e a alegria do meu filho comigo.

Pare um instante e entenda isso. "Nesse dia, você saberá que estou em meu Pai, e você em Mim, e eu em você." O que Jesus está dizendo é que *nós somos* o outro menininho. Como Jesus afir-

mou para Mackenzie: "Meu propósito, desde o início, era viver em você e você viver em mim." E como Papai disse: "Queremos compartilhar com você o amor, a alegria, a liberdade e a luz que já conhecemos em nós. Criamos vocês, humanos, para estarem num relacionamento de igual para igual conosco e para se juntarem ao nosso círculo de amor."

Através da sua morte, Jesus nos incluiu em sua vida com seu Pai no Espírito. Há, portanto, muito mais coisas acontecendo em nossas vidas do que ousamos imaginar. Como Papai disse: "Há muito mais coisas acontecendo aqui do que você tem condições de perceber." Jesus Cristo já está coexistindo com você, comigo e com todos nós. O amor e a alegria, a música e a risada, o cuidado e o sacrifício, a beleza e a bondade da Santíssima Trindade já estão dentro de nós. Este é o mistério revelado em Jesus: "Cristo em vocês, a esperança da glória."[5] Este é o segredo da maternidade e da paternidade, do nosso amor e do nosso sacrifício, da nossa música, da nossa arte, da nossa alegria, das nossas vidas.[6]

Examinemos essa impressionante verdade sob outro ângulo. Quando Jesus transformou a água em vinho, ele primeiro pediu aos empregados que enchessem seis jarros com água.[7] Cada jarro continha 110 litros, o que totaliza 680 litros de água. É muita água e é muito trabalho. Você já se perguntou por que Jesus pediu ajuda aos empregados? Pense sobre isso. Já que ele podia transformar água em vinho, por que não criar o vinho simplesmente, poupando os empregados de todo aquele trabalho para buscar a água? Por que envolver os empregados?

Por ter sempre vivido em comunhão de amor e compartilhamento com seu Pai no Espírito Santo, Jesus nunca faz as coisas sozinho – embora "você e eu não sejamos necessários",[8] o Senhor "não deseja ser Deus sem nós",[9] como diz Karl Barth. É claro que Jesus não precisava dos empregados. Mas ele é um Senhor que partilha, que nos dá um lugar em sua vida e naquilo que está fazendo. Dessa forma, os empregados participavam da vida de Jesus com seu Pai no Espírito. "O objetivo primordial da encar-

nação... é nos erguer para uma vida de comunhão e participação na própria vida trina de Deus."[10]

Aqui está outro exemplo. Não muito tempo atrás, fui fazer uma palestra em uma faculdade. Um jovem foi me buscar no aeroporto. Durante o trajeto, passamos por inúmeras fazendas onde fazendeiros aravam seus campos. No caminho, perguntei ao jovem o que ele planejava fazer quando se formasse.

– Estou planejando ir para o Seminário – respondeu ele.

– Você quer ser missionário?

– Acho que não, provavelmente um pastor.

Naquele momento, um trator enorme fez uma curva no campo, bem na nossa frente. Apontei para o fazendeiro e perguntei:

– Você já pensou em como Jesus se relaciona com os fazendeiros e suas famílias?

O jovem parou por um instante e respondeu:

– Não, acho que nunca fiz isso. – E me olhou como se eu fosse louco.

– Aquele fazendeiro e sua família passam cerca de 60 a 70 horas por semana trabalhando na fazenda. É o que eles fazem a maior parte do tempo. Como pastor, você provavelmente terá uma igreja cheia de fazendeiros e suas famílias. Por isso essa é uma pergunta importante, não é?

– Bem, quando o senhor a coloca dessa maneira, ela certamente é. Mas não sei como respondê-la.

– Quando voltar para casa hoje à noite e se sentar para comer, o que você fará antes da primeira garfada?

– Agradecerei ao Senhor.

– Agradecerá a ele pelo quê? – perguntei.

– *Pela comida* – disse ele com aquela mesma expressão no olhar.

– É claro, mas por quê? Por que agradecer ao Senhor por alguma coisa que o fazendeiro produziu? Por que não agradecer ao fazendeiro e à família dele?

– Bem, acho que deveria agradecer ao fazendeiro. O senhor está dizendo que eu não deveria agradecer ao Senhor?

– Não, é claro que não. Estou apenas tentando ajudar você a compreender como Jesus está relacionado à vida e ao trabalho do fazendeiro.

– Não estou conseguindo acompanhar o senhor – disse ele.

– Pense nisso. Você agradece ao Senhor pela comida que o fazendeiro produziu. Mas o que isso lhe diz a respeito do fazendeiro?

Ele parou, procurando processar seus pensamentos. E então um enorme sorriso iluminou seu rosto.

– Acho que entendi. Isso é muito legal. O fazendeiro é uma parte do modo como o Senhor nos alimenta.

– É isso – falei –, assim como os professores, os lixeiros, os soldadores, os trabalhadores, os motoristas de caminhão, os homens e as mulheres que fabricam produtos de limpeza para o lar, as secretárias e os cientistas, para mencionar apenas alguns. Todos eles participam daquilo que Jesus está fazendo.[11]

Jesus não precisa dos fazendeiros, da mesma maneira que ele não precisava dos empregados para pegar a água. Ele não precisa de pais para gerar bebês e cuidar deles, professores para ensinar, médicos e enfermeiras para curar, compositores para fazer música, artistas para criar, ou trabalhadores de campos de petróleo, secretárias, inventores, exploradores ou teólogos. Ele poderia simplesmente dar uma ordem e tudo seria feito. Mas esse pensamento nunca cruzou a mente do Pai, do Filho e do Espírito, porque isso significaria que não somos desejados e que não estamos incluídos em suas vidas compartilhadas.

Não muito tempo após minha conversa com esse rapaz, uma jovem mãe entrou no meu escritório com uma pilha de relatórios nas mãos. Tinha lágrimas nos olhos quando os jogou em cima da minha mesa e gritou:

– *Estou me sentindo insignificante!*

– O que aconteceu? – perguntei.

– Li esses relatórios de amigos e missionários do mundo inteiro. Eles estão fazendo coisas maravilhosas para Deus. E acabei

de perceber quão inútil é minha vida. *Meu Deus,* eu lavo uma montanha de roupas por dia, e quando não estou lavando, estou comprando comida, descarregando as compras, preparando o jantar ou limpando tudo depois de cozinhar. E, nesse meio-tempo, tento deixar minha casa apresentável, manter contato com meus filhos, cuidar deles, ajudá-los a cumprir seus compromissos, e ainda tenho que encontrar um pouco de tempo para meu marido. No fim do dia, estou cansada demais até para ler a Bíblia. O que é que *eu* tenho a oferecer a Deus?

– Espere! – exclamei. – Vamos repensar tudo isso.

Ela ficou atenta.

– Você se lembra do que me contou sobre o casaco da sua filha no outro dia?

– Claro, mas o que isso tem a ver com o que eu disse?

– Bem, você me disse que tinha passado a manhã inteira procurando para a sua filha um casaco que a mantivesse agasalhada. E não podia ser um casaco qualquer, tinha que ser um de que ela gostasse, que fosse suficientemente grande para ela poder usar no próximo ano, mas não parecesse grande demais este ano, e também que estivesse em promoção!

– E daí?

– Bem, você simplesmente decidiu que ia ser uma boa mãe. Você tomou uma pílula para ser uma boa mãe?

– O que o senhor está querendo dizer com isso?

– Estou perguntando sobre a origem do seu amor por sua filha e sua família. Qual é a fonte da sua determinação para que eles comam direito todos os dias, estejam seguros e sejam amados, cuidados e vestidos?

– *Sou a mãe deles.* Quem é que pensa nessas coisas?

– *Eu, por exemplo.* Para mim, são perguntas importantes e talvez lhe façam descobrir alguma coisa.

– Tudo bem, mas o que o senhor está querendo dizer?

– O que estou querendo dizer é que Jesus não está lá em cima observando você de longe. Ele não está esperando que

você faça alguma coisa por ele em sua ausência. *Ele está aqui, em você.*

– Sempre acreditei nisso, mas o que isso significa realmente?

– Bem, isso significa que, através de você, o Pai, o Filho e o Espírito criaram diversas pessoas únicas. Nunca antes na história do cosmos, os seus filhos existiram. Eles são únicos e, a partir do momento em que nasceram através de você, passaram a viver para sempre em Jesus. Isso me parece algo verdadeiramente importante.

– Eu consigo ver as coisas desse jeito quando estou bem. Em algum lugar dentro de mim, sei que isso é verdade, mas é difícil me sentir assim no dia a dia.

– Isso significa que Jesus está compartilhando o amor dele pelo seu rebanho, a sua família, com você. Isso significa que ele colocou no seu coração o desejo de que sua filha tivesse um casaco novo. Você acordou no amor dele, passou toda a manhã fazendo compras na alegria dele. Você se doou para participar daquilo que ele estava fazendo e amou cada minuto das suas atividades. A alegria dele encheu seu coração. Ele fez você cantar. E você achou o casaco.

Ela me olhava intrigada, mas havia um sorriso em seus lábios. Continuei:

– Mas você não sabe quem é e não consegue ver o que está acontecendo em sua vida. Não se trata simplesmente do *seu* cuidado e da *sua* satisfação, mas da *dele*, e não há no mundo inteiro uma tarefa mais nobre do que preparar uma refeição para a sua família. Porque isso nada mais é do que o próprio Pai, através de seu Filho e do Espírito, compartilhando seu banquete real com aqueles que Ele ama. Você está no meio disso. Há muito mais coisas acontecendo na sua vida do que você possa imaginar. Se não conseguir compreender isso, os relatórios dos missionários a matarão de vergonha, as oportunidades se tornarão tarefas exaustivas, a vida passará a ser uma longa frustração e você não conhecerá a alegria de saber quem é.

Mais uma história. No meu primeiro voo para o Oeste, certifiquei-me de que teria um assento junto à janela. Naquela época, eu ainda não tinha visto as Montanhas Rochosas e estava ansioso por contemplá-las, pelo menos de cima. Todos os assentos do meio estavam vazios e por isso os passageiros tinham bastante espaço. Quando a comissária estava prestes a fechar a porta, um homem que parecia o Indiana Jones entrou no avião. Eu soube imediatamente onde ele ia sentar. O homem percorreu 25 fileiras e sentou-se ao meu lado.

Quando o cumprimentei, ele se apresentou dizendo que era "um microbiólogo sistemático e microevolutivo". Estava voltando de uma expedição no Caribe. Tinha sido uma viagem de pesquisa dedicada a estudar várias espécies de plantas.

Assim que decolamos, ele começou a falar sobre plantas, em especial sobre as espécies raras, aquelas que uma pessoa comum não sabe que existem. Ele conhecia os nomes em latim. Com grande empolgação, discorreu sobre espécies quase extintas, sobre a importância delas e o que poderia ser feito para salvá-las. Pegou dois guardanapos e desenhou diagramas e gráficos. Eu estava absolutamente fascinado.

Em algum ponto sobrevoando Idaho, ele parou e olhou para mim.

– Suponho que, sendo um teólogo, o senhor queira falar sobre a evolução.

– Não, realmente não – repliquei –, mas tenho uma pergunta.

– Qual?

– De onde veio essa sua paixão por plantas? Afinal, não é todo dia que encontramos alguém que se sinta tão responsável pelo bem-estar delas. Você cresceu junto a botânicos? Seus pais eram botânicos? Ou você, de repente, decidiu que ia amar as plantas?

– Para dizer a verdade, nunca pensei sobre isso.

– Pois eu acho que sei – comentei enquanto pegava um guardanapo e começava a desenhar três círculos interligados. Em um círculo, escrevi "Pai", e nos outros dois, "Filho" e "Espírito". Apontando para os círculos, afirmei:

– Sei qual é a origem da sua profunda paixão por plantas e sei quem você é. O entusiasmo no seu interior não é seu. Ele vem primeiro do Pai, do Filho e do Espírito. É a Santíssima Trindade que se importa tão profundamente com a criação. Através de Jesus, eles compartilham com você a paixão deles pela criação. Jesus, humildemente, pelo seu Espírito, compartilha com você sua alegria com as plantas, sua preocupação com o bem-estar e com a integridade delas. Você vai dormir à noite, acorda de manhã e trabalha o dia inteiro nas preocupações e ideias criativas *dele*. Você está vivendo na vida de Jesus, participando do relacionamento que Jesus tem com seu Pai no companheirismo do Espírito e no cuidado dos três com a criação. Apesar de viver no círculo da vida trina de Deus, você nem mesmo tem certeza de que Deus existe!

– Bem – ponderou ele. – Se isso é verdade, por que ninguém nunca me disse nada?

– Eu acabei de dizer.

Permaneça em mim

Eu sou a videira; vocês são os ramos. Se alguém
permanecer em mim e eu nele, esse dará muito fruto;
pois sem mim vocês não poderão fazer nada.
– Jesus

Talvez, se aprovasse os planos do Criador Alegre,
você permitisse que Ele fizesse de você algo divino!
– George MacDonald

Levar Jesus Cristo a sério nos permite ver o segredo da nossa humanidade, dos nossos fardos e alegrias, dos nossos amores e das nossas paixões. E faz com que vejamos a surpreendente dignidade de ser humano no mundo de Jesus. Existe apenas um círculo de cuidado, amor e criatividade no Universo, apenas um círculo de obrigação para aquilo que é dever, vida e bênção, harmonia e sacrifício pelo outro, alegria, generosidade, paixão pela paz e desejo por todas as coisas bonitas. Esse é o círculo da Santíssima Trindade. Não fomos criados para vagarmos sem rumo pela vida, sem qualquer sentido, objetivo ou dignidade. Jesus cruzou todos os mundos para nos encontrar e nos elevou à vida que compartilha com seu Pai no Espírito Santo. "Eu estou em meu Pai, você em Mim, e eu em você." Há muito mais coisas ocorrendo neste cosmos e neste planeta do que ousamos imaginar. *Nada é simples.* "Eu sou a luz do mundo. Quem me segue, nunca andará nas trevas, mas terá *a luz da vida.*"[1]

Essa visão é quase boa demais para ser verdadeira. Mas é. Como Papai afirmou para Mackenzie: "Como falei, tudo tem a ver com ele. A Criação e a história têm tudo a ver com Jesus. Ele é o centro do nosso propósito e *nele* agora somos totalmente humanos, de modo que o nosso propósito e o destino de vocês estão ligados para sempre."

Há milhares de coisas que poderiam ser ditas aqui, mas agora existem três pontos críticos que precisam ser observados. O primeiro é que Jesus é o conteúdo e o significado correto dos grandes temas do Novo Testamento – o Reinado de Deus, a Salvação, a Adoção, a Redenção e a Reconciliação, a Justificativa, o Novo Pacto, o Céu. O reinado de Deus é a verdadeira vida, o verdadeiro amor e a verdadeira alegria da Santíssima Trindade – compartilhados conosco em Jesus –, o que traz consequências para nossas vidas, nossos relacionamentos com os outros seres humanos, nosso relacionamento com a Terra e toda a criação. A identidade de Jesus Cristo como aquele em quem o Pai, o Espírito Santo e toda a criação estão juntos possui profundas implicações geopolíticas, raciais, sociais, ambientais, econômicas e educacionais, isso sem esquecer as físicas, as psicológicas ou as teológicas. "Eu sou a luz do *cosmos.*" Como criador encarnado, não há esfera ou área da vida humana, ou da vida do nosso planeta, que esteja excluída do relacionamento de Jesus com seu Pai no Espírito. Nada foi deixado para trás quando ele ascendeu para os braços de seu Pai. Não existe nada além da sua consagração no Espírito. Em Jesus, o céu e a Terra estão unidos. A vida e a unidade da Santíssima Trindade atravessaram os limites do infinito e nos abraçaram para sempre. E todas as coisas se tornaram novas.

O que significa salvação senão a nossa morte na morte de Jesus e a nossa nova vida na sua ressurreição? Com Jesus, fomos elevados aos braços do Pai, com ele sentamos à Sua direita e por ele fomos introduzidos no mundo do Espírito Santo. "Esta é a vida eterna: que te conheçam, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste."[2]

O segundo ponto crítico é que a incrível união que Jesus estabeleceu conosco não significa que nos tornamos Jesus, ou que ele tenha se tornado um de nós. Esse seria o nosso fim como pessoas reais, e o fim do sonho da Santíssima Trindade para nós. Na vida do Pai, do Filho e do Espírito existe unidade e total união, os três permanecem um no outro integralmente, mas nunca perdem suas identidades distintas. Nenhum deles se torna o outro. Na genialidade de suas vidas compartilhadas, o Pai, o Filho e o Espírito descobriram uma maneira de nos dar um lugar na vida trina sem nos perder durante o processo. Fomos incluídos, mas não absorvidos; unidos, mas não amalgamados a ponto de deixarmos de ser reais. Compartilhamos da vida trina, mas sempre como pessoas distintas, com nossas próprias e exclusivas personalidades. A Santíssima Trindade não aceitará isso de outra maneira.

A visão trina reúne a realidade da nossa união com o Deus Trino e a distinção entre nós. A união nos confere uma existência genuína e um compartilhamento verdadeiro na vida trina. A distinção garante que existe um "nós" real para provar, sentir e vivenciar a vida trina.

O terceiro ponto é que, em Jesus, vemos quem somos e por que estamos aqui, assim como o que está errado e como seguirmos em frente. Jesus nos incluiu em seu relacionamento com seu Pai, em seu relacionamento com o Espírito Santo, em seu relacionamento com cada pessoa *e* em seu relacionamento com toda a criação. Jesus é o centro de tudo.[3] Viver significa caminhar com ele e compartilhar de seus relacionamentos. Estamos plenamente vivos e somos mais nós mesmos quando vemos com os olhos de Jesus, sentimos com seu coração, amamos com seu amor. Morrer significa estar isolado, fazer as coisas do nosso próprio jeito e servir apenas a nossos próprios interesses.

O que Jesus nos tornou em sua vida – morte, ressurreição e ascensão – é a *verdade* do nosso ser, que ainda não se tornou a nossa *maneira* de ser. Não estamos separados da Santíssima Trindade, mas incluídos na vida trina. Essa é a nossa identidade

e esse, o nosso destino de alegria. Somos amados, aceitos, abraçados para sempre e adotados, embora isso ainda não seja nosso modo de vida. Mas é o nosso chamado. A nossa identidade em Jesus nos chama e liberta para que nos tornemos quem somos: aqueles que são amados, aceitos e abraçados para sempre.[4]

Por um lado, nos tornarmos quem somos pressupõe permitir que o Pai de Jesus nos ame. Como todos nós, Mackenzie precisa "aprender a viver amado" e permitir que o abraço do Pai "administre a casa" em sua alma. A verdade nos conclama a mudar a crença de que estamos separados de Deus, de que fomos largados e abandonados, de que estamos sozinhos, por conta própria. A verdade nos faz acreditar em Jesus e saber que nele somos queridos, acolhidos, cuidados e incluídos na vida compartilhada pelo Pai, o Filho e o Espírito.

Mas isso também pressupõe a nossa entrega – mente, coração e vontade – a participar daquilo que Jesus está fazendo. Nossos compromissos, nossa autossuficiência e nossa confusa vontade precisam morrer para que a vida e os interesses, os encargos e as alegrias, a música e o amor abnegado da Santíssima Trindade possam se expressar de forma pura e exclusiva em nós. É o que ouve Mackenzie:

> – É verdade, *minha* vida não se destinava a tornar-se um exemplo a copiar. Ser meu seguidor não significa tentar "ser como Jesus", significa matar sua independência. Eu vim lhe dar vida, vida real, minha vida. Nós viveremos nossa vida dentro de você, de modo que você comece a ver com nossos olhos, ouvir com nossos ouvidos, tocar com nossas mãos e pensar como nós.

"Permaneça em Mim, e eu em você", diz Jesus. "Nenhum ramo pode dar fruto por si mesmo se não permanecer na videira. Vocês também não podem dar fruto se não permanecerem em mim. Eu sou a videira; vocês são os ramos. Se alguém permanecer em mim e eu nele, esse dará muito fruto; pois sem mim vocês

não podem fazer nada."[5] Como Mackenzie aprendeu, não conseguiremos caminhar sobre a água se apenas flexionarmos nossos músculos da fé. Só o faremos se participarmos daquilo que Jesus estiver fazendo. Estamos livres para encher mil jarros de água e criar talismãs, cânticos e receitas, mas a água nunca se transformará em vinho se o Senhor não realizar seu trabalho. Trata-se do relacionamento e da livre submissão de nossos corações e nossa vontade ao amor e à vida do Pai, do Filho e do Espírito.

A fé é impotente sem a verdade. Porque, sem Jesus, a fé é simplesmente uma forma de mágica onde tentamos tecer nosso feitiço sobre alguém ou desviar o cosmos para realizar nossa vontade e excluir Jesus. A pergunta de Sarayu, Papai e Jesus a Mackenzie cabe a todos nós: "E como isso funciona para você?" "Pois de que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro e perder-se ou destruir a si mesmo?"[6]

Viver neste Universo implica caminhar com Jesus no relacionamento verdadeiro. Isso significa salvar as baleias, encontrar maneiras de purificar a água, servir e curar os doentes, cuidar dos pobres, ser mãe, pai, professor, trabalhador, fazendeiro, cozinheiro, músico, treinador. Significa dizer "Não!" ao racismo, ao sexismo, à injustiça social, ao sectarismo, à fragmentação e ao dualismo de todos os tipos, mas nunca contando com nossa própria força e no nosso ritmo. "'Isso sempre funciona melhor quando a gente faz junto, não acha?', perguntou Jesus, sorrindo."

> – Se você tentar viver isso sem mim, sem o diálogo constante que estabelecemos ao compartilhar esta jornada juntos, será como tentar andar sobre a água sozinho. Você não pode! E quando tenta, por mais bem-intencionado que seja, vai afundar.

Aqui podemos começar a compreender o que significa sermos pecadores. O pecado não é uma simples desobediência a uma lei divina, a não ser que "lei" signifique o mundo real em Jesus. Neste sentido, o pecado é qualquer pensamento, ato, motivo

ou palavra que violente a nossa inclusão em Jesus e em seu relacionamento com seu Pai, o Espírito Santo e toda a criação. Em um nível mais fundamental, no entanto, o pecado não está tão relacionado a atos ou comportamentos quanto está relacionado ao orgulho. *Pecar é insistir em que Jesus Cristo está arrependido e que acredita nas nossas mentiras.* Exigimos que Jesus traia a si mesmo e finja que não está no Pai, que nós não estamos nele e ele em nós. Pecar é exigir que Jesus desista de seu mundo com seu Pai e o Espírito e passe a acreditar em nós e no nosso, que participe de nossos sonhos e nossas rotinas, de nossos ritmos e nossas vontades. De uma maneira muito real, ele faz isso. Porque Jesus nos encontra na nossa escuridão e nos aceita e ama do jeito que somos. Ele "percorrerá qualquer estrada para encontrar você". Ele o faz, mas nunca trairá o fato de que viver a vida real significa viver no abraço do Pai no Espírito. Por isso ele nos encontra na nossa escuridão, no nosso pecado e na nossa confusão. A presença dele significa que ele é o nosso Salvador, que ele trabalha através do amor para nos salvar dos nossos falsos "eus", e que assim podemos nos tornar quem somos nele e experimentar a vida real.

É fascinante ver que as primeiras palavras de Jesus no evangelho de João formam uma pergunta. João Batista apontou Jesus como o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Por essa razão, seus discípulos começaram a seguir Jesus. Ele se vira e pergunta: "O que é que vocês querem?"[7] É uma pergunta simples, mas cheia de significado. Imagine Jesus olhando direto para a sua alma e perguntando "*O que é que você quer?*". Os discípulos de João, assim como todos nós, ficaram pasmos. Quem não ficaria? A pergunta de Jesus, apesar de tão simples, acabava com qualquer dissimulação.

Os discípulos de João não sabiam como responder. Então fizeram uma pergunta: "Rabino, onde é que o senhor está ficando?" Parece uma pergunta irrelevante e mesmo sem sentido, até que se perceba que "ficando" é o termo que geralmente traduz

"morando". "Rabino, onde é que o senhor está *morando?*" Os teólogos gostariam que Jesus tivesse dado uma cuidadosa resposta teológica sobre "morar" no coração de seu Pai. Mas Jesus responde simplesmente: "Venham, e vereis."

Tudo se resume a isso. De um lado está a pergunta de Jesus: "O que é que vocês buscam? O que é que vocês estão procurando? O que é que vocês querem? É vida, vida real? Vocês querem paz, esperança, significado, liberdade para ser, viver, amar?" Do outro lado está a sua ordem: "Venham, e vereis." Jesus fala a nossos corações com uma convidativa ordem de amor e relacionamento. "Caminhe comigo. Largue seus afazeres e venha comigo. Siga-me." Nas palavras de MacDonald:

> Segui-lo significa aprender sobre ele, pensar seu pensamento, usar seu raciocínio, ver as coisas como ele as via, senti-las como ele as sentia, ter coração, alma, mente como as dele – para que possamos pensar do mesmo jeito que seu Pai.[8]

A eterna pergunta que Jesus nos faz é: Em que mundo você vai viver hoje, no seu ou no meu? Como Jesus diz a Mackenzie: "Fomos destinados a experimentar esta vida, a sua vida, juntos, num diálogo, compartilhando a jornada. Você passa a compartilhar nossa sabedoria e aprender a amar com nosso amor, e nós ouviremos você resmungar, se afligir, reclamar, e..." "Como o Pai me amou, assim eu os amei; permaneçam no meu amor."[9] "Se você quiser fazer as coisas do seu jeito, tudo bem. O tempo está a *nosso favor.*"

O Espírito da adoção

E porque vocês são filhos, Deus enviou o Espírito de Seu Filho para nossos corações, gritando *"Abba!* Pai!"
– São Paulo

Há Alguém dançando com você,
e você não tem medo de cometer erros.
– Richard Rohr

A adoção não é o sonho de um Deus ingênuo; ela é a simples e espantosa verdade em Jesus Cristo. Ao se tornar humano, Jesus transpôs a impossível fronteira entre o divino e a criatura. E, ao suportar nossa animosidade, estabeleceu conosco um relacionamento verdadeiro, não apenas na nossa "humanidade", mas naquilo que temos de pior. Como Filho do Pai encarnado, ele trouxe seu próprio relacionamento com seu Pai para o nosso degradado mundo, e superou nosso pecado, e nos abraçou no amor do Pai. *E,* como Jesus é também o Filho *ungido*, estabelecer uma relação conosco no que temos de pior significa que ele trouxe o Espírito Santo para o nosso mundo carnal. A adoção significa que com Jesus e através dele e da hostilidade que aturou dos pecadores, o Espírito Santo desceu ao fundo das catacumbas secretas do nosso inferno para não mais sair até que elas se tornassem o coração do Pai de Jesus para nós. Jesus é "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" *e* "é o que batiza com o Espírito Santo".[1]

Assim como a encarnação, a consagração de Jesus no Espírito levou algum tempo para se tornar aquilo que foi. Embora em nenhum momento Jesus tenha ficado sem o Espírito, foi preciso que esse relacionamento se desenvolvesse em cada estágio do seu crescimento humano. Concebida pelo Espírito, toda a existência de Jesus foi vivida no Espírito, mas houve crescimento, desenvolvimento e maturidade. O Filho do Pai se tornou um ser humano *real*. Ele viveu sua jornada como Filho e sua consagração no Espírito como homem. O Espírito Santo não é um líquido divino que possa ser despejado no recipiente da humanidade de Cristo. O Espírito é uma pessoa que deve ser bem-vinda, conhecida e amada. Jesus amou e viveu no Espírito, dizendo "sim" para ele em todos os momentos de sua vida. E assim foi se tornando o que sempre foi. A sua consagração no Espírito alcançou sua manifestação plena na ressurreição e na ascensão.

Enquanto isso, Jesus permaneceu na nossa escuridão até morrer por nossas mãos na cruz. A sua consagração foi se consumando não apenas na sua humanidade, mas também através do seu sofrimento. Ele viveu sua eterna jornada de Filho nas trincheiras do nosso corrompido mundo sob o ameaçador cerco do demônio e na brutal dor da nossa rejeição. Através daquilo que sofreu, Jesus aprendeu o que significa ser o Filho do Pai encarnado.[2]

É fascinante pensar em Deus "aprendendo". Mas, assim como a criação era algo *novo* para Deus, a encarnação também o foi, bem como viver dentro da nossa escuridão.[3] Certamente, a Santíssima Trindade tinha previsto como seria tornar-se humano, mas entre prever e vivenciar há uma grande diferença. Depois que o Deus Trino criou o cosmos e a humanidade dentro dele, a vida trina começou a se manifestar dentro de um novo mundo de relacionamentos. Na encarnação, a Santíssima Trindade "se torna" o que sempre foi, só que de uma *nova* maneira – agora no relacionamento conosco como criaturas corrompidas. E o Espírito Santo não era um espectador que observava de longe enquanto Jesus vivia sua jornada como filho. Ele estava presente com ele.

No companheirismo com o Filho do Pai, enquanto suportava o trauma do nosso cego julgamento, o Espírito Santo "se acostumou", como o grande Irineu colocou, "a viver na raça humana".[4] No sofrimento e na dor de Jesus, o Espírito Santo foi se acostumando com a nossa humanidade e a nossa alienação. Enquanto cuidava de Jesus durante a agonia que ele suportou por nossa culpa, o Espírito Santo foi incorporando o nosso corrompido mundo ao dele.

Creio que o Espírito Santo "aprendeu" como nos encontrar na grande escuridão através da aflição de Jesus. Falar sobre o aprendizado do Espírito Santo é obviamente uma grande especulação, mas pelo menos nos ajuda a levar a sério a encarnação como algo *novo* para o Pai, o Filho e o Espírito. Quem sabe? Quem pode afirmar? O que de fato sabemos é que o grande apreciador da vida, da liberdade e da totalidade conseguiu penetrar no nosso inferno em Jesus. E aqui ele não pode, de maneira alguma, se calar. Sua paixão pela vida se torna uma paixão pela nossa libertação.

O Pentecostes é o inevitável fruto da ascensão de Jesus, e da nossa nele. Enquanto nos abraçava na nossa escuridão, Jesus nos incluía na sua própria consagração com o Espírito Santo. Como profetizado por Joel, o Espírito Santo foi derramado por *toda a carne* através de Jesus.[5] A obsessão do Espírito é educar todos os seres humanos, tornar real – pessoal, emocional, física e espiritualmente – *em nós,* na nossa escuridão, aquilo que já é real em Jesus Cristo: o fato de que somos amados, aceitos, abraçados e incluídos na vida trina para sempre. Ele está determinado a fazer com que "a maravilhosa troca" passe da "*verdade* do nosso ser" para a "nossa *maneira* de ser".

Dentro da nossa escuridão, esse especial e único Espírito do Pai e do Filho é o Espírito da verdade, da adoção, da graça e da vida em Cristo que trabalha conosco e dentro de nós para que possamos nos *tornar* quem somos em Jesus. Mas, como um terreno de arbustos espinhosos, nossos mundos interiores formam

um emaranhado de culpa, vergonha, ansiedade, egoísmo, ocultação e medo que se unem para nos dar uma visão profundamente equivocada. "Mack, há muito mais coisas acontecendo aqui do que você tem condições de perceber." Por isso, o Espírito Santo veio para fazer conosco aquilo que sozinhos não conseguiríamos fazer em um milhão de anos. Ele caminha junto de nós numa relação de companheirismo e de grande ternura, ele se encontra conosco no nosso sofrimento e na nossa confusão. Com delicadeza, desfaz esse emaranhado para nos dar uma visão nova que nos permita escolher a vida com todo o nosso coração.

Aqui surgem vários pontos críticos que precisam ser observados. Primeiro: o Espírito Santo nos encontra em nossos *corrompidos* mundos internos. Em *A cabana,* Sarayu está presente e trabalhando no jardim que é a imagem da *confusão* da *alma corrompida* de Mackenzie. E ele não fica horrorizado. Embora não se regozije com o nosso pecado nem aprove a nossa falta de retidão, o Espírito Santo não é um moralista puritano que não consegue lidar com a nossa humanidade. Sarayu – a representação do Espírito Santo em *A cabana* – não é uma jovem mimada que nada sabe sobre as tenebrosas esquisitices e vicissitudes da vida no planeta Terra. Ela não fica chocada com a nossa vulgaridade e com as nossas tortuosas maquinações. Mais como uma experiente enfermeira em um hospital para doentes mentais do que como uma solteirona enojada com a nossa depravação, o Espírito Santo já viu tudo em Jesus. Ele conhece o nosso inferno, a nossa dor, a nossa insana crueldade. Ele não fica desconcertado com o trabalho sujo da nossa libertação. *Ele ama isso.* Ele é a resposta. Como no jardim de Mackenzie, o Espírito Santo está cheio de alegria e se divertindo ao máximo *nos nossos jardins.*

"Nesse momento, Papai desceu pelo caminho carregando duas sacolas de papel. Sorria enquanto se aproximava." A primei-

ra vez que li essas duas linhas, fiz diversas interpretações e depois as reli para me certificar de que elas significavam aquilo que eu achava. Quando tive oportunidade, conversei com Paul sobre o fato de Papai estar *sorrindo* enquanto caminhava no jardim de Mackenzie. "Por favor", pedi, "me diga que você escreveu isso de propósito." "Bem, é claro", respondeu ele simplesmente, com um enorme sorriso no rosto.

Esta cena da alegria de Sarayu e Papai sorrindo no meio da confusão de Mack merece uma pausa para refletirmos. *Não perca essa oportunidade.* Tanto Sarayu quanto Papai se encontram dentro da escuridão e da dor de Mack. Aqui está a dimensão profundamente pessoal da "maravilhosa troca". Por mais que eu ame o abraço de Papai na varanda da frente, considero a cena no jardim ainda melhor. Ali, Paul Young revela o nosso encontro com a escuridão e expõe a surpreendente verdade da encarnação. O Espírito Santo e o Pai de Jesus não estão nos observando de uma distância segura e organizada lá em cima. Eles estão dentro do nosso mundo de pecado e vergonha. Foi isso que Paul Young descobriu no seu desespero pessoal – Jesus, seu Pai e o Espírito Santo sorrindo e muito felizes. "Em vez de varrer toda a Criação, arregaçamos as mangas e entramos no meio da bagunça. Foi o que fizemos em Jesus."

Segunda interpretação: o Espírito Santo vem para nos *libertar*. A presença dele no nosso mundo interior não é o fim, mas o início. Porque o sonho da Santíssima Trindade não é apenas o de nos incluir na vida trina, mas também de nos fazer vivenciar essa vida por nós mesmos. Mas esse sonho não poderá nunca ser concretizado se não quisermos. E nossas vontades estão misturadas com a nossa crença cega. É por isso que o Espírito Santo tem um trabalho hercúleo em suas mãos. Ele precisa fazer com que nos voltemos contra nossa própria cegueira e passemos a acreditar e a confiar, para nos entregarmos a Jesus e a seu Pai.

Sem confundir o fruto com a raiz – a causa com a consequência –, o Espírito está menos preocupado com os nossos pecados

do que com *o* nosso pecado – *a falta de fé.* Jesus diz que o Espírito Santo "condenará o mundo em relação ao pecado", e continua afirmando "ao pecado, porque os homens não creem em mim".[6]

Trazemos para o relacionamento de Jesus conosco uma maneira extremamente estranha e hostil de pensar e ver. Como essa maneira faz todo o sentido para nós, nos agarramos a ela com grande tenacidade. Da mesma maneira que não somos capazes de ouvir o nosso próprio sotaque, também não conseguimos ver a nossa própria cegueira. Como para nós é impossível afastar as ervas daninhas das nossas mentes corrompidas, acreditamos naquilo que percebemos através da nossa cegueira. Jesus, no entanto, penetrou na nossa escuridão e trouxe o Espírito da verdade com ele.

Como já disse, o Espírito Santo não é um espectador que observa de fora, dando instruções abstratas e externas que ele espera que apliquemos às nossas vidas. Ele está conosco nos nossos jardins, nas nossas lixeiras, nas nossas cabanas, e dá seu testemunho sobre o "inacreditável" mundo de Jesus, de seu Pai – e do nosso também. Ele trabalha dentro de nós para nos ajudar a ver através da nossa própria cegueira, conhecer a verdade em Jesus, e assim nos ajuda a combater, pouco a pouco, o medo, o julgamento, o preconceito e a alienação em nós. Mas somos muito teimosos, resolutos e obstinados. Achamos que sabemos tudo e não queremos ser criticados, mesmo quando deixamos um rastro de destruição atrás de nós. Por isso, o Espírito Santo nos concede tempo para fazermos as coisas do nosso próprio jeito e, enquanto isso, trabalha profundamente na essência do nosso ser, dando seu testemunho de que somos filhos e filhas do próprio Pai, gritando as palavras de Jesus, "*Abba!* Pai!" dentro de nós.[7]

Se você já escreveu um poema ou uma carta, tem uma ideia de como esse testemunho interno funciona. Escrever, assim como muitas outras coisas, é um processo de tentativas e erros. Eu muitas vezes escrevo e reescrevo um capítulo antes mesmo de saber o que estou de fato tentando dizer. Depois, faço intermi-

náveis revisões. Um poeta compõe uma frase ou uma imagem, em seguida a apaga e tenta de novo. Logo haverá pilhas de papel amassado no chão. Mas, se ele perseverar e suportar o tormento de não conseguir dizer o que não pode ser dito, o poema surgirá.

Mas como é que o poeta sabe que esta ou aquela palavra não é adequada? Como é que ele sabe que aquela mudança na frase, na imagem ou na metáfora é inapropriada? E como é que ele sabe que são apropriadas e que o poema está concluído? É simples, porém bastante profundo. O poeta possui dois conhecimentos trabalhando dentro dele: um é o conhecimento da sua mente e o outro é o conhecimento do seu coração,[8] que MacDonald chamou de "algo mais profundo do que a compreensão – o poder que sustenta o pensamento".[9] O que o poeta sabe em seu coração vem através do "espírito conhecedor", aquele que escrutina seu pensamento, suas palavras e suas frases, e o faz se arrepender e expandir seus "pensamentos até que fiquem dignos do tema" e, para citar São Hilário de Poitiers,[10] até que a compreensão da sua mente cresça e expresse o conhecimento mais profundo do seu coração.

É isso que o Espírito Santo faz dentro de nossos corações. "E porque vocês são filhos, Deus enviou o Espírito de seu Filho ao coração de vocês, e ele clama: '*Abba*, Pai!'"[11] Ele nos fornece o "conhecimento" interno de que pertencemos à glória, de que somos especiais, amados – feitos para a vida, e não para a morte, para a alegria, para a bondade e a graça, e não para o sofrimento e a grande tristeza. Todavia, as feridas, os traumas, o descaso, o divórcio, os fracassos, as decepções pessoais e a terrível doutrina *gritam outra mensagem.*

> Mack soube que, por mais difícil de entender que fosse, o que estava escutando era algo espantoso e incrível. Como se as palavras dela estivessem se enrolando nele, envolvendo-o e falando com ele de maneiras que iam além do que ele poderia ouvir. Não que acreditasse de fato em nada daquilo. Se ao menos fosse verdade! Sua experiência lhe dizia o contrário.

Dentro de nós há dois conhecimentos: o conhecimento do Espírito e aquele adquirido nas difíceis provações da nossa experiência e no sussurro do pai das mentiras.

O testemunho do Espírito nos dá, dentro da nossa própria escuridão, uma base divina para o arrependimento e a nova fé, o que leva à libertação e à vida. O arrependimento é uma reformulação radical das nossas mentes, uma mudança profunda, ampla e essencial no nosso modo de pensar, ver e compreender. Ele nada mais é do que uma revolução na maneira como vemos Deus, nos vemos, vemos os outros e a vida em si. O testemunho do Espírito forma um novo conhecimento dentro de nós, o que nos faz suspeitar que podemos estar cegos e completamente errados sobre Deus, e estabelece, dentro da nossa alma, a permissão para que passemos a acreditar na bondade do Pai de Jesus e a vontade de combater nossos preconceitos e mitologia. "Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente."[12] "Que o Deus da esperança os encha de toda a alegria e paz, por sua confiança Nele, para que vocês transbordem de esperança, pelo poder do Espírito Santo."[13]

Terceira interpretação: o Espírito Santo nos trata com profundo respeito. Somos reais e muito importantes para a Santíssima Trindade. Negar nossos desejos e vontades não faz parte do modo de vida trino. Isso significaria nos destruir como pessoas distintas. Somos altamente estimados e preciosos para o Pai, o Filho e o Espírito. Eles se relacionam *conosco* do jeito que estamos em nossa dor, escuridão e confusão. "Sem violar qualquer vontade humana e "sem brutalizar qualquer pessoa", o Espírito Santo trabalha com um objetivo em nossos corações e está sempre recrutando a nossa participação no processo. Como Sarayu disse para Mack: "Gostaria que você me ajudasse a limpar todo esse terreno. Há uma coisa muito especial que quero plantar aqui amanhã, e temos de deixar tudo pronto. Juntos, você e eu estivemos trabalhando com um propósito no seu coração."

Assim como em *A cabana,* liberdade e respeito, integridade e

paciência são temas encontrados em toda a história bíblica. Apenas alguns momentos após o abraço na varanda da frente, Papai percebe que, embora tivesse penetrado na escuridão de Mack e o acolhido, ele ainda hesita seriamente em se abrir. Papai vê que ele não está pronto. "Tudo bem", diz ela, "vamos fazer as coisas no seu devido tempo." Esta é a essência da história bíblica: a Santíssima Trindade nos leva a sério.

Alguns momentos depois, Mack pergunta a Jesus o que deve fazer.

> – Você não *deve* fazer nada. Está livre para o que quiser. – Jesus fez uma pausa e continuou, dando algumas sugestões. – Eu estou trabalhando num projeto em madeira no barracão e Sarayu está no jardim. Você pode ir pescar, passear de canoa ou entrar e conversar com Papai.
> – Bem, acho que me sinto obrigado a entrar e falar com ele... isto é, com ela.
> – Ah! – Agora Jesus estava sério. – Não se sinta obrigado. Vá se for isso o que você *quer* fazer.

A nossa liberdade não é uma ilusão. Somos livres para ser exatamente o que somos, como somos. Porque o Pai, o Filho e o Espírito querem que o nós verdadeiro, e não a versão dominical da Igreja, vivencie a vida compartilhada e o amor deles.

Esse respeito por nós como pessoas reais dotadas de sentimentos, ideias próprias e vontades – pessoas corrompidas – aparece na conversa sobre os filhos de Mack. "Quando falou sobre suas preocupações com Kate, os três apenas assentiram com uma expressão solidária, mas não ofereceram nenhum conselho." Eles não socorrem Mackenzie. Jesus, Papai e Sarayu *escutam*. Eles querem saber, ouvir e compreender o que está acontecendo no coração de Mackenzie. Estão mais interessados em conhecê-lo como ele é do que em lhe oferecer conselhos. Sarayu explicou logo depois: "Nós nos limitamos por respeito a você. Não es-

tamos trazendo à mente, por assim dizer, nosso conhecimento sobre seus filhos. Ouvimos como se fosse a primeira vez e temos enorme prazer em conhecê-los através dos seus olhos."

Ver através dos olhos do outro é o sinal mais forte da intimidade e do relacionamento verdadeiros. O Espírito Santo se importa profundamente com o lugar onde de fato "estamos" na nossa compreensão e fé, com a falta delas e com o que "queremos". Ele nos concede bastante tempo e espaço para armar nossas confusões. Somos impressionantemente livres para fazer o que quisermos, tentar várias alternativas, ser bruxos e feiticeiros e impor nossas próprias vontades aos outros e à criação. Ele nos deixa viver com nós mesmos e com as consequências das nossas ideias arrogantes, da nossa horrorosa soberba e do nosso pecado. Nas palavras do Sr. Raven em *Lilith*, de MacDonald, "na verdade o negócio do Universo é fazer com que você se torne tão tolo que acabe se dando conta disso, e então se torne sábio".[14] O Espírito Santo não nos abandona na nossa insensatez, mas rapidamente utiliza todas as oportunidades, determinado a nos fazer *conhecer* a verdade e experimentar sua liberdade e sua vida. Porque o sonho da Santíssima Trindade precisa se tornar nosso também.

Eu, por exemplo, preferiria um reparo rápido, mas o ataque contra a luz não fará o cego ver. E mesmo que pudéssemos ver, *não* acreditaríamos nunca naquilo que vimos. O mesmo acontece no que diz respeito ao relacionamento, à educação de nossas mentes corrompidas e à libertação das nossas vontades. *Conhecer* Jesus na Bíblia é muito diferente de recitar informações, citar as Escrituras ou ir à igreja. Conhecer envolve arrependimento, a radical conversão das nossas mentes, a nossa experiência pessoal, a nossa confiança, o nosso altruísmo, a nossa comunhão e a nossa unidade. O Espírito da adoção quer que *acreditemos,* confiemos, caminhemos com Jesus e nos entreguemos para participar da vida dele com seu Pai. Ele nunca pretendeu nos fazer obedecer à sua vontade. Em Jesus, ele veio para se relacionar conosco na nossa escuridão e na nossa dor, e delicadamente *nos* fazer ver.

Quarta interpretação: o Espírito Santo não dorme nunca e trabalha incessantemente para extrair vida da nossa miséria, verdade dos nossos erros e cura dos nossos desastres pessoais. É isso que eu mais amo no Pai, no Filho e no Espírito. Eles não têm pressa. Eles são pacientes e brilhantes estrategistas em seu amor. Paul Young expressa isso lindamente em três pontos. O primeiro é no jardim com Sarayu.

Mack e Sarayu estavam preparando o jardim quando ele percebe que fez uma bagunça. "Mas é realmente lindo e pleno de você, Sarayu. Mesmo que pareça que ainda resta um monte de trabalho a ser feito sinto-me estranhamente à vontade e tranquilo aqui." Papai e Sarayu não conseguem deixar de olhar um para o outro e dar uma piscadela, porque Mack não percebia nada.

> E não é de espantar, Mackenzie, porque este jardim é a sua alma. Esta confusão é *você*! (...) E ele é selvagem, lindo e perfeitamente em evolução. Para você parece uma confusão, mas eu vejo um padrão perfeito emergindo, crescente e vivo.

O segundo ponto é quando Jesus e Mack estão conversando após Mack e Sophia terem falado sobre julgamento, e depois de ele "ter visto" Missy viva e brincando. Mack pergunta a Jesus por que ele não lhe falou antes sobre Missy.

> Estive falando com você durante bastante tempo, mas hoje foi a primeira vez que você pôde ouvir. Não pense que todas aquelas outras ocasiões foram um desperdício. Como pequenas rachaduras na parede, uma de cada vez, mas entrelaçadas, elas o prepararam para hoje. É preciso demorar um tempo preparando o solo se quiser que ele acolha a semente.

O terceiro ocorre quando Papai e Mackenzie estão comendo bolinhos na varanda da frente. Aquele é um encontro de corações, porque Mack está pedindo desculpas por ter julgado Papai

e pensado tão mal a respeito dela. A seguir, Papai abre seu coração e deixa Mackenzie ver um segredo simples, mas bastante transformador, sobre a forma como ela trabalha.

> – Vamos imaginar, por exemplo, que eu esteja tentando ensinar a você como não se esconder dentro de mentiras – ela piscou. – E digamos que eu sei que você terá que passar por 47 situações antes de me ouvir de fato – isto é, antes de me ouvir com clareza suficiente para concordar comigo e mudar. Então, quando na primeira vez você não me ouve, não fico frustrada nem desapontada, fico empolgada. Só faltam 46 vezes. E essa primeira vez será um tijolo para construir uma ponte de cura que um dia, que hoje, você atravessará.

É bonito – é absolutamente verdadeiro – e Paul Young não aprendeu isso num livro. Essa percepção, essa revelação que gera esperança e inspira alegria só ocorre quando somos sinceros com nós mesmos e honestos com o Pai, o Filho e o Espírito.

O mundo recuperado nos ensina que é essencial dedicarmos tempo para fazer um inventário pessoal de nossas vidas. Esse inventário exige uma honestidade extrema e deve ser tão exaustivo quanto possível, um verdadeiro catálogo de todos os nossos pecados, mentiras, defeitos de caráter e fracassos pessoais. Encarar a si mesmo com honestidade talvez seja a coisa mais amedrontadora do mundo. Ao fazê-lo, porém, você constata não apenas a sua própria degeneração, mas também a graça do Senhor Jesus e sua compaixão, o humor de seu Pai e o conforto do Espírito Santo. "Bem-aventurados os pobres em espírito, pois deles é o Reino dos céus. Bem-aventurados os que choram, pois serão consolados."[15]

Eu estava chocado. As impressões digitais da Santíssima Trindade se encontravam em toda a minha vida. Nunca, nem por um segundo, eu fora abandonado. E o melhor de tudo foi constatar como o Espírito Santo usou meus erros, meus defeitos de caráter

e a minha total estupidez para me ajudar a ver que eu era amado e que estava incluído. Ele transforma a nossa vergonha em sacramentos do amor do nosso Pai.

Enquanto o Espírito Santo se acostuma a habitar na nossa carne, ele paulatinamente nos ajuda a nos acostumarmos com o mundo de Jesus e o afeto de Papai. Enquanto "aprende" a nos encontrar na nossa escuridão em Jesus, ele nos ajuda a aprender a viver amados – porque nós o somos de fato – e usa nossos próprios erros para fazer isso.

Quinta interpretação: no Espírito, o puro amor da Santíssima Trindade se torna um veemente *julgamento* dentro de nós. Jesus morreu no nosso escárnio e se levantou no nosso inferno. Não podemos matá-lo de novo nem nos separar da sua presença. "Não podemos nos livrar desse Vizinho."[16] A presença dele é de amor, graça e aceitação e, por isso, de *julgamento.* "Porque o amor ama a pureza", como MacDonald coloca.[17] "Deus nunca deixará impune um homem com qualquer defeito. Ele precisa tê-lo limpo."[18] O amor da Santíssima Trindade não aceitaria nunca que fôssemos estranhos à vida trina. "Por esta razão, tudo aquilo que não é bonito no ser amado, tudo aquilo que se interpõe e que não pertence ao amor, precisa ser destruído."[19]

O assassino de Missy não passará saltitando pelos portões perolados brincando com joaninhas. Para começo de conversa, o céu é o lugar onde a Santíssima Trindade mora, e o maligno que sequestrou e de forma tão horrível retorceu e fez mau uso desse criminoso evita a luz a qualquer custo. Embora esse assassino seja perdoado, amado e aceito, abraçado e incluído, ele não tem como *saber* disso, e essa ignorância o deixa se contorcendo de dor e aprisionado nas garras da escuridão. Apesar de pertencer ao Pai, ao Filho e ao Espírito, de ter sempre pertencido e de pertencer para sempre, ele se entregou à escuridão. Ele "age" a partir da mentira do demônio, de seu grotesco despropósito, e com isso provoca caos nas vidas de todos os que o cercam. Ele se tornou um monstro terrível que vive uma forma de existência

alienada contrária ao seu verdadeiro eu em Cristo. Esse monstro, essa forma hostil de existência, precisa ser transformado no fogo do amor de Jesus.

Esse homem, assim como cada um de nós, precisa ser *julgado* pela Palavra de Deus.[20] Ou seja, ele precisa ser dividido: o demônio tem que ser percebido e separado do seu verdadeiro eu em Jesus. "Muito daquilo que existe em nós se tornará aparente para nós mesmos, e especialmente para o Juiz, como merecedor de condenação, pois pertence ao fogo."[21] Tudo aquilo em nós que é hostil à vida trina e a seu modo de ser precisa morrer. O veneno da escuridão deve ser removido de nós para que possamos nos tornar quem verdadeiramente somos em Jesus. Precisamos nos arrepender e crer, *não* para sermos aceitos, amados e incluídos, mas para viver *no Pai, no Filho e no Espírito.*

O Espírito Santo é o Espírito da adoção e por isso, na nossa escuridão, é um fogo purificador.[22] "Tudo aquilo que se interpõe e que não pertence ao amor, precisa ser destruído." Caso contrário, estaremos fadados a ser incluídos numa vida que nunca poderemos viver. Portanto, o Espírito trabalha para nos libertar, para que possamos optar por abandonar nosso pecado, fugir de tudo aquilo que não pertence à verdade, de tudo aquilo que é estranho ao amor altruísta e abnegado, à vida e à graça do Pai, do Filho e do Espírito. Seu fogo transformador e libertador é o seu testemunho *"Abba!* Pai!". Ele usa a verdade, a nossa adoção, a nossa salvação em Jesus Cristo para nos levar a julgamento e assim criar a crise da nossa própria libertação.[23]

"Abba! Pai!" está cheio de esperança para nós. A nova vida já presente em nós anseia por se manifestar e nos pressiona. Ela é o papel branco que, ao ser colocado na parede do nosso retorcido mundo interior, revela nossa escuridão. Essa exposição ou julgamento é algo doloroso e até mesmo devastador.[24] No entanto, a dor da exposição é o fruto da nossa salvação – na verdade, é a nossa salvação, a nossa adoção que vem ao encontro da nossa insanidade, do nosso medo e da nossa maneira alienada de ser. É

o amor nos amando e libertando para que abandonemos aquilo que está nos destruindo.

O Espírito Santo afasta nossas mentes, nossos corações e nossas vontades de nós mesmos para que nos concentremos naquilo que aconteceu a Jesus e naquilo que aconteceu a *nós* nele. "Eu estou em meu Pai, você em Mim, e eu em você." O Espírito trabalha dentro de nós para revelar esta verdade, este fato, esta realidade, esta pessoa. "*Abba!* Pai!" não é simplesmente uma frase da Bíblia; ela significa *Jesus em nós.* O Espírito Santo revela que Jesus não está longe de *nós* como um objeto distante, mas está *em nós.* Tal revelação no testemunho do Espírito conduz a um encontro pessoal com o próprio Jesus. "Olharemos para aquele que transpassamos"[25] e nos veremos sendo desfeitos por seu inexplicável e incompreensível amor. Começamos a conhecer Jesus e a nós mesmos. Começamos a compreender que, para nós, existe muito mais do que ousamos sonhar, que pertencemos à glória, que somos conhecidos e amados, uma verdadeira alegria para Jesus e seu Pai. Começamos a ver nossa maternidade e nossa paternidade, nossos relacionamentos, nossa lavoura e nosso trabalho, nossa botânica, nossos encargos, nossa música e até mesmo nossa teologia através de uma nova luz gloriosa. Ao mesmo tempo, esse encontro revela a vida que estamos vivendo em um profano labirinto de liberdade e escravidão, alegria e tristeza, esperança e desespero, participação e perversão, crivados de insegurança e egocentrismo, orgulho, medo e ocultação, lascívia, ganância e inveja.

O Espírito não nos transforma de fora para dentro, nem nos incentiva a aplicar verdades abstratas ao nosso comportamento religioso. Ele nos transforma nos levando a julgamento. Ao revelar que o próprio Jesus está dentro de nós, o Espírito Santo nos dá uma nova visão para vermos aquilo que antes era totalmente inconcebível – que existem muito mais coisas acontecendo em nossas vidas do que imaginávamos, que Deus é bom e, por esta razão, apreciador da raça humana, que estamos envolvidos em algo vasto

e profundo, antigo, bonito e inexprimivelmente bom. *E* que estamos cegos e desesperadamente perdidos, que somos filhos tolos que rejeitaram tudo, que não conseguiram ver a própria vida e se despedaçaram no longínquo país da falsidade e das sombras.

A revelação de Jesus Cristo no Espírito é ao mesmo tempo misericórdia e julgamento, esperança dolorosa e luz ardente, porque faz conhecer a extraordinária verdade de quem somos em Jesus, e de como estamos absurdamente distantes de sermos nós mesmos. Ao revelar Jesus, o Espírito da adoção nos leva para o lugar onde "tudo está descoberto e exposto diante dos olhos daquele a quem havemos de prestar contas".[26] O que Mackenzie vivencia na caverna com Sophia também se dá conosco. Diante de Jesus, não há como nos escondermos. Ele vê através de nós. Ele não fica sensibilizado com o nosso temor, deslumbrado com a propaganda exagerada, nem se intimida com as vestes religiosas ou a retórica política. Na sua presença, não existem ligações a serem feitas, influências a serem exercidas, negócios a serem concluídos. "Ante o seu olhar, funde-se toda a falsidade."[27] Estamos nus. E esse julgamento é a inevitável graça – o revelador, perspicaz, esclarecedor, intimidador, curativo e libertador amor da Santíssima Trindade.

Aqui – em nossas próprias cabanas, nus, vulneráveis e impotentes – não encontramos a vergonha, o desapontamento, a condenação, nem os deuses zangados das nossas deturpadas imaginações, mas o único, o verdadeiro Deus, a Santíssima Trindade – Jesus, seu Pai e o Espírito Santo – e aquele amor que nunca procura o seu próprio interesse, mas tudo sofre, tudo suporta, tudo espera, e nunca falha.[28]

Aqui, dentro das nossas próprias almas e da grande escuridão nelas – dentro das lixeiras, onde escondemos nossa angústia, nosso doloroso sofrimento, nossa traição, nossa culpa, nossa vergonha, onde o sussurro do Demônio nos escravizou e "Eu não sou" teve origem em nosso medo do abandono e em nossa assustadora insegurança – nós encontramos o Jesus verdadeiro.

Suas mãos perfuradas nos libertam para permitir que sejamos conhecidos e amados no abraço de seu Pai, para "nos unirmos à beleza que vemos, a recebermos, nos banharmos nela, e nos tornarmos parte dela". Nossas almas traumatizadas ouvem Papai gritar nosso nome, e a própria garantia sobrenatural de Jesus nos batiza no poder do Espírito da adoção. Estamos livres para descansar, relaxar e chorar no abraço do amor. A paz, a esperança e a alegria nascem na nossa dor e na nossa grande tristeza. Somos chamados a uma radical mudança na maneira de sentir e pensar, a repensar tudo aquilo que achávamos que sabíamos, a abandonar a mentira e a acreditar em Jesus, o Filho do Pai e o Filho Sagrado, nosso Senhor crucificado e salvador, nossa salvação e vida. Nos corredores da nossa vergonha, a "verdade de sermos" se torna "nossa maneira de ser".

Do momento da Criação até o nascimento de Jesus houve a preparação do ventre da encarnação. Em Jesus, o sonho da Santíssima Trindade para a nossa adoção foi realizado dentro da nossa escuridão. A partir de Pentecostes, a história dos seres humanos, tanto a coletiva quanto a individual, é sobre o trabalho do Espírito Santo dentro de nós para levar a raça humana ao encontro de Jesus dentro da nossa própria corrupção e, assim, podermos começar a discernir o bom do mau, a luz da escuridão, a vida da morte e o céu do inferno.

De sugestão em sugestão, linha após linha, percepção após percepção, o Espírito nos leva a uma maneira de pensar radicalmente nova. Começamos a sentir o cheiro do esgoto e a ver através da impotência das nossas religiões. Ansiamos pelo lar, pela glória, pela vida, pela verdade, pela liberdade, pela justiça e pela paz. Uma pequena dose de esperança em Jesus liberta uma pequena dose de liberdade e de poder do Espírito – e todas as suas dádivas – em nós. Um pequeno "amém" de fé em Jesus significa um pequeno "amém" de concordância com a nossa aceitação; significa abrirmos nossos corações e permitirmos que o Pai nos ame; assim, a própria *exortação* de Jesus – garantia sobrenatural,

confiança, liberdade, coragem e vida – estará livre para vicejar dentro de nós. A sua consagração com o Espírito Santo começa a florescer na nossa humanidade corrompida e em nossos relacionamentos, nossa música, nossa jardinagem, nosso trabalho e nossas brincadeiras. Por fim, nosso egocentrismo e detestável orgulho, nosso medo, nosso preconceito, nosso julgamento, nossa ganância, nossa inveja, nossa lascívia, nossa terrível ansiedade, tudo começa a morrer. Ficamos livres para amar Jesus por ele mesmo, e os outros e a criação para o benefício deles.

A esperança da raça humana está em pertencermos ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Nós sempre pertencemos e sempre pertenceremos. E o Espírito da adoção não desistirá de nos fazer *conhecer* a verdade, pessoal e coletivamente. A obsessão do Espírito é levar a consagração da humanidade em Jesus a uma plena, pessoal e permanente manifestação em nós, no nosso relacionamento com o Pai através do Filho, nos nossos relacionamentos uns com os outros e, na verdade, com a Terra e com toda a criação.

O Espírito da verdade, o Espírito da adoção, o Espírito da graça não descansará até sermos todos julgados até às raízes das nossas almas, e a nossa reconciliação, adoção e consagração se tornarem reais no próprio Jesus e tomarem forma na Terra e em todo o cosmos. "Até que todos alcancem a unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, até que cheguem à maturidade e atinjam a medida da plenitude de Cristo."[29] Enquanto isso, a humanidade vive sob o julgamento do amor da Santíssima Trindade, na perturbadora e libertadora crise da presença real de Jesus e do revelador ministério do Espírito Santo, entre a revelação da beleza, da graça, da liberdade e da vida do mundo trino e a exposição do caos em que estamos transformando o nosso mundo.

Alguns talvez sejam conquistados pelo primeiro "alô" do Espírito, mas a grande maioria corre e se esconde, enterrando

assim o sonho de viver no compromisso – por enquanto. Somos Israel desesperadamente tentando fugir do Senhor, somos Pedro no barco com Jesus e Saulo de Tarso na estrada para Damasco – talvez Mackenzie brandindo raivosamente seu braço para Deus. Mas, mesmo quando corremos ou brandimos nossos braços, o Espírito Santo não nos abandona. Tendo nos encontrado na nossa cruel rejeição a Jesus, ele consegue nos achar no nosso pecado e até nas nossas mais loucas heresias. Ele nos encontra na nossa fuga e, com o passar do tempo, transforma nossos erros, nossos defeitos de caráter, nossos tropeços e nossas trapaças em algo que volta a revelar a verdade para nós. Após apenas mais 300, ou talvez mais 3 milhões de tentativas. Quem sabe? "Tudo é um processo e não um acontecimento." Não acontece durante uma noite, mas durante uma vida, e talvez além dela.[30] Não é disso que trata a história? A nossa oração, assim como a de Mackenzie, é simples: "Então, por favor, ajude-me a viver na verdade."

A vida no mundo do Espírito Santo é determinada e fiel, bondosa em geral, gentil e sempre verdadeira. Ela tem toda a competência para nos encontrar onde estivermos na nossa escuridão e, sem nos oprimir ou contrariar nossas vontades, nos levar a começar a usar os pensamentos corretos de Jesus e a arriscar deixar a nossa própria escuridão e seu estranho conforto para abraçar o espantoso novo mundo do Pai e de Seu Filho encarnado.

> – Mackenzie, a Verdade irá libertá-lo, e a Verdade tem nome. Neste momento ele está na carpintaria coberto de serragem. Tudo tem a ver com *ele*. E a liberdade é um processo que acontece dentro de um relacionamento com ele. Então todas essas coisas que você sente borbulhando por *dentro* vão começar a sair.

Como meu amigo Ken Blue gosta de dizer: "Obrigado, Espírito Santo, gostaríamos de mais, por favor."

Mozinho Rodrigues

– Jesus? – sussurrou com a voz embargada. – Eu me sinto muito perdido.

Uma mão se estendeu e ficou apertando a sua.

– Eu sei, Mack. Mas não é verdade. Lamento se a sensação é essa, mas ouça com clareza: *você não está perdido.*

Espírito Santo, faça o que quiser conosco para que possamos sentir o aperto da mão de Jesus e ouvir seu Pai chamar nosso nome. Faça o que for preciso para que possamos nos arrepender e passar a acreditar e assim provar, sentir e experimentar a vida e a liberdade da nossa adoção em Jesus.

Agradecimentos

Todos os pensamentos, até mesmo os de Deus, surgem no relacionamento. Este livro tem meu nome nele, mas é fruto de muitas conversas. Sou muito agradecido a inúmeras pessoas no mundo inteiro. A Paul Young, obrigado por sua coragem e liberdade para escrever *A cabana,* por sua inestimável amizade e seu incentivo durante todas as etapas da criação deste livro. Meu irmão de outra mãe, é uma grande alegria caminhar com você.

À família Perichoresis, em casa e no exterior, eu quero dizer: vocês me salvaram muitas vezes com suas perguntas, seus anseios, seu desejo incansável. À minha família australiana, posso apenas dizer: vou até vocês todos os anos para nascer de novo, e vocês sempre me ajudam. Obrigado por sua fome da verdade e sua incapacidade de mentir sobre aquilo que realmente importa. Há muito mais coisas acontecendo aqui do que ousamos imaginar.

Sou profundamente grato a David Jennings, Christy Jones, Ken Courtney, Julian Fagan, Louis d'Alpuget e John e Lorraine Baker. Sem vocês, este livro não existiria. Obrigado, do fundo do meu coração. Vocês me inspiraram. E obrigado a minha mãe e a meu pai por terem me ensinado a caminhar há muitos anos, e terem me deixado correr. Vocês sempre me apoiaram. Este é o mais abençoado presente de todos.

A Steve Horn, Larry Bain, Ken Blue, Bruce Wauchope, David Kowalick, David Upshaw e David Peck, obrigado pelos anos de verdadeira amizade e conversas sérias, e por seu carinho por

mim e por minha família. *Vocês são meus irmãos.* Sempre serei grato a vocês. Se sou remotamente racional, a culpa é de vocês. Fiquem comigo e eu os ensinarei a pescar.

A John MacMurray, Wayne e Wendy Marchant, Bill Winn, Timothy Brassell, Tony Murphy, Betty e Doug (Tom Bodett) Johannson, Chris e Sarah Failia, Ernie e Carol Tolive, Jim e Jon Sawyer, Lance Muir, de Ontário Christian Books, Jeff e Janice McFall, Dirk Vanderleest, meu irmão Stuart, Harry e Robbie Phillips e Paul Fitzgerald, quero dizer que a amizade de vocês me faz sentir gratidão por estar vivo. Obrigado pelo entusiasmo de vocês e pelas orações, por terem arranjado tempo para ler este livro e por suas sugestões. Possa o Senhor conceder o dia em que Carol irá cozinhar suas famosas almôndegas para milhares de pessoas, Lance será homenageado como líder de todas as coisas trinas e Fitzgerald levará incontáveis almas através de sucessivas "descobertas". Enquanto isso, Doug "deixará a luz acesa para nós".

A Beth, minha esposa há 29 anos, digo: você merece o que há de melhor. Obrigado por aguentar. Não estamos sozinhos. A vida é nossa. E ao meu "menino" J. E. Baxter Kruger: nenhum pai poderia sentir mais orgulho de seu filho. Você é a minha coroa. Você pertence à glória da Santíssima Trindade.

Fui abençoado com um filho fantástico e três filhas maravilhosas, Laura, Kathryn e Caroline. Nem um dia se passa sem que soframos com a passagem de Caroline para a glória. Caroline, não chegamos a conhecer você, mas o Senhor recuperará todos esses anos. Essa será uma grande ocasião! "Obrigado pela coragem que você, de uma maneira ou de outra, compartilhou comigo."

A Kathryn, nossa filha de alegria e cor, gostaria de dizer que você é uma bênção indescritível. O seu sorriso e o seu humor iluminam todos os cômodos da casa. O seu coração é lindo. O próximo será seu, eu prometo. E, finalmente, a Laura: minha linda filha, você me faz sorrir todos os dias da sua vida. Que privilégio é ser seu pai! A você, dedico este livro com toda a alegria e gratidão.

Algumas citações sobre nossa inclusão na morte de Jesus

"No contexto desta declaração [Coríntios 5:17], Paulo localizou essa transição do velho para o novo em um único ponto: a morte de todos os homens na morte de Cristo por todos, e a vida de todos os homens nele que foi alçado ao céu para todos. Para o apóstolo, o que aconteceu em Cristo simultaneamente transformou não apenas o status da criação, mas o ponto de vista através do qual a criação precisa ser vista."
– Paul S. Minear, *Images of the Church in the New Testament* (Londres: Lutterworth Press, 1960), p. 111.

"Em tudo aquilo, Cristo estava tão junto a Deus que aquilo que ele fazia Deus fazia, porque ele nada mais era do que o próprio Deus agindo daquela maneira na nossa humanidade. E, por conseguinte, para nós, não existe outro Deus além deste Deus, e nenhuma outra ação de Deus direcionada a nós além desta ação em que ele ficou no nosso lugar e agiu em nosso benefício. Por outro lado, ele estava tão junto a nós que, quando morreu, nós morremos, porque ele não morreu para si mesmo, mas por nós, e ele não morreu sozinho, mas nós morremos nele como aqueles a quem ele tinha se unido de maneira inseparável através da sua encarnação. Por esta razão, quando ele subiu de novo, nós subimos nele e com ele e, quando se apresentou ao Pai, ele nos apresentou também a Deus, de forma que já fomos aceitos por Deus nele de uma vez por todas."
– Thomas F. Torrance, *Atonement: The Person and Work of Christ,* publicado por Robert T. Walker (Downers Grove: IVP Academic, 2009), p. 152.

"Com o nascimento e a ressurreição de Jesus, e com o próprio Jesus, a relação do mundo com Deus foi drasticamente alterada porque todas as coisas foram colocadas numa base totalmente nova, a da irrestrita graça de Deus."
– Thomas F. Torrance, *Space, Time and Resurrection* (Edimburgo: The Handsel Press, 1976), p. 34.

"Nossa ressurreição já ocorreu e está totalmente atrelada à ressurreição de Cristo; por conseguinte, procede dela mais através da manifestação daquilo que já ocorreu do que como uma nova consequência dela."
– Thomas F. Torrance, *Space, Time and Resurrection* (Edimburgo: The Handsel Press, 1976), p. 37.

"Ele acabou conosco como pecadores e, por esta razão, com o próprio pecado quando foi para a morte como Aquele que tomou nossos lugares como pecadores. Em Sua pessoa, Ele nos entregou – nós pecadores, e o próprio pecado – para a destruição. Ele removeu a nós pecadores, e o pecado, nos anulou, nos cancelou: nós mesmos, nosso pecado e a acusação, a condenação e a punição que se apossaram de nós... O homem do pecado, o primeiro Adão, o cosmos separado de Deus, o mundo 'desta presente era perversa'(GAL 1:4), foi levado, morto e enterrado em e com ele na cruz."
– Karl Barth, *Church Dogmatics,* traduzido por G.W. Bromiley (Edimburgo: T. & T. Clark, 1985), v.1, p 253-254; ver também p. 295-296.

"Ele deixou de ser. A ira de Deus, que é o fogo do Seu amor, o levou embora juntamente com todas as suas transgressões, ofensas, erros, tolices, mentiras, defeitos e crimes contra Deus, contra seus companheiros de raça e contra si mesmo, assim como toda oferenda que é consumida no fogo do altar com a carne, a pele, os ossos, as patas e os chifres, e sobe como fogo

para o céu e desaparece. Foi assim que Deus agiu com o homem que rompeu o pacto com Ele mesmo."
– Karl Barth, *Church Dogmatics*, traduzido por G.W. Bromiley (Edimburgo: T. & T. Clark, 1985), v.1, p. 94; ver também v.2, p. 250.

Interpretando Barth... "Quando Deus vem à humanidade na história de Jesus Cristo, a humanidade é ao mesmo tempo levada a Deus naquela história objetivamente. Não é a fé que incorpora a humanidade a Jesus Cristo. A fé é mais o reconhecimento de uma misteriosa encarnação já objetivamente realizada em benefício da humanidade. 'Um morreu por todos; logo, todos morreram' (2 Cor. 5:14). Que todos nós morremos em Cristo (e fomos levados com ele) é a verdade oculta da humanidade como revelada à fé. A nossa verdadeira humanidade deve ser encontrada não em nós mesmos, mas objetivamente nele. A verdadeira presença de Deus na humanidade em Jesus Cristo (objetivismo revelacional) se equipara à verdadeira presença da humanidade em Jesus Cristo junto a Deus (objetivismo soteriológico)."
– George Hunsinger, *How to Read Karl Barth* (Oxford: Oxford University Press, 1991), p. 37.

"Nós não podemos ver a nossa salvação como algo inferior a uma troca total porque não há nada bom no Adão corrompido, ele está total e incuravelmente corrompido em todas as suas partes e paixões. Por conseguinte, não há esperança para ele; a morte é a única 'cura' porque é apenas através dela que Adão pode ser salvo de seu corrompido ser e se tornar uma nova criação. Foi isso o que Cristo fez por Adão. Ele tomou seu lugar, não apenas como seu Substituto na hora de levar embora seus pecados, mas como seu Representante na crucificação da sua natureza corrompida para que, em seu corpo sem pecado, Ele pudesse matar e remover o velho e, com sua ressurreição, o substituir pelo novo.
A base desta verdade está em Romanos 6:3-8. Lá, Paulo repete

a verdade em sucessivos versículos com vários tipos de palavras: 'fomos batizados em sua morte'; 'fomos sepultados com ele na morte por meio do batismo'; 'estamos 'plantados juntos na semelhança da sua morte'; o nosso velho homem foi crucificado com ele'; 'pois quem morreu foi justificado do pecado'; 'se morremos com Cristo'. Poderia algo estar mais claro? Paulo diz que quando Jesus morreu, nós morremos com ele..."
– William Still, *Towards Spiritual Maturity,*
(Glasgow: Nicholas Gray Publising, 1986), p. 20.

"Ele foi crucificado; e quanto a nós? Será que precisamos pedir a Deus para nos crucificar? Nunca! Quando Cristo foi crucificado, nós fomos crucificados; e como a crucificação dele já ocorreu, a nossa não pode estar no futuro. Eu o desafio a encontrar no Novo Testamento um texto que diga que a nossa crucificação ocorrerá no futuro. Todas as referências a isso estão no tempo verbal aorista do grego, que é um tempo que serve para descrever o 'eternamente passado' (Ver Romanos 6:6; Gálatas 2:20; 5:24; 6:14.)."
– Watchman Nee, *The Normal Christian Life*
(Wheaton, Illinois: Tyndale House
Publishers, 1977), p. 44-45.

"Quando, portanto, o Jesus foi crucificado na cruz, ele foi crucificado como o último Adão. Tudo aquilo que havia no primeiro Adão foi reunido e eliminado nele. Nós fomos incluídos lá. Como o último Adão, ele eliminou a antiga raça; como o segundo Homem, ele traz a nova raça."
– Watchman Nee, *The Normal Christian Life*
(Wheaton, Illinois: Tyndale House
Publishers, 1977), p. 47.

"Isso não depende dos seus sentimentos. Se você acha que Cristo morreu, ele morreu; e se você não acha que ele morreu, ele morreu. Se você acha que você morreu, você morreu; e se você não acha

que você morreu, você, entretanto, certamente morreu. Esses são fatos divinos. Que Cristo morreu é um fato, que os dois ladrões morreram é um fato, e que você morreu é um fato também. Deixe-me dizer a você: *Você morreu!* Você não existe mais! Você foi eliminado! Aquele que você repudia está na cruz em Cristo."
– Watchman Nee, *The Normal Christian Life* (Wheaton, Illinois: Tyndale House Publishers, 1977), p. 52.

"... o indiscutível fato que é ignorado é que a morte de Paulo, seu enterro, etc., com Cristo não tem sua premissa básica na cerimônia da incorporação na Igreja cristã, mas mais em já ter sido incluído na histórica morte e ressurreição do próprio Cristo. De particular significado é a declaração de 2 Coríntios 5:14, em que uma clara transição se torna perceptível de 'ele morreu por todos' para 'aquele que por eles morreu e ressuscitou'. (...) A partir disso, devemos concluir que 'tendo morrido', 'estando em Cristo', 'sendo a nova criação', o fato de seus próprios não serem mais julgados e 'conhecidos segundo a carne' (isto é, segundo o modo de existência do mundo) foi aplicado e consumado com a morte do próprio Cristo."
– Herman Ridderbos, *Paul: A Outline of His Theology* (Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1975), p. 59-60.

"Muitas vezes, o homem velho é visto em um sentido individual, e a crucificação e a eliminação do homem velho como uma ruptura pessoal e de luta contra o poder do pecado... Mas precisamos compreender 'velho' e 'novo Homem,' não no primeiro sentido da *ordo salutis,* mas naquele da história da redenção; ou seja, não se trata aqui de uma questão da mudança que ocorre no modo da fé e na conversão na vida de um cristão, mas daquilo que uma vez ocorreu em Cristo e do qual seu povo participou no sentido coletivo descrito acima."
– Herman Ridderbos, *Paul: A Outline of His Theology* (Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1975), p. 63.

"Os luteranos geralmente tratam a doutrina da união mística *antropologicamente* e, por esta razão, concebem como estabelecida pela fé. Sendo assim, eles naturalmente a levam a um ponto posterior em sua soteriologia. Este método, no entanto, falha ao não fazer total justiça à ideia da nossa união com Cristo porque perde de vista a base eterna da união e sua objetiva realização em Cristo e a vê exclusivamente através da subjetiva realização dela em nossas vidas e, mesmo assim, apenas com a nossa própria entrada consciente nessa união. A teologia reformada, por outro lado, vê a união dos crentes com Cristo *teologicamente* e, como tal, faz muito mais justiça a este importante assunto. Ao fazê-lo, ela emprega o termo 'união mística' em um sentido mais amplo, como uma designação não apenas da subjetiva união de Cristo e crentes, mas também da união que está por trás disso, que é básica a ela, e da qual ela é apenas a expressão culminante, ou seja, a total união de Cristo e daqueles que são seus no plano da redenção, a união mística idealmente estabelecida naquele plano eterno, e a união como é objetivamente efetivada na encarnação e no trabalho redentor de Cristo."

– Louis Berkof, *Systematic Theology* (Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, reedição de 1979), p. 447.

"O homem velho foi crucificado; eu o levo comigo para o túmulo e, enquanto subo, é você que sobe em mim. Enquanto ascendo ao Trono, é você que ascende comigo. Vocês é uma nova criação. Por conseguinte, doravante a sua vida fluirá *de mim e do meu Trono.*"

– F. J. Huegal, *The Enthroned Cristian* (Fort Washington, Pensilvânia: Cristian Literature Crusade, s.d.), p. 59.

Sugestões para outros estudos

ANATOLIOS, Khaled. *Athanasius: The Coherence of His Thought.* Londres: Routledge, 1998.

ATÁNASIO. *On the Incarnation of the Word of God.* Londres: A. R. Mowbray & Comp., reedição, 1963.

____. "Against the Arians". In *St. Athanasius: Select Works and Letters, Vol. IV* of *The Nicene and Post Nicene Fathers of the Christian Church,* segunda série, publicado por Philip Schaff e Henry Wace. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, reedição, 1987.

AULEN, Gustaf. *Christus Victor.* Londres: SPCK, 1950.

BAILEY, Kenneth. *Jesus Through Middle Eastern Eyes.* Downers Grove: IVP Academic, 2008.

BARTH, Karl. *Church Dogmatics.* Thirteen Volumes. Edimburgo: T & T Clark.

____. "Creation as Benefit". In *Church Dogmatics* III/1, p. 330-344.

____. "Faith in God the Creator". In *Church Dogmatics* III/1, p. 3-41.

____. "God with Us". In *Church Dogmatics* IV/1, p. 3-21.

____. "The Covenant as the Presupposition of Reconciliation". In *Church Dogmatics* IV/1, p. 22-54.

____. "The Homecoming of the Son of Man". In *Church Dogmatics* IV/2, p. 36-116.

____. "The Judge Judged in our Place". In *Church Dogmatics* IV/1, p. 211-283.

____. "The Miracle of Christmas". In *Church Dogmatics* I/2, p. 172-202.

_____. "The Problem of a Correct Doctrine of the Election of Grace". In *Church Dogmatics* II/2, p. 3-93.

_____. "The Sloth and Misery of Man". In *Church Dogmatics* IV/2, p. 378-483.

_____. "The Way of the Son of God into the Far Country". In *Church Dogmatics* IV/1, p.157-211.

BERRY, Wendell. *What Are People For?* Nova York: North Point Press, 1990.

BLUE, Ken. *Authority to Heal.* Downers Grove: InterVarsity Press, 1987.

_____. *Healing Spiritual Abuse.* Downers Grove: InterVarsity Press, 1993.

BONHOEFFER, Deirtich. *Letters and Papers from Prison,* ed. E. Bethge, edição aumentada. Nova York: Macmillan Publishing Company, 1971.

BOYD, Gregory A. *Repenting of Religion.* Grand Rapids: Baker Book House, 2004.

BUCKLEY, Michael J. *At the Origins of Modern Atheism.* New Haven: Yale University Press, 1987.

BUECHNER, Frederick. *Telling Secrets.* São Francisco: Harper, 1991.

CALVINO, João. *The Institutes of the Christian Religion,* publicado por John T. McNeill (traduzido por Ford Lewis Battles). Filadélfia: The Westminster Press.

CAMPBELL, Douglas A. *The Deliverance of God.* Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 2009.

CAMPBELL, John McLeod. *The Nature of the Atonement,* reedição com introdução de James B. Torrance. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1996.

CANLIS, Julie. *Calvin's Ladder: A Spiritual Theology of Ascent and Ascension.* Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 2010.

CAPON, Robert Farrar. *The Mystery of Christ and Why We Don't Get It.* Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1993.

_____. *The Parables of Grace.* Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1988.

_____. *The Parables of Judgment.* Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1989.

_____. *The Parables of the Kingdom.* Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1985.

CHESTERTON, G. K. *The Everlasting Man.* São Francisco: Ignatius Press, 1993.

DAWSON, Gerritt Scott. *Jesus Ascended: The Meaning of Christ's Continuing Incarnation.* Phillipsburg, Nova Jersey: P & R Publishing, 2004.

ERSKINE, Thomas. *The Unconditional Freeness of the Gospel.* Edimburgo: Waugh and Innes, 1829.

FARROW, Douglas B. "The Doctrine of the Ascension in Irenaeus and Origen".

The Journal of the Faculty of Religious Studies, McGill 26, 1998.

FEE, Gordon D. *God's Empowering Presence.* Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1994.

FORSYTH, P. T. *The Person and Place of Jesus Christ.* Londres: Hodder and Stoughton, 1909.

_____. *The Work of Christ.* Londres: Hodder and Stoughton, reedição 1946.

GARY, Bert. *Jesus Unplugged.* Grand Haven, Michigan: FaithWalk Publishing, 2005.

GILES, Kevin. *The Trinity and Subordinationism.* Downers Grove: InterVarsity Press, 2002.

GREGORY, John. *The Platonists.* Nova York: Routledge, 1999.

GUNTON, Colin E. *Christ and Creation.* Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1992.

_____. *Father, Son and Holy Spirit.* Londres: T. & T. Clark, 2003.

_____. *The Promise of Trinitarian Theology.* Londres: T. & T. Clark, 1991.

_____. *The Triune Creator.* Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1998.

HART, Trevor. "Humankind in Christ and Christ in Humankind: Salvation as Participation in Our Substitute in the Theology of John Calvin". In *Scottish Journal of Theology,* vol. 42.

_____. *Regarding Karl Barth.* Carlisle, Inglaterra: Paternoster Press, 1999.

_____. *The Teaching Father: An Introduction to the Theology of Thomas Erskine of Linlathen.* Edimburgo: St. Andrews Press, The Devotional Library, 1993.

HARTWELL, Herbert. *The Theology of Karl Barth: An Introduction.* Londres: Gerald Duckworth & Company, 1964.

HAWTHORNE, Gerald. *The Presence and the Power.* Dallas: Word Publishing, 1991.

HOLLIS, James. *The Eden Project: In Search for the Magical Other.* Toronto: Inner City Books, 1998.

_____. *The Middle Passage: From Misery to Meaning in Midlife.* Toronto: Inner City Books, 1993.

HUEGAL, F. J. *The Enthroned Christian.* Fort Washington, Pensilvânia: Christian Literature Crusade.

HUNSINGER, George. *How to Read Karl Barth.* Nova York: Oxford University Press, 1991.

IRENAEUS. "Against the Heresies". In *The Ante-Nicene Fathers,* v. I. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co, reedição, 1987.

JEREMIAS, Joachim. *New Testament Theology* Nova York: Charles Scribner's Sons, 1975.

_____. *The Central Message of the New Testament.* Nova York: Charles Scribner's Sons, 1965.

_____. *The Prayers of Jesus.* Naperville, Illinois: Alec R. Allenson, Inc., 1967.

JERSAK, Bradley. *Her Gates Will Never Be Shut.* Eugene, Oregon: Wipf and Stock, 2009.

JERSAK, Bradley; Hardin, Michael, ed., *Stricken by God?* Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 2007.

JINKINS, Michael. *Invitation to Theology.* Downers Grove: InterVarsity Press, 2001.

KONIG, Andrio. *The Eclipse of Christ in Eschatology.* Blackwood, Austrália do Sul: New Creation Publications, reedição, 2003.

KRUGER, C. Baxter. *Across All Worlds,* Jackson: Perichoresis Press, 2007; Vancouver: Regent College Publishing, 2007.

_____. *God Is For Us.* Jackson, Mississippi: Perichoresis Press, 1995; Carlisle, Inglaterra: Paternoster Press, 1995.

_____. *Home.* Jackson, Mississippi: Perichoresis Press, 1996.

_____. "Inside the Soul: An Anatomy of Darkness". In *Lectures Series,* perichoresis.org.

_____. *Jesus and the Undoing of Adam,* Jackson: Perichoresis Press, 2002.

_____. "On the Road to Becoming Flesh: Israel as the Womb of the Incarnation in The Theology of Thomas F. Torrance". Essay, perichoresis.org., 2007.

_____. *Parable of the Dancing God.* Jackson, Mississippi: Perichoresis Press, 1995; Downers Grove: Intervarsity Press, 2001.

_____. "The Big Picture: From the Trinity to Our Adoption in Christ". Lecture Series, perichoresis.org., 2000.

_____. *The Great Dance.* Jackson, Mississippi: Perichoresis Press, 2000; Vancouver: Regent College Publishing, 2005.

_____. *The Secret.* Jackson, Mississippi: Perichoresis Press, 1997.

_____. "The Trinity and the Christian Life". Lecture Series, perichoresis.org., 1999.

_____. "You are the Child the Father Always Wanted". Lecture Series, perichoresis.org., 2002.

LEWIS, C. S. *A Grief Observed.* Nova York: Bantam Books, 1976.

_____. "Beyond Personality: Or First Steps in the Doctrine of the Trinity". In *Mere Christianity.* Nova York: Collier Books, Macmillan Publishing Company, 1960, p. 135-190.

_____. *Mere Christianity.* Nova York: Macmillan Publishing Company, edição revisada, 1952.

_____. *Miracles.* Nova York: Simon and Schuster, reedição, 1996.

_____. *Surprised By Joy.* Nova York: A Harvest Book, Harcourt Brace and Company, 1984.

_____. *The Chronicles of Narnia.* Nova York: Collier Books, Macmillan Publishing Company, 1946.

_____. *The Four Loves.* Nova York: Harcourt Brace & Co., 1960.

_____. *The Great Divorce.* Nova York: Collier Books, Macmillan Publishing Company, 1946.

_____. "The Weight of Glory". In *The Weight of Glory and Other Essays.* Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1965, p. 1-15.

_____. *Till We Have Faces.* Nova York: Harcourt, Brace and Javanovich, Publishers, 1980.

LOSSKY, Vladimir. *The Mystical Theology of the Easter Church.* Nova York: St. Vladimir's University Press, 1998.

MACDONALD, George. *Lilith.* Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2000, reedição.

_____. *The Complete Fairy Tales,* publicado por U. C. Knoepflmacher. Nova York: Penguin Books, 1999.

_____. *The Fisherman's Lady,* publicado por Michael R. Phillips. Mineápolis: Bethany House Publishers, 1982.

_____. *The Golden Key.* Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, reedição, 1982.

_____. *The Marquis' Secret,* publicado por Michael R. Phillips. Mineápolis: Bethany House Publishers, 1982.

_____. *Unspoken Sermons,* série: 1-3 em 1 vol. Whitethorn, Califórnia: Johannesen, 2ª edição, 1999.

MANNING, Brennan. *Abba's Child.* Colorado Springs: Navpress, 2002.

_____. *The Ragamuffin Gospel.* Sisters, Oregon: Multnomah Publishers, 2000.

_____. *Ruthless Trust.* São Francisco: Harper, 2000.

MCVEY, Steve. *Grace Amazing.* Eugene, Oregon: Harvest House Publishers, 2001.

MERTON, Thomas. *The New Man.* Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 1961.

MEYENDORFF, John. *Byzantine Theology.* Nova York: Fordham University Press, 1974.

MIGLIORE, Daniel. "The Triune God", "The Good Creation". In *Faith Seeking Understanding.* Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1991.

MILLS, David, ed. *The Pilgrim's Guide: C. S. Lewis and the Art of Witness.* Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1998.

MOLNAR, Paul D. *Incarnation and Resurrection: Toward a Contemporary Understanding.* Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2007.

MOLTMANN, Jurgen. *The Spirit of Life.* Mineápolis: Fortress Press, 1992.

_____. *The Trinity and the Kingdom of God.* Londres: SCM Press, tradução inglesa, 1981.

NAZIANZEN, Gregory. *A Select Library of Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church,* segunda série, vol. VII. Grand Rapids: Wm. B Eerdmans Publishing Company, reedição, 1983.

NEWELL, Roger J. *The Feeling Intellect: Reading the Bible with C. S. Lewis.* Eugene, Oregon: Wipf and Stock, 2010.

PASCAL, Blaise. *Pensées: Thoughts on Religion and Other Subjects.* Nova York: Washington Square Press, 1965.

PAYNE, Leanne. *The Healing Presence.* Grand Rapids: Baker Books, 1989.

_____. *Restoring the Christian Soul.* Grand Rapids: Baker Books, 1996.

PLACHER, William C. *A History of Christian Theology.* Louisville, Westminster/John Knox Press, 1983.

_____. *Narratives of a Vulnerable God.* Louisville: Westminster/John Knox Press, 1994.

_____. *The Domestication of Transcendence.* Louisville: Westminster/John Knox Press, 1996.

POLANYI, Michael. *The Tacit Dimension.* Nova York: Doubleday & Company, 1966.

PAPA BENTO XVI, Carta Encíclica: *SpeSalvi.* (http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20071130_spe-salvi_en.html.

PURVES, Andrew. *Reconstructing Pastoral Theology.* Louisville: Westminster/John Knox, 2004.

_____. *The Crucifixion of Ministry.* Downers Grove: IVP Books, 2007.

RICARDO DE SÃO VÍTOR. "Book Three of the Trinity". In *Richard of St. Victor.* Nova York: Paulist Press, 1979.

ROHR, Richard. *The Naked Now.* Nova York: The Crossword Pub. Co., 2009.

SMAIL, Thomas. *Once and For All: A Confession of the Cross.* Eugene, Oregon: Wipf and Stock, 1998.

_____. *The Forgotten Father.* Londres: Hodder and Stoughton, 1987.

_____. *The Giving Gift.* Londres: Hodder and Stoughton, 1988.

SMITH, Malcolm. *The Power of the Blood Covenant.* Tulsa, Oklahoma: Harrison House, 2002.

TARNAS, Richard. *The Passion of the Western Mind.* Nova York: Ballantine Books, 1993.

TAYLOR, John V. *The Go-Between God.* Londres: SCM Press, 1982.

TORRANCE, Alan J. *Persons in Communion.* Londres: T. & T. Clark, 1996.

TORRANCE, J. B. "Covenant or Contract". *Scottish Journal of Theology* 23 #1 (Feb 1970).

_____. "The Vicarious Humanity of Christ". In *The Incarnation: Ecumenical Studies in the Nicene-Constantinopolitan Creed,* ed. T. F. Torrance, p. 127-147. Edimburgo: The Handsel Press, 1981.

_____. *Worship, Community and the Triune God of Grace.* Downers Grove: IVP, 1996.

TORRANCE, Thomas F. *Atonement: The Person and Work of Christ,* ed. Robert T. Walker. Downers Grove: IVP Academic, 2009.

_____. *Incarnation: The Person and Life of Christ,* ed. Robert T. Walker. Downers Grove: IVP Academic, 2008.

_____. "Karl Barth and the Latin Heresy". In *Karl Barth: Biblical and Evangelical Theologian.* Edimburgo: T. & T. Clark, 1990, p. 213-240.

_____. *Preaching Christ Today.* Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co, 1994.

_____. "The Atoning Obedience of Christ". Moravian Theological Seminary Bulletin, 1959, p. 65-81.

_____. *The Christian Doctrine of God.* Edimburgo: T. & T. Clark, 1996.

_____. "The Eclipse of God", "Cheap and Costly Grace". In *God and Rationality.* Londres: Oxford University Press, 1971, p. 29-85.

_____. *The Mediation of Christ.* Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1983.

_____. "The Resurrection and the Person of Christ", "The Resurrection and the Atoning Work of Christ". In *Space, Time and Resurrection.* Edimburgo: The Handsel Press, 1976, p. 46-84.

_____. *The Trinitarian Faith: The Evangelical Theology of the Ancient Catholic Church.* Edimburgo: T. & T. Clark, 1988.

_____. *Theology in Reconstruction.* Grand Rapids: Eerdmans Pub. Co., reedição, 1975.

VON BALTHASAR, Hans Urs. *Creedo.* Nova York: Crossroad Publishing Company, 1990.

_____. "Our Capacity for Contemplation". In *Prayer.* Nova York: Sheed & Ward, p. 27-67.

WARE, Kallistos. "The Human Person as an Icon of the Trinity". *Sobernost*, vol. 8 #2, 1986, p. 6-23.

_____. *The Orthodox Way.* Londres: Mowbray, 1979.

WAUCHOPE, Bruce. "The Gospel and Mental Health". Lecture Series, perichoresis.org.

WEBSTER, John. *Barth's Ethics of Reconciliation.* Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

WEINANDY, Thomas G. *In the Likeness of Sinful Flesh.* Edimburgo: T. & T. Clark, 1993.

WRIGHT, N. T. *Paul.* Mineápolis: Fortress Press, 2005.

_____. *Surprised by Hope.* Nova York: Harper Collins, 2008.

YODER, Wes. *Bond of Brothers.* Grand Rapids: Zondervan, 2010.

ZIZOULAS, John. *Being as Communion.* Londres: Darton, Longman and Todd, 1985.

Para mais informações sobre Dr. Kruger e o ministério da Perichoresis, visite os sites:

perichoresis.org
included.com.au
theshackrevisited.com

Notas

A história *por trás* da história

[1] Para conhecer melhor essa relação dos "Eu não sou", ver minha série de palestras denominada "Inside the Soul: An Anatomy of Darkness", disponível em nosso site <perichoresis.org>.

[2] Do diário de Paul. Ver <theshackbook.com/willie>.

[3] Ver James Hollis, *The Eden Project: In Search for the Magical Other* (Toronto: Inner City Books, 1998) e *The Middle Passage: From Misery to Meaning in Midlife* (Toronto: Inner City Books, 1993). Ver também C. Baxter Kruger, *Across All Worlds: Jesus Inside Our Darkness* (Jackson: Perichoresis Press, 2007 e Vancouver: Regent College Publishing, 2007), p. 7 e ss.

[4] Ver 1 Pedro 1:8.

[5] Ver João 10:10.

[6] *Surprised by Joy* é o título da autobiografia de Lewis (Londres: Harcourt Brace & Co., 1956).

[7] Trecho da canção de Bruce Cockburn, "Mystery", do disco *Life Short Call Now* (True North Records, 2006).

A história *dentro* da história

[1] C. S. Lewis, *A Grief Observed* (Nova York: Bantam Books, 1976), p. 32.

[2] A imagem dos "dragões vigilantes" está no ensaio de C. S. Lewis "Sometimes Fairy Stories Say Best What's to Be Said", em *On Stories and Other Essays on Literature*, publicado por Walter Hooper (Nova York: Harcourt Brace & Company, 1982), p. 47. Agradeço a Cary Stockett por partilhá-la comigo.

O telefonema

[1] Esta palestra está disponível nos sites <perichoresis.org> e <thegreatdance.org>.

O Deus que dança

[1] King David, resenha de *A cabana* <Leadershipjournal.net>.

[2] Ver Lucas 15. Sobre o pai e seus filhos pródigos e religiosos, ver meu livro *The Parable of the Dancing God*, que pode ser baixado gratuitamente pelo site <perichoresis.org> e também está disponível via InterVarsity Press.

[3] Lucas 15:1.

[4] Lucas 19:5.

[5] Lucas 15:2.

A luz de Lewis

[1] Encontramos uma bela canção sobre a liberdade que virá em Dave Ligenfelter, "Free to Be Me", disponível em <songsfromtheshack.com>.

[2] C. S. Lewis, *The Great Miracle and Other Selected Essays on Theology and Ethics from God in the Dock*, publicado por Walter Hooper (Nova York: Ballantine Books, 1970), p. 156.

[3] C. S. Lewis, *The Weight of Glory and Other Addresses* (Grand Rapids: William B. Erdmann's Publishing Co., 6ª edição, 1975), p. 4.

[4] Ibid.

[5] Ibid., p. 11.

[6] Ver nota 6 de "A história *por trás* da história".

[7] Boa parte deste capítulo é uma adaptação do meu ensaio "From Ghosts to Persons: C. S. Lewis' Vision of the Christian Life", que está disponível gratuitamente em nosso site <perichoresis.org>.

[8] C. S. Lewis, *The Weight of Glory*, p. 4.

[9] Id., *Surprised by Joy*, p. 16.

[10] Id., *The Weight of Glory*, p. 12-13.

[11] Id., *Mere Christianity* (Nova York: Macmillan Publishing Company, edição revista, 1952), p. 139-140.

[12] Ibid., p. 140.

[13] Ibid.

[14] Id., *The Weight of Glory*, p. 12.

[15] Ibid., p. 11.

[16] Ibid., p. 8.

[17] Ibid., p. 9.

[18] Ibid., p. 10.

[19] Id., *Surprised by Joy*, p. 230.

[20] Id., *Mere Christianity*, p. 153.

[21] Ibid.

O que existe em um nome?

[1] Essa história foi originalmente publicada em meu livro *The Great Dance* (Jackson: Perichoresis Press, 2000; Vancouver: Regent College Publishing), p. 81 e ss.

Os dois deuses

[1] Ver *Surprised by Joy*, p. 181, e sua introdução para *Lilith*, de George MacDonald (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Pub. Co., reedição, 2000), xi.

[2] Ver mais a respeito em meu livro *The Great Dance*, p. 88 e ss.

[3] "Sinners in the Hands of an Angry God", em *The Works of Jonathan Edwards* (Edimburgo: Banner of Truth Trust), vol. 2, p. 9.

[4] Jerry Falwell confere a esse sermão de Edwards o primeiro lugar em seu livro *25 of the Greatest Sermons Ever Preached* (Grand Rapids: Baker Book House, 1983). Observe o comentário lamentoso de George MacDonald: "De todos os exemplos do retrato de Deus segundo Jonathan Edwards, embora apagados pelo tempo, embora suavizados pelo emprego de pigmentos menos intensos, eu saio com ódio." De seus *Unspoken Sermons*, série 1-3 do vol. I (Whitethorn, Califórnia: Johannesen, 2ª edição, 1999), p. 540.

[5] Citado em Khaled Anatolios, *Athanasius: The Coherence of His Thought* (Londres: Routledge, 1998), p. 40.

[6] *St. Athanasius on the Incarnation* (Londres: A. R. Mowbray, reedição 1963), §6.

[7] Id., ibid.

A história maior

[1] Este é o subtítulo do livro de Thomas F. Torrance, *The Trinitarian Faith* (Edimburgo: T & T. Clark, 1988).

Resumo

[1] Gênesis 1:1.

[2] João 1:14.

[3] João 1:18.

[4] Ver *Space, Time and Resurrection*, de Thomas F. Torrance (Edimburgo: The Handsel Press, 1976), p. 42 e ss.

[1] Ver Êxodo 33:18-23.

[2] Ver Hebreus 9:1 e ss.

[3] João 3:16-17.

[4] Mateus 7:29.

[5] João 7:46.

[6] Joachim Jeremias, *The Prayers of Jesus* (Naperville, Illinois, Alec R. Allenson, Inc., 1967), p. 112.

[7] João 3:3. Ver também 1:51; 3:5-11; 5:19, 24-25; Mateus 5:18-26; 8:10; Marcos 3:28; 8:12; 9:1, 41; Lucas 4:24; 12:37.

[8] Joachim Jeremias, *New Testament Theology* (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1971), p. 253. Ver, por exemplo, Mateus 5:22, 28-32, 34, 39 e 44.

[9] Ver Joachim Jeremias, *The Prayers of Jesus*, p. 11 e ss. Deve-se notar que existem mais de 250 referências a Deus como Pai no Novo Testamento.

[10] Ver Isaías 63:16; 64:8.

[11] Ver Lucas 15:11-31.

[12] Ver Mateus 27:46; Marcos 15:34.

[13] Ver Joachim Jeremias, *The Prayers of Jesus*, p. 55-57 e *Theological Dictionary of the New Testament*, ed. por Gerhard Kittel, vol. 1, p. 5-6.

[14] Joachim Jeremias, *The Prayers of Jesus*, p. 62. "Podemos afirmar com absoluta certeza que não há qualquer analogia em toda a literatura religiosa judaica em que Deus é chamado de *Abba*", p. 57. Em outra obra, *The Central Message of the New Testament*, Jeremias comenta que "para uma mente judaica, teria sido uma irreverência, e portanto algo inimaginável, tratar Deus de forma tão familiar" (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1965), p. 21.

[15] Ver Joachim Jeremias, *New Testament Theology*, p. 66 e ss.; *The Prayers of Jesus*, p. 18-29; e *The Central Message of the New Testament*, p. 17.

[16] Ver João 5:17 e ss. e 10:33.

[17] Lucas 2:49.

[18] João 2:16.

[19] Mateus 3:17. Essa declaração concentra três declarações do Velho Testamento: Gênesis 22:2; Salmo 2:7; e Isaías 42:1. Para mais detalhes a respeito ver Thomas A. Smail, *The Forgotten Father* (Londres: Hodder and Stoughton, 1980), p. 77.

[20] Marcos 1:11; 9:7; Lucas 2:22; 9:35; Mateus 3:17; 17:5.

[21] João 5:18.

[22] Ver João 1:18.

[23] Ver João 2:13 e ss.

[24] João 4:34.

[25] Marcos 14:36.

[26] João 8:28. Ver também 8:26, 38 e 40.

[27] João 5:30.

[28] João 14:10.

[29] João 5:20.

[30] João 5:19.

[31] João 8:29.

[32] Ver também João 3:35.

[33] Ver Mateus 28:18.

[34] Ver João 5:22, 26.

[35] João 16:15.

[36] Ver João 14:10-11, 20.

[37] João 12:44.

[38] João 14:9.

[39] João 10:30.

O Espírito Santo

[1] Atos 9:3 e ss.

[2] 1 Coríntios 2:1-5.

[3] Ver C. S. Lewis, "Transposition", em *The Weight of Glory and Other Essays*, p. 28.

[4] Ver 1 Coríntios 2:14.

[5] Lembremos o comentário de Papai para Mackenzie em *A cabana*: "O problema é que muitas pessoas tentam entender um pouco o que eu sou pensando no melhor que elas podem ser, projetando isso ao enésimo grau, multiplicando por toda a bondade que são capazes de perceber – que frequentemente não é muita –, e depois chamam o *resultado* de Deus."

[6] Ver, respectivamente, Atos 5:3; 7:51; 5:6; Efésios 4:30; Hebreus 10:29, 1 Tessalonisenses 5:19; Mateus 12:31; Marcos 3:29; Lucas 12:10; Marcos 3:29.

[7] Ver João 1:14.

[8] Ver Mateus 1:18, 20; Lucas 1:35.

[9] Ver Mateus 3:16; Marcos 1:10; Lucas 3:22; João 1:32.

[10] Ver Mateus 4:1; Marcos 1:12; Lucas 4:1, 14.

[11] Ver Lucas 10:21.

[12] Ver Mateus 12:28.

[13] Ver Mateus 3:16-17; Marcos 1:10-11; Lucas 3:22.

[14] Ver Hebreus 9:14.

[15] Citado por Thomas F. Torrance em *The Trinitarian Faith*, p. 328.

[16] Ver Gênesis 1:2.

[17] Ver Atos 2:1 e ss.

[18] Ver Taylor, *The Go-Between God* (Londres: SCM Press, 1972).

[19] Richard Rohr, *The Naked Now* (Nova York: The Crossword Pub. Co., 2009), p. 169.

[20] Romanos 14:17.

[21] Juízes 3:10; 6:34; 11:29; 13:25; 14:6; 14:19; 15:14; 1 Samuel 10:6, 10; 11:6; 16:13, 14; 1 Reis 18:12; 22:24; 2 Reis 2:16; 2Crônicas 18:23; 20:14; Isaías 11:2; 40:13; 61:1; 63:14; Ezequiel 11:5; 37:1; Miqueias 3:8.

[22] Gênesis 1:2; Êxodo 31:3; 35:31; Números 24:2; 1 Samuel 19:20, 23; 2 Samuel 23:2; Jó 33:4; Ezequiel 11:24.

[23] Salmos 51:11; Isaías 63:10, 11.

[24] Êxodo 28:3; Deuteronômio 34:9.

[25] Neemias 9:20; Salmos 143:10.

[26] Zacarias 12:10.

[27] Gênesis 1:1-2.

[28] Gênesis 1:26.

[29] Gênesis 2:7.

[30] Jó 33:4; ver também Gênesis 6:3.

[31] Salmos 33:6.

[32] Ver João 6:63; 2 Coríntios 3:6.

[33] Ver Juízes 3:10; 6:34; 11:29; 13:25; 14:6, 19; 15:14.

[34] Ver Gênesis 41:38 e s.; Daniel 4:8 e s.; Êxodo 31:3; 35:31; Números 11:17 e ss.; Deuteronômio 34:9.

[35] Ver Êxodo 35:30 e s.

[36] Ver Números 11:17 e ss.; 2 Crônicas 24:20; Neemias 9:30; Ezequiel 2:12, 14, 24:8:3; 11:1, 5, 25; Miqueias 3:8.

[37] Ver 1 Samuel 10:6, 10; 16:13; 2 Samuel 2:23; 2 Crônicas 20:14.

[38] Ver Êxodo 6:7; Levítico 26:13; Jeremias 7:23; 11:4; 24:7; 30:22; 31:1, 33; 32:38; Ezequiel 11:20; 14:11; 36:28; 37:27; Oseias 1:10; 2:23; Zacarias 2:11.

[39] João 17:3.

[40] Ver Deuteronômio 18:15 e ss.

[41] Ver Isaías 49:1-6.

[42] Ver 1 Pedro 1:11.

[43] Ver Ezequiel 11:16-20; 36:22-30; Jeremias 31:27-34; 32:37-41.

[44] João 1:19.

[45] João 1:23.

[46] Marcos 1:7-8.

[47] João 1:32-34.

[48] Ver Atos 2:17 e Joel 2:28-29.

[49] Ver João 16:8-11.

[50] Ver Mateus 1:18, 20; Lucas 1:35.

[51] Romanos 5:5.

[52] Ver João 16:14.

[53] Ver Tom Smail, *The Giving Gift* (Londres: Hodder & Stoughton, 1988), p. 89 e ss.

[54] Jurgen Moltmann, *The Trinity and the Kingdom of God* (Londres: SCM Press, 1981), p. 176.

[55] Ver Mateus 4:1 e ss.; Marcos 1:12 e ss.; Lucas 4:1 e ss.

[56] Ver Mateus 4:3 e ss.; Lucas 4:3 e ss.

[57] Ver Mateus 11:27; João 1:18; 14:20.

[58] Santo Agostinho, *On the Trinity*, Nicene and Post-Nicene Fathers, vol. III (Eerdmans Publ. Co., reedição, 1980), VI.5.7; V.1 I; XV.19.37. Ver também C. S. Lewis, *Mere Christianity*, p. 152.

[59] Ver Atos 13:2.

[60] Ver Efésios 2:18.

[61] Ver 1 Coríntios 2:11.

[62] Ver Efésios 6:18; João 4:24; Filipenses 3:3.

[63] Ver Romanos 15:30.

[64] Ver Gálatas 4:6.

[65] Ver 2 Coríntios 3:8 e Romanos 8:27; 1 Coríntios 12:11; Hebreus 2:4.

[66] Ver João 16:3; Atos 8:29; 10:19; 11:12, 28; 13:2; Revelação 2:7, 11, 17, 29; 3:6, 13, 22; 14:13.

[67] Ver Atos 15:28; 20:28; 1 Coríntios 12:4-11.

[68] Ver Atos 2:17-18; Atos 4:8, 31; 2 Pedro 1:21.

[69] Ver João 16:8; Efésios 3:5; Gálatas 4:6; 5:22-23.

[70] Ver Efésios 3:16; Romanos 8:2; Atos 9:31; 2 Coríntios 3:17 e Gálatas 5:18; 2 Coríntios 13:13; Atos 13:52; Romanos 8:6.

[71] Ver Gálatas 5:22-23.

A unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo

[1] Deuteronômio 6:4.

[2] João 19:15.

[3] João 20:28.

[4] Ver John Zizoulas, *Being as Communion* (Londres: Darton, Longman and Todd, 1985), p. 27 e ss., e Thomas F. Torrance, *The Christian Doctrine of God* (Edimburgo: T. & T. Clark, 1996), p. 73 e ss.

[5] Para uma discussão detalhada do significado de "pericorese", ver Thomas F. Torrance, *The Christian Doctrine of God*, p. 168 e ss.

[6] Jurgen Moltmann, *The Trinity and the Kingdom of God*, p. 175.

[7] "Entretanto, não devemos pensar nisso como se tivéssemos algo a ver com três pessoas distintas que têm certa existência independente anterior à mútua vinculação e interpenetração pericorética. A *pericorese* é eterna, e se dá no próprio ser de Deus. Ser Deus é ser Pai, Filho e Espírito Santo em eterna *koinomia* pericorética." Trevor Hart, *Regarding Karl Barth* (Carlisle, Inglaterra: Paternoster Publishing, 1999), p. 113.

O amor do Deus Trino

[1] Ver *Book Three of the Trinity*, em *Richard of St. Victor*, tradução de Grover A. Zinn (Nova York: Paulist Press, 1979), cap. 2 e ss.

[2] C. S. Lewis, *Mere Christianity*, p. 151.

[3] *Book Three of the Trinity*, cap. 2.

[4] C. S. Lewis, *The Four Loves* (Nova York: Harcourt Brace & Co., 1960), p. 127.

[5] Ver 1 João 4:8, 16.

[6] *Charity and Its Fruits* (Edimburgo: The Banner of Truth Trust, reedição 1982), p. 327.

[7] Para uma crítica respeitável dessa desastrosa noção, ver "Justice", o sermão de George MacDonald, em sua obra *Unspoken Sermons*, p. 500 e ss.

[8] Marcos 9:24.

[9] *The Orations of St. Athanasius Against the Arians* (Londres: Griffith, Farran, Okeden & Welsh), 1:18.

[10] George MacDonald, *Unspoken Sermons*, p. 421.

[11] C. S. Lewis, *The Four Loves*, p. 126.

[12] Romanos 8:38-39.

[13] Para mais detalhes sobre essas minhas ideias, ver meu livro *Jesus and the Undoing of Adam*, p. 17 e ss.

[14] Para um tratamento relacional e trinitário da santidade, ver John Webster, *Holiness* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2003).

[15] Ver 2 Coríntios 5:21.

[1] Ver João 1:18.

[2] Ver João 17:24.

[3] Ver João 1:1.

[4] Ver João 1:14.

[5] Trevor Hart, "Humankind in Christ and Christ in Humankind: Salvation as Participation em Our Substitute in the Theology of John Calvin" (*Scottish Journal of Theology*, vol. 42), p. 72.

[6] Atos 7:54-56.

[7] Atos 1:9-11.

[8] Sobre a ascensão de Jesus, ver Mateus 26:64; Lucas 24:50; João 6:62; 14:28; 15:5; 10, 17, 28; 20:17; Atos 1:9-11; 2:33; 7:55-56; Efésios 1:18; 2:4; 4:8; Filipenses 3:20; 1Timóteo 3:16; 1 Pedro 3:22; Hebreus 1:1-3; 4:14; 6:17-20; 8:1-16; 9:11-12; 12:2; cf. Mateus 22:41-44; Isaías 6:1; 52:13; Salmos 68:18; 110:1-5.

[9] João 16:28.

[10] Para mais detalhes sobre crescimento e desenvolvimento de Jesus, ver Tom Smail, *The Giving Gift*, pp. 95 e ss.

[11] Irineu, *Against the Heresies*, em *The Ante-Nicene Fathers*, v. I (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co, reedição, 1987), III.17.7; IV.38.2. Ver também C. S. Lewis, *Miracles* (Nova York: Simon e Schuster, reedição, 1996), p. 147-148.

[12] Para mais detalhes sobre a ascensão de Jesus, ver Gerritt Scott Dawson, *Jesus Ascended: The Meaning of Christ's Continuing Incarnation* (Phillipsburg, Nova Jersey: P & R Publishing, 2004).

[13] João 1:1-4.

[14] Colossenses 1:16-17.

[15] Hebreus 1:1-3; ver também Atos 17:28 e 1 Coríntios 8:6-7.

[16] Thomas Merton, *The New Man* (Nova York: Farrar, Straus e Giroux, 1961), p.137.

[17] Ver *On the Incarnation of the Word of God*, § 6.

[18] Thomas F. Torrance, *The Trinitarian Faith*, p. 183.

[19] Para mais detalhes sobre a nossa inclusão em Jesus, ver meu ensaio "The Truth of all Truths". Disponível para download em nosso site <perichoresis.org>. Ver também meus livros, *God Is For Us*, p. 40; *The Great Dance*, p. 41, e *Home*, p. 7.

[20] Torrance, *The Trinitarian Faith*, p. 183

[21] 1 Coríntios 1:30.

[22] Para mais detalhes sobre a nossa inclusão no mundo de Jesus, ver meu livro *Across All Worlds*, prefácio xv, e pp. 39ff.

[23] Para mais detalhes dessa história e seu significado, ver meu livro *Home,* p. 12. Esse livro está disponível para download gratuito no nosso site <perichoresis.org>.

[24] Ver Atos 17:27.

[25] Ver Romanos 5:12.

[26] 2 Coríntios 5:14. "Pois vocês morreram, e agora a sua vida está escondida com Cristo em Deus"(Colossenses 3:3). Ver também Romanos 6:3-8 e meu livro *The Great Dance,* p. 42.

[27] "Ele acabou conosco como pecadores e, por esta razão, com o próprio pecado quando foi para a morte como Aquele que tomou nossos lugares como pecadores. Em Sua pessoa, Ele nos entregou, nós pecadores e o próprio pecado para a destruição. Ele nos removeu, nós pecadores e o pecado, nos anulou, nos cancelou: nós mesmos, nosso pecado e a acusação, a condenação e a punição que se apossaram de nós.... O homem do pecado, o primeiro Adão, o cosmos separado de Deus, o mundo 'desta presente era perversa'(Gl. 1:4), foi levado, morto e enterrado em e com ele na cruz." (Karl Barth, *Church Dogmatics,* V/I, p. 253-254). Ver Apêndice para algumas belas citações de diversos escritores cristãos sobre a nossa morte e ressurreição em Jesus.

[28] 2 Coríntios 5:19.

[29] 1 Pedro 1:3.

[30] Ver Thomas F. Torrance: Jesus "estava tão junto a nós que, quando ele morreu, nós morremos, porque ele não morreu para si mesmo, mas para nós, e ele não morreu sozinho, mas nós morremos nele como aqueles a quem ele se uniu de maneira inseparável através da sua encarnação. Por conseguinte, quando ele subiu de novo, nós subimos nele e com ele, e quando ele se colocou diante do Pai, ele nos colocou diante dele também, de forma que já tínhamos sido aceitos por Deus nele e para sempre." Em *Atonement: The Work of Jesus Christ,* (Downer's Grove: IVP Academic, 2009), p. 152.

[31] Efésios 2:4-7.

[32] E. J. Huegel, *The Enthroned Christian* (Fort Washington, Pensilvânia: Christian Literature Crusade), p. 59.

[33] C. Lewis, *Miracles,* p. 148. Sou muito grato a Roger Newell por esta referência. Ver Roger J. Newell, *The Feeling Intellect* (Eugene, Oregon: Wipf & Stock, 2010).

[34] Ver João 14:1-6.

O grande quadro

[1] Paulo 1:3.

[2] Ver Paulo 1:20.

[3] Ver Paulo 2:6.

[4] Para mais detalhes sobre Efésios 1:3-5, ver meu livro *God Is For Us* e minha

série "You Are the Child the Father Always Wanted", ambos disponíveis em nosso site <perichoresis.org>.

[5] Markus Barth, *Efésios, The Anchor Bible* (Nova York: Doubleday & Co. Inc., 1974), p. 80.

[6] Eugene Peterson, *The Message* (Colorado Springs: NavPress, 2002).

[7] Ver Romanos 8:15-17.

[8] Efésios 1:3-5.

[9] Para um belo e ampliado estudo sobre eleição e predestinação, ver Karl Barth, *Church Dogmatics* (Edimburgo: T. & T. Clark, 1957), vols. II.2, p. 94; IV.2, p. 31, e IV.1, p. 21. Para uma simples introdução à teologia de Barth, ver Herbert Hartwell, *The Theology of Karl Barth* (Londres: Gerald Duckworth, 1964).

[10] Ver Revelações 1:8; 21:6; 22:13.

O ventre da encarnação

[1] Essa bela frase é de Thomas F. Torrance. Ver seu ensaio "The Word of God and the Response of Man", em *God and Rationality* (Londres: Oxford University Press, 1971), p. 149. Ver também "Salvation is of the Jews" (*Evangelical Quarterly* 22, 1950), p. 166, e *The Mediation of Christ* (Grand Rapids: Wm B. Eerdmans Pub. Company, 1983), p. 42, e meu ensaio "On the Road to Becoming Flesh: Israel as the Womb of the Incarnation em Theology de T. F. Torrance", disponível para download gratuito em nosso site <perichoresis.org>.

[2] Ver João Calvino, *The Institutes of the Christian Religion,* publicado por João T. McNeill e traduzido por Ford Lewis Battles (Filadélfia: The Westminster Press), II.12.1.

[3] Para um belo tratamento sobre a criação, ver Daniel Migliore, *Faith Seeking Understanding* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1991), p. 80; e Thomas F. Torrance, *The Trinitarian Faith* (Edimburgo: T. & T. Clark, 1988), p. 76.

[4] João 8:12.

[5] Ver Kalistos Ware, "God of the Fathers: C. S. Lewis e a Eastern Christianity" em *The Pilgrim's Guide: C. S. Lewis and the Art of Witness,* publicado por David Mills (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1998), p. 62-63. "Esta é a abordagem ortodoxa do setor da natureza. A Criação é vista como um sacramento da divina presença; o cosmos é uma vasta Floresta Reluzente que circunda tudo, que abrange tudo com o fogo da eterna glória de Deus."

[6] João 6:12.

[7] Thomas Merton, *The New Man,* p. 137.

[8] Para mais detalhes de minhas reflexões sobre Adão e Eva, ver meu livro *Jesus and the Undoing of Adam,* p. 23 e ss.

[9] Para mais detalhes de minhas reflexões sobre Adão, Eva e o demônio, ver meus livros *The Great Dance,* p. 67 e ss, e *Home,* p. 27 e ss.

[10] Revelações 12:9.

[11] João 8:44.

[12] Ver Gênesis 3:4.

[13] Os próximos parágrafos foram em sua grande maioria extraídos do meu livro *Across All Worlds,* p. 23 e ss.

[14] A expressão "do abismo do não ser" foi tirada da palestra do Dr. Bruce Wauchope intitulada "The Gospel and Mental Health". Essa palestra está disponível em <perichoresis.org>.

[15] Ver 1 Coríntios 2:14.

Graça

[1] A maior parte do que apresentamos aqui foi extraído do meu ensaio "Bearing Our Scorn: Jesus and the Way of Trinitarian Love". Esse ensaio está disponível para download gratuito em nosso site <perichoresis.org>.

[2] Atanásio, *On the Incarnation,* § 6.

[3] Ver Gênesis 3:21.

[4] Anselmo, *Cur Deus Homo* (Edimburgo: João Grant, 1909), XXI.

[5] Mateus 11:27.

[6] Romanos 3:23.

[7] Veja Jesus ou o comentário de João: "Ele testifica o que tem visto e ouvido, mas ninguém aceita o seu testemunho" (João 3:32).

[8] João 12:46. Os grifos são meus.

[9] Para mais detalhes sobre mente corrompida e nossa incapacidade de conhecer o Pai, ver meu livro *Across All Worlds,* p. 7 e ss.

[10] Ibid., p. 21 e ss.

Adão e Israel

[1] A minha discussão sobre o relacionamento entre o Senhor e Israel é muito influenciada pelo trabalho de Thomas F. Torrance. Para um detalhado e completo tratamento da visão de Torrance sobre Israel, ver meu ensaio "On the Road to Becoming Flesh: Israel as the Womb of the Incarnation in the Theology of T. F. Torrance". Esse ensaio está disponível para download em <perichoresis.org>. De particular interesse aqui é *The Mediation of Christ,* capítulos 1 e 2, e os ensaios "The Word of God e the Response of Man", em *God and Rationality,* p. 137 e ss.; "Salvation is of the Jews," p. 164 e ss., e "Israel and the Incarnation", em *Judica,* (1957) vol. 13, p. 1-18, de Torrance.

[2] Lucas 5:8.

[3] Thomas F. Torrance, *The Mediation of Christ,* p. 38. Veja a citação completa: "Enquanto as cordas do pacto não estavam muito esticadas, e Deus permanecia, digamos assim, distante, o conflito não era muito violento, mas, à medida que Deus se aproximava mais, a obstinação humana de Israel se afirmava em oposição à sua vocação divina. Portanto, quanto mais Deus se dava a seu povo, mais ele o forçava a ser o que realmente era, o que nós todos somos no isolamento obstinado da humanidade em relação a Deus. Por conseguinte, o movimento amoroso de reconciliação de Deus em relação a Israel não foi apenas revelado no pecado de Israel, ele também o intensificou."

[4] Ver Thomas F. Torrance, "The Word of God e the Response of Man," p. 137 e ss.

[5] Ibid., p. 147.

[6] Ver Thomas F. Torrance, *The Mediation of Christ,* p. 28.

[7] Ver o surpreendente comentário de Torrance em *The Mediation of Christ,* p. 38: "Essa intensificação, no entanto, não deve simplesmente ser vista como um acidente fortuito do pacto, mas como algo que Deus deliberadamente fez no pleno propósito da sua atividade reconciliatória porque essa era a vontade e a maneira de a graça dele efetuar a reconciliação com o homem em seu pior estado, precisamente em seu estado de rebelião contra Deus. Ou seja, em sua maravilhosa sabedoria e seu fantástico amor, Deus conseguiu em Israel uma forma de reconciliação que independe do valor de homens e mulheres, mas transforma os seus verdadeiros pecados na rebelião contra ele em meios pelos quais ele os prende a si mesmo para sempre, e através dos quais ele reconstitui a ligação deles com ele de modo que o verdadeiro fim deles seja total e perfeitamente realizado na imaculada comunhão com ele." Ver também, T. F. Torrance, "Israel and the Incarnation", p. 6 e ss.

A rejeição do Filho ungido

[1] João 1:14.

[2] Para mais detalhes sobre a "glória" como a natureza essencial de uma pessoa ou coisa, ver as palestras de David Kowalick, "The Hope of Glory". Essas palestras estão disponíveis em <perichoresis.org> e <included.com.au>.

[3] Esta seção é em grande parte uma reprodução do meu ensaio "Bearing Our Scorn: Jesus and the Way of Trinitarian Love". Esse ensaio está disponível para download gratuito em nosso site <perichoresis.org>.

[4] Ver Joachim Jeremias, *New Testament Theology,* p. 253.

[5] Ver, por exemplo, Mateus 5:22, 28, 32, 34, 39 e 44.

[6] João 11:48.

[7] Ver Lucas 20:20 e Mateus 26:59.

[8] João 11:53; cf. Mateus 28:11-15.

[9] Ver João 19:25-26.

[10] Aqui, emprego "nós" no sentido coletivo da humanidade como raça e de "nossa" presença representada na reação do povo a Jesus.

[11] João 1:3.

[12] João 1:11.

[13] João 6:42.

[14] Ver João 8:41.

[15] Ver João 1:33, e Isaías 11:2.

[16] Ver João 7:20; 8:48, 52; 10:20.

[17] Ver João 10:11.

[18] Ver Efésios 1:4-5.

[19] Ver João 7:12.

[20] Lucas 23:18; 21; João 19:6. Os grifos são meus.

[21] Ver Karl Barth, *Church Dogmatics,* vol. IV.1. pp. 211ff.

[22] Ver Mateus 27:51; Lucas 23:44-45; Marcos 15:33.

[23] Ver Mateus 21:33-46.

[24] João 19:15, os grifos são meus.

[25] Para mais detalhes sobre a tendência legalista da Igreja ocidental, ver meu livro *Jesus and the Undoing of Adam,* capítulos 1 e 2.

[26] "Estamos subindo para Jerusalém, e o Filho do homem será entregue aos chefes dos sacerdotes e aos mestres da lei. Eles o condenarão à morte e o entregarão aos gentios para que zombem dele, o açoitem e o crucifiquem. No terceiro dia ele ressuscitará!" (Mateus 20:18-19). Ver também Mateus 16:21; Marcos 10:33-34; Lucas 24:7 e Hebreus 12:3.

[27] Aqui, ver *Stricken By God?* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Pub. Co., 2007), em especial os ensaios de Brad Jersak, Michael Hardin, Richard Rohr e James Alison. Para o meu tratamento sobre o grito de Jesus, "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?", ver meu livro *Jesus and the Undoing of Adam,* p. 58 e ss.

[28] Sobre Isaías 53:2-7, ver *The New Jerusalem Bible* e Eugene Peterson, *The Message.* A palavra-chave no vs. 6 é (*paga*) agrupar, encontrar ou se apoiar. O Senhor causou a iniquidade de todos nós (*paga*) para agrupar, encontrar ou se apoiar. Em Isaías 53:10, veja *The New English Bible*: "Contudo, foi da vontade do Senhor esmagá-lo e fazê-lo sofrer e, embora o Senhor tenha feito da vida dele uma oferta pela culpa, ele verá sua prole e prolongará seus dias, e a vontade do Senhor prosperará em sua mão."

[29] Ver Atos 2:23.

[30] Ver Mateus 26:53.

[31] Não estou sugerindo aqui, é claro, que qualquer um permaneça em um relacionamento abusivo. Estou apenas fornecendo uma analogia que nos ajuda a ver como o Senhor nos ama e suporta em nossa cegueira para conseguir alcançar o nós verdadeiro.

[32] Isaías 53:3.

[33] Mateus 20:18.

[34] Ver 1 Pedro 1:20; Revelações 13:8.

[35] C. S. Lewis, *The Four Loves*, p. 127.

[36] Mateus 26:38; Marcos 14:33; Lucas 22:44, respectivamente.

[37] Mateus 26:39; Marcos 14:35, respectivamente. A tradução e o grifo são meus. Ver também Lucas 22:42.

[38] Mateus 26:45.

[39] Mateus 27:42-43.

[40] Ver Isaías 53:6 e a nota anterior.

[41] João 1:29.

[42] Salmos 22:1; Mateus 27:46; Marcos 15:34.

[43] Ver João McLeod Campbell, *The Nature of the Atonement* (Londres: Macmillan and Company, 1878), p. 237 e ss., e meu livro *Jesus and the Undoing of Adam*, p. 58 e ss. Veja a percepção de George MacDonald: "Era um grito *na aflição*, mas ele veio da Fé. É a última voz da Verdade falando quando não podia chorar. O divino horror daquele momento não pode ser medido pelas almas humanas. Era a negridão da escuridão. E, no entanto, ele acreditaria. E, no entanto, se agarraria. Deus continuava sendo seu Deus. *Meu Deus* – e no grito surgiu a Vitória, e tudo logo acabou. Da paz que sucedeu aquele grito à paz de uma alma perfeita, grande como o Universo, pura como a luz, ardente como a vida, vitoriosa para Deus e seus irmãos, apenas ele mesmo pode conhecer a largura e o comprimento, a profundidade e a altura" ("The Eloi", *Unspoken Sermons*, p. 112).

[44] Salmos 22:24.

[45] Veja Isaías 53:4, "Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades e sobre si levou as nossas doenças; contudo nós o consideramos castigado por Deus, por Deus atingido e afligido."

[46] Lucas 23:46.

A maravilhosa troca

[1] Irineu, *Against Heresies*, V, prefácio.

[2] João Calvino, *Institutes*, IV.17.2.

[3] James B. Torrance, *Worship, Community, and the Triune God of Grace*, p. 21.

[4] 2 Coríntios 8:9.

[5] Para mais detalhes sobre a "maravilhosa troca" no pensamento da Igreja Antiga, ver Thomas F. Torrance, *The Trinitarian Faith,* p. 179 e ss.

[6] Gregory Nazianzen, *A Select Library of Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church,* segunda série, volume VII (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, reedição de 1983), *Oration* 38.13.

[7] Ver Hebreus 2:17. Há uma bela canção sobre o ministério de Jesus, composta por Glen Soderholm: "Our Great High Priest" do álbum *By Faint Degrees* (Moveable Feast Music), disponível em <glensoderholm.com>.

[8] Para aprofundar esse tema, ver meu livro *Across All Worlds,* p. 41.

[9] Ver João 3:16; 5:22.

[10] Elizabeth Rooney, "Hurting" em *A Widening Light: Poems of the Incarnation,* publicado por Luci Shaw (Vancouver: Regent College Publishing, 1994), p. 99.

[11] Deitrich Bonhoeffer, *Letters and Papers from Prison,* ed. E. Bethge, edição ampliada (Nova York: Macmillan Publishing Company, 1971), p. 361.

[12] Ver Hebreus 5:7-8.

[13] Hebreus 4:16.

[14] Hebreus 12:3.

[15] Gênesis 3:9.

[16] João 8:29.

[17] Lucas 23:46, tradução minha.

[18] João 11:48-49.

[19] 1 João 3:8.

[20] Hebreus 2:14-15.

[21] Efésios 6:11.

[22] Roger J. Newell, *The Feeling Intellect,* p. 32.

[23] Ver Mateus 12:29; Marcos 3:27.

[24] Romanos 8:3; Colossenses 2:15; e Efésios 4:8, respectivamente.

[25] Gregory Nazianzen, *Orations,* I.5.

[26] Atanásio, *On the Incarnation of the Word of God,* § 54.

O segredo

[1] Ver João 14:16.

[2] João 14:20. Ver também meu livro *Home,* p. 7 e ss.

[3] Ver João 8:31-32.

[4] Thomas Merton, *The New Man,* p. 138.

[5] Colossenses 1:27.

[6] Para mais detalhes sobre a nossa participação na vida de Jesus com seu Pai no

Espírito, ver meus livros *The Great Dance,* p. 53 e ss., e *The Secret.*

[7] Ver João 2:1.

[8] Daniel Migliore, *Faith Seeking Understanding,* p. 86.

[9] Karl Barth, *Church Dogmatics,* IV.I.7.

[10] James B. Torrance, *Worship, Community and the Triune God of Grace,* p. 21.

[11] Para refletir mais sobre como nossas vidas "comuns" são uma participação na vida de Jesus, ver meu livro *The Great Dance,* pp. 47 e ss.

Permaneça em mim

[1] João 8:12. Tradução e grifos meus.

[2] João 8:12 Tradução e grifos meus.

[3] Há uma bela canção sobre Jesus como centro de tudo, composta por Vanessa Kersting, "Centre of It All" do álbum *For All the Times,* disponível em iTunes e em <vanessakersting.com>.

[4] Ver João 1:13.

[5] João 15: 5-6.

[6] Lucas 9:25, *The Message.* Ver também Mateus 16:2.

[7] João 1:38.

[8] George MacDonald, *Unspoken Sermons,* p. 371.

[9] João 15:9, *The Message.*

O Espírito da adoção

[1] João 1:29, 33.

[2] Ver Hebreus 5:8.

[3] Ver Thomas F. Torrance, *The Trinitarian Faith,* p. 155.

[4] Irineu, *Against the Heresies,* III.17.1; ver III.20.2; III.18.7; III.19.1; e IV.20.4.

[5] Ver Joel 2:28 e Atos 2:17.

[6] João 16:8-15.

[7] Ver Romanos 8:16.

[8] Para mais detalhes sobre os dois conhecimentos dentro de nós, ver meu livro *The Great Dance,* capítulos 4 e 5.

[9] George MacDonald, "The Fantastic Imagination", em *The Complete Fairy Tales,* publicado por U. C. Knoepflmacher (Nova York: Penguin Books, 1999), p. 9.

[10] São Hilário de Poitiers, *On The Trinity,* em *A Select Library of Nicene e Post--Nicene Fathers,* vol. IX (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co, reedição, 1983) I.18.

[11] Galatas 4:4; os grifos são meus.

[12] Romanos 12:2.

[13] Romanos 15:13.

[14] George MacDonald, *Lilith* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Pub. Co., reedição, 2000), p. 26.

[15] Mateus 5:3-4.

[16] Karl Barth, *Church Dogmatics,* III.2.133.

[17] George MacDonald, *Unspoken Sermons,* p. 19.

[18] Ibid., 529.

[19] Ibid., p. 18-19.

[20] Ver Hebreus 4:12.

[21] Hans Urs Von Balthasar, *Creedo* (Nova York: Crossroad Publishing Company, 1990), p. 71.

[22] Ver Lucas 3:16.

[23] Para mais detalhes sobre a crise de Jesus em nossas vidas, ver meu livro *Across All Worlds,* p. 51 e ss.

[24] Para uma sábia e bela discussão sobre a dor do julgamento liberador de Jesus, ver Papa Bento XIV, *Spe Salvi,* 47.

[25] Ver Zacarias 12:10 e João 19:37. Ver também o ensaio "The Franciscan Opinion", de Richard Rohr, em *Stricken by God?,* p. 206 e ss.

[26] Hebreus 4:13.

[27] Papa Bento XVI, Carta Encíclica: *Spe Salvi,* 47.

[28] Ver 1 Coríntios 13.

[29] Efésios 4:13.

[30] Para uma cuidadosa e honesta abordagem da esperança, do inferno e do julgamento, ver Bradley Jersak, *Her Gates Will Never Be Shut* (Eugene, Oregon: Wipf e Stock, 2009).